KEUM JOA CHOI

ALÉM DO ARCO-ÍRIS:

A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

APRESENTADA
À ÁREA DE HISTÓRIA SOCIAL
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROFa ORIENTADORA:
DRA. RAQUEL GLEZER

SÃO PAULO
1991

KEUM JOA CHOI

ALÉM DO ARCO-ÍRIS:
A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL

KEUM JOA CHOI

韓國移民史 무지개를 넘어서

ALÉM DO ARCO-ÍRIS:
A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
APRESENTADA
À ÁREA DE HISTÓRIA SOCIAL
FACULDADE DE FILOSOFIA
LETRAS CIÊNCIAS HUMANAS
DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROFª. ORIENTADORA:
DRª. RAQUEL GLEZER

SÃO PAULO

1991

AGRADECIMENTOS

Ao ensejo de apresentação deste trabalho, me lembro da palavra coreana *InBok* (人福) - 'sorte humana', desde minha chegada no Brasil, porque este trabalho resulta de uma conjunção de fatores de ordem pessoal e acadêmica.

Em primeiro lugar, desejo mencionar a Profa. Dra. Raquel Glezer, que como orientadora, indicou-me a bibliografia e supervisionou toda a pesquisa com paciência e atenção, sem o que não teria tido possibilidade alguma de êxito.

À profa. Dra. Janice Teodora da Silva, pela atenção com que me recebeu no início do curso de pós-graduação, ensinando a metodologia de abordagem da pesquisa realizada.

A todos os professores de Curso no Pós-Graduação da FFLCH, em particular ao professor Braz Araújo, da área das Ciências Sociais, Humanas; à professora Lucy Maffei Hutter, especialista em imigração italiana, pelo incentivo dado com relação ao assunto e por sua participação em meu exame de qualificação; para a professora Arlinda Rocha Nogueira, especialista em imigração Japonesa, gostaria, especialmente, de estender um agradecimento especial por sua atenção compreensiva e gentil, combinada com sua personalidade - ela foi meu guia nos momentos difíceis do trabalho, acompanhando o passo a passo, letra a letra.

Agradecemos, ainda, ao Consulado da Coréia da República do Sul, à Associação Brasileira dos Coreanos, à Escola Coreana Dominical de São Paulo, à Ex-Hospedaria de Imigração, aos funcionários da biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros-IEB, aos meus ex-professores da Universidade Hankook da Coréia, Kyu Ho Chung, Seung Duk Lee, Young Soo Choi e I Hwan Cho, que, através das cartas e das visitas ao Brasil, incentivaram-me a realizar este trabalho.

Para o levantamento do material, de informações e de fotos, agradecemos às empresas de jornalismo "News Brasil" e "Choson Ilbo" de São Paulo, ao Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos e à Companhia do Desenvolvimento do Exterior em Seul.

Agradecemos pela ajuda generosa nas entrevistas: Ung Seo Oh, Sun Kwan Park, In Keun Chang, Hong Ki Kim, Sung Min Kim, que atuaram positivamente na comunidade coreana no Brasil desde o início da imigração coreana e ofereceram informações importantes como testemunhos vivos.

Nosso trabalho foi tornado possível pelo apoio dado na área de tradução, onde havia maior dificuldade; contribuíram Dong Hun Lee, Young Ran Choi, Ae Kyung Kim, professores da Escola Coreana, e Sang Won Park, Soo Jin Oh, Ki Bum Kim, Hye Sun Choi, Marcos Seil Kim, alunos da Escola Coreana.

Às amigas e alunas Hyung Mi Kim e Mariana Elizabete Bae Kim, que durante as aulas do Curso de Divulgação da Cultura Coreana, do departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Letras da FFLCH da USP, ouviram os temas propostos, além de discutir o problema dos filhos dos coreanos nascidos no Brasil; a alguns amigos coreanos da Universidade Hankook, entre eles, Jung Hyun Shin, que forneceu informações sobre o Brasil; Won Bok Park, na tradução de poemas; e Hee Moon Jo, pela sugestão e apoio no uso de programas de computador; a Dae Won Choi, pelo incentivo, e a todos que compartilharam comigo o cotidiano da vida brasileira.

Às famílias de Jae Sun Chung Lee, Mi Hwa Kim Park, Pil Ja Lee Shin, Young Joo Kim Baik, e de Sun Ok Ahn Oh que me receberam calorosamente, cuidando para que nada me faltasse e socorrendo nos momentos difíceis.

Às amigas Adélia Maria da Silva e Rejane da Silva Vecchia, que me transmitiram algumas idéias da sociedade brasileira e me auxiliaram, em diversos momentos, com a língua portuguesa, através do convívio diário em nossa residência.

A Marcelo Adolfo Teixeira da Silva, colega do curso de Língua Portuguesa para tradutores na FFLCH-USP, pela revisão geral do trabalho.

Durante meu estudo, apesar de alguns problemas, minha mãe, Myung Sook Kim Choi, com paciência e afeto, apoiou-me moral e financeiramente da Coréia; as cartas e telefonemas de minha irmã Keum Lim e de meu cunhado Jae Yeul, dos Estados Unidos, podiam matar as saudades da família e apoiavam-me psicologicamente; meus irmãos Jae Young e Won Young me incentivavam, mandando constantemente algumas bibliografias e artigos referentes ao meu trabalho, dos Estados Unidos e da Coréia, respectivamente. Isso é para mim a essência do *InBok*.

Este trabalho é dedicado a duas pessoas: Yeun Hee Choi, meu pai, falecido em 1988, que me incentivou no estudo, e Chung Chul Cho, uma personagem importante dentro da sociedade coreana, falecido em 1990, que me ofereceu os artigos de jornais publicados no início da emigração coreana. Tentarei viver com o exemplo de seus espíritos de vida, amor à humanidade e paixão com que se dedicaram à aprendizagem. Este trabalho também é dedicado aos dois povos tão distantes e tão diversos, que me permitiram tentar ser intermediária no intercâmbio cultural.

RESUMO

Este trabalho é constituido de quatro partes: a primeira, é referente à história da Coréia, para permitir uma melhor compreensão das razões do processo emigratório coreano na segunda metade do século XX.

Para o povo coreano, a concepção de saída da pátria é variável, dependendo da situação de sua história. Os intelectuais coreanos hoje preferem usar o termo Imin, 移民 - emigrantes, quando se referem à emigração coreana da classe média, para diferenciá-la de palavra, Yumin, 流民 - convocados ou, Gimin, 棄民 - abandonados, que são usadas para identificar as dificuldades e sofrimento da "diáspora" dos coreanos, desde que a dinastia Yi perdeu sua autonomia para o Império Japonês.

O primeiro grupo de imigração coreana para o Brasil em 1963 é considerado como a primeira emigração coreana, organizada e de caráter oficial após a constituição da República da Coréia, uma Imin. Os emigrantes, especialmente na segunda metade de década de setenta, devido a instabilidade sócio-política e econômica vigente na península, foram criticados como Dopi Imin, 逃避移民 - fugitivo emigrante, que carrega a conotação de imoralidade e irresponsabilidade na Coréia, e, na América Latina, eles se tornaram alvo de outro tipo de crítica, provocado pelos problemas da clandestinidade.

A segunda parte é a do histórico da imigração coreana no Brasil, as tentativas de instalação no meio rural, problemas enfrentados dentro da comunidade e com a sociedade brasileira como um todo. O abandono do meio rural se tornou possível com a penetração dos coreanos na atividade econômica de compra, venda e produção de roupas (confecção de vestuário).

Os clandestinos no Brasil foram a base da força de trabalho no ramo de confecções de roupa, onde a maioria dos imigrantes coreanos está inserida, não pensando em voltar à sua pátria.

A terceira parte do trabalho contém a descrição da vida da comunidade coreana no Brasil, seu cotidiano, as relações familiares, e com as igrejas, as associações civis, o aparecimento de "mídia" impressa.

Na parte final procuramos apresentar a problemática dos choques culturais, internos e externos, que são visíveis ao estudioso na comunidade coreana. A compreensão da extensão dos conflitos permite entender que mesmo tendo ocorrido a imigração coreana para o Brasil na época de plena modernização mundial, os imigrantes coreanos, devido à sua curta história de imigração e à base cultural que respeita "a pureza de seu sangue", influênciado pelo confucionismo e pelas invasões exteriores durante ao longo tempo, ainda sofrem o processo de adaptação e os fatos básicos da natureza de aculturação dentro da sociedade brasileira. Os preocupados com o problema de casamentos exogâmicos e de futuro dos filhos, procuram a solução do problema reemigrando para outros países, especialmente para os Estados Unidos, buscando fugir ao que consideram política assimilatória do Brasil.

UNITERMOS:

HISTÓRIA DA CORÉIA; CULTURA COREANA; EMIGRAÇÃO COREANA NO SÉC.XX; IMIGRANTES COREANOS NO SÉC.XX; IMIGRANTES COREANOS NO BRASIL; IMIGRANTES COREANOS NA AMÉRICA LATINA; IMIGRANTES COREANOS NO MEIO RURAL BRASILEIRO; IMIGRANTES COREANOS NO MEIO URBANO; CIDADE DE SÃO PAULO; COTIDIANO DOS IMIGRANTES COREANOS; RELIGIOSIDADE; RELAÇÕES FAMILIARES; RELAÇÕES SOCIAIS DOS COREANOS EM SÃO PAULO; CLANDESTINOS-IMIGRANTES; CLANDESTINIDADE DE IMIGRANTES; CONFLITOS CULTURAIS; CONFLITOS INTERNOS DA COMUNIDADE CORENA NO BRASIL; CONFLITOS ÉTNICOS; REEMIGRAÇÃO DOS COREANOS NO BRASIL; RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS CORÉIA-BRASIL E BRASIL-CORÉIA; RELAÇÕES COMERCIAIS BRASIL-CORÉIA.

SUMÁRIO:

Agradecimentos..... I
Resumo..... III
Unitermos..... IV
Sumário..... V

Apresentação..... 1

Parte I – A Coréia

Cap.I – O abandono da pátria
1.1. Introdução..... 9
1.2. O abandono da pátria..... 14
1.2.1. Emigração Coreana..... 16
1.2.2. Emigração Coreana para o Brasil..... 28
1.2.2.1. Os Coreanos naturalizados japoneses..... 28
1.2.2.2. Os ex-prisioneiros da Guerra Civil..... 29
1.2.2.3. O início das relações diplomáticas Brasil-Coréia..... 33
1.2.2.4. A Primeira Delegação Cultural..... 38

Parte II – Histórico no Brasil

Cap.II – O estabelecimento dos coreanos na zona rural
2.1. A experiência no campo..... 49
2.1.1. As fazendas *Arirang* e *Seul*..... 65
2.1.2. A fazenda *Santa Maria*..... 68
2.1.3. Fazenda *Dona Catarina*..... 72
2.1.4. Fazenda *Exemplar*..... 73
2.1.5. Fazenda *Codepal*..... 74
2.1.6. Fazenda *Amazônia*..... 74
2.1.7. Coreanos que permaneceram em atividades agrícolas..... 75
2.1.8. Alterações verificadas..... 77
2.2. O êxodo do coreanos da zona rural para a zona urbana..... 79
2.3. Tentativas de retorno para as fazendas..... 82
2.3.1. Fazenda *Santa Cruz Semaul* (Cooperation Company)..... 82
2.3.2. Fazenda *Agrícola Miracatu*..... 84

Cap.III – A presença dos imigrantes coreanos na zona urbana
3.1. Dificuldades de estabelecimento no comércio..... 92
3.2. A "Vila Coreana"..... 97
3.3. Opção pelo ramo de confecções..... 103
3.4. Os imigrantes clandestinos coreanos..... 108
3.4.1. Os clandestinos em São Paulo e as condições de sobrevivência..... 115
3.4.1.1. A "vela sob o vento"..... 118

Parte III – Comunidade Coreana na Sociedade Brasileira

Cap.IV – O cotidiano da comunidade
4.1. Introdução..... 127
4.2. Relações de parentesco e amizade..... 130
4.3. Transformações da vida familiar..... 132
4.4. Problemas familiares..... 140
4.5. A família coreana e o Kye..... 151

Cap.V – O papel fundamental da religião na comunidade
5.1. As igrejas dos coreanos..... 158
5.1.1. O protestantismo, a formação da igreja e suas divisões..... 159
5.1.2. Características dos fiéis protestantes..... 165
5.1.3. A cooperação entre igrejas protestantes..... 170
5.2. A Igreja Católica: Paróquia N. Sra. Rainha dos Coreanos..... 173
5.3. Templo Budista..... 175

Cap.VI – Associações civis coreanas e a mídia
6.1. Associação Brasileira dos Coreanos..... 179
6.2. Os outros grupos de convivência..... 189
6.3. Mídia étnica, mecanismo da integração da comunidade coreana..... 191

Conclusão

Cap.VII – Conflitos internos e externos à comunidade
7.1. Problema dentro da comunidade coreana..... 199
7.2. Os coreanos e a criminalidade..... 202
7.3. Problemas com outros grupos étnicos..... 204
7.4. Atual situação da comunidade coreana..... 209
7.5. Relações entre os dois países..... 214

Anexos

Índice das ilustrações..... 220
Índice dos anexos..... 222
Bibliografia e fontes..... 236

APRESENTAÇÃO

Ao iniciarmos nossos estudos universitários, estava surgindo na Coréia um interesse maior pela América Latina, especialmente pelo Brasil.

A abertura coreana para o mundo exterior, que estava ocorrendo nos anos setenta, despertou nossa atenção para o país que concentrava uma parcela ponderável de coreanos que se expatriavam. Em função disso, estudamos a língua portuguesa na Universidade "Hankook" na Coréia, junto ao Departamento de Estudos Estrangeiros, onde nos formamos em 1979. Naquela ocasião, a Universidade não oferecia curso de pós-graduação em língua portuguesa, e existia ali apenas o Instituto para Estudos da América Latina. Por outro lado, a política do governo dificultava a saída do país para a continuação dos estudos no exterior.

Nessas circunstâncias adversas, começamos a trabalhar em empresas multinacionais, até o início de 1986, ano em que viemos ao Brasil.

Antes de tomar tal decisão, procuramos nossos ex-professores, que nos animaram a retomar os estudos de língua portuguesa, e a vir para o Brasil. Coincidentemente, no início de 1985, contamos com dois outros incentivos: inesperadamente em um programa radiofônico, soubemos da instalação de um programa em língua portuguesa na "Korea Broadcasting System", e ao mesmo tempo, vimos um anúncio de recrutamento de candidatos interessados em uma bolsa de estudos do governo para estudos regionais, o que em termos coreanos significa estudos sobre áreas externas. Apesar de não termos concorrido à bolsa, a abertura para interesses internacionais muito nos animou, e incentivou nossa vinda ao Brasil.

A nós, o Brasil atraía mais que Portugal ou os países africanos. Na qualidade de aluna especial, chegamos à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 21 de fevereiro de 1986 e nossa opção por aquele Estado sulino foi feita justamente por querermos permanecer longe da comunidade coreana, e, assim, poder, mais rapidamente, dominar a língua e a cultura locais.

Desejávamos superar, repetimos, a dificuldade de domínio da língua portuguesa. Lá, em Porto Alegre, tivemos nossa primeira experiência no exterior. Não foi fácil a adaptação

à vida cotidiana. No nosso caso, especialmente, os problemas foram maiores com relação ao dormitório de estudantes, por causa das diferenças de costumes e de cultura. Resolvemos, então, mudar para a cidade de São Paulo, onde a população já está mais acostumada a conviver com estrangeiros.

O encontro com a Profa. Dra. Janice Theodoro da Silva foi muito proveitoso, pois resultou em nossa admissão na USP, no curso de Pós-graduação em História Social.

Além das dificuldades naturais do não domínio da língua portuguesa, a falta de conhecimento básico do instrumental do historiador e do pesquisador, na área de Ciências Humanas, causou-nos alguns problemas durante os cursos. A perspectiva de ter que interromper os estudos no Brasil, em 1988, por razões de ordem familiar, foi outro obstáculo a ser superado.

Apesar desses contratempos, continuamos. No primeiro semestre de 1989, após a obtenção dos créditos regularmentares de disciplinas, do Exame de Proficiência em Língua Inglesa e de Estudos de Problemas Brasileiros, passamos para a orientação da Profa. Dra. Raquel Glezer.

O tema da pesquisa referente aos contactos entre ocidente e oriente no séc XVI, foi escolhido em conjunto com nossa primeira orientadora e buscava fazer uma história baseada em métodos e técnicas de História Social, desenvolvidas na França nas últimas décadas.

Ao procurarmos os primeiros contactos da cultura coreana com a ocidental, descobrimos que tal evento só se dera muito recente. O conjunto de leituras realizado na área de História Social, chamou nossa atenção para os estudos sobre os grupos minoritários, marginalizados ou diferenciados.[1] A possibilidade de aplicar esse instrumental ao estudo da comunidade coreana no Brasil despertou nosso interesse pelo tema que acabamos escolhendo. Pareceu-nos, desde logo, que o estudo da imigração coreana nos ofereceria um campo vasto de investigações, com variadas possibilidades de enfoque.

Um outro fator que pesou na escolha da temática foi a nossa própria observação e experiência. Ao chegarmos ao Brasil, notamos o surgimento de diferenças de pensamento, de emprego da língua, de comportamento, e mesmo de preocupação dos coreanos aqui residentes em relação ao que acontecia na Coréia.

Conviver com as pessoas da comunidade, ouvir as justificativas que os levaram a sair

da Coréia, as opiniões sobre a terra natal e sobre o Brasil, bem como as narrativas das dificuldades enfrentadas na adaptação, e observar os problemas de ordem familiar e social, que surgiram nas novas condições de vida, fizeram com que nos sentíssemos atraídas a resgatar a sua história em profundidade.

Daí nossa preocupação em documentar os acontecimentos, com o objetivo de evitar distorções futuras em seu entendimento, tanto por parte dos brasileiros, como dos coreanos e seus descendentes.

A esses fatores acrescentaríamos o de termos verificado que não há nenhum estudo específico sobre os coreanos do Brasil, tanto aqui como na Coréia. Resolvemos proceder à essa investigação. Acreditamos que com os estudos monográficos sobre as diferentes etnias é que chegaremos a compreender suficientemente o pluralismo cultural que marca a sociedade brasileira. Por outro lado, esperamos, talvez, contribuir, na medida do possível, para a melhor inserção da comunidade coreana na sociedade brasileira.

Na condição de coreana de nascimento e de cidadania, nossa intenção foi: 1º) procurar viver dentro da comunidade e destacar os problemas vivenciados pelos imigrantes; 2º) tentar interpretá-los em nossa condição de coreana, pois seria temerário proceder de outra forma, já que não conhecemos bem a cultura ocidental; 3º) fazer o levantamento da bibliografia e da documentação pertinentes e recolher o maior número de informes possíveis, através da gravação de relatos de vida,[2] com o intuito de preservar a memória, mesmo correndo o risco da perda de um estudo mais interpretativo.

Iniciamos nossa pesquisa a partir da consulta do material publicado pela imprensa brasileira e coreana. Com a preocupação de esgotar o assunto, levantamos tudo que foi editado, a partir da segunda metade de 1961 até 1990, em jornais e revistas, incluindo os dados da Ex-Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo e os panfletos da Associação Brasileira dos Coreanos, fonte que reputamos preciosa em informes.

A nosso ver, é impossível tratar da questão da imigração coreana no Brasil ignorando a presença de clandestinos, tal a importância que eles assumiram no decorrer do processo. Sobre isso, recolhemos material nos jornais locais, como O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo e Folha da Tarde.

O levantamento realizado permitiu-nos o acompanhamento da presença coreana, desde o início de seu estabelecimento, preferencialmente, na zona rural, bem como o deslocamento posterior para cidade de São Paulo, onde passou a exercer diferentes atividades, destacando-se no ramo das confecções.

Soubemos do risco de termos concretizado um estudo mais descritivo que interpretativo, mas o preferimos desta forma, por seu ineditismo.

O Brasil, desde seu início, contou com a participação de estrangeiros na constituição de sua população. Hoje em dia, a população brasileira gira em torno de 150.368.000 pessoas,[3] sendo que a da grande São Paulo é superior a 11.380.300.[4] O caráter cosmopolita dessa metrópole é conhecido. Na cidade de São Paulo, a comunidade dos coreanos e seus descendentes soma aproximadamente 40.000 pessoas, de acordo com as fontes oficiais. Talvez chegue a 50.000, na realidade, se caracterizando como um grupo étnico diferenciado, concentrado, sobretudo, nos bairros da Aclimação, Bom Retiro e Brás, sendo que nos dois últimos exercem suas atividades profissionais, e no primeiro mantêm suas residências.

Em suma, nosso estudo é uma tentativa de reconstrução dos 28 anos da presença de coreanos em território brasileiro, já que sua chegada data de 12 de fevereiro de 1963.[5]

Teriam os imigrantes coreanos, chegados na década de sessenta, trazido consigo sonhos semelhantes aos dos europeus aqui chegados no século XVI? Tentamos verificar até que ponto isto ocorreu. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, ao Brasil se aliou a imagem do "Éden", do "Paraíso Terreal", junto com o mito das "Amazonas", "El Dorado". Dizia ele:

"Não admira se, em contraste com o antigo cenário familiar de paisagens decrépitas e homens afanosos, sempre a debater-se contra uma áspera pobreza, a primavera incessante das terras recém-descobertas devesse surgir aos seus primeiros visitantes como uma cópia de suas dádivas, repartindo-as por estações e só beneficiando os previdentes, os diligentes, os pacientes, no paraíso americano ela se entregava de imediato em sua plenitude, sem a dura necessidade - sinal de imperfeição - de ter de apelar para o trabalho dos homens. Como nos primeiros dias da Criação, tudo aqui era dom de Deus, não era obra do arador, do ceifador ou do moleiro."[6]

Segundo alguns depoimentos de imigrantes de origem coreana, quando eles aqui

chegaram, causou-lhes admiração a abundância de alimentos, o clima e a natureza exuberante. Mas, ao contrário dos europeus seiscentistas, eles não vieram propriamente em busca do Paraíso e, sim, em fuga da situação reinante em seu país natal, provocada pelas abruptas alterações sociais do início da década de sessenta, em função da situação mundial, caracterizada pela Guerra-Fria, que se implantara desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O objetivo primeiro era viver em tranqüilidade, não tendo que enfrentar uma nova guerra. Os primeiros imigrantes aqui chegados eram procedentes da Coréia do Norte, muitos militares, elementos das classes média e alta da sociedade, com razoável nível educacional, tendo, no mínimo, o equivalente ao curso ginásial completo.

Com o decorrer do tempo, as características da saída dos coreanos, como veremos, alteraram-se em razão da interferência governamental coreana no processo emigratório por um lado, e, por outro, com as transformações gerais da política mundial.

Lendo sobre o processo imigratório dos europeus no século XIX, principalmente dos de origem italiana e alemã, encontramos um possível ponto de contacto: a instável situação interna. Entretanto, diferentemente dos imigrantes do século passado, os coreanos não tinham e não têm o sonho do retorno à pátria. A saída é concebida como definitiva.

Procurando comparar com uma imigração oriental, que poderia ser considerada mais aproximada, verificamos que, não obstante uma formal aproximação étnica, inexistente na prática, as realidades eram diferenciadas. Os japoneses saíram de sua terra com apoio governamental, com subsídios, para trabalho no campo. Os coreanos saíram contra a ação governamental, sempre lutando para mantê-la à distância, como veremos posteriormente.

Ainda um outro ponto que despertou nossa atenção foi o grau de assimilação do grupo diante da sociedade local. Interessa-nos em que medida isto vem ocorrendo e que alterações têm provocado na maneira de pensar e agir dos imigrantes. Também chamou-nos a atenção o sonho de reemigração para os Estados Unidos e Canadá, que impera ainda hoje entre eles e os ajuda a enfrentar o árduo trabalho diário. Estarão eles à procura de um outro paraíso? Haverá outras razões?

O leque de questões que nos havíamos proposto a responder foi ficando cada vez muito mais amplo. As questões foram se multiplicando: Como tem sido o processo de aculturação

da família coreana como um todo?; Será que a exigência, por parte dos pais de aprendizado da língua materna pelos filhos significa a tentativa de conservação da cultura coreana como um todo?; ou, em outras palavras: será uma tentativa de manter sua identidade étnica diante da sociedade brasileira?; até que ponto esse fato tem influenciado os casamentos interétnicos? Qual seria o elemento mais forte para manter a identidade étnica: o aprendizado da língua coreana ou o casamento endogâmico?; Em que medida o sucesso em uma atividade profissional, como ocorre no ramo das confecções, serve como elemento de aglutinação da comunidade?; Em que medida a concentração na atividade de confecção provoca e multiplica os casamentos endogâmicos?; O que explicaria o objetivo de reemigração dos imigrantes coreanos para outros países? Porque não permanecem no Brasil?; Até que ponto as metas e ilusões, cultivados pelos imigrantes coreanos, vem interferindo no ritmo de sua assimilação na sociedade brasileira?; Estarão eles passando por um processo de diluição de características culturais?; Até que ponto pode ser detectada uma alteração ocupacional da comunidade como um todo?; Em que medida isto vem provocando modificação em seu <u>status</u> social?

Elementos importantes para o conhecimento dos mecanismos de maior ou menor assimilação do grupo foram obtidos na Associação Brasileira dos Coreanos, nas igrejas, em grupos sociais de convivência, na "mídia", além da observação direta e experiência com o próprio objeto de estudo. Com tudo isto, consideramos que a análise da organização econômica, social, de costumes, religião, enfim, a percepção do grupo como um todo, tornou-se possível.

Segungo o antropologista Ong a "mudança cultural não deve ser entendida apenas como o desdobramento - de acordo com alguma lógica predeterminada de desenvolvimento, modernização ou capitalismo - mas como o resultado desordenado, contraditório e diferencial que envolve as mudanças na identidade, nas relações de luta e dependência, incluindo a experiência da própria realidade."[7]

Recolhido o material, sentimos-nos ainda mais responsáveis diante do tema, sobretudo em função de nossa origem, e, de conhecermos ambos os idiomas. Este trabalho é o primeiro estudo acadêmico sobre a imigração coreana no Brasil, tanto em língua coreana como em português.

Gostaríamos que ele representasse uma ponte de ligação entre as gerações coreanas, isto é: de um lado, os imigrantes, e, de outro, os brasileiros de origem coreana, para que encontrassem nele, as raízes e costumes de seus ascendentes, e com isso, a diminuição de problemas familiares e psicológicos.

Aos brasileiros em geral, esperamos contribuir para eliminar preconceitos ainda existentes, que dificultam a adaptação e a integração. Em nível governamental, concorrer para que os dois países se entendam melhor, compreendendo suas diferenças, superando suas mútuas desconfianças, aumentando o intercâmbio cultural, e, aprimorando as relações econômicas, políticas e sociais.

No transcurso do trabalho de pesquisa, fomos obrigadas a recorrer a materiais em diversas línguas, e, no caso específico da língua coreana, a fazer tradução dos textos, falas, discursos, poesias etc.

Para facilitar a compreensão dos títulos, os escrevemos primeiro em português, traduzindo-os literalmente, e depois reproduzimos os caracteres coreanos. Não fizemos a transliteração dos caracteres coreanos para os latinos, pela inexistência de regras e normas reconhecidas internacionalmente.

Devido a isto, muitas vezes os nomes citados aparecem, em nosso texto, de forma diversa dos documentos consultados, citados ou reproduzidos. Há uma grande dificuldade em passar para o português, isto é, para caracteres latinos os nomes coreanos. Optamos por tentar reproduzir o som emitido na pronúncia coreana, e não traduzi-los em seu significado literal.

Notas

1) Vide Jacques Le Goff e Pierre Nora. História: novos problemas. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988 e História: novos objetos. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.

2) Michel Maffesoli. Le rituel et la vie quotidienne comme fondements des histoires de vie. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris, Presses Universitaires de France, 69:340-349, jul.-dez. 1980; Françoise Morim, Anthropologie et histoire de vie. Cahiers Internationaux de Sociologia, Paris, Presses Universitaires de France, 69:313-339, jul.-dez. 1980.

3) Anuário Estatístico do Brasil, São Paulo, IBGE, 1989.

4) Anuário da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, São Paulo, SEAD, 1990.

5) O Relatório do Consulado da República da Coréia do Sul no Brasil, São Paulo, 13 janeiro de 1989.

6) HOLLANDA, Sérgio Buarque de - Visão do Paraíso, São Paulo, Edit. Nacional-Edusp, 1969. p.XII.

7) ONG, Aihwa - Sprit of Resistance and Captilalist Discipline: Factory Women in Malaysia. Albany, State University of New York Press, 1987. Apud.: Kye Young Park, The Korean American Dream: Ideology and small business in Queens, New York, The City University of New York, 1990, p.IX

PARTE I - A CORÉIA

CAP.1 - O ABANDONO DA PÁTRIA

1.1. INTRODUÇÃO

A Península Coreana localiza-se no leste da Ásia e tem por limites ao norte os rios Yalu e Tumen e a República Popular da China. Mantém a noroeste uma pequena fronteira, de pouco mais de 20 Km, com a União Soviética. A oeste, é banhada pelo Mar Amarelo e, a leste, pelo Mar do Leste (como é denominado na Coréia, mas conhecido também como Mar do Japão). A área total do país é de 220.231 Km^2, pouco maior que o estado do Paraná (199.544 Km^2). Após a Segunda Guerra Mundial, ao norte do paralelo 38° N, formou-se a Coréia do Norte, cuja capital é Pyongyang, com 120.538 Km^2; e, ao sul, a Coréia do Sul, capital Seul, com 98.477 Km^2.

O nome Coréia deriva de Koryo, "alto e belo", nome da dinastia que governou de 918 a 1392. No período seguinte, correspondente à dinastia Yi (1392 a 1910), popularizou-se o nome Choson, "terra da manhã serena". Em 1910, o país foi anexado ao Japão, quando passou a ser chamado Chosen. Atualmente, a República Democrática da Coréia (sul) usa como nome oficial Daehan, e a República Democrática Popular da Coréia (norte) mantém Choson.[1]

Segundo o censo de 1985, a Coréia do Sul era habitada por 41.000.000 pessoas, com uma densidade demográfica da ordem de 415 hab/Km^2; 55,7% da população tinha menos de 25 anos; 60% vivia nas cidades, sendo que destes, 25% residia na capital Seul.[2] No referido censo, estimou-se em 20.380.000 a população da Coréia do Norte.[3] Embora os coreanos se considerem etnicamente homogêneos hoje em dia, não há mais dúvida de que se trata de um híbrido produto da mistura entre mongóis, manchurianos, japoneses, chineses e polinésios.[4] Há apenas algumas minorias populacionais em sua história: 23.328 chineses, que têm mais de 100 anos de presença na Coréia; 5.335 japoneses, que permanecem ali em caráter temporário, para atividades de trabalho e negócios, e que entraram após a normalização diplomática entre a Coréia e o Japão, em 1965; e aproximadamente 1.360 boat-people, que chegaram após a derrota do sul na Guerra de Vietnã, em 1975, e mais 229

vietnamitas dispersos por toda a Coréia.[6] O governo coreano nunca incentivou a permanência de estrangeiros no país.[6]

Os historiadores coreanos admitem geralmente que os primeiros habitantes teriam vindo do norte da China e da Mandchúria.[7] Os estudos lingüísticos confirmam que o coreano pertence ao grupo úralo-altaico, que abrange também o japonês. As línguas coreana e japonesa utilizam muitas palavras e expressões chinesas.[8] Por muito tempo, a escrita coreana fez, e ainda faz, uso de caracteres adaptados dos chineses, e o alfabeto fonético nacional só foi criado em 1443.

A lenda mais antiga do país atribui ao povo uma origem autóctone: a Coréia teria sido fundada em 2.333 a.C., por Tangun, o primeiro rei, filho de Hwanum, "o Criador". Vale ainda citar a lenda que atribui à China a origem do povo coreano, pela qual Kija, sábio chinês, teria emigrado para a Coréia em 1122 a.C., acompanhado de 5.000 pessoas.[9]

No ano 57 a.C., com a fundação do Reino de Shilla a sudeste da península, começou o período dos Três Reinos: o de Koguryo, o de Packche e o de Shilla. No século VII, sob a hegemonia deste último, a península foi unificada, tendo contado para tanto com o auxílio da corte chinesa e do budismo, introduzido a partir do século VI, que constituiu a base cultural do reinado.[10] O reino de Shilla sempre foi ameaçado pelos nômades manchus, até 935 d.C. O reino Koryo substituí-o, e os monges, por meio de um sistema de casamentos, forçaram o reino a ser tributário da China, entre 1231 e 1260 d.C.. Com a decadência contínua e a corrupção dos monges budistas, o reino acabou sendo dominado pelo General Sung Kye Yi, e o país recebeu o nome de Choson.[11]

Os primeiros governantes de Choson substituíram o budismo pelo confucionismo, apropriando-se das riquezas acumuladas nos mosteiros durante o período anterior.

Na Coréia atual, as religiões que contam com maior número de adeptos são o xamanismo, o confucionismo e o budismo. Nos anos oitenta, passaram a ser professadas em maior número religiões cristãs, como o catolicismo e protestantismo que, somadas, em 1985 agregavam quase metade dos coreanos que seguem alguma religião.[12] Segundo dados do Ministério da Educação da República da Coréia, a população religiosa na Coréia, em 1985, estava assim distribuída: budistas 46.9%; cristãos 37.7%; católicos 10.8%; confucionistas 2.8%, Won budistas 0.5%, cheondoistas 0.2%, e outras 1.1%.[13]

As teorias neo-confucionistas do Estado e da sociedade formaram a base ideológica para as reformas abrangentes, realizadas na dinastia Yi: a ética e os valores do confucionismo dominaram a sociedade. O confucionismo ensinava como controlar os males e os vícios que afligiam a mente, isto é, as emoções do tipo raiva, inveja, cobiça etc.

As pessoas convocadas para servirem ao rei tinham que submeter-se a esses ensinamentos. A perfeição moral e mental era essencial para a seleção dos convocados. Aquele que pretendesse servir ao rei deveria ser aprovado em conhecimentos de cultura e de escrita chinesa (atestados de erudição dos candidatos). Os selecionados recebiam o título de Yangban, adquirindo uma série de direitos, inclusive terras, que eram herdados por seus descendentes. A perda dos privilégios só ocorria no caso de traição ao governo, já que ocupavam os cargos centrais na burocracia civil e militar.[14] Eram extremamente conservadores, o que, de certa forma, impediu o desenvolvimento sócio-econômico do país.[15]

A estrutura social da dinastia Yi era hierarquizada em Yangban, Yangin e Chunin, aqueles que trabalhavam.[16] Os membros de uma família que perdesse seus privilégios eram transformados em Chunin. Estes podiam ser comprados, vendidos, presenteados, ou, até mesmo fazer parte de heranças, à semelhança dos escravos em geral. Seu preço era sempre inferior ao de um cavalo.[17] Entre os Yangban e os Chunin estavam os Yangin, "pessoa boa e digna", que exerciam uma gama muito grande de atividades profissionais com privilégios, direitos e deveres diferenciados, conforme a profissão exercida. Fenômenos de Rest. de 1º Bench. 1998.

A ideologia confucionista conscientizou os Yangin da separação que havia entre eles: os Jungin, formados basicamente por médicos, artistas, engenheiros e intérpretes[18]; e os Somin, agricultores, artesãos, comerciantes e pescadores, em ordem decrescente de importância.[19]

O sistema político valorizava a figura do rei como virtuoso. Quanto mais vitorioso e nobre, o povo se tornaria mais submisso às suas ordens.

Desde o início da dinastia Yi, houve conflitos internos entre os Yangban provocados, sobretudo, por discordâncias na distribuição das terras. A partir do século XVI d.C, com o desenvolvimento dos Chujahak, confucionistas progressistas, surgiram desentendimentos com a ala tradicional, recrudescendo as disputas entre eles.[20]

De uma maneira geral, conservava-se uma atitude respeitosa para com a China.[21]

A dinastia Yi foi marcada por invasões. Os japoneses estiveram na península entre 1592 e 1597. A partir de 1627 foi a vez dos Manchus, que ali estiveram antes de se estabelecerem na China, em 1644. A Coréia transformou-se então em estado tributário chinês, mas preservou sua autonomia.[22] Seguiu-se um período de duzentos e cinqüenta anos, durante os quais a Coréia manteve-se fechada ao mundo exterior, com exceção da China. Desta, manteve-se dependente até 1876,[23] enviando anualmente uma série de tributos.

A partir de 1860, o governo coreano foi pressionado internamente pela população e, externamente, por diversos países no sentido de romper o isolacionismo em que se mantinha e o colocava à parte dos acontecimentos do mundo e mesmo de seus vizinhos.[24]

A China e o Japão, que abriram suas portas aos ocidentais em 1840 e em 1853, respectivamente, desde o século XIX haviam entrado em franco processo de modernização, quer no âmbito econômico, quer no político.[25]

Enquanto isso, a Coréia permanecia um "reino eremita", alheio ao comércio e às relações diplomáticas com o Ocidente.[26] Em 1876, o Japão forçou a Coréia a assinar um tratado de comércio,[27] abrindo as portas para que outras nações também o fizessem, como Estados Unidos (1882), Inglaterra, Alemanha (1883) e Rússia (1884). Com essa abertura, a Coréia tornou-se um mero joguete nas mãos deles, que a disputavam tanto por interesse econômico, como estratégico.

Ao término da guerra sino-Japonesa (1894-1895), o Japão, vitorioso, obrigou a China, derrotada, a desistir de sua soberania sobre a Coréia. Esta pediu auxílio militar à Rússia, também derrotada pelo Japão na guerra russo-japonesa (1904-1905), na qual a Coréia foi um campo de batalha, transformada depois em protetorado. Em 1910, ocorreu a completa anexação ao Japão: pela primeira vez em seus 4.000 anos de história, a Coréia perdeu sua soberania. O japonês tornou-se a língua oficial, e toda a produção econômica da península destinava-se a atender à demanda japonesa. Terminada a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), patriotas coreanos exilados na China, Sibéria e EUA lutaram pela independência e chegaram a constituir um governo provisório em Shangai, para resistir à ocupação. Com o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a capitulação japonesa, a península coreana passou para outras mãos: o norte foi ocupado por tropas soviéticas, e o

sul, pelo exército americano. Estabeleceu-se o paralelo 38°N como linha demarcatória provisória entre os dois territórios. A distinção artificial tornou-se mais rígida com o estabelecimento de regimes políticos distintos: ao norte, o comunismo da República Popular Democrática da Coréia, reconhecida e apoiada pela URSS; e ao sul, o capitalismo da República Democrática da Coréia, reconhecida e assistida pela ONU e Estados Unidos, do qual se tornou absolutamente dependente, tanto no aspecto militar e político como no econômico, (de acordo com a formação da estratégia mundial dos Estados Unidos, isto é, "Guerra-Fria").

Politicamente, a divisão da Península Coreana ocorreu em razão da intenção dos Estados Unidos de manterem-se ali, por ser ponto estratégico importante contra a URSS.[28]

Para a Coréia, o rompimento das relações comerciais com o Japão teve grande significado econômico. Na Península Coreana houve a possibilidade da formação de uma nova sociedade, estabeleceu-se uma nova estrutura e um novo ritmo em sua economia.[29] Mas a economia do país atravessou uma fase difícil: com a concentração de indústrias ao norte, ocorreu no sul um mercado consumidor restrito, a falta de matéria-prima e a escassez de mão-de-obra qualificada.

Ao norte ocorreu a implantação do comunismo, o que serviu de incentivo para o recrudescimento das divergências políticas com o sul. A bola de neve cresceu até 25 de junho de 1950, quando eclodiu a Guerra Civil da Coréia. Na madrugada daquele dia, tropas do norte fizeram um ataque surpresa de grandes proporções, tendo como principal objetivo, Seul, a capital. Dessa data até o armistício de 27 de julho de 1953, que pôs fim à Guerra Civil, envolveram-se no conflito: a China,[30] a União Soviética, os Estados Unidos e mais dezesseis países aliados da ONU, inclusive o Brasil.

Com a deflagração da Guerra Civil na Coréia, os Estados Unidos intervieram imediatamente, sendo auxiliados pelo Japão no tranporte e na produção de material militar. A situação peculiar da Coréia contribuiu para o ressurgimento do capitalismo no Japão.[31]

A 4 de janeiro de 1951, as tropas da ONU recuaram do norte para o sul, em razão da intervenção chinesa. Aproveitando a movimentação, muitos civis do norte migraram, separando-se definitivamente dos familiares. Mais de dois terços da população total concentrou-se no sul, cuja área não chega à metade da península. A densidade demográfica

praticamente dobrou, passando de 114 hab/km², em 1944, para 218 hab/km², em 1955.[32]

Após a Guerra Civil, a Coréia continuou dependente dos EUA, inclusive sob o aspecto de defesa nacional, através do Tratado de Defesa Recíproca, assinado entre a Coréia e os Estados Unidos.[33] Ironicamente, ele designou como seu "companheiro e protetor da Ásia", no combate ao comunismo, o Japão, que por tantos anos dominara a Coréia.

Com a guerra, a economia da Coréia foi totalmente demolida. O subsídio dos Estados Unidos proporcionou, em grande parte, a reconstrução do país e de sua economia. A partir de então, a economia coreana ficou dependente do referido subsídio, a ponto de ser qualificada de "economia de subsídio".

O auxílio, a curto prazo, significou abastecimento de bens de consumo, e a longo prazo trouxe conseqüências negativas: o investimento de capital em bens de consumo primários, sem introdução de tecnologia, aumentou a propensão da dependência da economia coreana, provocando um corte no desenvolvimento da indústria nacional. Em conseqüência, intensificou-se a dependência econômica em relação ao exterior. Como os subsídios oriundos dos EUA eram distribuídos pelo governo às empresas, essa situação favoreceu o fortalecimento de um regime ditatorial, na medida em que a dependência econômica garantia o poder desse governo.

A partir da segunda metade da década de cinqüenta, ocorreu uma diminuição do subsídio, cuja suspensão definitiva data de 1958. A partir de então houve uma mudança completa na vida dos coreanos.[34]

1.2. O ABANDONO DA PÁTRIA

O envolvimento dos Estados Unidos com a Coréia, tanto na área política quanto na econômica e militar, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, foi um dos fatores que explicam a emigração de seu povo.

Em 1955, os agricultores formavam 79.7% da população.[35] Desde a Reforma Agrária de 1949, sentiam-se como que perdidos, pois ela não passara de uma tentativa fracassada de conter o comunismo. Não contou com a aprovação dos ex-fazendeiros, e não provocou o aumento da produção.

O subsídio norte-americano, as matérias primas, os alimentos de origem agrícola, além de remédios e roupas eram controlados e distribuídos pelo governo, que centralizava cada vez mais poder em suas mãos. As verbas eram mais aplicadas no setor especulativo do que na indústria, o que resultou em alto índice de desemprêgo.

A situação política não era boa. Durante a Primeira República, 1948-1960, o povo mostrara-se extremamente insatisfeito com a corrupção, o abuso de poder e as eleições presidenciais desonestas. A partir de 1957/58, os Estados Unidos reduziram drasticamente os auxílios para a Coréia,[36] o que provocou um tumulto geral na sociedade, e o país mergulhou numa grave crise econômica. O imposto de renda subiu de 10% para 16.5%, e aumentou a percentagem de desempregados.[37] Além disso, as pequenas safras agícolas de 1959 e 1960 levaram a uma maxidesvalorização do dólar em fevereiro de 1960.

Tal situação culminou com a Revolução de 19 de abril de 1960, também conhecida como Revolução Estudantil, que pode ser definida como um movimento popular em prol da independência do povo, da construção de uma sociedade democrática, visando superar o sistema autoritário do governo, absolutamente manipulado pelos EUA. O povo sentia-se pressionado, o que despertou sua consciência e sua vontade de resistir contra a dependência externa. Nesse ano, o então presidente Seung Man Rhee foi deposto e exilado.[38]

Apesar da Revolução Civil e da mudança de governo, quase nada mudara no quadro sócio-político: em janeiro de 1961, ocorreu outra maxidesvalorização do dólar, e a inflação do mês chegou a 10.8%, levando à chamada "crise de abril". A revista americana News Week (3/4/1961), assim se referiu àquele período: "Hoje, a situação econômica dos 22.000.000 coreanos é a pior do que a do pós guerra".[39] No dia 16 do mês seguinte, eclodiu a Revolução Militar, que, juntamente com a Revolução Civil, constituem marcos na transformação da história moderna da Coréia.

O novo governo militar, tendo como presidente o general Chung Hee Park, estabeleceu seis compromissos, entre eles, o reforço contra o comunismo e o desenvolvimento econômico do país. Para tal, tomou uma série de iniciativas em diversos setores: estabeleceu relações diplomáticas com o Japão; enviou tropas ao Vietnã, e, pela primeira vez na história da República da Coréia, estabeleceu uma política de emigração para diversas

localidades, objetivando diminuir o alto índice demográfico.

O governo coreano não possuía muitas informações sobre o exterior, mas estava entusiasmado com a idéia de emigração. As opções de países receptores eram, entre outros, os EUA, o Canadá, a Austrália, a África do Sul e o Brasil. A emigração para os EUA era dificultada pelo sistema de quotas para asiáticos. O Brasil, na época, era mais desenvolvido que a Coréia, tanto industrial quanto economicamente, em razão do impulso desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek. O país apresentava àquela altura baixa densidade demográfica e um vasto território.[40] Nessa época, publicaram-se muitos artigos no Japão sobre o êxito dos emigrantes japoneses no Brasil. Naturalmente, em vista desse conjunto de fatores, os interesses do governo militar voltaram-se para os países na América do Sul, especialmente para o Brasil.

1.2.1. EMIGRAÇÃO COREANA

Os países na América respeitam o princípio de nacionalidade territorial, enquanto os países orientais seguem o princípio de nacionalidade pessoal, respeitando o *jus sanguinis*. Na Coréia, por exemplo, a saída do país era considerada quase como uma traição, por causa dos princípios confucionistas, que repudiavam o abandono do túmulo dos ancestrais.[41] Em nossos dias, tal conceito desapareceu. Mais do que isto, a expansão por meio da emigração passou a significar riqueza e força da nação. Por isso, Ku Hong Lee, presidente do Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos, é de opinião que "hoje uma maneira de se avaliar o poder de um país é verificar o número dos seus nacionais que vivem fora dele".[42] Isto porque os emigrantes contribuem para o intercâmbio cultural e econômico entre o país de origem e o receptor.[43]

Na história antiga da Coréia ocorreram emigrações com características próprias, de acordo com a época. Por exemplo, o povo coreano, no século VI, emigrou para a Manchúria, China continental e Mongólia, no período dos Três Reinados, em razão das lutas internas. Igualmente, durante a dinastia YI, dado o estado de pobreza e as punições a que era frequentemente submetida a população, muitos procuraram a Sibéria, apesar de ser uma região reconhecidamente fria e não-fértil.

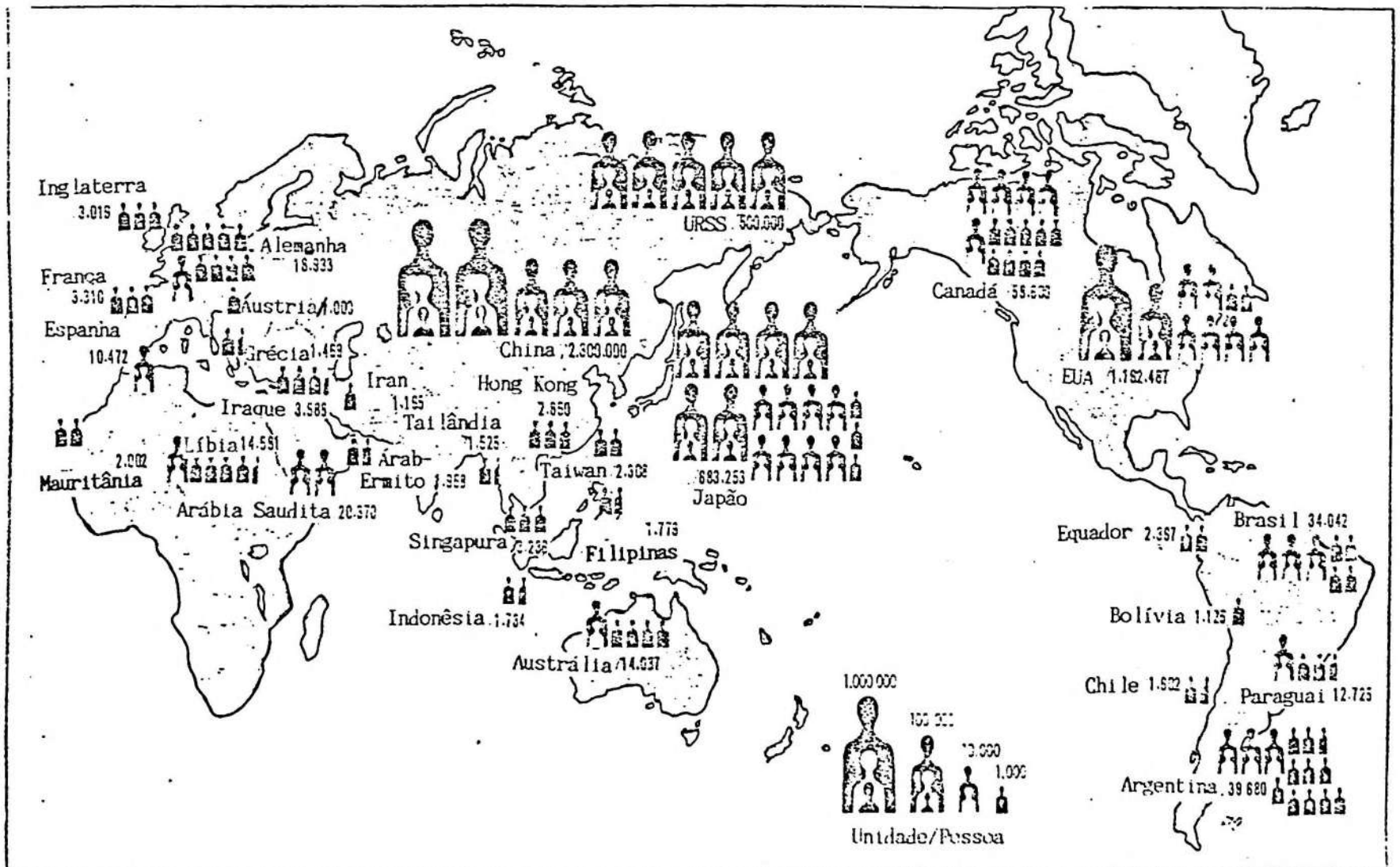
Na história contemporânea, a emigração coreana tem sido explicada fundamentalmente em razão das rivalidades, sobretudo, a partir do fim do século passado, entre China, Japão, Rússia e Estados Unidos, interessados na dominação da península, região estratégica para o controle do leste asiático. Vestígios dessa situação podem ainda ser detectados pela presença de soldados estrangeiros na zona "desmilitarizada" da península.[44]

O antropólogo coreano Kyu Kwang Lee, que escreveu 'Os Imigrantes Coreanos no Japão', em 1984, e 'Os Imigrantes Coreanos nos Estados Unidos', em 1989, nos contou: "Pensando nos nossos patrícios que se espalharam pelo mundo, eu senti a ironia da história". Ele metaforizou o processo positivo da emigração coreana como gotas de água que foram pulverizadas pelo forte ataque do Japão, no período colonial, sobre a Coréia. Em conseqüência, os coreanos hoje estão presentes em todos os cantos do mundo, o que indiretamente tem contribuído para o desenvolvimento da República da Coréia a nível internacional.[45]

Atualmente, presume-se em cerca de 5.000.000 o número de coreanos residentes fora da península, o que corresponde a 11% da população da Coréia do Sul, ou 7% da população total das Coréias do Norte e do Sul. É muito difícil achar tão alta porcentagem de população fora de um país. Quanto aos chineses, também são muito raros os países que não os abrigam, mas a porcentagem não chega nem a 3% da população total de seu país. Segundo dados do Ministério do Exterior da República da Coréia de 30 de junho de 1988, o número de coreanos residentes no exterior é de 2.123.641, distribuídos em 104 países, excetuado o número de coreanos na China e na União Soviética, dos quais não podia ter dados exatos por não ter relações diplomáticas com este país até 1990. Supomos que, dentre estes países, os que abrigam maior número de coreanos são: China, 2.300.000; Estados Unidos, 1.160.000; Japão, 680.000, e, a União Soviética, 500.000, o que perfaz 95% dos emigrantes coreanos em nosso estudo.[46]

Destacamos aqui que o governo coreano considera "coreanos no exterior", pessoas de origem coreana e seus descendentes, o que denominamos de "emigrantes".

Mapa 1 – Os emigrantes coreanos presentes em diferentes pontos do globo [47]



Qual o motivo de haver tão alta proporção de emigrantes coreanos? Podemos explicar pela história: uma grande movimentação ocorreu na Coréia, por exemplo, durante o período em que esteve sob o jugo do Japão, 1910-1945. O povo, sob sucessivas perseguições, em um verdadeiro êxodo, partiu para vários pontos do continente asiático, inclusive a Rússia. No programa de colonização do governo japonês foi realizado um grande controle no território coreano, entre 1910 e 1918. Com isso, os japoneses exploravam terras, tanto dos agricultores em geral, como também, da nobreza ligada à dinastia Yi. Por volta de 1930, o governo nipônico possuia 40% da terra arável da Coréia. Em função dessa situação, surgiu uma massa de agricultores coreanos sem terra, que passou a trabalhar, em sua maioria, para proprietários japoneses ou para a Companhia Japonesa de Colonização, denominada Dong Cheog.[48] Em conseqüência dessa situação, apenas pequena porcentagem de proprietários coreanos manteve a terra. O restante da população rural deslocou-se em busca de condições de sobrevivência.[49]

Foi este um fator que pesou na balança para a saída de coreanos em busca de novas oportunidades fora do país. Entre os emigrantes, havia muitos patriotas, que mesmo fora, lutaram no sentido de conseguir a libertação de sua terra natal. A mudança de "habitat" nem sempre lhes causou problemas, na medida em que encontraram em países próximos, embora desconhecidos para eles, elementos culturais semelhantes, o que favoreceu sua adaptação.

Com a guerra sino-japonesa, os coreanos, sobretudo os patriotas, foram novamente perseguidos pelos nipônicos e emigraram para a Sibéria, a Rússia, o Havaí e os Estados Unidos. Muitos coreanos foram forçados a seguir para o Japão, mas levaram consigo o sonho de retorno à mãe pátria.

Todos estes, ao sair da Coréia, sonhavam em dia a ela retornar.

Além da questão da terra, havia circunstâncias especiais que contribuíram a saída dos coreanos de seu país.

1º) A crise econômica. Após sua abertura ao mundo, a Coréia se tornara uma semi-colônia, não de um, mas de diversos países, a saber: os Estados Unidos possuíam direitos sobre a mineração, as comunicações e as ferrovias; o Japão intervinha no comércio exterior; a Rússia explorava a riqueza florestal.

Com os cofres públicos vazios e a falência da agricultura agravada pelas más

colheitas de arroz que levaram a fome ao povo, o governo viu-se obrigado a diminuir as restrições impostas à emigração.

2º) Companhias particulares de recrutamento incentivaram a saída de coreanos para o Havaí a fim de trabalharem nos canaviais. Foram favorecidas em sua campanha pela proibição da entrada de trabalhadores chineses, entre 1888 e 1908. Além disso, desde 1868, na ânsia de obterem melhores condições de vida, sobretudo após a anexação do Havaí aos Estados Unidos em 1900, os japoneses estavam saíndo das plantações de cana para os centros urbanos e mesmo para o continente. Em 1902, mais de 1.000 japoneses saíram do Havaí, e os fazendeiros passaram então a contratar coreanos, visando demonstrar aos japoneses que eles não eram insubstituíveis.

3º) A influência dos missionários americanos não foi pequena. Eles apoiaram a emigração coreana para o Havaí, por considerarem ser aquela uma boa oportunidade de mostrar para os coreanos a cultura ocidental.[50]

Ao lado da campanha da "Companhia de Desenvolvimento", empenhada em recrutar coreanos para o Havaí, o próprio governo da dinastia Yi desenvolveu o mesmo tipo de propaganda reforçando: 1) incentivo governamental na forma de subsídio; 2) clima ameno e agradável do Havaí durante todo o ano; 3) amplo acesso ao ensino gratuito; 4) a legislação regulamentando a profissão de lavrador; 5) melhores condições de trabalho, isto é, 10 horas de serviço por dia, com folga aos domingos e maiores salários, 15 dólares por mês; 6) moradia e assistência médica por conta do empregador.

A emigração coreana oficial, com destino ao Havaí, teve início com 93 pessoas em 22 de dezembro de 1902. Anteriormente àquela data, 5 coreanos chegaram ao arquipélago em 1899 procedentes da China. Foram registrados como chineses.[51] Embora não existam documentos que comprovem suas profissões, eles eram, provavelmente, comerciantes de Ginseng.[52]

A maioria dos emigrantes que se dirigiram para o Havaí eram procedentes do norte da Coréia, empurrados por 3 motivos:

1°) As pessoas dessa região não conseguiam alcançar altos cargos dentro do governo da dinastia Yi, recebendo pressões dos Yangban do sul, o que gerava um constante descontentamento para com o governo. Além disso, os habitantes do sul eram mais

conservadores do que os do norte. Por isso, os do norte foram mais receptivos a elementos modernizadores. Dentre eles, vale destacar o protestantismo que, ao contrário do confucionismo, não opunha resistência à emigração.

2°) Enquanto o norte é uma região montanhosa, o sul é topograficamente próprio para cultivo, sendo um terreno fértil, e possuía uma estrutura social rígida, de tipo feudal, concentrada em torno da família. O norte, ao contrário, dispunha de uma estrutura social mais flexível.

3°) Tendo a região norte servido de campo de batalha nas guerras sino-japonesa e russo-japonesa, seus moradores perderam propriedades e, com isso, também a esperança de um futuro promissor na Coréia. Na ânsia de encontrar uma maneira de sobreviver, foram para o Havaí, sonhando ali desfrutar de uma vida melhor.

Entre 1902 e 1905, em plena emigração oficial, chegaram ao Havaí em 65 navios, 7.226 coreanos.

Na mesma ocasião, alguns emigraram para o México. Na verdadeira onda de emigração para o Havaí, um inglês, Mayar, após ter fracassado no Japão, foi à Coréia e instalou a Dae Ryuk Sik San (大陸植産), companhia de recrutamento de emigrantes para o México. Em sua propaganda, salientava que as fazendas em Yucatan eram preferíveis às lavouras de cana no Havaí, pois em 4 anos de trabalho obtinha-se uma renda tal que não seria mais necessário trabalhar. Com esta declaração alimentou o sonho de muitas pessoas.

O escritório central da companhia foi instalado em PyongYang. Apresentaram-se como interessados, os desempregados da região de Kwang Moo Kun,[53] além de pessoas das regiões vizinhas, ao todo, 1.033 pessoas.[54]

Logo após sua chegada, os imigrantes foram divididos em 24 grupos. Não se sabe ao certo para onde foram vendidos, se para as fazendas em Yucatan ou para uma indústria de cimento.

Aqueles que foram para as fazendas foram tratados como escravos, recebendo inclusive chicotadas: morreram vítimas de febre, de picadas de insetos ou de cobras venenosas. Alguns que não suportaram a vida na fazenda fugiram e reemigraram para Cuba,[55] ilha que podia ser vista do outro lado do mar, ou dirigiram-se para outro ponto do continente americano.[56]

Em novembro de 1905, o último rei da dinastia Yi, Soon Cho proibiu a emigração coreana, basicamente por dois motivos: o primeiro foi a situação dos conterrâneos no México, e o segundo, a pressão nipônica, que queria, a todo custo, impedir a saída de coreanos, e, assim evitar que se organizassem externamente para lutar contra o seu domínio.[57]

Vale citar o trecho da carta de David W. Desher, responsável pela emigração coreana para o Havaí, dirigida a Deshuler, ministro dos Estados Unidos, residente no Japão: "Daqui em diante, os coreanos não poderão emigrar para qualquer país, sem autorização ou aconselhamento do ministro oficial do Japão na Coréia, apesar da emigração coreana ter sido aprovada pelo governo da Coréia (Dae Han) em 4 de abril de 1905/.../"[58]

Nessa carta, foi apontada uma outra causa da proibição da emigração: em novembro de 1905, uma companhia de recrutamento de braços para o México, embora reconhecida pelo governo coreano, recrutou 900 Chunin, atraindo-os com promessas de altos salários e outros benefícios, o que não ocorreu. Na verdade, desde o início da emigração para o México, o governo coreano não a considerava desejável. Entretanto, quando manifestou sua intenção de manter a emigração para o Havaí, o governo japonês interviu, alegando "ser injusto dar permissão de emigração somente para alguns países."[59]

O início da emigração coreana para os Estados Unidos data de 1882, após a assinatura do Tratado de Paz e Amizade entre os dois países, e uma das claúsulas desse tratado dispunha: "Os coreanos que visitarem os Estados Unidos podem ali residir, alugar ou comprar terras e construir residências ou lojas. Podem se dedicar a qualquer profissão e comercializar produtos e matérias primas, desde que não sejam proibidas nos Estados Unidos."[60]

A maioria dos emigrantes coreanos de então nos Estados Unidos não conhecia os termos do referido Tratado, e grande parte deles desejava permanecer o país apenas temporariamente. Eles pretendiam voltar para a Coréia, quando tivessem ganho capital suficiente e quando as condições sócio-econômicas da pátria fossem melhores.

A maioria dos coreanos que se dirigiram para lá eram agricultores, soldados, religiosos, estudantes e adeptos do confucionismo. Do total de imigrantes, 93% eram adultos, 90% eram do sexo masculino e 35% alfabetizados em coreano.[61]

Os primeiros coreanos, ao se estabelecerem nos Estados Unidos, procuraram: 1) encontrar uma maneira de sobreviver com o trabalho físico; 2) oferecer educação para os filhos; 3) ajudar a recuperar a independência de seu país para que, um dia, pudessem voltar à sua pátria.

Suportaram problemas como racismo, porque visavam continuar recebendo o apoio norte-americano para a independência da Coréia.

O movimento emigratório coreano para os Estados Unidos não foi, a princípio, em grande escala. Não há dados numéricos exatos. Mesmo aqueles do U.S. Bureau of the Census não o são, principalmente porque até 1958, os coreanos eram computados como chineses ou japoneses. Entre 1945 e 1950, cerca de 100 coreanos dirigiram-se para lá.[62]

Bong Youn Choy dividiu a emigração coreana para os Estados Unidos em quatro períodos:

1) 1883-1900: Pré-período de imigração, em que além de delegações diplomáticas, procuraram o país os exilados políticos, estudantes e pequenos comerciantes;

2) 1902-1905: Período de emigração oficial, onde cerca de 7.000 coreanos foram para o Havaí trabalhar nos canaviais;

3) 1905-1940: Período de emigração semi-oficial, no qual centenas de exilados políticos, de noivas "por correspondência" (picture-brides) e mais ou menos oitocentos estudantes conseguiram passaportes do governo japonês para emigrar;

4) 1950 em diante: Período de emigração após a Guerra Civil, que aumentou sensivelmente o número de emigrantes.[63]

Durante e após a Guerra Civil da Coréia, 1950-1953, o caráter emigratório mudou: ampliou-se o leque de opções de países alvos de emigração; o volume de emigrantes aumentou consideravelmente em função da situação socio-econômica da Coréia, e o governo, pela primeira vez, emprestou seu apoio irrestrito ao movimento emigratório.

Com a promulgação da lei sobre emigração, de 20 de março de 1962, a República da Coréia mandou, para Alemanha Ocidental, enfermeiras e mineiros, por contrato de trabalho. Para América Latina, isto é, para o Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia, o governo coreano emitiu autorização para a emigração oficial em grupo e, depois, além de soldados para o Vietnã, também enviou trabalhadores contratados.

O número de enfermeiras e mineiros mandados para Alemanha, entre 1963 e 1974, foi

estimado em 17.000; para o Vietnã foi estimado em 25.000.[64]

Em 1989, segundo dados do HanKook Ilbo, existiam 1.162.487 coreanos nos Estados Unidos, o país que concentra o maior número deles. Em segundo lugar vem o Japão, com 683.253. Em terceiro, o Canadá, com 58.600.[65] O Brasil ocuparia o quarto lugar, com aproximadamente 50.000,[66] não fosse o fato de os referidos dados não incluírem os dois grandes receptores de coreanos, isto é, a China e a União Soviética.

Para a emigração coreana aos Estados Unidos, a Guerra Civil da Coréia foi importante, na medida em que o número dos emigrantes aumentou bastante: em 1950, 50 pessoas emigraram; em 1956, mais de 500; em 1958, mais de 1.000. Até 1964, somaram 15.049 pessoas. Entre eles, 6.423 eram mulheres, que moraram com soldados americanos durante a guerra, e 5.348, órfãos. Esses elementos, 78% do total de emigrantes anteriores a 1965, são chamados de "noivas de guerra e orfãos"[67]

Quando terminava o contrato de 3 anos das enfermeiras e dos mineiros que foram mandados à Alemanha Ocidental, a lei de imigração dos Estados Unidos foi emendada em 1965,[68] e muitos deles preferiram reemigrar para os Estados Unidos, após casar com as enfermeiras, em lugar de voltar para a Coréia. Na maioria dos casos, eram mineiros apenas na documentação. Na verdade, não tinham nenhuma experiência de trabalho, e sua instrução era de nível universitário. Seu objetivo era sair da Coréia. Enfrentaram o trabalho nos subterranos como mineiros durante muito tempo, e firmaram-se para enfrentar as dificuldades, em qualquer país, e em qualquer condições de vida. Aprenderam a cooperar entre si para sobreviver.

Os que não conseguiram reemigrar para Estados Unidos, dirigiram-se ao Brasil.

Dos que foram mandados ao Vietnã, parte retornou à pátria, mas outros, da mesma forma que os mineiros, reimigraram para os Estados Unidos após uma experiência como comerciantes na Ásia do sudeste. Também alguns vieram para o Brasil.

Ocorreu freqüentemente o que os autores coreanos denominam de "emigração triangular". Um bom exemplo disso é o dos coreanos que, da Alemanha, reemigraram para a América Latina.[69]

Com a promulgação da Lei de Emigração, o número de saídas foi crescendo a ponto de depois de 12 anos, 1975/76 ter chegado a superar à casa das 50.000 pessoas. Esse número,

em grande parte, pode ser explicado pela situação problemática da segurança da Península Coreana, frente aos Estados Unidos.

Ocorrências como a tentativa de invasão da "Blue-House", ou palácio presidencial, por 31 guerrilheiros norte-coreanos, em 21 de janeiro de 1968, e o seqüestro, em 23 de janeiro de 1968, do navio de informações norte-americano que patrulhava o Mar do Leste, ou "do Japão", provocaram uma cooperação maior entre os dois países. No início da década de setenta, houve um estremecimento nas relações entre ambos, em conseqüência da doutrina Nixon que, além de determinar a saída de uma divisão americana da Península, levou a visita do presidente americano à China, em fevereiro de 1972, agravando consideravelmente a insegurança da Península Coreana.[70] O povo coreano sentiu-se ameaçado com as mudanças e se mostrou mais propenso a emigrar.

Além dos problemas sócio-econômicos da Coréia, decorrentes não só da derrota dos EUA na guerra do Vietnã em 1975, mas também da crise mundial do petróleo, e, particularmente, em 1976, do incidente na fronteira entre as duas Coréias, que provocou a morte de dois soldados americanos, fato conhecido por 'assasinato de machado',[71] a população que antevia a possibilidade de uma nova guerra, ficou em profunda ansiedade. Amedrontados, e conhecendo de perto os efeitos de um conflito militar, procuraram, a todo custo, sair do país, não importando em que situação. Especialmente sensíveis a essa instabilidade ficaram os homens de negócios, os oficiais, os funcionários públicos de alto nível e os proprietários de terra independentes.

A emenda, em 1976, da Lei da Imigração dos EUA, facilitou a entrada de coreanos por parentesco, e a determinados profissionais, tais como médicos, engenheiros etc..

Como demonstra o Quadro 1, foi em 1976 que o número daqueles imigrantes entrados nos EUA, superou à cifra de 30.000 pessoas.[72]

Quadro 1 – O Número de Imigrantes Coreanos nos Estados Unidos [73]

Ano	Número	Ano	Número	Ano	Número	Ano	Número	Ano	Número
1965	2.139	1970	9.314	1975	29.362	1980	32.320	1985	33.000
1966	2.492	1971	14.297	1976	37.690	1981	32.663		
1967	3.956	1972	18.876	1977	30.917	1982	31.724		
1968	3.811	1973	22.930	1978	29.288	1983	33.339	Total	463.481
1969	6.045	1974	28.028	1979	29.248	1984	33.042		

Em grande parte, a saída dos coreanos foi auxiliada pela influência da cultura de massa americana, que lhes fora transmitida pelas tropas americanas. Embora os coreanos valorizassem sua própria cultura, eles não puderam deixar de ser influênciados pelo modo de vida americana, baseado na abundância e no consumismo, que influenciara os coreanos a ponto de provocar em seu imaginário uma visão do paraíso.

A classe urbana elitista, em particular, adotou o estilo de vida norte-americano. Para a população urbana, o uso de produtos americanos, como sapatos, chapéus, luvas, óculos de sol e relógios, na maioria entrados ilegalmente no país, passou a significar status.

O sistema de rádio comunicação coreano funcionava poucas horas por dia, em relação ao funcionamento diuturno da AFKN (American Forces Korea Network), que atraía maior audiência. A camada letrada da população, que dominava o inglês, ou pretendia aprender, a preferia. Por outro lado, o domínio maior da língua inglesa vinha se tornando um importante instrumento de ascensão social para os homens de negócios, executivos, funcionários e oficiais militares.[74]

Entretanto, como explicação do exôdo dos coreanos para os Estados Unidos, inclusive para América Latina, o impacto cultural dos Estados Unidos é menos importante do que a problemática situação sócio-econômica e político-militar da península coreana.

Os intelecturais coreanos, como os historiadores, escritores e jornalistas, preferiram usar o termo Imin, 移民 - emigrantes, quando se referem à emigração coreana da classe média, para diferenciá-la da palavra, Yumin, 流民 - convocados, ou, Gimin, 棄民 -

abandonados, que foram usadas para identificar as dificuldades e sofrimentos da diáspora dos coreanos, desde que a dinastia Yi perdeu sua soberania para o Império Japonês.

Em 1976, aqueles que tinham condições de emigrar, apressaram-se em fazê-lo para os EUA. Surgiu na Coréia a expressão: Dopi Imin, 逃避移民 - fugitivo emigrante, que carrega a conotação de imoralidade e irresponsabilidade. Em sentido mais amplo, o termo reflete a raiva profunda de muitos sul-coreanos contra as pessoas que tiveram tal 'possibilidade de sair do país'. O governo coreano, visando diminuir a saída de emigrantes, colocou uma emenda em sua lei de Emigração em 1975, a partir da qual, as pessoas que possuíssem bens acima de 100.000 dólares, fossem ex-generais, deputados, juízes, presidentes de empresa estatal ou funcionários públicos de alto nível, não poderiam mais emigrar.[75]

Não eram todos os coreanos que reuniam as condições necessárias para poderem emigrar aos EUA, como sonhavam. Os negociantes e os pequenos proprietários independentes tiveram que tomar diferentes rumos, e muitos escolheram, por exemplo, o Paraguai. Entre 1975 e 1977, 10.329 pessoas fizeram tal opção.[76] Esse número pode, em parte, ser explicado pelo fato de ter o Brasil e a Argentina também, limitado a entrada de coreanos em seu território.

Fazendo uso de uma estratégia, os coreanos emigraram para o Paraguai ou Bolívia, com o intuito de se transferirem, clandestinamente, para o Brasil ou Argentina, por considerá-los como degraus para galgar o alvo principal, os Estados Unidos.[77]

O fato foi comentado pelo jornal Dong A. Segundo aquele diário: "Antes da proibição referida, sobretudo nos anos de 1973 e 76, houve grande procura de passaportes por parte de coreanos interessados em emigrar para o Paraguai. Na verdade, entretanto, tais elementos tinham em mente radicar-se no Brasil. Outra prova do interesse maior por esse país é o fato de no Instituto de Língua Estrangeira na América Latina, existente no centro de Seul, ser ensinada apenas a língua portuguesa e não a espanhola."[78]

Ainda segundo a notícia, oficialmente os coreanos no Brasil eram cerca de "8.500; na realidade esse número atingiria à casa dos 20.000" se fossem considerados os clandestinos.

Aquele diário reafirmava o papel negativo dos "*brokers*", intermediários de emigração, que, na ânsia de atrair emigrantes, chegavam a prometer lucros da ordem de 200 a 300 mil dólares, em apenas dois ou três meses. Era sabido ser humanamente impossível conseguir

tal resultado em tão curto espaço de tempo.

Os Estados Unidos continuam a ser, até hoje, o principal alvo dos emigrantes coreanos, pois consideram-no como a imagem do paraíso. Muitos deles, repetimos, buscam o Paraguai e o Brasil apenas como pontes de passagem para aquele país. Os estudantes coreanos almejam fazer seus cursos nos Estados Unidos. Não são poucos os emigrantes que, estabelecidos no Brasil, sonham em reemigrar para os Estados Unidos, mesmo que lá tenham de permanecer na condição de clandestinos e vejam-se forçados a falsificar documentos.

1.2.2. EMIGRAÇÃO COREANA PARA O BRASIL

A emigração coreana para o Brasil, como veremos, foi preparada por civis, membros da Associação Cultural entre o Brasil e a Coréia, na condição de 'contrato de emigração'. O governo militar coreano aprovou e apoiou o projeto, promulgando a Lei de Emigração de 15 de março de 1962. Assim, pela primeira vez na história da República da Coréia do Sul, embarcou a primeira leva de emigrantes oficiais para o Brasil em 18 de dezembro de 1962.[79] Chegaram ao porto de Santos, 103 coreanos, no dia 12 de fevereiro de 1963, dando início a um processo migratório que continua até hoje, clandestinamente ou não. Para compreender o início e o desenrolar do processo, faz-se necessário relatar e analisar os que o precederam.

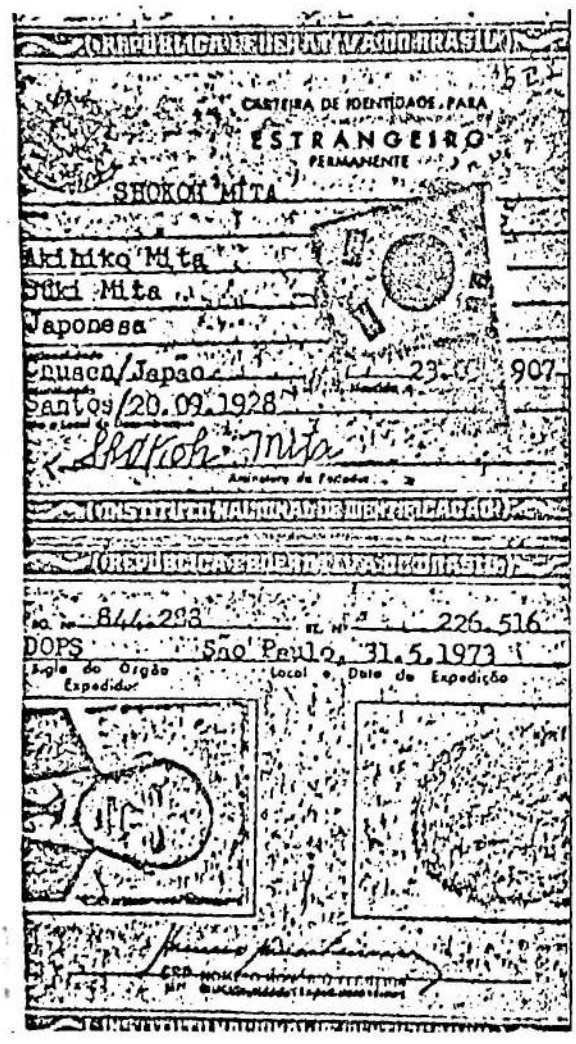
Antes da chegada da primeira leva, já residiam alguns coreanos no Brasil. Eram eles coreanos que, durante o período em que a Coréia fora colônia do Japão, se naturalizaram japoneses, com o intuito de emigrar para o Brasil; os ex-prisioneiros da Guerra Civil, que chegaram em 1956; Inn Kyu Chung, que visitara o Brasil, em 1961; e a primeira delegação cultural, de 1962, considerada de caráter semi-oficial.

1.2.2.1. OS COREANOS NATURALIZADOS JAPONESES

No Brasil consta que os primeiros coreanos chegaram em 1918, portanto dez anos após a chegada da primeira leva de imigrantes japoneses: eram 4 famílias, naturalizadas japonesas, que vieram em meio às demais.[80]

FOTO - 1

국적은 일본이지만 몸과 정신은 한국사
평생을 보낸 이민살이 - 품속엔 항상 태극기 품





Vô Mida

a) Documento de Mita [Vô Mida]
Documento de Shokoh Mita, indicando local de nascimento Chusen (sic) - Coréia, e chegada ao Brasil em 1928.

b) Família de Vô Mida

c) Vô Mida em 1989.



C)

Além desses, supõe-se que outros coreanos tenham vindo ao Brasil nas mesmas condições, provavelmente como cônjuges de imigrantes japoneses.

Na época, os coreanos eram obrigados a adotar um nome japonês, o que vigorou durante todo o tempo em que a Coréia foi colônia do Japão. Tal prática era conveniente para disfarçar a origem étnica, em virtude dos preconceitos da sociedade japonesa para com os coreanos. Essa prática, entretanto, não foi generalizada, porque a sociedade japonesa, apesar de sua modernidade tecnológica, mantinha e mantem ainda preconceitos étnicos e sociais bem fortes, e só aos japoneses era e é reservado o direito de ser funcionário público, como, por exemplo, professor entre outros.[81]

1.2.2.2. OS EX-PRISIONEIROS DA GUERRA CIVIL

Durante a Guerra Civil da Coréia, 1950-1953, soldados norte-coreanos foram capturados pelas tropas da ONU e enviados para a ilha de Kojedo, ao sul da Península Coreana.

Os 170.000 prisioneiros não arrefeceram seus ânimos, apesar de confinados. Divididos em pró-comunistas e anti-comunistas, muitos desentendimentos verificaram-se entre eles, chegando mesmo a ocorrer assassinatos em massa. A situação chegou a tal ponto que houve necessidade de separá-los.

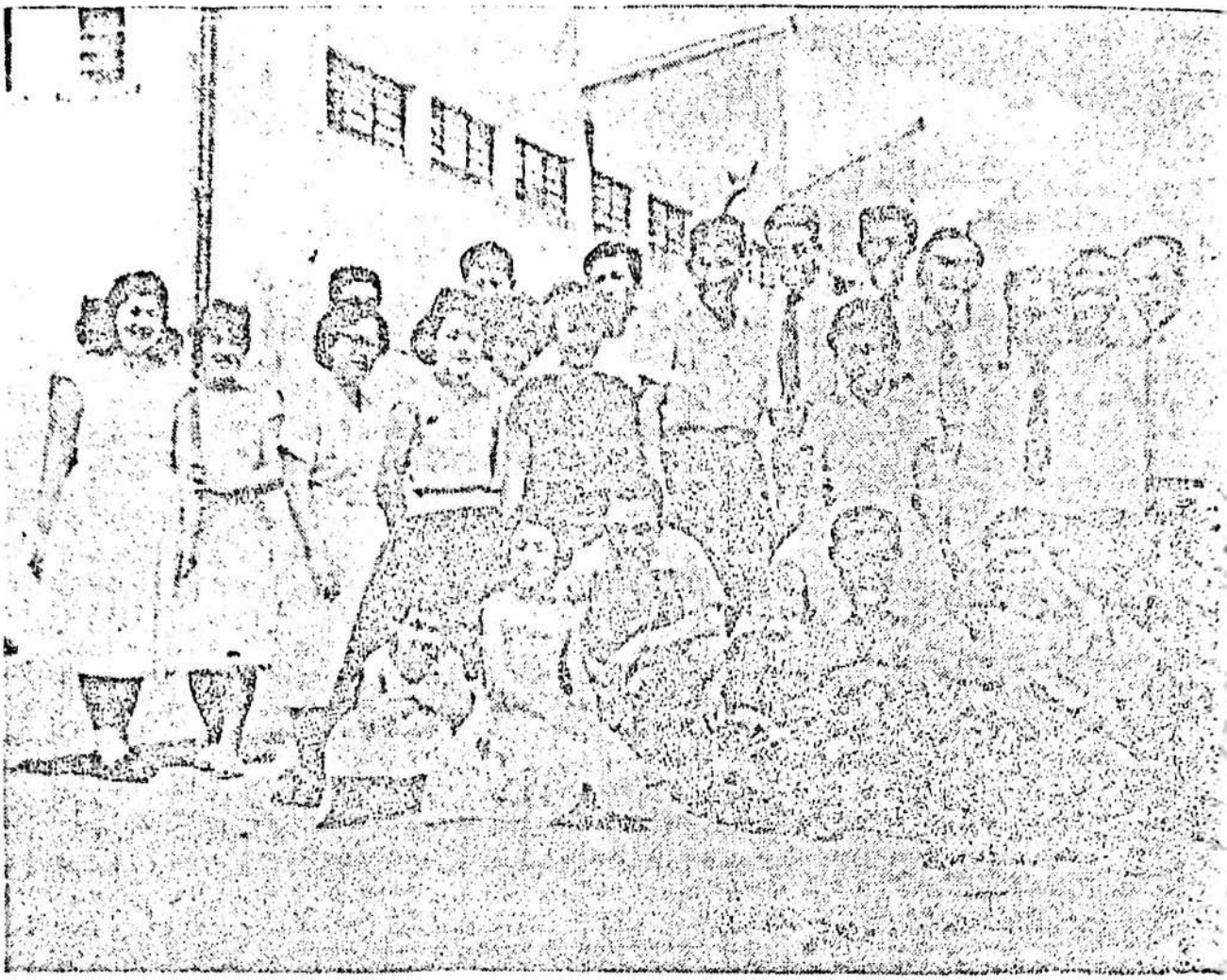
A 18 de junho de 1953, o presidente sul-coreano Seung Mann Rhee determinou a libertação de 20.000 prisioneiros anti-comunistas. A maioria optou por ficar na Coréia do Sul, e apenas alguns voltaram à Coréia do Norte.

O problema maior foi com aqueles que não quiseram voltar para sua terra de origem e tampouco permanecer na Coréia do Sul.

A 27 de julho daquele ano foi assinado um armistício. O artigo 3° , item 51-b determinava que: "Os prisioneiros que não voltarem para a Coréia do Norte deverão ser libertados (...) e entregues à Comissão dos Países Neutros, à qual caberá fazer cumprir os direitos (...)"[82]

Os países neutros eram: Polônia, Tchecoslováquia, Suécia, Suiça e Índia. Esta última, em 1954, com o auxílio da Cruz Vermelha local, aceitou acolher, por dois anos, 88 desses prisioneiros. Entre eles havia vários chineses.

FOTO - 2



Ex-prisioneiros
Com família de Vô Mida em residência dele em 1957.
Chang Un Kim (com braço erguido) casou se com uma das filhas de Vô Mida.

Findos esses anos, era necessário escolher um destino definitivo para eles. Os EUA, preferido por eles, não os aceitou, pois estava em "Guerra Fria" com a URSS. O assunto chegou à ONU, porém sem maiores resultados. Nem mesmo o México, que no início do século havia recebido 1.033 coreanos, se mostrou receptivo.[83]

Por sorte, o Brasil e a Argentina ofereceram-se para acolher os ex-prisioneiros: 50 coreanos e 5 chineses escolheram o Brasil, 8 optaram pela Argentina, o restante permaneceu na India, por terem contraído matrimônio com nativas.[84]

Os que escolheram o Brasil desembarcaram no aeroporto do Rio de Janeiro, em 6 de janeiro de 1956, tendo sido recepcionados por muitos repórteres, curiosos e alguns conterrâneos. Ao chegarem, cantaram o Hino Nacional Brasileiro, aprendido na India com o auxílio de elementos da embaixada brasileira local. Com tal atitude, pretenderam, segundo depoimento de Seo Kook Kim: "1) agradar ao Brasil por tê-los acolhido; 2) demonstrar a esperança e a vontade sincera de se estabelecerem definitivamente na nova terra; 3) encobrir uma séria realidade: nos passaportes provisórios da India não constava a nacionalidade dos prisioneiros."[85]

Entre os conterrâneos que foram recebê-los, vale citar: Seung Ho Chang, Soo Jo Kim e Chung Chang Lee, que viviam no Brasil há algum tempo. Destes, Chung Chang Lee era o único que ainda falava, embora precariamente, o coreano. A língua empregada por todos, no contato efetuado com os recém-chegados, foi o japonês.[86]

Tanto que Seung Ho Chang, procurando dialogar com os recém-chegados, assim se expressou: "Embora sendo coreano, eu falo em japonês. Isso é uma coisa muito triste e vergonhosa para mim. Eu gostaria que vocês entendessem minha situação. Nós esperamos vocês há três meses, desde quando soubemos que viriam. Quando vocês desembarcaram, ao contrário do que imaginávamos, constatamos que vocês são homens corajosos e bonitos.

Nós perguntamos ao oficial brasileiro para confirmar se vocês eram coreanos. Isto porque vocês responderam às perguntas dos jornalistas em inglês. Vocês quase nos enganaram. Pensamos que fossem da segunda geração de orientais que residiam nos EUA. Depois da confirmação, nós começamos a falar com vocês."[87]

Uma vez desembarcado, o grupo foi encaminhado para a Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, onde funcionava uma hospedaria encarregada de receber imigrantes das mais

diversas procedências. Ali permaneceu até a regularização definitiva de sua permanência no país. Esse estágio tinha, também, a função de amenizar o choque causado pela terra estranha aos recém-chegados.

Alguns deles, como Soon Sung Hwang, consideraram, desde logo, que o Brasil tinha "muita alegria de viver. As pessoas são sorridentes e há farta troca de calor humano".

Comparava o Brasil com a Índia, que considerava um país triste, onde as mulheres jamais sorriam. Lamentou que a emigração coreana não tivesse tido início mais cedo, como ocorrera com os japoneses e os chineses. Segundo Hwang, isso se deu "porque os coreanos eram muito conservadores e dedicados à terra natal".[88]

Para outros, as coisas não foram tão tranqüilas. O choque foi inevitável. Por exemplo, Suk Keun Kang, hoje pastor,[89] declarou-nos, entre outras coisas, que ficou realmente surpreso com a realidade brasileira. Católico convicto, veio entusiasmado, pois sabia que no Brasil era aquela a religião oficial. Assim sendo, imaginou que seria um país bem diferente daquele que encontrou. Ficou muito despontado, "vendo cenas muito indecentes", segundo palavras suas. Sua reação pode ser explicada na medida em que a data de sua chegada coincidiu com o carnaval carioca...

Como sempre ocorre, as opiniões e as reações foram as mais variadas entre os emigrantes aqui chegados.

Organizados numa sociedade denominado, Koryojin, 高麗人 – coreanos, muitos dos componentes desse grupo mais tarde influíram decisivamente não só na emigração em massa de coreanos para o Brasil, como veremos mas também contribuíram em sua adaptação à nova terra.[90]

O problema mais sério para eles foi superar a situação peculiar vivida pelo Brasil em 1964.

Suk Keun Kang conta como enfrentou a situação: "Com a Revolução Militar no Brasil, minha família estava já preparada para reemigrar para os EUA. Pensei que o Brasil tornar-se-ia um país comunista/.../. Naquele momento, de novo, eu senti o perigo: viver ou morrer, sendo fugitivos da guerra da Coréia e odiando o comunismo."[91]

Os ex-prisioneiros recordam-se de algumas pessoas, que os receberam no Brasil, com muito respeito e carinho. Um deles é Vô Mida: se há alguém que mereça o título de

"enviado de Deus", como era chamado pelos ex-prisioneiros de guerra, esse alguém é Heung Ho Chang, mais conhecido como "Vô Mida" ou "Mida *Rarabxdjf*"[92], quer por coreanos, japoneses, ou mesmo, pelos brasileiros.

Vale a pena contar um pouco da vida dele: nascido na Coréia, em 1907, muito pobre, foi ao Japão em 1923, à procura de uma vida melhor, e não a encontrou, pois, como coreano foi muito discriminado. A solução que encontrou foi se dirigir ao Brasil como missionário, aceitando o convite de um pastor japonês. Naturalizou-se japonês, adotando o nome de Shokoh Mita.[93]

O que lhe chamou a atenção, ao chegar ao Brasil, em 1925, foi a abundância de alimentos. Era possível, dizia, plantar mamão, banana, laranja etc., e comer tais frutas em qualquer época do ano. Havia soja e mandioca para alimentação, tanta "que não se podia sequer comer um mingau de arroz!"[94]

O encontro com os ex-prisioneiros de guerra no aeroporto do Rio, em 1956, foi, segundo ele, um dos momentos mais emocionantes de sua vida.

Uma das filhas de Vô Mida recorda que seu pai os recebia em casa com freqüência e oferecia-lhes refeição, e que, só depois de esta terminada, é que seus próprios filhos eram servidos.

O pastor Suk Keun Kang, por seu lado, recorda-se que nas visitas que fazia a Vô Mida, sempre encontrava mais de 10 ex-prisioneiros em sua casa. Seo Kook Kim acrescenta que, naquela época, Vô Mida possuía rendas modestas, mas o fato de trabalhar no CEASA lhe facilitava a obtenção de alimento, pelo qual pagava pouco ou nada. Isto não diminui, entretanto, a sua atitude, pois, não era obrigado a cuidar deles e nem tam pouco dispensar-lhes tanta atenção. Se o fazia, era por iniciativa própria.

Além de alimentá-los, ele se preocupava, também, em empregá-los nas fábricas de automóveis, ou na companhia de eletricidade. Enfim, cuidava dos recém-chegados até que pudessem se auto-sustentar.[95]

Isto tudo explica ser a pessoa de Vô Mida admirada ainda hoje, não só pelos coreanos veteranos, mas, também, pelos japoneses idosos. Atualmente, quando o encontram, cumprimentam-no com o maior respeito.

"Vô Mida é um enviado de Deus ao mundo, particularmente aos coreanos do Brasil"[96],

dizem os ex-prisioneiros da Guerra Civil, que tanto receberam sua ajuda.

Soo Jo Kim, também, é muito conhecido, tanto pela colônia coreana quanto pela japonesa, embora não tenha o carisma de Vô Mida.

Antes da chegada dos prisioneiros de guerra, ele era mais conhecido como Aoki Isabu, tendo, inclusive, chegado à vice-presidência da Associação Brasileira dos Japoneses.

Quando, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, a comunidade japonesa se dividiu, Soo Jo Kim fazia parte do grupo "Shindó-Remmei", denominado "vitoristas", isto é, uma sociedade secreta japonesa que nasceu em São Paulo no fim da Segunda Guerra Mundial, assegurando que o Japão havia vencido o conflito, não admitindo a derrota dele.[97] Com a capitulação, Soo Jo Kim, desapontado, quis trocar oficialmente o nome Japonês, Aoki Isabu, para coreano. E conseguiu.

A partir de então, passou a exercer um papel fundamental no sentido de conseguir o início oficial da emigração coreana para o Brasil.

O empenho de Soo Jo Kim foi de tal ordem que praticamente viu-se obrigado a fechar a loja de móveis usados que possuía na rua da Consolação 1304.[98] Viu seu sonho realizado em 1963, com a chegada da primeira leva oficial.

1.2.2.3. O INÍCIO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS BRASIL-CORÉIA

Antes mesmo de conseguir sua independência, a Coréia do Sul tentou encetar relações diplomáticas com diversos países para obter apoio na ONU. Data de julho de 1947 a visita do diretor da YMCA, Dong Hwan Hyun, para verificar a possibilidade de um movimento migratório Coréia-Brasil. Dois anos depois, Dong Sung Kim, vice-presidente do Congresso, e Chong Won Han, professor de espanhol da Universidade HanKook de Estudos Estrangeiros, vieram agradecer o reconhecimento, em 9 de janeiro de 1949, pelo governo bsasileiro, da República da Coréia do Sul. Dong Sung Kim veio também verificar a real situação dos imigrantes no Brasil.[99]

A relação diplomática oficial entre o Brasil e a República da Coréia do Sul começou em 1959.[100] Havia na Coréia a intenção de algumas pessoas promoverem a emigração. Entretanto, a posição oficial do governo de Seung Mann Rhee era contrária à saída de

coreanos do país, tanto pelas dificuldades econômicas do governo, que não poderia auxiliar e acompanhar os emigrantes, como pelo fato, de estar a Coréia independente – o que tornava desnecessária, a seu ver, a saída de seus cidadãos.

Com a Revolução Civil de 1960 e a conseqüente queda de Seung Mann Rhee, em 31 de março do mesmo ano, o novo governo coreano nomeou Yu Chan Yang embaixador tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil.[101] Começaram novamente na Coréia a surgir diversas companhias e entidades destinadas a recrutar emigrantes graças à nova política de relações exteriores adotada pelo país. Muitas companhias, não sendo registradas, causaram problemas; a ponto do governo estudar a fusão de várias delas, o que ocorreu a 14 de Janeiro de 1961, quando foi criada a Associação de Emigração Coreana.[102]

Naquele mesmo ano, o governo enviou o professor de espanhol da Universidade HanKook de Estudos Estrangeiros, I Bae Kim, para cuidar da instalação da embaixada no Brasil[103] e dos projetos de emigração. Ao lado do embaixador coreano nos EUA, Il Kwon Chung, participou da cerimônia de posse do então presidente Jânio Quadros, em 31 de janeiro de 1961.[104]

O referido presidente mostrou-se receptivo à idéia da imigração coreana, sobretudo com relação à vinda de técnicos. Entretanto, não se dispôs a subsidiá-los. O governo de Jânio Quadros afirmou que estava disposto a ceder gratuitamente terras no norte do país, isto é, acima do rio Amazonas, sem subsídios para a vinda de agricultores. Segundo seus cálculos, as despesas chegariam a 5.000 dólares por família.[105]

No dia 11 de julho de 1962, foi instalada a Embaixada da Coréia no Rio de Janeiro. Como a Embaixada Brasileira na Coréia só foi instalada em maio de 1965,[106] toda a parte burocrática quanto à emigração coreana ao Brasil durante esse período foi tratada pela Embaixada Brasileira no Japão. Além do comentário do Presidente, o embaixador no Japão, Decio Honorato de Moura, declarou ao jornal Seul Shinmun que o Brasil, embora recebesse técnicos e agricultores, em se tratando de coreanos, preferiria receber agricultores.[107] Isto por que o Brasil, em decorrência da crise cafeeira, estava preocupado com o problema da colonização.

A quantia em dólares, citada pelo presidente brasileiro e divulgada pela imprensa,

民國日報(9.3)

FOTO - 3

무르익는 移民의 꿈

=버려진 熱帶의 沃土=

일만하면 成功

그곳 僑胞는 中流살림

아마존 江流域에

「콰드로스」前大統領이 決裁

「브라질」大統領歡迎

A)

B)

Os pioneiros da imigração coreana

a) O Presidente Jânio Quadros com Coronel Inn Kyu Chung, Soo Jo Kim, Tenente Coronel Jong Ok Lee.

b) Recepção de Soo Jo Kim aos coreanos, Coronel Inn Kyu Chung no aeroporto de Congonhas.

assustou a muitos coreanos que desejavam emigrar para o Brasil. Entretanto, segundo um jornal de Seul, o montante necessário não era aquele e sim 1.000 dólares por família. E mais, se o governo coreano se dispusesse a subsidiar a vinda dos emigrantes, a viagem poderia chegar a ser de graça.[108]

Um ex-prisioneiro de guerra, radicado no Brasil, Young Bok Joo,[109] por seu turno, considerou a Amazônia uma terra insalubre para as características físicas dos coreanos.[110]

Apesar dessas controvérsias todas, o interesse dos coreanos em emigrar era muito grande face à situação de seu país. Estavam dispostos a enfrentar tudo, tanto que muitos adquiriram terras por conta própria, antes mesmo de ter autorização para emigrar.

O interesse dos coreanos pelo Brasil fez com que o coronel Inn Kyu Chung viesse ao Brasil. Este fato é o detonador do processo emigratório oficial Coréia-Brasil. Ele e outro militar, Jong Wook Lee, chegaram ao Rio de Janeiro em 1961, para participar de um torneio de tiro ao alvo.[111] Fundador da Sociedade Cultural Coréia-Brasil, criada logo após a Revolução Militar de 1961,[112] estava também empenhado em examinar a viabilidade da emigração de seus conterrâneos. Naquela época, os militares, um dos grupos dominantes no país, tinham visão mais ampla do mundo exterior. Alguns deles que não participaram da Revolução Militar, e conseqüentemente discordaram do novo regime implantado, eram favoráveis à emigração.

Inn Kyu Chung em contato com Soo Jo Kim, estabelecido no país há 35 anos, acreditou mais ainda na possibilidade da emigração, sobretudo a partir do sucesso de muitos japoneses, espalhados pelos mais diversos setores da economia brasileira.[113]

Ele, em visita a Jânio Quadros em 8 de agosto de 1961, teria recebido do governo brasileiro não só permissão para trazer 500 famílias, como, também, a concessão de terras junto ao rio de São Francisco, no estado da Bahia, e também no Mato Grosso.[114]

E mais, estando disposto a incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países, inclusive com estudantes,[115] contactou com os ministérios da Cultura e do Exterior.

A propósito, Soo Jo Kim, emocionado, expressou seu sentimento com as seguintes palavras: "Pela primeira vez, em 40 anos no Brasil, senti um orgulho inigualável, como um grão de semente de centeio prestes a germinar..."[116]

Apesar da inesperada renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, o projeto de emigração prosseguiu, devido ao grande interesse das partes envolvidas, candidatos, governo e intermediários.

Inn Kyu Chung, de volta à Coréia, passou a discorrer sobre seus planos e suas impressões do Brasil. Segundo ele, era o local ideal, predominava o verde o ano todo, havia uma imensidão de terras a serem exploradas, e, diferentemente dos Estados Unidos, não apresentava nenhuma restrição à imigração oriental.[117]

A imprensa coreana, sem dúvida, exerceu um papel importante na ocasião, divulgando, tanto o projeto de emigração, quanto dados sobre o Brasil, por exemplo, ao publicar uma série de artigos "O amadurecimento do projeto de emigração ao Brasil" e "Dez anos de trabalho fazem de você um pequeno fazendeiro", divulgados por Jong Wook Lee, militar que acompanhara Inn Kyu Chung em sua vinda ao Brasil, nos jornais MinKook Ilbo (3/09/1961), Dong-A Ilbo (7/09/1961), Kyung Hyang Shinmun (10/09/1961) e Choson Ilbo (13.14 e 15/09/1961).

Nestes artigos, Jong Wook Lee, ao enumerar as diversas características econômicas do Brasil, analisou as potencialidades agrícolas do país, o preço da terra, os gastos com o estabelecimento de infra-estrutura etc. Percebe-se, também, as preocupações dos interessados na emigração. Um dos pontos interessantes a ressaltar é sobre a impossibilidade de transformação do Brasil de um país democrata em um país comunista.[118]

O conteúdo dos artigos, embora exagerado, entre tanto não foi tão irreal, como no caso dos sonhos acalentados pelos europeus que para cá vieram no séc. XVI.

Esse tipo de propaganda da emigração para o Brasil ocupou, no imaginário dos coreanos, o lugar da natureza paradisíaca que tantos aproximaram do Paraíso Terrestre, isto é, o mito tradicional da América Latina desde o descobrimento no século XVI: associar a fertilidade, a vegetação luxuriante, a amenidade do clima às descrições tradicionais do Paraíso Terrestre tornava mais próxima e familiar para os europeus a terra tão distante e desconhecida. Comparando os europeus do século XVI com os coreanos, a diferença foi que estes receberam mais informações exatas e praticas para se adaptarem na nova terra. Entretanto, os coreanos também acreditavam que as terras do Brasil eram constituídas de elementos fantásticos e monstruosos, como as amazonas e as cobras.

O projeto de emigração chegou a ser discutido em um dos órgão máximos da Coréia: a "Comissão Superior de Reconstrução do País", substituta do Congresso durante o regime militar, onde foi analisado detalhadamente. Em razão de não haver ainda legislação específica sobre emigração, não se sabia a que ministério caberia o assunto. Assim sendo, foi ele examinado, sucessivamente, pelos ministérios do Exterior, da Agricultura, da Indústria e do Comércio, e finalmente, caiu nas mãos do Departamento de Mulheres e Crianças, vinculado ao Ministério da Saúde.[119]

Depois de muita discussão, o governo militar acabou aprovando o projeto, mesmo sem ter muitos conhecimentos sobre o Brasil. A preocupação maior era não ter verbas suficientes para desenvolvê-lo.[120]

Apesar dos problemas paralelos, a simples aprovação bastou para que Inn Kyu Chung, confiante, voltasse ao Brasil, em outubro de 1961, após ter se filiado a Sociedade Cultural Coréia-Brasil à Associação de Emigração Coreana. Ele indicou para presidente da mesma Soo Jo Kim, que há tempos vinha colaborando com a iniciativa, e o mesmo foi nomeado pelo governo militar cônsul-geral, por mérito, para dar continuidade ao projeto de emigração.[121]

Antes mesmo de sua nomeação, em 1961, Soo Jo Kim enviou carta à Coréia, informando ter assinado um contrato para a aquisição de 150 alqueires de terras, próximo à cidade de Curitiba, a fim de abrigar as 150 famílias esperadas.[122] No texto, dizia que continuava a procurar outras fazendas na proximidade da nova capital, Brasília, e de São Paulo.[123]

Em contrapartida, no mesmo ano, o embaixador brasileiro, Darcy Honorato de Moura, em visita à Coréia, onde foi recebido calorosamente no aeroporto Kimpo em Seul por cerca de 200 pessoas, declarou aos jornais que os coreanos seriam bem-vindos "para construir uma pequena Coréia no Brasil". Desmentiu, entretanto, que seria permitida a entrada de 500 famílias, afirmando que, na realidade, só seriam admitidas 250.[124]

A visita do embaixador deu um novo impulso ao projeto de emigração. A primeira tentativa, de caráter semi-oficial, se concretizaria com a vinda da Primeira Delegação Cultural.

1.2.2.4. A PRIMEIRA DELEGAÇÃO CULTURAL

Em 25 de dezembro de 1961, 14 membros da Sociedade Cultural Coréia-Brasil partiram, via Estados Unidos, para obter vistos para entrar em território brasileiro.

O objetivo da delegação, segundo foi divulgado, era tanto acertar alguns detalhes importantes da emigração, como adquirir terras e construir moradias para os primeiros imigrantes oficiais, que deveriam chegar até março de 1963. [125]

Da delegação, sob a chefia de Inn Kyu Chung, faziam parte pessoas de diversas profissões, tais como: ex-militares, presbíteros, fabricantes de whisky, pianista etc. Evidentemente, havia diversidade de interesse entre esses componentes, o que terminou por acarretar problemas de convivência.

Embora não houvesse entre eles unanimidade de interesses, um ponto tinham em comum: queriam estabelecer-se definitivamente no Brasil.

Alguns deles também alimentavam o sonho de realizar individualmente a emigração, como Inn Kyu Chung e Soo Jo Kim. Imaginavam que seria tudo muito fácil. Desconheciam os trâmites burocráticos e as outras dificuldades inerentes a tal atividade.[126]

Chegando ao Brasil, em 5 de janeiro de 1962, dividiram-se em grupos:[127] seis deles procuraram se inteirar sobre a situação agrícola do país e outros se empenharam em recolher dados sobre a imigração no Brasil e os demais se propuseram a realizar visitas às autoridades brasileiras, em verdadeira ação diplomática.[128] O grupo interessado na situação agrária comprou uma propriedade rural, denominada Fazenda *Dona Catarina*, no estado de São Paulo, que se revelou de exploração difícil.

Preocuparam-se, também, em verificar a região em que ficavam as terras cedidas por Jânio, e constataram as prováveis dificuldades de adaptação dos coreanos em razão da localização das mesmas.[129]

Naquela ocasião, Inn Kyu Chung, em nome de Soo Jo Kim, conseguiu licença para introduzir 116 famílias na região de Capão Bonito, em São Paulo.[130]

Conseguida a licença, Chung retornou à Coréia, apressou o processo de emigração e procedeu à seleção definitiva dos candidatos.

Na verdade, foram escolhidas 30 famílias, que viriam em carater experimental, devendo

A)

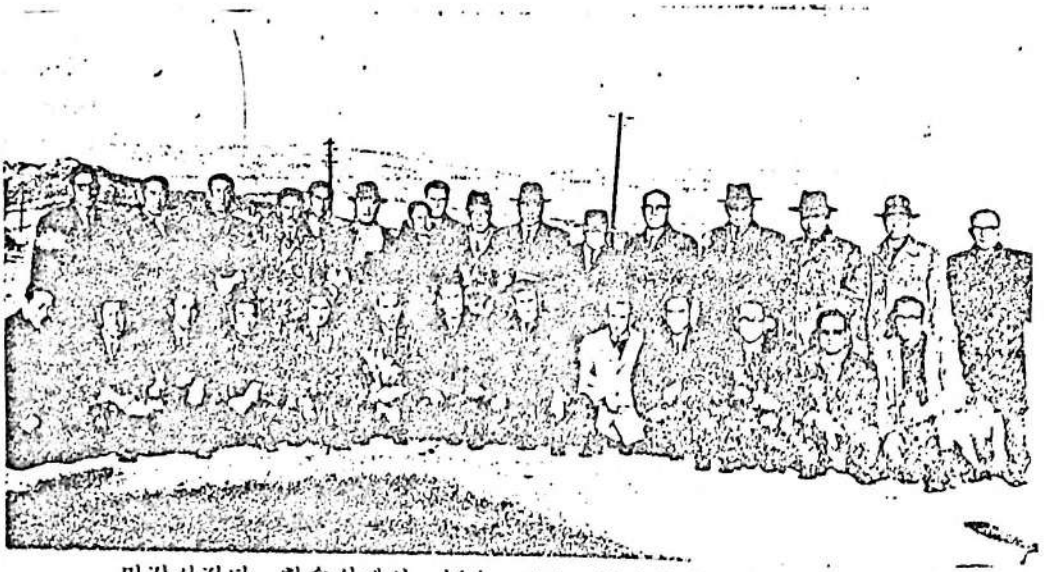


文化使節團 12名 出發

現地서 歡迎準備本格化

倫敦會議으로 "先遣隊" 구실

B)



민간사절단 환송식에서 14人 한백 문화협회 회원들과 함께

chegar ao Brasil até março de 1963. Caso contrário, não teriam mais direito a emigrar.[131]

Nesse interim, Soo Jo Kim solicitou ao governo brasileiro a transferência das terras de Capão Bonito para Miracatu, alegando o fato de ser a primeira uma região úmida e, além disso, distante da cidade de São Paulo.[132]

Esta mudança, como veremos no capítulo seguinte, criou problemas quando da chegada dos primeiros coreanos ao porto de Santos.

Enquanto isso, Chung, na Coréia, tentava convencer o Ministério da Saúde a permitir a emigração. Finalmente, a 20 de fevereiro de 1962, a Comissão de Reconstrução do país aprovou o projeto de emigração elaborado pelo Ministério da Saúde da Coréia. Visava-se com ele:

1°) o controle da alta densidade demográfica;

2°) a resolução do problema do desemprego;

3°) a aquisição de moeda estrangeira;

4°) a promoção da cooperação com países não comunistas.[133]

A partir de então, a legislação coreana passou a limitar o direito de recrutar emigrantes e, por isso, a Sociedade Cultural Coréia-Brasil foi transformada em Companhia de Promoção da Cooperação entre Coréia e Brasil.

Escolhido o ano de 1962 como "o ano da emigração", o governo coreano mostrou-se propenso a permitir a saída de até 100.000 pessoas em cinco anos.[134]

Para concretizar essa política, enviou, em 15 de março de 1962, uma comissão de negociação, em caráter oficial, para contactar com o governo brasileiro. Composta por quatro membros, era liderada pelo vice-ministro da Saúde, Kuk Jin Han.[135]

Após um mês de permanência no Brasil, Kuk Jin Han preveniu ao seu governo: "O Brasil não é a utopia que nós imaginávamos. Ainda existem muitos obstáculos a superar." E acrescentava: "o governo brasileiro apontou 32 lugares para os emigrantes coreanos ocuparem e se desenvolverem, mas essas terras necessitam de muita mão-de-obra e são extremamente acidentadas. Além disso, o clima não é apropriado para os coreanos. As terras férteis já estão ocupadas pelos japoneses. Por tudo isso, a emigração coreana para o Brasil deve ser mais difícil do que para a Manchúria", concluía ele.[136]

Apesar desse alerta ter sido divulgado, os candidatos à emigração não desistiram. A

vontade de abandonar o país era muito grande. Queriam fugir, antes de tudo, de uma sempre possível invasão da Coréia do Sul por parte da Coréia do Norte. Embora a maioria fosse de classe média, portanto diferente dos que no começo do século emigraram para o Havaí e México, isto é, agricultores famintos fugindo da precária situação do fim da dinastia Yi, queriam se libertar da situação vigente na Coréia do Sul, tanto do ponto de vista econômico, quanto político.

Existia um outro fator a considerar: após a libertação de 1945, muitos dos que retornaram a Coréia tiveram problemas de readaptação.

O mesmo ocorreu quando do êxodo Norte-Sul na Penninsula em 1951, durante a Guerra da Coréia.[137] Tais pessoas, mais do que as outras, tinham motivos de sobra que as impeliam para fora do país.

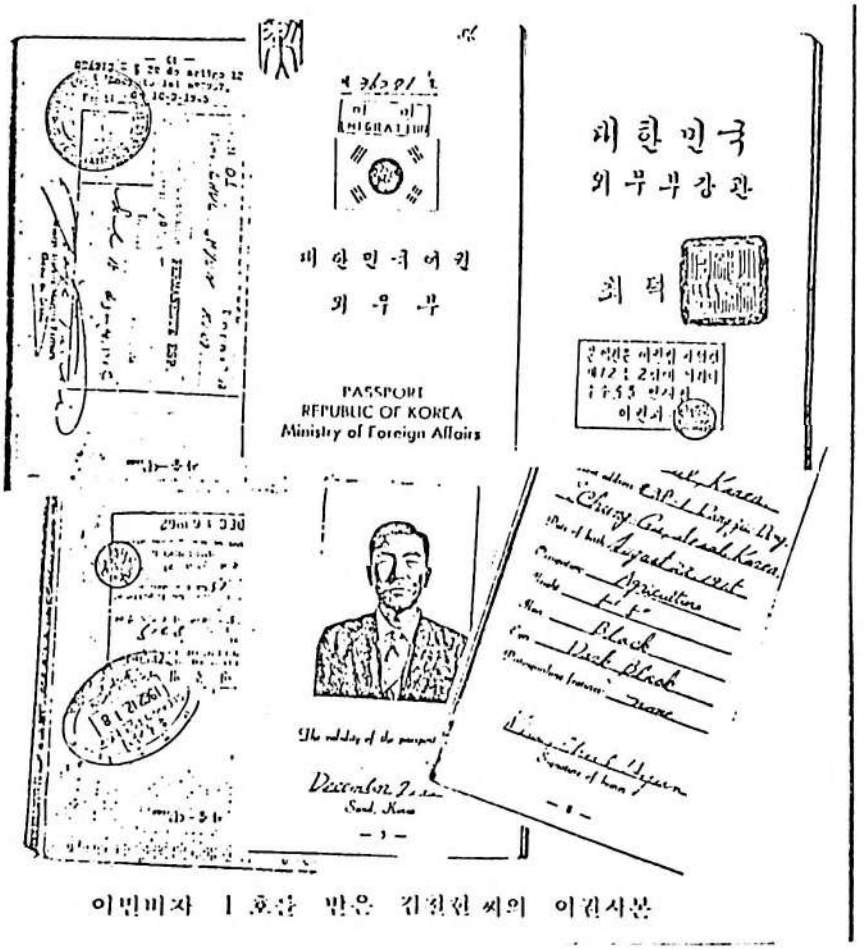
Entretanto, apenas 17 famílias (91 pessoas) das 30 selecionadas, conseguiram o ambicionado visto. As 13 restantes adiaram sua partida no último momento, pois não conseguiram vender suas propriedades a tempo.[138]

Como na ocasião ainda não havia representação diplomática do Brasil, coube ao cônsul brasileiro no Japão, Moacir Moreira Martins Pereira, conceder os vistos necessários.[139]

Como se pôde verificar, as tramitações para a emigração Coréia-Brasil foram pontilhadas de contratempos. Os dois governos envolvidos mostraram-se, entretanto, favoráveis. Se, por parte do Brasil, foi permitida a entrada de coreanos e houve a concessão de terras, por parte da Coréia houve evidente interesse do governo militar em fornecer emigrantes. A razão era o índice demográfico crescente da Coréia do Sul, apesar de ele desconhecer o valor do emigrante como potencial de trabalho e fator de riqueza do país. Aliás, nesse particular, Lucy Maffei Hutter, quando afirmou: "Os países imigratórios, entretanto, depois da guerra de 1914, passaram a limitar o ingresso do estrangeiro como imigrante na tentativa de planificar o recebimento da mão-de-obra de acordo com a necessidade do país, enquanto que os países emigratórios, reconhecendo o valor do emigrante como potencial de trabalho e fator de riqueza das nações, tratou de retê-lo para aproveitamento desse potencial em seu próprio benefício."[140]

A ocorrência de desentendimentos entre as companhias particulares e a multiplicação de pessoas interessadas em lucros foram fatores importantes que constituíram sério óbice

FOTO - 5



이민비자 1호를 받은 김철현 씨의 여권사본

O Primeiro visto de Imigrante
Passaporte de Chul Hyun Kim - Primeiro visto de entrada como imigrante no Brasil.

ao fluxo normal dos entendimentos entre o Brasil e a Coréia.

A vontade inabalável, a ânsia irrefreável dos coreanos em emigrar para um país praticamente desconhecido, só pode ser entendida na medida em que concebiam tal mudança como uma nova oportunidade de vida. O pouco que sabiam sobre o Brasil reforçava suas esperanças.

Vinham dispostos a vencer os obstáculos que encontrassem, fossem quais fossem a sua origem, pois estavam certos de que os superariam, de uma forma ou de outra, como venceriam também as não menores dificuldades que encontrassem em sua adaptação à nova terra. Essa maneira de pensar estava firmemente introjetada.

Confessou nos uma das imigrantes: "Agarrei essa oportunidade com toda firmeza, para não largá-la nunca mais."[141]

Cap.I

1) Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo Rio de Janeiro, 1975. Vol.6. pp.2895 2905.

2) Serviço Coreano de Informações Além Mar - Dados sobre a Coréia, Seul, Samhwa Printing Company, 1985, pp. 18 19.

3) Ao longo deste texto, pouco se tratará da Coréia do Norte. Não por não reconhecermos sua importância histórica ou por sermos de origem sul coreana, mas pela quase inexistência de documentos disponíveis acerca daquele país.

4) KIM, Ill Soo - New Urban Immigrants: The Korean Community in New York. Princeton, Princeton University, 1981, p. 18.

5) Chosun Ilbo, São Paulo, 23 março de 1990.
O número dos estrangeiros que residiam na Coréia até o final do ano passado era 47.205, exceto os militares americanos e os funcionários oficiais de outros países. (Chosun Ilbo, São Paulo, 17 fevereiro de 1990)

6) Da bibliografia vale citar:
TACK, Kun Pyung - Uma pesquisa sobre os órgãos dos chineses que residem na Coréia - em torno de Seul (在韓華僑의 組織에 관한 硏究). In: O Estudo Antropológico [人類學論集], Seul, Dept. de Antropologia de Universidade Nacional Seul, No.8, 1985.
KANG, Dik Ji - Uma observação sobre as atividades econômicas dos chineses na Coréia (화교의 경제에 대한 고찰), Seul, Universidade de Sung Kyun, 1973.
SA, Suh Park - A mudança econômica dos chineses após a guerra [戰後韓國華僑經濟的演變]. Osaka, Associação dos chineses em Osaka 曼北, 1983.
NO, Kwan Kun - A economia dos chineses na Coréia [韓國華僑經濟], Osaka, Ed. Estrangeira, 1956.

7) Enciclopédia Mirador Internacional. Idem, Ibidem.

8) Serviço Coreano de Informações Além-Mar, Idem, p.20.

9) Enciclopédia Mirador Internacional. Idem. Ibidem.

10) LEE, Ki Baik - A New History of Korea, Seul, ILChoKak, 1984, p.59.

11) KIM, Kyong Tae et al - História da Cultura da Coréia [韓國文化史], Seul, Ed. Universidade Ewha, 1986, p.55.

12) Serviço Coreano de Informações Além-Mar, Ibidem., p. 183.

13) Ministry of Education, Republic of Korea - Education in Korea 1989-1990, Seul, p. 16.

14) Os Yangban usavam peças de vestuário que os distinguiam dos demais. Residiam em locais especiais. Faziam distinção rígida entre trabalho mental e físico. Economicamente, portanto, eram exploradores do povo na medida em que, considerando o trabalho físico como pertencente às classes baixas, não os realizavam. Cf. CHOY, Bong Youn - Os Coreanos nos Estados Unidos [미국속의 한국인]. Seul, Jongro Seojuk, 1983. p.22.

15) LEE, Ki Baik - op.cit., p.173-174.

16) KIM, Kyong Tae et al- op.cit., p.171-176.

17) HAN, Woo Keun - A História Geral da Coréia [韓國通史]. Seul, Ulyu-MunWahSa, 1970, p.254.

18) O estudo do Yangin servia de apoio ao Yangban, já que exerciam atividades de apoio à burocracia. (HAN, Woo Keun - op.cit., p.258)

19) HAN, Woo Keun - op.cit., pp.256-262.
Fato que leva alguns autores a falar em 4 castas na dinastia Yi da Coréia.

20) Os confucionistas estavam divididos em duas escolas, Li(理) e Ki (氣). Os Chujaiak interpretavam todos os fenômeno do universo conforme o pensamento Ki. Por isso, eles sublinhavam o pragmatismo em lugar do idealismo, isto é, imagem em lugar da essência das pessoas. (HAN, Woo Keun - op.cit., p.297)

21) CHOY, Bong Youn - Os coreanos nos Estados Unidos [미국속의 한국인], Seul, Jongro Seojuk, 1983, p.23. Cujo original em inglês é Koreans in America, Chicago, Ed. Nelson-Hall, 1979.

22) HAN, Woo Keun – op.cit., pp.281-290.

23) Grande Enciclopédia Delta Larousse, R.J., Edit. Delta S.A., 1972. Vol 3. p.1899.

24) HAN, Woo Keun – op.cit., p.385.

25) NOGUEIRA, Arlinda Rocha, Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil, São Paulo, Massao Ohno/Centro de Estudos Nipo Brasileiros, 1984, p.25.

26) Serviço de Informações Além-Mar – Idem., p.36.

27) Enciclopédia Mirador, Idem.
Vide 船村秀樹 – "A estrutura dominante da Coréia e seu capital relativo à década de sessenta"(60년대 한국의 계급구조와 그의 예속자본). In: A formação do capitalismo e seu desenvolvimento na Coréia [한국의 자본주의의 형성과 발달], Ed.龍溪書舍, 1977.

28) SO, Jung Hun – "A mudança da estratégia mundial dos Estados Unidos e o acordo entre a Coréia e o Japão" (II 세계전략의 변화와 한일협정). In: A nova avaliação sobre a Coréia após 40 anos da Libertação I [해방 40년의 재인식 I], Seul, Ed. Dolbaegae, 1985, pp.275-297.
Ainda hoje, a Coréia possui muita dificuldade diante desse confronto para resolver o seu problema a nível mundial, como ocorre atualmente com a Alemanha.

29) Idem.

30) O corte do subsídio dos Estados Unidos, em 1948, em relação à China acarretou a difusão do comunismo em sua porção continental. O início do regime comunista chinês data de 1º de outubro de 1949. O seu estabelecimento significou um impacto para Estados Unidos a ponto de mudar sua estratégia de bloqueio do Continente. Na Guerra Civil da Coréia isto foi posto em prática. (SO, Jung Hun – op.cit., p.281)

31) SO, Jung Hun – op.cit., p.282.

32) CHUNG, Young Il – "O desenvolvimento aparente da economia e da política agrícola" (외향적 경제발전과 농업정책) In: O discurso do desenvolvimento da economia da Coréia – desde sua libertação até a década de 70 [한국경제의 전개과정 – 해방이후에서 70년대까지]. Seul, Ed. Dolbaegye, 1979, p.234.

33) Assinado em 1 de outubro de 1953, entrou em vigor a partir de 18 de novembro de 1954. É válido até hoje. Apud. KIM, Sung Hun – Documentos de Tratados Internacionais. Seul, Ed. Ilshinsa, 1981, pp.591-592.

34) Com a mudança das circunstâncias da economia mundial, países da Europa e o Japão se recuperaram economicamente na década de cinqüenta, competindo com os Estados Unidos. A grande soma de dólares americanos investidos na manutenção das tropas e nas medidas contra-revolucionárias influiu, inclusive, nos países do Terceiro Mundo. Isso aprofundou o desequilíbrio entre as partes: os Estados Unidos ficaram com falta de ouro enquanto que os países europeus acumularam dólares.
Em 1958, o avanço das empresas multinacionais acarretou grande afluxo daquela moeda, paralelamente a uma séria estagnação da economia e recuperação das moedas européias, com a formação do MCE (Mercado Comun Europeu).

35) United Nations – "Economic Survey of Asia and the Far East", 1964, Apud. 山村秀樹 – (O projeto do desenvolvimento econômico e o problema consequente do alto crescimento da Coréia) 1.2차 경제개발계획과 고도성장의 문제점. In: Na Década de Sessenta [60年代], Seul, Ed. Gyorum, 1984, p.272.

36) KIM, Sung Han – "Estrutura da Revolução Civil e sua Avaliação Geral" (4.19 혁명의 구조와 종합적 평가). In: Na década de sessenta [60年代]. op.cit., p.19.

37) SO, Jung Hun – Ibidem. pp. 275-297.

38) Almanaque Abril, São Paulo, Ed. Abril. 1980.

39) News Week, New York, abril de 1961.

40) Naquela época, a densidade demográfica da Coréia era 258 pessoas/Km², enquanto, no Brasil, era de 7 pessoas/Km² (Dong-A Ilbo, Seul, 23 novembro de 1961).

41) CHOY, Bong Youn – op.cit., p.92.

42) LEE, Ku Hong - A História da Emigração [韓國 移民史]. Seul, Ed. Jungang Shinsco, 1979, p.1.

43) Recentemente o governo coreano permitiu a emigração de capital e ampliou a política para atrair os investimentos dos emigrantes coreanos. Apud. Center for Foreign Investment Services - A Guide to Foreign Investment in Korea, Seul, Ed. Small & Medium Industry Promotion Corp., 1989, pp.1 1-12/13).

44) KIM, Ill Soo - op.cit., p.20.

45) Hankook Ilbo, Seul, 9 Junho de 1989.

46) Idem.

47) Idem.

48) LEE, Ki Baik - Uma Nova Argumentação da História Coreana (韓國史 新論). Seul, Ilchokak, 1967, p.362.

49) Veja CHO, Ki Jun e OH Duck Young - A História da Economia Coreana (韓國 經濟史). Seul, BumMoonSa, 1962, pp.325-333.

50) CHOY, Bong Youn - op.cit., p.73.

51) SUH, Kwang Un - 70 anos da história da imigração coreana para os Estados Unidos [미주 한인 70년사]. Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos, 1971, p.25. Apud. CHOY, Bong Youn, op.cit., p.72.

52) Raiz original da Coréia, considerada uma panacéia pelos orientais.

53) Nome da tropa dissolvida pelas forças japonesas.

54) CHOY, Bong Youn - op.cit., p.75.

55) Segundo Kil Soo Suh, os primeiros coreanos que emigraram para Cuba não foram esses, pois há notícias da chegada de alguns deles entre 1875 e 1878. Mais recentemente, em 1949, ali chegaram de 60 a 70 coreanos. Durante a Guerra Civil da Coréia (1950-1953), de 600 a 700 procuraram aquela ilha. Pelos dados do Departamento de Imigração de Cuba, cerca de 3.000 coreanos chegaram no país no início da década de 50, incluídos, entre eles, fugitivos do México. (SUH, Kil Soo - "Um Roteiro para México, os descendentes dos coreanos" (쿠바기행 한국이민 후예들). News Brasil, São Paulo, 25 maio de 1989.

56) OH, Ung Seo - "A Emigração Coreana para México". Diário da América Latina [Nam Mi Mae Il], São Paulo, 9: 20-21, 3 agosto de 1987.

57) CHOY, Bong Youn - op,cit., p.76.

58) KIM, Hyung Chan e PATTERSON, Wayne - The Koreans in America (1882-1974), Dobbs Ferry, N.Y., Oceana Publications, 1974, pp.87-89. Apud. CHOY, Bong Youn, op.cit., p.76.

59) CHOY, Bong Youn - op.cit., p.76.

60) CHUNG, Henry - Korean Treaties, New York, Ed. Flaming, 1979, pp.197-198, Apud. CHOY, Bong Youn, op.cit., p.76.

61) CHOY, Bong Youn - op.cit., p.77.

62) Segundo o jornal HanKook Ilbo, (Seul, 20 fevereiro de 1962), países do sudeste da Ásia, como a Tailandia, Filipinas e Bornéus vem, há anos, se mostrando interessados na emigração coreana. A China, ao contrário, fechou suas portas impedindo a entrada dos mesmos. Justamente o país para onde se dirigia o maior número de emigrantes coreanos.

63) CHOY, Bong Youn - op.cit., p.69.

64) KIM, Ill-Soo - op.cit., p.54.

65) CHANG, Myung Soo - "O povo coreano na esfera" (지구촌의 한국인). Hankook Ilbo, Seul, 9 junho de 1989.

66) Segundo dados do levantamento do Consulado da República da Coréia, em São Paulo, datado de 30 de junho 1989, o número dos imigrantes coreanos no Brasil registrado foi de 41.254. Além desse

número, acredita-se que existiam mais, chegando aproximadamente a 50.000 vindos como clandestinos em razão da instabilidade sócio-economica no Paraguai e na Argentina.

67) U.S. Immigration and Naturalization Service – Annual Report 1950-1964, Apud. LEE, Kwang Kyu – op.cit., pp.49-50.

68) Em 1965, o governo dos Estados Unidos promulgou uma emenda à lei de imigração que foi chamada "Hart-Celler Act". Essa lei determinou o recebimento de imigrantes baseado na relação familiar. Foi anulado o sistema de quotas por país ou grupo étnico. Apud. YU, Eui Young – A situação de adaptação da estrutura demográfica dos coreanos nos Estados Unidos (재미한인의 인구구조의 적착상황) In: A sociedade dos coreanos dentro dos Estados Unidos [미국속의 한인사회], Associação dos coreanos em Nova York, 1986. p.16. Cf. LEE, Kyu Kwang, op.cit., p.53.

69) KIM, Young Jun – "Radicalizado na terra estrangeira – As atividades econômicas dos imigrantes coreanos nos Estados Unidos" (異國땅에 뿌리듄 내리고 – 在美교포의 경제활동) In: Historias Criticas V.4 1987, pp.72-86. Apud. LEE Kwang Kyu, op.cit., p.56.

70) Choson Ilbo, São Paulo, 20 novembro de 1990.

71) LEE, Kwang Kyu – Os coreanos nos Estados Unidos [在美韓國人], Seul, Ed. Ilchokak, 1989, p.60. Segundo o livro de Ill Soo Kim, o New York Times assim descreveu os acontecimentos: "The immediate area around Panmunjom, where two American soldiers were killed yesterday, has been the scene of so many violent incidents since the armistice that ended the Korean War 23 years ago that it is the only part of the Korean peninsula still officially designated a combat zone by the Unites States. It is now the only site in Asia where American combat troops directly confront Communist forces. Incidents there range from obscene hand gestures and spitting to mine-laying and machine-gun ambushes.

Forty-nine Americans have died in such skirmishes in the demilitarized zone, along with a total of more than 1.000 Koreans on both sides. Incidents usually occur without warning. They erupt so quickly and end so fast that there is little time for reaction. Generally both sides – the South Koreans and Americans under the Unitied Nations Command, on the one hand, and the North Koreans on the other – blame their opponents."

72) LEE, Kwang Kyu – op.cit., p.60.

73) Eui Young Yu – "A situação de radicalização dos imigran es coreanos na estrutura demográfica", In: A Sociedade Coreana nos Estados Unidos, New York, Associação Americana dos Coreanos, 1986. p.16., Apud. Kwang Kyu Lee, (Os Coreanos nos Estados Unidos) [在美韓國人], op.cit. p.60)

74) KIM, Ill Soo – op.cit., p.65.

75) Idem., Ibidem.

76) Segundo estatística do Ministério das Relações Exteriores, o número de saídas dos emigrantes coreanos para América Latina chegou a 41.715 até o fim do 1985.

77) Hankook Ilbo, Seul, 9 julho de 1989.

78) Dong-A Ilbo, Seul, 26 março de 1978.

79) O Guia para Emigração, Dong-A Ilbo, Seul, 29 Janeiro de 1963.

80) Relatório do Consulado da República da Coréia do Sul no Brasil, São Paulo, 13 jan. 1989, p.20. Segundo "Os problemas reais dos imigrantes coreanos na América Latina" (남미 이민의 현실적 과제) Anuário sobre a Política da Emigração [僑胞政策資料], Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos, 18:12, junho de 1978, os membros de quatro famílias são Soo Jo Kim, Chung Chang Lee, Seung Ho Chang (vivo até hoje), Chang Soo Kim e Tal Soo Kim.

81) KANG, Tae Suk – "O problema de legalização das terceira geração dos coreanos no Japão" (在日 한국인 3세 法的 지위문제), Choson Ilbo, São Paulo, 13 março de 1990.

82) Filme transmitido pela Emissora da TV coreana MBC, a 25 junho de 1988 (programa especial relativo à invasão da Coréia do Sul pela Coréia do Norte).

83) Depoimento do Ung Seo Oh, em março de 1989.
Vide Diário da América Latina [Nam Mi Mae Il]. São Paulo, 9: 20-21, 3 agosto de 1987.

84) Ver nota 81.
O jornal O Estado de S.Paulo daquela época (7 fevereiro de 1956) publicou uma notícia

respeito da passagem dos prisioneiros coreanos pelo aeroporto de Londres, durante duas horas e meia: "A polícia e os guardas de segurança impediram que o público se aproximasse deles, e os conduziram a uma sala reservada, cujas portas foram fechadas a chaves, enquanto guardas patrulharam os corredores. Os ex-prisioneiros vestiam trajes civis. Passaram por um exame médico durante sua permanência no Salão especial, onde lhes foram servidos sanduíche e bebidas....."

85) Depoimento de Seo Kook Kim, em fevereiro de 1989.

86) Enquanto colonia do Japão, o japonês era a língua principal e obrigatória nas escolas primárias coreanas.

87) KIM, Si Bong – "A Fantasia da América Latina" (남미환상곡) In: Vida Nova [새생명], São Paulo, novembro de 1987, p.83.

88) CHUNG, Yeon Kwon – "Nossos Patrícios no Brasil" (브라질의 우리僑胞), Dong-A Ilbo, Seul, 18 julho de 1961.

89) Após a guerra, durante a estada na prisão da cidade de Pusan, Suk Keun Kang foi influenciado por um padre coreano, e seu objetivo era tornar-se um padre. Para tanto, estudou na Faculdade de Teologia Arquidiosesana, no Rio de Janeiro. Dificuldades de ordem financeira, aliadas à desilusão quanto ao que pretendia ser, fizeram-no mudar de rumo. Durante 15 anos trabalhou na Companhia Nitroquímica, como engenheiro. Antes da aposentaria, recomeçou os estudos de Teologia na Escola Metodista de São Bernardo do Campo, tendo se tornado pastor.

90) Os prisioneiros de guerra sempre sofreram por serem considerados "fugitivos", que abandonaram sua família, sua pátria. Por isso, alguns deles, como Young Hun Baik, queriam compensar sua falta dando sua contribuição para a sociedade brasileira. Atualmente, ele é proprietário e diretor do Colégio Baik Técnico de Jacarepaguá. Em 1982, ele foi candidato a deputado estadual pelo partido de Aliança Popular Democrática.

91) Apesar das distâncias, o grupo ainda mantém contato. Em 1986, por ocasião da comemoração de 30º aniversário da chegada ao Brasil, foi promovida uma grande reunião, tendo estado presente Seung Ho Chang (Vô Mida) e, inclusive, os que escolheram a Argentina como país de adoção.

92) "*Harabodji*"(할아버지) é avô em coreano.

93) YANG, Chung em artigo publicado no Semanário HanKook [Jukan Hankook], (São Paulo, 14 julho de 1984), sob o título "A Lágrima de Vô Mida!" lamenta que mesmo após a independência da Coréia (a partir da Segunda Guerra Mundial), Vô Mida tenha conservado sua nacionalidade japonesa. Homem tão bom e admirado, a seu ver, deveria sê-lo como coreano. Mesmo porque, o fato de levar consigo sempre uma bandeira coreana do tamanho de uma caixa de fósforo indica que ele continuava sendo antes de tudo com coreano. Semanário NAMMI MAEIL [NAMMI MAEIL SHIN MUN], São Paulo, 1:9.

94) CHUNG, Yeun Kwon – Ibidem.

95) YANG, Chung – Ibidem.

96) KIM, Si Bong – Ibidem.

97) Estado de S.Paulo, São Paulo, 15 outubro de 1988.
Vide a dissertação de NAKADATE, Jouji – O Japão venceu os aliados na 2ª Guerra Mundial, que foi defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1988.

98) PARK, Jong Bo – "Quem é Soo Jo Kim? – que arrumou a Fazenda de Iguapé (김 수조란 사람)", Choson Ilbo, Seul, 8 fevereiro de 1963. Também segundo os dados da Ex-Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, o endereço de Soo Jo Kim serviu como destinário por todos emigrantes coreanos.

99) Dong-A Ilbo, Seul, 22 outubro de 1961.
Soo Jo Kim, discorrendo no Dong-A (Seul, 18 julho de 1961) sobre a visita deles ao Brasil, lembrou que: "Quando voltei do Rio de Janeiro, depois do encontro com eles, o cônsul-geral do Japão curioso me visitou em São Paulo. Porque até aquele momento, o Japão estava preocupado com sua fama após a derrota na Segunda Guerra Mundial."

100) Relatório do Consulado da República da Coréia do Sul no Brasil, São Paulo, 13 janeiro de 1989, p.20.

101) As informações sobre América Latina [라틴아메라카편람], The Korean Chamber of Commerce Industrial for Brazil. Seul, 1980, p.76.

102) Choson Ilbo, Seul, 28 janeiro de 1961.

103) A embaixada só foi instalada no ano seguinte, mais precisamente a 11 de julho, no Rio de Janeiro.

104) Choson Ilbo, Seul, 28 Janeiro de 1961.

105) HanKook Ilbo, Seul, 17 fevereiro de 1961.

106) As Informações sobre América Latina [라틴아메리카편람], Idem. Seul, 1980, pp.76-77. "O Periódico do Banco Coreano do Intercâmbio - a situação do investimento direto das empresas estrangeiras no Brasil". Seul, Korean Exchange Bank, Janeiro de 1989. p.79.

107) Seul Shinmun, Seul, 27 outubro de 1961.

108) Dong-A Ilbo, Seul, 7 setembro de 1961.

109) Em 1975, ele publicou o dicionário português-coreano.
Também, o professor Kyu Ho Chung, diretor do Departamento da Língua Portuguesa na Universidade HanKook publicou um dicionário português-coreano em 1978.

110) CHUNG, Yeun Kwon - Ibidem., Dong-A Ilbo, Seul, 19 julho de 1961.

111) Dong-A Ilbo, Seul, 7 setembro de 1961.

112) HYUN, Kyu Hwan - A História Geral da Emigração Coreana [韓國 流移民史(下)], Seul, Ed. Samwha, 1976, pp.1008-1035.

113) Oh, Ung Seo - "A Realidade de Imigrantes Coreanos no Brasil" (브라질 이민들의 실태), Hwanglae MinBo, julho de 1963.

114) Dong-A Ilbo, Seul, 7/13 setembro de 1961.

115) Até os anos oitenta tal intercâmbio só se verificara entre estudantes da Escola Superior Militar.

116) Dong-A Ilbo, Seul, 15 setembro de 1961.

117) Dong-A Ilbo, Seul, 13 setembro de 1961.

118) Vide Anexo-II, tradução desses artigos do Choson Ilbo, Seul, 13/14/15 setembro de 1961.

119) Segundo Ung Seo Oh, esse Departamento estava encarregado da emigração coreana para os EUA, mas unicamente no que diz respeito às crianças mestiças, nascidas durante a Guerra da Coréia, filhas de coreanos com soldados norte-americanos.

120) HanKook Ilbo, Seul, 28 outubro de 1961.

121) O presidente da Associação da Emigração Coreana, Dong Sung Kim, concedeu entrevista sobre sua visita ao Brasil, em 1949, para o jornal Dong-A, quando era vice-presidente do Congresso. Naquela época, ele recomendou ao mesmo 4 patrícios famosos de cada país da América Latina - Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil - para cuidar do processo de emigração devido à inexistência de diplomatas para assumir tal atividade. Cada um deles recebeu o título de cônsul-geral por mérito. Entretanto, a Guerra da Coréia impediu o início do processo da emigração e a respectiva nomeação Entrevista feita por Yeon Kwon Chung - O caminho para Emigração (이민이 뻗어갈 길) In: Dong-A Ilbo, Seul, 22 out. 1961. Diante dessa situação, Soo Jo Kim se auto-intitulou cônsul-geral por mérito no Brasil, e se apresentava como tal para os prisioneiros de guerra, aqui chegados em 1956. KIM, Si Bong - A Fantasia da América Latina. Vida Nova [새생명], São Paulo, novembro de 1987. p.83 Cf. Em 1961, o governo militar nomeou oficialmente Soo Jo Kim como cônsul-geral por mérito. Segundo Ung Seo Oh, o governo o fez com a intenção de afastá-lo da Coréia do Norte, ou melhor, não permitir que trabalhasse para ela.

122) MinKook Ilbo, Seul, 7 setembro de 1961. Dong-A Ilbo, Seul, 5 março de 1962.

123) Dong-A Ilbo, Seul, 13 setembro de 1961.

124) Seul Shinmun, Seul, 27 outubro de 1961.

125) Choson Ilbo, Seul, 26 dezembro de 1961. HanKook Ilbo, Seul, 26 dezembro de 1961.

126) HYUN, Kyu Hwan - op.cit.

127) Choson Ilbo, Seul, 12 maio de 1962.

128) Dong-A Ilbo, Seul, 10 fevereiro de 1962.

129) Para melhor alcançar seus objetivos contrataram intérpretes japoneses.

130) HYUN, Kyu Hwan – op.cit.

131) HanKook Ilbo, Seul, 26 dezembro de 1961. Dong-A Ilbo, Seul, 22 outubro de 1961.

132) Depoimento de Ung Seo Oh, entre fevereiro e maio de 1989.

133) HanKook Ilbo, Seul, 10 fevereiro de 1962.

134) Ibidem.

135) Antes, tal Comissão fora à Guatemala, um possível local para a emigração coreana. (Choson Ilbo, Seul, 17 abril de 1962.)

136) Dong-A Ilbo, Seul, 17 abril de 1962.

137) A retirada da tropa do ONU, em 4 de janeiro de 1951.

138) HYUN, Kyu Hwan – op.cit.

139) Na verdade, ele o fez até a 5ª leva de emigrantes, que foi a última oficial, recebendo, por isso, um prêmio de agradecimento do governo da Coréia. (HYUN, Kyu Hwan – op.cit.)

140) HUTTER, Lucy Maffei – Imigração Italiana em São Paulo de 1902 a 1914. O Processo Imigratório. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1986. p.225.

141) Depoimento de Young Ja Chang Kim, em fevereiro de 1989.

Parte II - HISTÓRICO NO BRASIL

Cap.II - A CHEGADA DOS COREANOS AO BRASIL

Quando da visita que fizemos à ex-Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, à rua Visconde de Parnaíba 1316, localizamos em sua documentação o registro da chegada à Capital de três coreanos, entre 1961 e 1963, quando chegou a primeira leva oficial de imigração coreana. Estranhamos as condições em que vieram, isto é, estavam sozinhos e tinham utilizado o navio como meio de transporte e não o avião. Uma escriturária e um instrutor vieram à bordo do navio holandês *Tigelberg*, nos anos de 1961 e 1962, com embarque em Hong Kong. O terceiro elemento, uma bailarina, chegou ao Brasil em 11 de fevereiro de 1963, a bordo do navio japonês *Brasil Maru*, procedente de Yokohama.

Supomos que o instrutor e a bailarina vieram a chamado de coreanos que residiam no Brasil. Reforçando tal opinião, consta como endereço de destino do instrutor o mesmo de Soo Jo Kim e, no caso da bailarina, o mesmo sobrenome - Mok - de um dos membros da Primeira Delegação Cultural.

Quanto à escriturária, não temos idéia de seu destino, já que chegou antes mesmo da referida Delegação. Talvez tivesse alguma ligação com os coreanos que vieram na condição de japoneses, mas isto não passa de uma hipótese, visto que não conseguimos levantar qualquer informação a seu respeito.

O primeiro grupo de emigrantes coreanos que chegou ao Brasil, em caráter oficial, recebeu especial atenção por parte do governo coreano. Era constituído por 17 famílias, 92 pessoas e mais 11 ex-militares a serviço da Companhia de Promoção de Cooperação entre Coréia e Brasil. Estes últimos compunham a chamada "*expedição de observação nas áreas de agricultura, encarregada de providenciar a vinda das próximas levas*". Com visto de turista, cuja validade era de seis meses, pretendiam, na realidade, verificar a possibilidade de sua permanência no Brasil.[1]

Esse primeiro grupo possuía um bom nível educacional pois, no mínimo, tinham o ginasial completo.[2]

Ainda em viagem, alguns deles, entrevistados pelo jornal Dong-A, falaram sobre suas

expectativas na nova terra, sobre as dificuldades em reunir as condições necessárias para emigrar, e outros se mostraram queixosos sobre os trâmites burocráticos do governo da Coréia: "Vinte anos de sonho de emigração para respirar ares novos e ter nova visão está se realizando," disse Kwang Soon Ko; e Chul Hyun Kim contou, "Sei que o Brasil não é o paraíso, mas vou fazer toda força para ser um pioneiro no Brasil, cultivando a terra virgem."; "O governo deu permissão para emigrar, mas foi difícil preencher suas exigências; foram necessários muitos documentos, pagar muitas taxas, que somaram cerca de 20.000 Won,"[3] queixou-se Dong Yeul Park; e Jong Soo Lee declarou que "precisava-se de 26 fotos de cada pessoa. Por isso, somente para minha família, de 5 pessoas, eu precisei de mais de 100 fotos."[4]

No mesmo jornal, encontramos a percepção dos coreanos residentes no Brasil que tiveram a oportunidade de se expressar, a propósito da primeira leva. Vejamos alguns exemplos: "Que boa notícia! Bem-vindos. Chegando em maior número, os coreanos terão oportunidade de mostrar sua superioridade com relação aos japoneses. Aqui no Brasil, nenhum coreano conseguiu juntar dinheiro como os outros grupos étnicos, inclusive têm menos do que os chineses... devido ao pequeno número de coreanos. Tem que vir mais gente de qualquer maneira."; ou: "É bom que venham para cá. Mas duvido que agüentem muito tempo no mato. Cultivar a terra da Coréia é fácil. Será que os coreanos vão plantar banana após o corte das árvores? Eu acho que eles vão tentar é fazer comércio na cidade... ; ou "Ouvi dizer que cada família virá com cerca de US$4.000,00 dólares. Será que alguém que tem dinheiro irá cultivar no Brasil? Nenhum deles vai ter vontade de cultivar. Nesse caso, a imigração coreana para fazendas terá tudo para fracassar. Por isso eu me preocupo com o futuro do verdadeiro imigrante agricultor, devido à má influência desse grupo."[5]

Precedidos por tais opiniões, a primeira leva de emigrantes coreanos foi, entretanto, preparada com muito cuidado. Coube ao governo da Coréia a tarefa de cuidar de todos os detalhes necessários para a partida do grupo. Além de providenciar o transporte dos emigrantes até o local de embarque, organizou ainda uma cerimônia formal no porto de Pusan.[6]

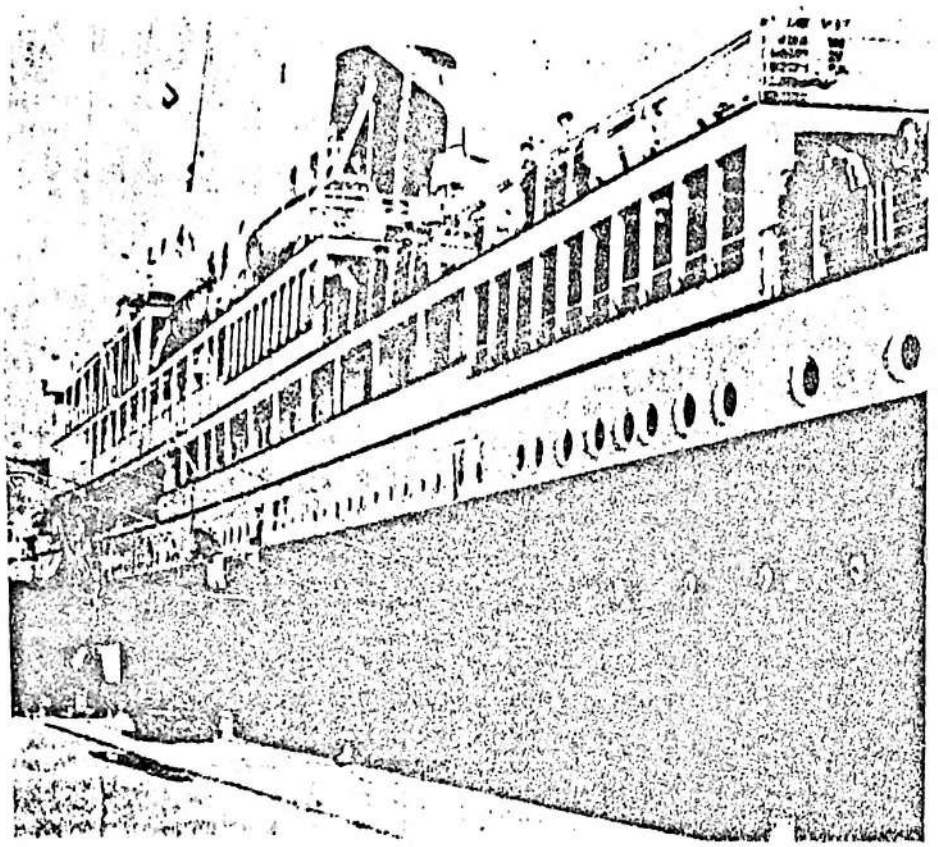
A cada família foi dado um subsídio de US$200,00 dólares e permitida a troca de até US$3.000,00 dólares ao câmbio oficial. Todo o dinheiro, em dólares ficou, por questão de

FOTO - 6 **1차이민선**

1963년 2월 12일

추억의 사진

"산토스"항에 도착



103명이 타고온 화란선박 "찌짜렌카"호

O Navio *Tjitjalenka*

segurança, sob responsabilidade da embaixada local, exceto a quantia necessária às despesas durante a travessia.[7]

Em sua bagagem, os imigrantes trouxeram instrumentos agrícolas tradicionais, roupas de uso pessoal e outros objetos para venda, tais como, a raiz Ginseng e algas.[8]

Como o porto de Pusan não fazia parte da rota normal do navio, ele atracou apenas por algumas horas. Os emigrantes optaram pela viagem em terceira classe, a C, fazendo jus a um desconto em grupo.[9] Cada pessoa pagou US$283,00 dólares pela passagem.[10]

A 18 de dezembro de 1962 partiu *Tjitjalenka*, levando os emigrantes coreanos, carregando consigo sonhos e esperanças no Novo Mundo.[11] Viajaram acompanhados por Young Dokko, Diretor do Departamento de Emigração do Ministério da Saúde da Coréia.[12]

Em razão do grande número de protestantes integrados ao grupo, foi escolhido como responsável da primeira leva o presbítero Sung Han Kim, que não pôde acompanhá-los. Então, foi substituído pelo médico Kye Soon Ko. Havendo divergências e conflitos de interesse entre os emigrantes desde o início do recrutamento,[13] foi convocada uma reunião geral para realizar outra eleição de responsável, e Young Jeon Han foi eleito responsável da primeira leva.[14] Mesmo assim, houve desconforto entre os emigrantes.

Mas uma coisa mais séria e delicada foi a relação entre os protestantes e ex-militares: Um membro do primeiro grupo divulgou no jornal Dong-A a exploração dos emigrantes pelo funcionário do Ministério de Saúde da Coréia e pelos ex-militares, que eram ligados à Companhia de Promoção entre o Brasil e a Coréia. Por exemplo: "As cartas eram entregues depois de abertas. Algumas vezes, as cartas registradas foram enviadas de volta para Coréia."[15] Sobre isso, um dos ex-militares confirmou que esse tipo de ato podia ter sido exercido pelos dois ex-agentes de informações do Exército. Esse fato mostra uma faceta da sociedade coreana no início da década de sessenta: o Exército desempenhava um papel dirigente da sociedade coreana e, ao longo da viagem, alguns ex-militares poderiam ter usado seus poderes abusivamente. Naturalmente, os imigrantes protestantes podiam sentir desconfiança em relação aos responsáveis pelo projeto de emigração, aos quais os ex-militares eram ligados.[16]

Os programas preparados pela companhia do navio aliviaram o nervosismo dos viajantes, o que podia ocorrer durante a longa viagem, sob o sol ardente. De uma maneira geral, os

coreanos sentiram-se satisfeitos com o tratamento recebido no navio. Seung Hyup Han declarou: "Em uma palavra, essa viagem não teve diferença das de natureza turística. Os tripulantes trataram os coreanos com especial deferência e não senti falta de nada. Toda vez que o navio aportava, eu ficava emocionado pelo atendimento dos conterrâneos em cada um desses lugares..."[17]

No navio, os emigrantes gozaram de muita liberdade e, embora as refeições fossem variadas com pratos tanto ocidentais quanto orientais, tendo os passageiros direito de escolha, em cada porto em que o navio atracava, as mulheres compravam acelgas frescas para o preparo de Kimchi, uma salada típica essencial na refeição coreana, como declarou-nos uma depoente: "Nós mulheres preparávamos comida coreana na cozinha, inclusive Kimchi."[18]

Segundo o depoimento de uma delas no navio eram os tripulantes, em sua maioria chineses, que davam banho diariamente nas crianças.[19]

Durante a longa travessia, à tarde, eram dadas aulas sobre o Brasil e sobre a língua portuguesa, de acordo com programa previamente estabelecido pela Companhia de Promoção.[20]

À noite, os viajantes, para se distraírem, assistiam a filmes, ou participavam de festas e shows organizados no navio, em companhia dos passageiros de diferentes nacionalidades.[21]

Dentre as festas, a que mais os impressionou foi o Carnaval, durante a travessia do Equador, a 11 de janeiro de 1963.[20] O *Tjitjalenka* preparou com antecedência de 5 dias essa comemoração, e os coreanos tiveram uma participação efetiva, e vários deles foram convidados a compor grupos de teatralização.[22]

Durante a competição de canto, quando alguém interpretou "O homem vestido com camisa amarela", uma das canções mais populares no início da década de sessenta na Coréia, todos ficaram satisfeitos e bateram palmas. Quando as crianças cantaram "O lugar onde eu nasci e cresci", muitas mulheres choraram com saudades da pátria.

Aos domingos eram realizados cultos protestantes.

A viagem durou 54 dias, durante os quais o navio aportou, entre outros, nos portos de Okinawa, Hong Kong, Cingapura, Penan na Índia, Africa do Sul, Moçambique, Durban, Porto Elizabeth, Cape Town, até chegar, finalmente, ao porto do Rio de Janeiro e, em seguida, a Santos, em 12 de fevereiro de 1963.

FOTO - 7

ANO XXXVII — Rio de Janeiro, 2.ª-feira, 11 de fevereiro de 1963 — N.º 11 279

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO | Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO | Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

TREZENTOS IMIGRANTES COREANOS E JAPONÊSES CHEGARAM PARA S. PAULO

CENTO e três imigrantes coreanos que se vão fixar em Mirassolu, São Paulo, passaram ontem pelo Rio, a bordo do navio holandês "Tjitjalengka", na penúltima etapa de uma viagem iniciada há 40 dias em Pusan. Os sul-coreanos são agricultores, especialistas na cultura de arroz e hortaliças, e 60 dêles são menores de 18 anos.

O Embaixador da Coréia do Sul no Brasil, Sr. Tong Jin Park, logo que o navio fundeou na Guanabara, subiu a bordo para saudar os seus conterrâneos, pedindo-lhes que recompensassem a hospitalidade brasileira trabalhando pelo bom país. Um dos imigrantes respondeu ao discurso, e todos puderam fazer duzbus da Embaixada para conhecer os pontos turísticos da Guanabara.

Nova Colônia

Embora não levassem máquinas, os brasileiros coreanos dispõem de recursos para iniciar a vida no Brasil, comprando terras e instrumentos para a agricultura e pecuária. A idéia inicial é de fazerem em Mirassolu uma cooperativa aberta, em que possam ingressar também brasileiros, a fim de que os asiáticos assimilem os costumes e a cultura nacionais.

O Embaixador Park declarou que esta é a primeira leva. Outras virão, dependendo em parte das informações que forem enviadas à Coréia, inclusive pelo jornalista Boon Jai Park, do maior jornal coreano — "Dong-A Ilbo" — que escreverá de Mirassolu uma série de reportagens sôbre o Brasil.

Diplomatas coreanos informaram também que São Paulo foi o Estado escolhido por ser a região que mais se assemelha, no clima com a Coréia. No entanto, outros Estados que poderem oferecer idênticas condições poderão receber novos imigrantes.



O Sr. Tong Jin Park, Embaixador da Coréia do Sul no Brasil, foi a bordo do navio holandês que trouxe 103 conterrâneos seus para trabalharem na lavoura, em São Paulo, e os fêz, o Embaixador, no cais do pôrto, com alguns dos imigrantes especializados.

"Brasil Maru"

Vindo também do Oriente pela rota do Canal de Panamá, chegou ao Rio o navio japonês "Brasil Maru", com 190 imigrantes nipônicos destinados ao sul de São Paulo e ao Paraná. Destes, cêrca de trinta outros seguem para Buenos Aires, e cinco famílias, com 16 pessoas, ficaram no Rio. Trata-se de operários especializados em construção naval, destinados à Ishikawajima.

A turma de bordo é constituída de Alfândega, chefiada pelo agente Ra'pundo Leite, realizou, ontem, vigorosa inspeção no Rio e navio japonês, não revelando os resultados.

O Tempo

O Serviço de Meteorologia prevê para hoje tempo bom, temperatura em elevação e ventos do quadrante sete, fracos. A máxima registrada ontem foi 31,4, no Calabouço, e a mínima 17,6, na Praça Barão de Taquara.

Corcanos Dão Nova Côr à Paisagem Brasileira



1963년 2월10일 리오 도착당시 한국이민도착을 보도한
원간지 Globo 당시 주 브라질 박동진대사
(전 외무부장관) 와 함께 기념촬영한 1차 이민들
안계승씨의 부인과 자녀

A chegada dos imigrantes coreanos
No Rio de Janeiro eles foram recebidos por Embaixador Dong Jin Park.

Quando o navio aportou no porto da baia de Guanabara, os imigrantes foram recebidos pelo Embaixador Dong Jin Park, que no discurso de boas-vindas, declarou não preferir nenhum grupo, percebendo atritos e a divisão dos dois grupos, de características tão diferentes: os ex-militares queriam dedicar-se a atividade comercial na sociedade brasileira e os protestantes queriam cultivar a terra.[23] Eles tiveram um dia como turistas na cidade do Rio de Janeiro, preparado pela Embaixada, seguindo viagem até Santos, ponto final da viagem. Dois coreanos, Sung Yong Lee, Presidente da Companhia de Promoção entre o Brasil e a Coréia, e Sung Han Kim, eleito como responsável do primeiro grupo antes de embarque do navio, que vieram antes de avião para facilitar a adaptação no local, subiram então no navio para acompanhar o primeiro grupo do porto da Guanabara até o de Santos.[24] Ali, foram recebidos por Soo Jo Kim e mais 20 conterrâneos que residiam em São Paulo.[25]

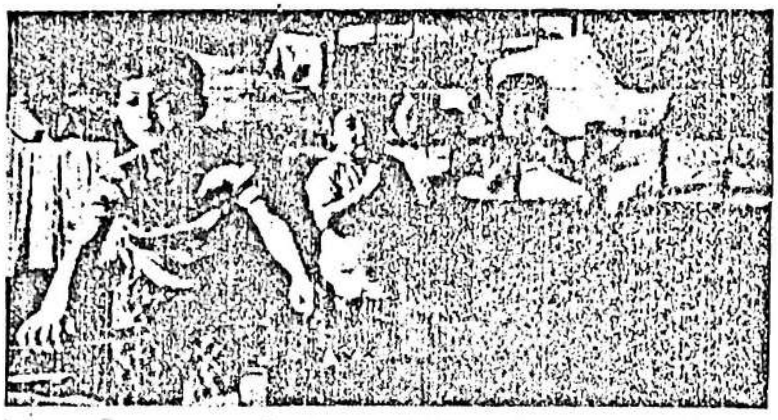
Em Santos, os imigrantes coreanos ficaram sabendo ser o destino do grupo não mais Capão Bonito, que tinha sido escolhido por Inn Kyu Chung no início de projeto de imigração, mas Miracatu, a 141 Km da capital. Isto causou confusão entre os imigrantes. Segundo a explicação de Ung Seo Oh, "Por interesses pessoais, Soo Jo Kim, que providenciava as documentações no Brasil, antes de entregar os documentos do projeto de imigração coreana para a aprovação pelo governo brasileiro, sem dar aviso a Inn Kyu Chung, a contrapartida dele na Coréia, pioneiro da emigração coreana, modificou, além do local de recebimento dos imigrantes coreanos, os nomes das pessoas, para trazer membro de sua família.[26]

A pedido de Soo Jo Kim, os recém-chegados foram encaminhados inicialmente, após três horas de viagem de ônibus, para a Hospedaria dos Imigrantes,[27] em São Paulo, por alguns dias, e acreditaram na explicação por ele dada, de que a divisão da terra não estava terminada e as moradias para abrigá-los na fazenda ainda não estavam prontas, devido ao longo período de chuva e ao adiamento da remessa de dinheiro deles através da Embaixada. Como Soo Jo Kim tinha recebido US$1.500,00 dólares da Embaixada para construção de infra-estrutura em Miracatu,[28] ele garantiu que dentro de dois ou três dias terminaria, pelo menos, a construção de um alojamento provisório.[29] Seguindo para a Hospedaria, ninguém imaginava, então, que permaneceria naquela instituição por dois meses. A

FOTO - 8

【3】- 第12869號 (3)

旅宿所의 나날



女人宿所 廣庭에서 천모르게 지노는 어린이들의 모습

Os imigrantes coreanos na Hospedaria dos Imigrantes
Crianças coreanas na Hospedaria dos Imigrantes.

preocupação dos homens do grupo com o destino das famílias aumentava à medida que, cada vez mais, a situação se apresentava confusa e incerta.

Os coreanos da primeira leva oficial foram os últimos estrangeiros a ocupar a Hospedaria, em 1963.[30]

Funcionários daquela época que ainda hoje trabalham lá recordam a primeira imagem que tiveram dos coreanos nos seguintes termos: "Os imigrantes coreanos se vestiam bem em comparação com outros grupos." Ainda lembram a impressão causada pela vestimenta tradicional coreana, toda em branco, cor símbolo da Coréia. E acrecentam: "Senhoras idosas usavam essa roupa. As jovens eram muito bonitas."[31]

Por outro lado, na Hospedaria causou admiração aos imigrantes coreanos o sistema de trem, ligando diretamente Santos à Hospedaria, o que facilitava enormemente o transporte das bagagens, sendo que as mesmas chegaram logo no dia seguinte.[32]

O prédio de três andares onde permaneceram temporariamente tem uma infraestrutura relativamente boa. Ficaram abrigados no segundo andar, em dependências separadas por sexo, o que foi aliás motivo para uma série de reclamações. Outro motivo de queixa foi o fato de não disporem de um local para a lavagem da roupa. O jornalista Jong Young Park descreveu a visita que fez ao local: "O quarto das mulheres era grande (25m x 10m). As camas colocadas pararelamente se assemelhavam com a hospedaria dos militares/.../. Grande parte das mulheres permaneciam deitadas a metade do tempo. Somente as crianças pulavam de cá para lá. Um menino estava tocando gaita, algumas mulheres estavam escrevendo cartas, outras se penteando/.../. Toda essa cena fez-me lembrar um auditório da escola primária, que abrigava os refugiados durante a Guerra da Coréia. Mas existia diferença! As pessoas tinham calma, esperança na terra nova em lugar de medo."[33]

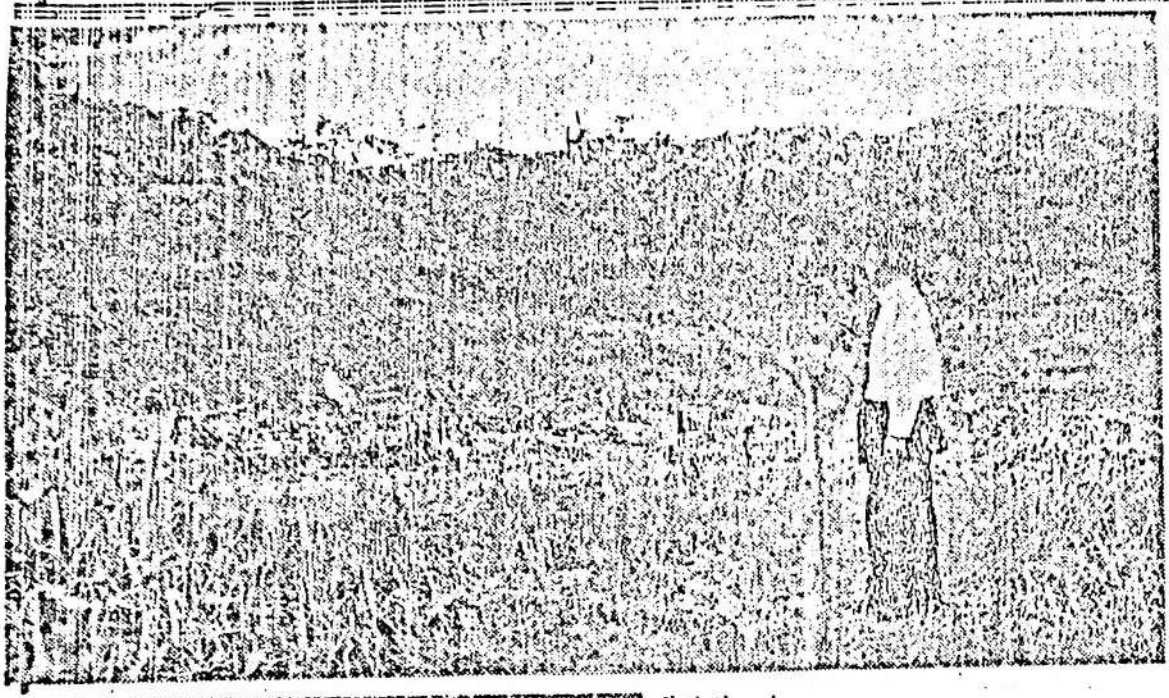
Naquela época, havia ali centenas de migrantes, na sua maioria nordestinos. Os imigrantes coreanos foram alvo de atendimento diferenciado por parte do governo brasileiro.

Os brasileiros eram, por exemplo, obrigados a permanecer em fila na hora das refeições para serem servidos. Já os coreanos eram atendidos em separado, bem como os 50 chineses que alí estavam também.[34]

FOTO - 9

1963年3月2日 土曜日 (陰曆二月七日甲辰) 東亞

브라질 땅을 밟는 韓人



【상파울로二日發】「브라질」이민단 一行 백여명은 二日 상오 열한시 삼십분 상파울로 역에 도착하였다. 이들은 브라질 정부의 초청으로 농업이민 목적으로 입국하였으며 이들 중 대부분은 농업기술자들이다. 이들은 상파울로 시에서 약 三백五十킬로 떨어진 「아라싸뚜바」 지방에 정착하게 되는데 이곳에는 이미 선발대로 간 한국인 농업기술자 열두명이 농장을 개척하고 있다. 이들 일행은 상파울로 시에서 열렬한 환영을 받았다. 이들 일행은 상파울로 시에서 약 三백五十킬로 떨어진 「아라싸뚜바」 지방에 정착하게 되는데 이곳에는 이미 선발대로 간 한국인 농업기술자 열두명이 농장을 개척하고 있다. 이들 일행은 상파울로 시에서 열렬한 환영을 받았다. 이들 일행은 상파울로 시에서 약 三백五十킬로 떨어진 「아라싸뚜바」 지방에 정착하게 되는데 이곳에는 이미 선발대로 간 한국인 농업기술자 열두명이 농장을 개척하고 있다. 이들 일행은 상파울로 시에서 열렬한 환영을 받았다.



(上) 金氏師弟가 사놓았다는 「나구주」 農場. 저사가신랑 「바나나」 밭에서웃고있다. (下) 이주민들이 묵었던 「미라쭈주」 를 돌아보는 이민단 일행.

Fazenda *Miracatu*
Visita dos chefes das famílias da primeira leva da imigração coreana à fazenda *Miracatu*.

Um membro da imigração coreana achou mesmo que a comida servida (carne, feijão, sopa...) na Hospedaria era melhor do que a do navio durante a viagem.[36]

Enquanto os membros da primeira leva aguardavam informações sobre o alojamento em Miracatu, souberam que logo após o desembarque da primeira leva da Coréia, o embaixador Dong Jin Park, acompanhado de uma comitiva, fora até lá a fim de fazer uma averiguação. Para surpresa dele, foi recebido à bala pelos moradores locais, cuja atividade principal era a de plantadores de bananas, e em consequência disso, não pôde conhecer o local. O embaixador pôde verificar que o local estava ocupado e que havia material de construção abandonado. Procurando averiguar o que estava acontecendo, visto que o dinheiro dos emigrantes coreanos era responsabilidade sua, suspendeu o dinheiro dos imigrantes.[36]

Soo Jo Kim, para provar que agira corretamente, levou em 17 de fevereiro de 1963, os chefes das famílias da primeira leva oficial para uma visita à região, e ao contrário da visita do Embaixador Park, foram recebidos de uma forma amigável. Encontraram ali dez famíllias brasileiras, que cultivavam banana há dez anos, e reconheceram elas que haviam adquirido o terreno em 1949, mas que, em 1959, o tinham vendido, e mais, que na ocasião haviam se comprometido a sair assim que chegassem os imigrantes coreanos.

Os coreanos decidiram não ficar com a terra, após reunião realizada em 18 de fevereiro de 1963, dia seguinte à visita.[37]

Segundo Young Ja Chang Kim, os chefes de família consideraram a terra pobre e ficaram surpresos, pois acharam que ela só tinha mato e não prestava para cultivo. Provavelmente, segundo ela, fizeram tal julgamento por estarem acostumados às fazendas coreanas, e consideraram que, face à má qualidade da terra, somente plantações de banana teriam êxito ali.

Diante da situação e frente à permanência não esperada dos coreanos nas dependências da Hospedaria, o diretor da Imigração de Estado de São Paulo, Doutor Otávio Mendes chamou Soo Jo Kim e o embaixador coreano para esclarecimentos.

Nessa ocasião, Soo Jo Kim afirmou que os coreanos tornar-se-iam empregados de uma fazenda, pois de acordo com a lei brasileira, no caso de imigração de contrato, os imigrantes não deveriam se tornar proprietários. Como a imigração coreana era de contrato,

Soo Jo Kim também esclareceu o termo de 'imigração de contrato' que constava nos documentos de permissão para imigração coreana, aprovados pelo INIC-Instituto Nacional de Imigração e Colonização. Entretanto, os coreanos haviam saído da Coréia para serem proprietários de terra e não conheciam as condições legais para imigração no Brasil. Ele, que sabia das regulamentações existentes, enganou propositadamente a seus conterrâneos, pretendendo, com o capital dos imigrantes, comprar uma fazenda e contratá-los como trabalhadores. Após a chegada da primeira leva, Soo Jo Kim divulgou sua verdadeira intenção.[38]

Diante desta situação, os coreanos conscientizaram-se de que cada um estava, na verdade, à mercê de sua própria sorte. Aos poucos, compreenderam os planos de Soo Jo Kim, que queria confiscar o capital deles através de fraude. Mesmo não conseguindo traçar os verdadeiros projetos dele, nós podemos, via o texto de Kyu Hwan Hyun, em A História Geral da Emigração Coreana, seguir o percurso de Soo Jo Kim: "O pessoal da Embaixada, que estava procurando um local para acomodar os recém-chegados imigrantes coreanos, ficou surpreso pelo fato de Soo Jo Kim já ter providenciado acomodações para eles na Hospedaria dos Imigrantes /.../. Soo Jo Kim exigiu dos imigrantes coreanos, no navio, antes do desembarque no porto Santos, dinheiro para a compra de terras em Miracatu, pois só havia contrato verbal entre ele e os imigrantes coreanos. Tinha necessidade de fechar o contrato antes deles mudarem de idéia, pois sabia que em Miracatu, uma propriedade localizada em morro, ninguém quereria ficar. A terra nem podia ser chamada de fazenda/.../"[39]

O jornalista que acompanhou a primeira leva divulgou que o diretor de INIC, Otavio Mendes, orientou a primeira leva a não pagar nada a Soo Jo Kim, e declarou que na pior situação, o governo brasileiro podia arrumar outra terra para os imigrantes coreanos.[40]

Enfim, a tentativa de fraude de Soo Jo Kim fracassou em função de dois fatores: o congelamento de dinheiro guardado na Embaixada, que tinha pago adiantadamente a ele; e da atuação de Otavio Mendes.[41]

O governo brasileiro, por sua vez, apresentou formalmente ao governo coreano reclamações a propósito das diversas irregularidades observadas em relação àquela leva. Os

protestos do governo brasileiro visavam fundamentalmente: 1°) enquanto não fosse resolvido o problema da seleção de imigrantes que deveriam vir para trabalhar em fazendas, de acordo com o que fora inicialmente proposto, não haveria condições de recebê-los; 2°) deveria haver rigor na expedição de vistos de turistas ao Brasil como resultado da atuação dos ex-militares; e 3°) o governo coreano se responsabilizaria daí em diante pela permanência temporária do primeiro grupo de imigrantes, o que até então fora feito pelo governo brasileiro.[42]

No mesmo ano o governo coreano enviou uma expedição de negociação, visando a emigração para a Guatemala,[43] e dois membros da mesma, Ung Seo Oh e Ye Min Lee, foram destacados para visitar o Brasil, chegando a este país em 28 de fevereiro. A finalidade era verificar a situação dos coreanos que haviam chegado ao Brasil como membros da primeira leva oficial.

Realizada a visita, foi a vez do governo coreano reclamar com o governo brasileiro, na medida em que este concedera permissão para a vinda de imigrantes, sem antes ter definido a questão das terras.[44]

Em vista de toda essa situação, o governo brasileiro resolveu, em caráter excepcional, permitir aos coreanos a procura de outras terras para comprar. Uma situação muito especial, visto que pela legislação brasileira, os imigrantes contratados deveriam permanecer no local estabelecido no contrato durante o tempo determinado.

Entre os membros da primeira leva, onze ex-militares que não vinham acompanhados das famílias, após duas semanas de estadia na hospedaria, procuraram localizar os membros da Primeira Delegação Cultural para se aconselharem sobre como agir para se estabelecer na nova terra.[45]

Seis ex-militares, que dispunham de capital, adquiriram, em 10 de março de 1963, um terreno de 37 alqueires nas proximidade de Mogi das Cruzes, mais tarde denominada fazenda *Arirang*, onde receberam outros ex-militares.[46]

Um grupo de cinco famílias protestantes, dispondo de pouco capital, alugou terras de propriedade dos japoneses para formar a "Fazenda de Seoul Corea Nova Bom Sucesso SÃO PAULO BRASIL" (sic), mais tarde denominada fazenda *Seul*.[47]

Estes dois grupos conseguiram se estabelecer de maneira relativamente fácil.

Todos os outros, contrariando o desejo do embaixador de mantê-los unidos para, entre outras coisas, facilitar a superação dos problemas, acabaram separando-se.

Alguns dos que não dispunham de capital nem mesmo para o aluguel de terras empregaram-se em fazendas, cujos proprietários eram de origem japonesa ou, então, em indústrias automobilísticas.

Quando os fracassos e as dificuldades enfrentadas pela primeira leva tornaram-se públicos, cresceram as críticas. Uma das mais comuns foi a acusação de incompetência, a nível governamental, sobre a organização dos projetos de emigração.

Com isso, o Ministério encarregado daqueles projetos começou a tomar maiores precauções. Particularmente, entretanto, convites e transações continuaram a ser realizadas, a ponto de haver famílias coreanas preparadas para embarcar antes mesmo de estarem definidos os detalhes entre os dois países envolvidos.

Como não havia consulado coreano em São Paulo, a documentação era processada no Rio de Janeiro,[48] e os coreanos, que portavam visto de turistas, necessitavam regularizar sua documentação caso tivessem a intenção de aqui permanecer e trazer seus familiares.

Isto ocorreu com os 11 ex-militares da primeira leva, que foram até o Rio de Janeiro, onde estava a Embaixada da República da Coréia do Sul, para pedir ao Embaixador Dong Jin Park orientação em como trazer suas famílias para cá.

Sun Kwan Park lembra-se: "Pedimos com todo o nosso entusiasmo e respeito para o Embaixador. Como, naquela época, o embaixador estava sofrendo com os problemas da primeira leva, disse que não existia saída. Por isso, nossa turma logo resolveu realizar uma paralização no funcionamento da Embaixada. Como protesto, resolveram permanecer no local até receber algumas promessas do embaixador. Enfim, o embaixador Dong Jin Park prometeu que ele ia fazer todo o possível para nos ajudar. Alguns dias depois, em São Paulo, recebemos uma resposta afirmativa/.../. Assim, não só nós fomos beneficiados, mas, também, os membros da Primeira Delegação Cultural."[49]

A disputa com o embaixador levou à regularização da documentação, transformando os vistos de turistas em vistos permanentes. Com visto permamente era possível trazer familiares.

E, Myung Ik Kim, tendo regularizado sua documentação, voltou à Coréia, a fim de

organizar e liderar famílias dispostas a emigrar,[50] formando a segunda leva, que chegou em 10 de novembro de 1963 pelo navio holandês *Ruys*,[51] apenas 9 meses após a chegada da primeira.

Essa leva não apresentou os problemas da primeira, já que a maioria de seus membros veio para se reunir a familiares já estabelecidos.[52]

Havia muitos coreanos interessados em emigrar nos anos sessenta, o que os levou a se filiar à Companhia de Promoção de Cooperação entre Brasil e Coréia, bem como a tomar uma série de medidas a fim de estar preparados para partir na primeira oportunidade. Muitos venderam suas propriedades, tiraram seus filhos da escola e reuniram o maior capital possível. A ansiedade permitiu a exploração da ingenuidade. Algumas vítimas de fraudes perderam tudo o que possuíam. Durante a espera do tão sonhado momento, não foram poucos os que se viram obrigados a mudar de hotel em hotel a fim de passar a noite com sua numerosa família.[53]

Outros, como no caso dos que pretendiam seguir para fazendas, viram seus objetivos caírem por terra, em razão de não ter sido obtida a licença do governo brasileiro. E assim por diante. As perdas foram muitas.[54]

O referido presidente da Companhia de Promoção, Song Yong Lee, chegou ao Brasil a 10 de março de 1963 a fim de providenciar a vinda de outros coreanos. Entretanto, antes de sua partida, foi obrigado pelo governo coreano, a assinar um documento, no qual declarava vir em caráter de turista e não de se envolver com assuntos relativos à emigração Coréia-Brasil.[55]

Aqui chegando, com o auxílio da própria embaixada coreana e recomendação do embaixador Moura, conseguiu garantir a fazenda *Ponta Grossa* como destino da próxima leva de imigrantes. Ficava ela nas proximidades da cidade de Vitória, no Espírito Santo.[56]

Em contacto com o proprietário da fazenda, R. Campos, determinou o número de famílias a serem enviadas. Em seguida, retornou à Coréia a fim de tomar as providências que se faziam necessárias.

Uma série de contratempos fez com que o próprio Campos viajasse também para a Coréia. A demora na saída daquela que seria a terceira leva provocou desistências.[57] Alguns,

inclusive, resolveram vender o direito adquirido a terceiros, tendo o valor das transações variado entre 700.000 e 1.000.000 de Won.[58]

O depoimento de Wan Yup Lee confirma o fato: "Meu primo era membro da comissão da Companhia de Promoção de Cooperação entre Coréia e Brasil que providenciava a documentação para os emigrantes da terceira leva. Para minha sorte, após três anos de preparativos, algumas famílias desistiram de emigrar. Substituí uma delas. Por isso, levei apenas três meses para providenciar a documentação."

Referindo-se à terra, ele continua: "Antes de sairmos da Coréia, já tínhamos pago uma entrada de 50% de uma fazenda em Vitória. Os primeiros coreanos que lá chegaram eram chefes de família, que procuraram preparar o necessário para a chegada de seus familiares.

Cada família ficou com dois alqueires de terra. Construímos um grande dormitório, onde ficavam todas as 68 famílias. Cultivava-se apenas uma parte da terra, pois a maior parte do terreno era imprestável para o cultivo.

Eu gostaria de saber como os brasileiros cultivavam a terra, mas não tive oportunidade de vê-los."[59]

Como ocorrera em outra ocasião, a fazenda *Ponta Grossa* não foi do agrado dos coreanos, que consideraram as terras impróprias para o cultivo, e criticavam a abundância de animais peçonhentos. Sob tais alegações, os recém-chegados foram, pouco a pouco, deixando o local rumo à cidade de São Paulo.

Hak Jin Yoo, que participou desse grupo, contou sua experiência: "Quando nós, da terceira leva, chegamos ao Brasil, verificamos que não existia praticamente nenhuma terra apropriada para o cultivo. Só existiam montanhas de pedras ou pântanos. Para cultivar precisava-se de muito dinheiro, para demolir as pedras, ou drenar os pântanos. Somente duas famílias permaneceram ali até 1966, dedicando-se à agricultura. Nós saímos de lá porque consideramos impossível cultivar a terra com o capital disponível."[60]

Chung Chul Cho explicou: "Este grupo dos imigrantes coreanos tentou ficar na fazenda, cultivando as terras, porque achava que o governo brasileiro não permitiria a sua permanência no país, caso não o fizessem. Toda a tentativa, entretanto, foi em vão."[61]

A organização da quarta leva oficial foi realizada por Jong Sik Park, ex-membro da

Primeira Delegação Cultural, que visitara o Brasil em 1962, ocasião em que entrara em contato com a companhia brasileira denominada "CAUSA", sobre a qual não encontramos nenhuma informação.

Um dos presidentes da "CAUSA" revendeu grande porção de terra aos coreanos imigrantes, com objetivo de desenvolver as terras improdutivas da região de Goías. A área vendida era a antiga fazenda Menino, cujos proprietários anteriores eram imigrantes alemães, que a haviam abandonado.

Retornando à Coréia, no fim de 1963, Jong Sik Park alegou ter sido nomeado gerente geral da citada companhia e encarregado do setor asiático, informando ter conseguido licença oficial para introduzir 500 famílias. Levou seis meses para trazer a quarta leva ao Brasil.[62]

Os emigrantes, antes mesmo de deixarem a Coréia, pagaram US$435,00 dólares por hectare e mais US$40,00 dólares para o processamento da documentação.[63]

O Ministério da Saúde da Coréia solicitou à Embaixada coreana no Brasil um parecer sobre a qualidade das terras em questão. Em sua resposta, a Embaixada informou estarem as mesmas situadas no "sertão" e serem de difícil acesso, determinando, então, a impossibilidade do seu cultivo.

Jong Sik Park também admitia não reunir a Fazenda Menino as condições necessárias para o cultivo, mas argumentava terem os imigrantes coreanos como objetivo primeiro a vinda ao Brasil, não importando em que condições.

Apesar de todas ponderações, o Ministério da Saúde concedeu licença para a emigração, após ter a referida companhia se comprometido a construir residências e a oferecer boas condições aos coreanos.

O cônsul brasileiro, Moacir Moreira Martins Pereira, foi quem emitiu os vistos e se expressou sobre o local: "Esse local, perto de Brasília, não vai ser adequado aos coreanos dadas as péssimas condições de infra-estrutura, tanto para a distribuição da terra como em razão da dificuldade dos meios de comunicação."

Confessou que, dada a vontade de emigrar dos coreanos, ele não teve outra alternativa senão conceder os vistos.

Após todas essas transações, a 18 de agosto de 1964, a quarta leva, constituída por

50 famílias (285 pessoas), embarcou no porto de Pusan, sob a responsabilidade de um funcionário, Tae San Ahn, do Ministério da Saúde.[64]

Uma vez no Rio de Janeiro, os imigrantes se dispersaram, uns à procura de parentes, outros, de conhecidos já estabelecidos no Brasil.

Segundo o depoimento de um deles, Dae Hun Kim: "Quando nós chegamos ao Rio de Janeiro, ninguém nos aguardava a não ser um fazendeiro brasileiro, interessado na venda de terras. Mas ninguém teve confiança nele, logo, não tínhamos para onde ir. Enfim, cada um agiu independentemente, procurando algum conhecido que aqui já se encontrasse. Alguns dirigiram-se para a fazenda *Arirang* e outros para fazenda *Seul*. 10 famílias ficaram no Rio de Janeiro, onde residiam alguns dos 'prisioneiros da guerra'. Os demais se estabeleceram na cidade de São Paulo."[65]

O que possibilitou a emigração nessas condições foi o fato da legislação brasileira permitir a cessão de terras em alguns locais por preço bastante atraente, ou mesmo de graça, por parte de companhias que projetassem a introdução de imigrantes com o propósito de ocupá-las e desenvolvê-las.

A "CAUSA" foi uma das companhias que tirou proveito da situação, utilizando-se, para tanto, dos imigrantes coreanos. Os valores adiantados na Coréia, como parte do pagamento para a aquisição de terras, na realidade, serviram apenas para adquirirem o direito de entrar em território brasileiro.

Naquela ocasião, os imigrantes das levas anteriores estavam enfrentando uma crise séria nas fazendas, o que os forçava a abandonar a terra para a cidade.

Alguns nem mesmo foram para a zona rural: "No meu caso, não tive oportunidade de mexer com a terra, porque não fui até o local de plantio. Segui diretamente para a cidade de São Paulo."[66]

Podemos concluir que, por um lado, todas as medidas tomadas para concretizar o movimento emigratório coreano como imigração agrícola serviram, na realidade, de pretexto para possibilitar a fuga de centenas deles, que estavam esgotados com a instabilidade sócio-política e econômica vigente na Península desde o término da Segunda Guerra Mundial.

Por outro lado, serviu de canal de entrada de milhares de dólares, trazidos pelos

imigrantes coreanos à procura de terras.

Ao todo, as quatro totalizavam cerca de 738 pessoas. Vieram com objetivos bastante diversos daqueles do projeto inicial, isto é, de uma emigração fundamentalmente agrícola. Tanto que, dos imigrantes que desembarcaram com o sonho de se dedicar ao cultivo, na condição de proprietários, só restaram, ao completar dois anos de permanência no Brasil, 9 famílias que trabalhavam a terra.[67]

Diante desta situação, o governo coreano sentiu-se isento de responsabilidades, visto ter-se limitado a atender aos interesses das companhias empenhadas na promoção daquela emigração.

O governo brasileiro, por sua vez, resolveu tomar medidas no sentido de impedir a imigração coreana para o seu território, visto esta não ter cumprido os termos contratuais.

A última leva de caráter oficial foi a quinta, e as seguintes foram todas de caráter particular, denominadas como o 'caso da Bolívia' ou o 'caso do Paraguai'.

A peculiaridade desse grupo foi ter sido organizado pela Igreja Católica, tanto a coreana quanto a brasileira. Em um encontro de arcebispos em Roma, o representante coreano, Ul Soo Yun, pediu ao arcebispo brasileiro, Dom Geraldo Pellanda, do Paraná, que ajudasse os coreanos a se instalarem no Brasil. Inicialmente, conseguiu licença para introduzir 1.000 famílias. O Brasil se reservou o direito de só liberar outras entradas após 3 anos de observação.[68]

No início de 1964, o Ministério da Saúde da Coréia concedeu licença à Igreja Católica para recrutar 150 famílias de emigrantes. Em razão da precária situação econômica da Coréia, somente 53 famílias (313 pessoas) conseguiram embarcar para o Brasil, em janeiro de 1966. Quatro meses depois, emigraram mais 13 famílias (140 pessoas) e, em junho, mais 3 famílias (30 pessoas).[69]

A quinta leva veio dividida em 3 momentos diferentes, perfazendo, no total, 69 famílias (514 pessoas) que foram encaminhadas para a fazenda *Santa Maria*, no estado do Paraná.[70]

Os motivos que levaram os componentes dessa leva a emigrar, segundo o interessante

depoimento de um de seus membros, foram: "Durante dez anos dediquei-me exclusivamente à carreira militar, atingindo a patente de coronel. Em 1960, ocorreu a Revolução Civil, o que me levou a desistir da carreira militar. Neste início de década, a economia coreana estava em crise. Para piorar a minha situação, em 1961 ocorreu a Revolução Militar. Por isso, eu não conseguia arrumar emprego: minha família, mulher e cinco filhos, passava por graves dificuldades financeiras. Além da crise econômica, a Coréia passava por um período de instabilidade política, com a ameaça de uma nova guerra. Havia o perigo da Coréia do Norte, apoiada pela URSS e China, invadir a Coréia do Sul. Esta expectativa caracteriza a Guerra Fria. Por outro lado, imagine um *'vasinho de barro cheio de brotos de feijão'*. Eles crescem tão juntos que acabam por se sufocar. Assim estava a Coréia, apinhada de gente. Por isso mesmo é que o novo governo militar incentivava a emigração. Diante dessa situação, resolvi emigrar para o Brasil. Escolhi este país porque, ao contrário do Canadá, Estados Unidos ou Austrália, aqui não havia preconceitos. Além disso, dentre os países da América Latina, o Brasil era o que apresentava melhores perspectivas devido à sua riqueza em minérios e a seu vasto território. Enquanto providenciava a documentação necessária, fiquei sabendo que estava havendo um golpe militar no Brasil (1964). Fiquei temeroso quanto às caraterísticas do mesmo, imaginando que fosse um golpe comunista. Mas percebi que o regime não mudaria. Mudariam apenas os nomes dos governantes."[71]

É interessante notar como as dificuldades enfrentadas pelos coreanos em sua terra natal influíram nas expectativas frente ao golpe militar ocorrido no Brasil e suas possíveis conseqüências.

Os ex-prisioneiros que estavam residindo no Brasil, sentiram-se ameaçados, a ponto de alguns terem providenciado sua reemigração para os Estados Unidos.

Um membro de quinta leva, Kap In Kim, que a dirigira e a quem coubera zelar pelo transporte das famílias e suas bagagens, recordou a chegada: "Enfrentamos um pequeno contra-tempo: queríamos desembarcar no porto de Paranaguá, mas alegando que o local era raso demais, a empresa proprietária do navio *Tjitjalenka* queria atracar no porto do Rio de Janeiro. Não podíamos aceitar isso, visto que trazíamos uma grande quantidade de equipamentos agrícolas e pertences domésticos."

Segundo o jornal O Estado do Paraná,[72] o desembarque se deu em Paranaguá: "Chegaram

FOTO - 12



A)

a) A chegada dos imigrantes coreanos católicos à Paranaguá.

a Castro, as mulheres e crianças das 53 famílias de imigrantes coreanos que se radicarão no município de Tibagi, onde exercerão atividades agrícolas. Os homens ficaram em Parangaguá, aguardando a liberação dos implementos, máquinas agrícolas e sementes que trouxeram.[73] Quase todos os imigrantes receberam recursos financeiros e já investiram cerca de 200 milhões de cruzeiros na compra das terras e das casas onde se fixarão. Depois da natural problemática inicial, os coreanos já demonstram francamente sua alegria, ante o carinho com que tem sido recebidos /.../. Uma faixa em coreano com os dizeres 'Bem vindos a Ponta Grossa' recepcionou os recém-chegados que iriam se estabelecer no município de Tibagi. Viajando em trem especial, diretamente de Paranaguá a Castro, chegaram a Ponta Grossa às 8h 10, sendo recebidos pelo bispo da Diocese local, Dom Geraldo Pellanda, por Marício Brandão, da Colonização Santa Maria, além de dezenas de pessoas."[74]

No dia da chegada, os coreanos ficaram retidos em Paranaguá das 9 às 22 horas, para efeito da liberação da bagagem. Segundo ainda aquele diário: "Cerca de 140 toneladas de equipamento e apetrechos domésticos também estão para serem liberados para o que foi pago Cz$ 2 milhões e 700 mil cruzeiros."[75]

Os recém-chegados passaram os dois primeiros meses se adaptando à nova terra. Só depois é que começou o trabalho propriamente dito na fazenda *Santa Maria*.

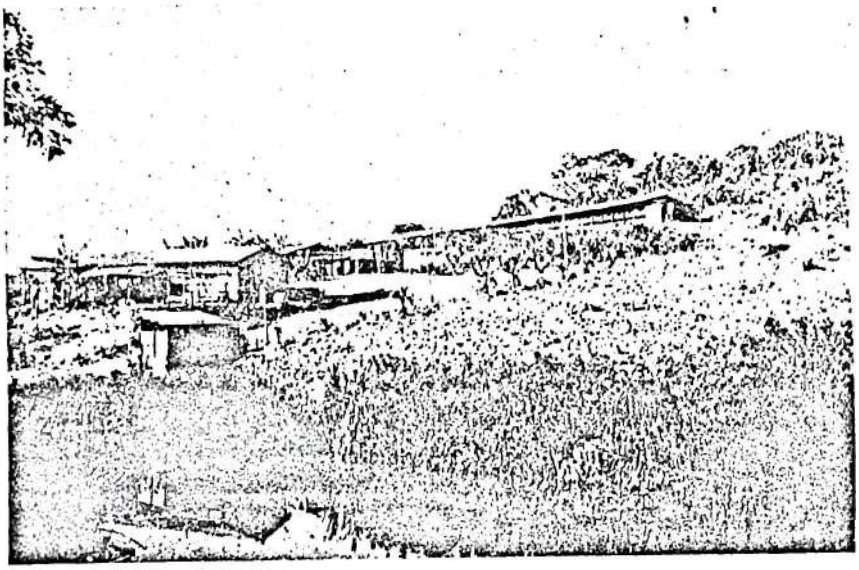
2.1. A EXPERIÊNCIA NO CAMPO

2.1.1. AS FAZENDAS *ARIRANG E SEUL*

Os imigrantes da primeira leva dividiram-se em dois grupos: um seguiu para fazenda *Arirang* e outro para a fazenda *Seul*.

A fazenda *Arirang* (37 alqueires) localizada no município de Mogi das Cruzes, noroeste do Estado de São Paulo, ficava a 58 Km da Capital e foi inaugurada como propriedade coreana em 20 de março de 1963. Os ex-proprietários, de origem Japonesa, cultivavam limão, que era na época o principal produto da região. Ficava localizada nas proximidades da via Dutra, principal estrada de acesso ao Estado do Rio de Janeiro, e era uma fazenda rica e bem-estruturada, com vizinhos, e equipada com carroças e trator.

FOTO - 10



Fazenda *Seul*

De acordo com Chung Chul Cho, a cotação do cítrico era muito baixa no mercado e os coreanos decidiram cortar todos os pés, pois não poderiam obter lucros satisfatórios, e passando a plantar caqui, goiaba, pêssego e uva. A principal atividade era a avicultura, e a fruticultura ficou como secundária.

Pelo relatório do Ministério da Saúde da Coréia, 1963, a divisão das terras foi a seguinte:

Quadro 2 – Fazenda *Arirang*: proprietários

76)

Man Sik Chang	:	10 alqueires
Kye Soon Ko	:	7 "
Jae Ok Seo	:	3 "
Jung Han Cho	:	6 "
Kye Soon Ahn	:	2 "
Chun Kyo Han	:	6 "
Kwang Soon Ko	:	3 "

A maioria dos proprietários, por ser composta de ex-militares, festejava as datas ligadas às revoluções coreanas, isto é, 19 de abril, da Revolução Civil, e 16 de maio, da Revolução Militar.[77]

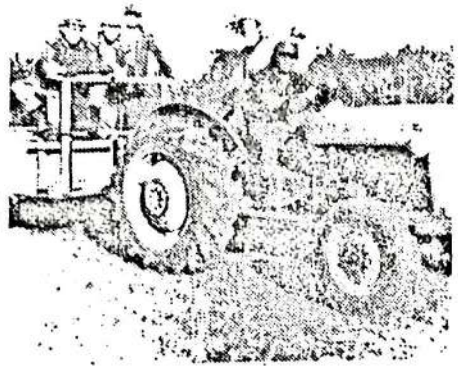
A fazenda *Seul*, por sua vez, ficava a 30 Km de São Paulo, nas proximidades de Guarulhos. Em seus 12 hectares, alugados por cinco famílias, entre elas Chung Hyuk Kim, Seung Il Han, Dong Yup Ahn, exploravam a avicultura, e a horticultura, a nível de subsistência.[78]

A propriedade foi alugada de agricultores de origem japonesa por um período de cinco anos. Os dois primeiros anos foram pagos adiantados, ao preço de Cr$20.000,00 (vinte mil cruzeiros) anuais. Na época, 1 dólar valia Cr$1.400,00 (hum mil e quatrocentos cruzeiros)[79]

Ao contrário da fazenda *Arirang*, as pessoas da Fazenda *Seul* enfrentaram, no início, muitas dificuldades, inclusive quanto à sua subsistência.

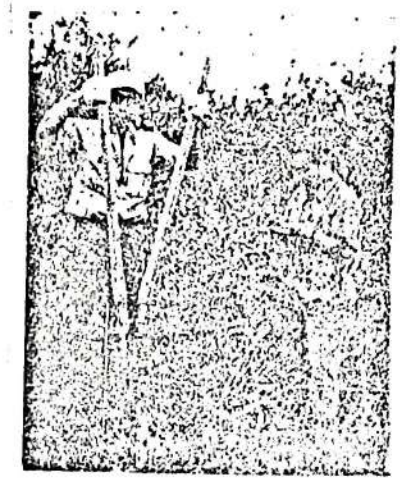
Em abril de 1963, o jornal HanKook informava que os coreanos da fazenda "Nova Bom Sucesso" (sic) já estavam tão bronzeados quanto a população local. Apesar do nome

FOTO - 11



63년 6월 아리랑촌에서

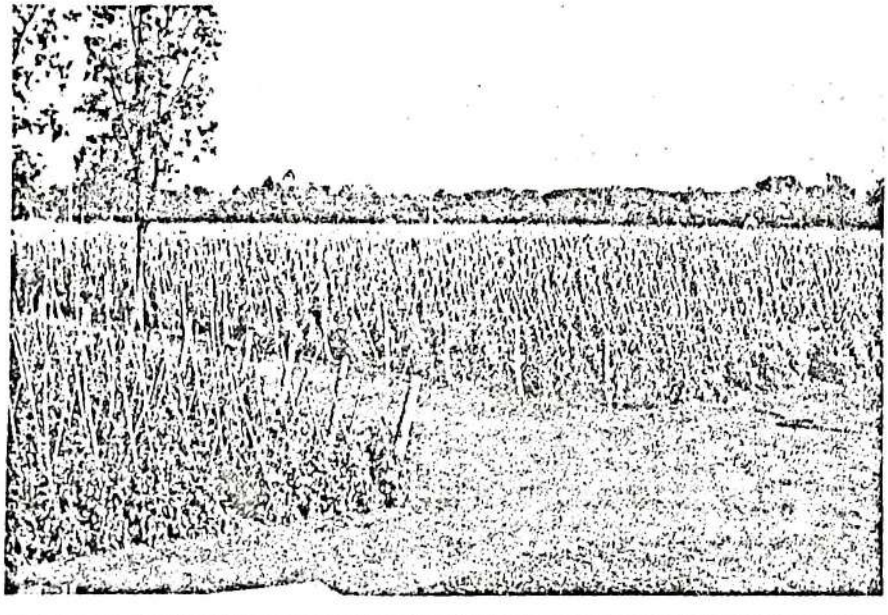
A)



農民이 使用하는 삽

B)

Ilustrações da fazenda *Arirang*



C)

diferente, a localização corresponde à fazenda *Seul*.

Na Fazenda *Seul*, também eram comemoradas algumas datas: como o 1º de março, movimento popular de 1919 contra o Japão e 15 de agosto, libertação da Coréia em 1945. A proximidade com a Capital facilitava, nessas ocasiões, a presença de quase todos os coreanos que aqui viviam, inclusive Dong Jin Park, então embaixador.[80]

As esperanças dos imigrantes eram múltiplas. Por exemplo: "Daqui a um ano, poderei ter um carro (Sedan) novo (1.500 contos (sic) = 300.000 Won)."[81]

Na entrevista à revista Shin Dong-A, Chung Hyuk Kim declarou: "Nós, os componentes das cinco famílias, decidimos nos dedicar à avicultura. Após a construção das instalações necessárias, compramos 2.300 pintos. O retorno do investimento veio em 3 meses. O lucro foi grande. Por isso eu, particularmente, investi 70 contos (sic) com uma criadeira e comprei 500 pintos. Após três meses, o lucro foi superior a 200 contos de réis (sic). Fiquei muito contente. Realmente eu senti que o Brasil, de verdade, é um bom lugar!···

A euforia era geral. Tanto que, diante do sucesso, as famílias procuraram ampliar suas criações. Eu mesmo aumentei o número de pintos de 500 para 4.500"[82]

Os vizinhos não se cansavam de os incentivar. Por exemplo: "Neste país, com pessoas tão preguiçosas como o Brasil, os coreanos vão ficar ricos, pois eles são dirigentes e apresentam alto grau de cooperação entre eles."[83]

"A fazenda *Seul* chegou a contar com 20.000 pintos. Mas as coisas nem sempre andaram bem. Os problemas logo começaram a surgir: em julho e agosto de 1964, a região sofreu a pior seca dos últimos 70 anos. O milho, que era utilizado como ração, teve seus preços duplicados. Isto refletiu na cotação das galinhas, cuja venda caiu drasticamente. A perda de capital foi muito grande."[84]

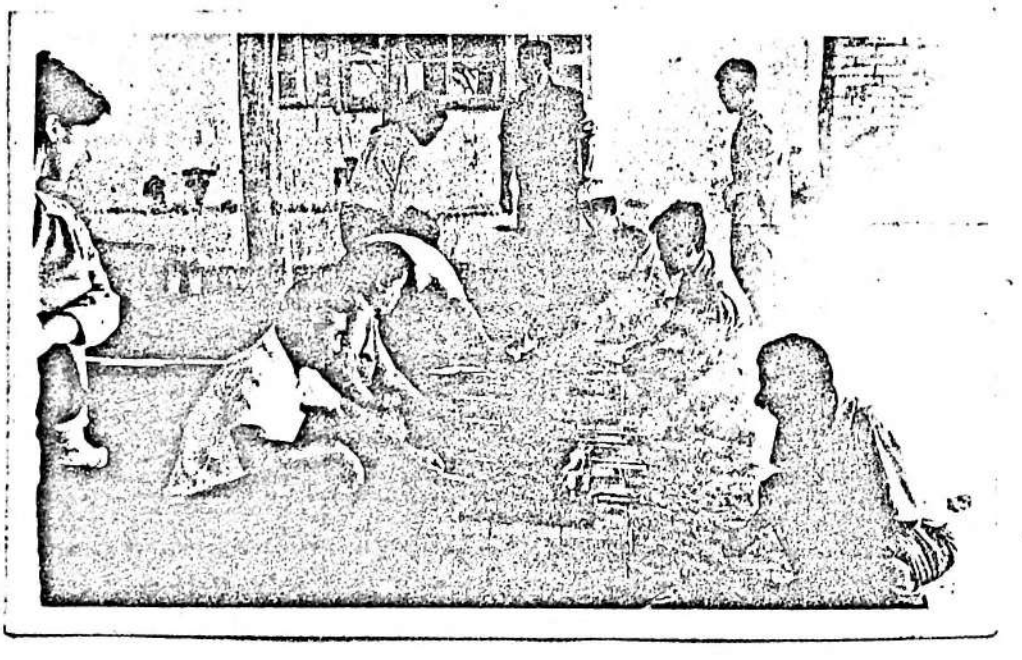
No Brasil, como nos outros países da América Latina, o lucro dos intermediários é muito grande. Por isso, alguns coreanos levaram seus produtos até São Paulo para vendê-los diretamente. Porém, a ignorância quanto à flutuação do mercado levou os coreanos ao fracasso.[85]

Para agravar a situação, no ano seguinte, terminaram os dois anos de aluguel, que haviam sido previamente pagos. Duas famílias reemigraram para a Argentina, enquanto as outras três restantes dirigiram-se para a Capital, visto não serem de origem camponesa,

D)



E)



Ilustrações da fazenda *Arirang*
d) A cerimônia de data comemorativa da Libertação em 15 de agosto de 1964.
e) Após a cerimônias, um churrasco.

Chung Hyuk Kim, Seung Il Han, Dong Yup Ahn.[86]

2.1.2. A FAZENDA *SANTA MARIA*

A fazenda *Santa Maria*, de 619 alqueires, foi adquirida com o dinheiro arrecadado pela Igreja Católica coreana junto a 150 famílias interessadas em emigrar. A intermediária para a compra das terras foi a Igreja Católica no Brasil. Essa propriedade, localizada no Km 37 da Rodovia do Café, município de Tibagi, no Paraná, é distante da cidade de Ponta Grossa 30 Km, do porto de Paranaguá, 300 Km, e da cidade de São Paulo, 550 Km.[87]

Comparando com as outras, a quinta leva parece ter sido a melhor organizada e preparada. Após a escolha do local em que os coreanos iriam se estabelecer, três padres vieram coordenar a construção da moradia dos imigrantes. Jae Sun Yoo, da primeira leva, também participou, supervisionando a referida construção.

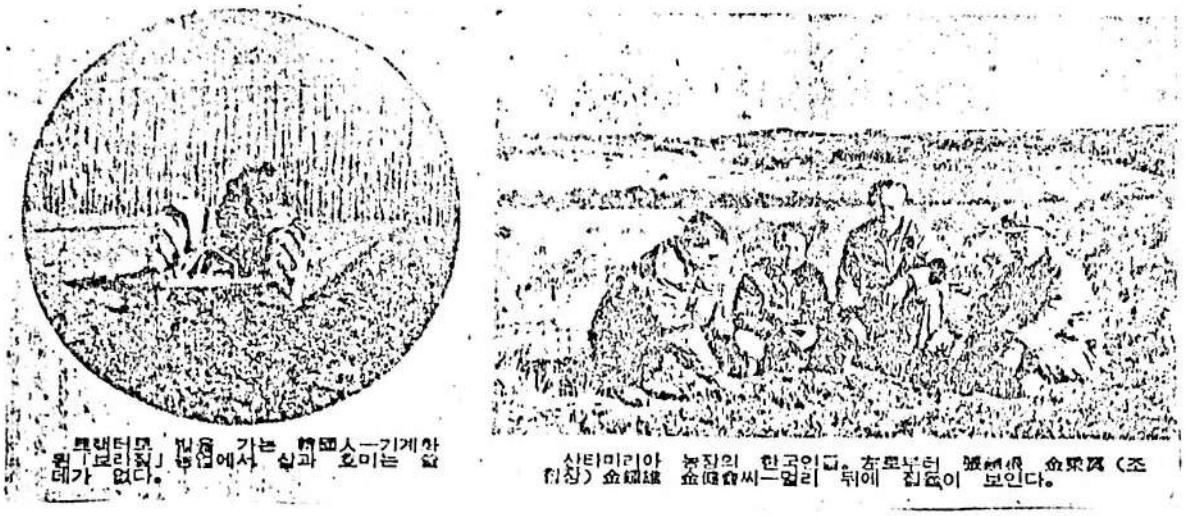
Logo após a chegada dos imigrantes, essa fazenda passou a ser conhecida por Colônia Coreana.

À semelhança de outras propriedades anteriormente adquiridas, a referida fazenda era uma área virgem, jamais utilizada para plantio, e somente metade de suas terras era cultivável.

As dificuldades enfrentadas pelos recém-chegados não foram poucas. *Santa Maria* não dispunha de luz ou água e não havia perspectiva de soluções imediatas. Apesar do compromisso de ali permanecer por 3 anos, algumas famílias fugiram antes de completar esse tempo. O sinal de que haviam partido de suas casas era o fato de não acenderem a lamparina à noite.[88]

Os que ficaram sabiam da necessidade de iniciar o plantio; porém, além de não terem experiência no setor, era necessário aguardar seis meses para a obtenção da primeira colheita.

Nesta situação, cada um buscou uma forma particular de sobrevivência, até que tudo se normalizasse. Alguns possuíam economias razoáveis e haviam trazido até mesmo alimentos, mas outros não tinham sequer o que comer. Estes ganhavam o pão diário com serviços braçais na cidade, enquanto os outros vendiam pertences, como câmaras, relógios e rádios no



B)

b) Fazenda *Santa Maria*
Da esquerda: In Keun Chang, Byung Ik Kim, Jong Ung Kim e Kun Hoi Kim.

mercado local a fim de obterem algum dinheiro.

De qualquer forma, desde logo dedicaram-se à avicultura e ao plantio.

Uma vez completada a quinta leva, em novembro de 1966, formaram uma cooperativa, sob a vigilância e os cuidados dos religiosos, e foi a primeira tentativa nesse sentido dos coreanos no Brasil.[89]

Verificaram desde logo a necessidade de angariar mais recursos financeiros. O governo coreano doou US$40.000,00 dólares, dos quais US$30.000,00 foram utilizados na compra de 3 tratores e uma colhedeira. Após dois anos de plantio de arroz, uma praga dizimou a plantação, o que os obrigou a vender as máquinas a fim de saldar as dívidas.[90]

Diante de tais dificuldades, muitos colonos foram, pouco a pouco, perdendo as esperanças.

Repetia-se, assim, com os coreanos o que ocorrera, por exemplo, com os japoneses no início do século. O impacto da nova terra e as dificuldades a enfrentar levaram muitas famílias a abandonarem as fazendas antes mesmo do fim do prazo previsto em contrato para permanência no local.

Os problemas continuaram, e a avicultura também causou decepção. Alguns colonos, como Sang Lyong Kim, In Keun Chang, Nam Soo Baik, Uoo Pyo Park e outros, dando a terra como garantia, adquiriram 500 pintos em fazendas vizinhas, principalmente de proprietários de origem japonesa, que lhes transmitiram as técnicas de criação.

In Keun Chang conta que trabalhou dia e noite para manter a taxa de crescimento das aves sob seus cuidados. Seu exemplo foi seguido por outros, que, ganhando coragem, construíram um viveiro de 6m x 36m, e com isto conseguiram criar 25.000 cabeças.[91]

A concorrência, em pouco tempo, implantou-se entre os coreanos. Após 5 ou 6 anos de sucesso começaram a surgir doenças que dizimaram um grande número de aves. Isto fez com que muitos retornassem para as atividades agrícolas.

Mas estas vinham enfrentando problemas, tanto que muitas famílias, como vimos, abandonaram a fazenda, e três anos após a chegada do grupo, a maioria das famílias já não mais lá se encontrava.

A evasão provocou reação na Coréia, onde havia interesse no envio de outras famílias que ali permaneceram e haviam adiantado sua parte para a aquisição de terras da fazenda,

estando apenas aguardando o embarque.

O Brasil não permaneceu indiferente. A evasão em grande escala, sem o cumprimento do prazo pré-estabelecido, levou-o a proibir a entrada de coreanos a partir de 1969.

Um dos problemas enfrentados pelos colonos foi o de obter o registro da terra em seus próprios nomes. Segundo In Keun Chang: "Quando comecei o plantio de trigo, arroz, soja, para valer, comecei a pensar na questão da propriedade da terra. Até então ela era registrada em nome de terceiros, o que dificultava a obtenção de financiamento bancário. Com a ajuda de algumas pessoas, começamos a reclamar a posse da terra junto ao INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Após 4 anos, em setembro de 1971, finalmente as 17 famílias que permaneceram na fazenda tiveram a sorte de receber a terra, ficando cada uma com cerca de 35 alqueires." 92)

Em setembro de 1971 a fazenda *Santa Maria* passou a ser denominada Empresa Colonizadora Santa Maria. O fato foi importante porque libertou os coreanos da condição de imigrantes contratados, e permitiu a distribuição legal das terras, e eles sentiram, pela primeira vez, que seus esforços estavam tendo resultados concretos.

A mudança em sua condição teve repercussão positiva, chegando alguns a faturar de 100 a 200 mil cruzeiros anuais.

In Keun Chang contou: "Após o reconhecimento legal da terra, comprei um trator e uma colhedeira. Tudo foi financiado pelo banco, mediante a hipoteca da terra /.../. Na porção úmida, construímos canais, tranformando-a em terras cultiváveis. Algo não muito comum no Brasil. A partir do exame das terras, escolhi o plantnio de maçã e pêssego para o pomar. Plantei cereais para obter duas colheitas anuais, o trigo em maio e a soja em novembro. Os equipamentos agrícolas daqui eram muito desenvolvidos em relação aos da Coréia, a ponto de jamais pensar em cultivar a terra com equipamentos coreanos."

Segundo ele, ainda: "Quando o embaixador da Coréia visitou a nossa fazenda *Santa Maria* a denominou de fazenda *'Semaul'*, o que pode ser explicado pela força de movimento *Semaul* na Coréia."93)

Apesar dos fatores positivos, enfrentou também problemas: "Os empregados brasileiros eram fortes e trabalhadores, porém queriam ter férias e feriados. Eles nos olhavam como um povo sem férias, nem festas. Eles costumavam faltar após a colheita ou plantio.

Alguns iam para a delegacia regional do trabalho para criar problemas, o que obrigava os donos a executarem os servigos deixados por eles..."[94]

Um dos grandes problemas da fazenda foi a não existência, entre os coreanos, de herdeiros interessados. Os jovens, assim que terminaram o curso de primeiro grau, em Ponta Grossa, mudaram-se para São Paulo, a fim de continuar seus estudos.

Quando o jornalista Sung Hak Hong visitou a fazenda *Santa Maria*, em 1984, disse: "Fiquei com a impressão de decadência dessa fazenda em lugar de crescimento /.../. Os que viviam ali eram velhos. Os jovens já haviam saído de lá. A impressão que tive de lá é que era um lugar de repouso para velhos."[95]

Um dos antigos moradores, In Keun Chang, que enviou, em 1973, todos os seus filhos para São Paulo para estudar, afirmou: "O meu filho primogênito é realmente um filho bom. Quando outros moços na idade dele já haviam se mudado para São Paulo, ele ficou até 1972 na fazenda, ajudando a mim e à minha mulher a nos adaptarmos à vida do campo."[96]

Apesar dos problemas, a fazenda *Santa Maria* começou a ser reconhecida por todos, e muitos visitantes a procuravam nos fins de semana.

Com o passar do tempo, os coreanos apegaram-se ao solo, a ponto de se sentirem entristecidos quando eram obrigados a se afastar, como In Keun Chang: "Eu e minha esposa saímos da fazenda em 1984, após viver nessa terra por 18 anos. Doeu o coração abandoná-la, mas a vida agrícola em si não era sossegada. A minha esposa ficou por duas vezes entre a vida e a morte, devido a picadas de aranha, e, num dia chuvoso após a entrega de pêssegos em Ponta Grossa, ao voltarmos, vimos a nossa casa incendiar-se com a faísca de um raio /.../. Não vendi todas as terras. Deixei cerca de 4 alqueires para o plantio de castanha e para mostrar a meus netos o local onde eu trabalhei."[97]

Hoje em dia, a fazenda *Santa Maria* conta com 6 famílias,[98] cuja principal atividade é o cultivo de produtos típicos da comida coreana, sendo grande fornecedora para as mercearias da cidade de São Paulo.

Byung Ik Kim permaneceu na fazenda *Santa Maria* até a sua morte, em fevereiro de 1989, tendo dedicado toda a sua vida à agricultura. Além da terra que recebeu, adquiriu terrenos vizinhos, totalizando em 1976, mais de 1.000 hectares, nos quais desenvolveu diferentes atividades, além da avicultura: cultivava verduras, frutas, arroz, soja e trigo, e contava

com uma infra-estrutura completa, tratores, semeadeiras, colhedeiras etc., e com 70 empregados fixos. Fazia uso de empréstimos bancários da ordem de mais de um milhão de cruzeiros![99] Periodicamente, os fiscais do INCRA iam inspecionar as atividades da fazenda e ficavam admirados ao ver o resultado: 120% de lucro, quando o esperado seria, no máximo, 80%. Com a sua morte, o segundo filho, Do Myung Kim, que trabalhava em uma loja de roupas na cidade de Curitiba, assumiu o lugar do pai, continuando sua obra.

A história dele constitui uma exceção entre os demais coreanos radicados no Brasil, pois dedicou 23 anos de sua vida ao cultivo, já que a maioria se destacou em atividades urbanas.

2.1.3. FAZENDA *DONA CATARINA*

Os ex-membros da Primeira Delegação Cultural, Sang Jin Kim e Kwan Soon Hong iniciaram uma fazenda em 1967, após os fracassos das fazendas *Seul* e *Arirang*, comprando 142 alqueires de terra virgem, a 58 Km ao sul da capital paulista na Rodovia Castelo Branco. Depois, Jun Yeul Shim, Sung Han Kim, Sung Jong Kim, Sung Jun Kim e mais duas famílias juntaram-se a eles.[100]

Segundo o depoimento de um dos primeiros fundadores da fazenda, Sang Jin Kim, ex-funcionário do Corpo de Polícia de Seul na Coréia durante doze anos, iniciou seu trabalho numa fazenda cujos donos eram de origem japonesa, localizada na Itaquera, para aprender a avicultura. Teve uma série de fracassos como proprietário independente: em sua primeira tentativa, dedicou-se à fruticultura, mas não deu certo; tomou parte da administração da fazenda *Seul* quando da chegada da primeira leva, e conheceu outro fracasso; depois, tentou se tornar proprietário independente, mas vendo-se em apuros, passou a trabalhar como assalariado em diversas fazendas, o que durou uns seis anos,[101] até começar a fazenda *Dona Catarina*.

Durante os primeiros quatro anos, com US$18.000,00 dólares de subsídio do governo coreano, sob condição de reembolso em cinco anos, foram ali produzidos cogumelos, tomates, milho, feijão e batata doce, sendo também praticada a avicultura.[102]

A propriedade em questão era a fazenda *Dona Catarina*, que chegou a ser considerada

FOTO - 13



Fazenda *Dona Catarina*
Sang Jin Kim e o deputado coreano Chul Seung Lee,

como padrão na prática avícola.

O lucro anual era de aproximadamente US$100.000,00 dólares, quantia esta resultante não só da venda mensal de 8.000 aves, como também, de cogumelos.

Apesar do sucesso inicial, o desconhecimento das variações de mercado levaram o empreendimento ao fracasso, mesmo com o auxílio do governo coreano.[103]

No caso de Sang Jin Kim, ele também cultivava 35.000 pés de tomates naquela fazenda, mas a geada estragou todo o produto. Ele teve de abandoná-la em 1969.[104] O fim da fazenda *Dona Catarina* foi em 1978, quando as famílias se mudaram para a cidade de São Paulo, com exceção da família de Sung Jun Kim, que ali permaneceu, mas colocou a propriedade à venda.[105]

2.1.4. FAZENDA *EXEMPLAR*

Esta fazenda é uma das tentativas de Sang Jin Kim que teve sucesso. Após vários fracassos nas fazendas, inclusive na fazenda *Dona Catarina*; em meados de 1969, com a chegada de sua família, abriu uma loja de avicultura e, por um certo tempo, obteve lucro, vendendo 6.000 aves diariamente. Dificuldades econômicas obrigaram-no a fechar seu negócio. Com o produto da venda de seu estoque e pertences, adquiriu um trator e demais aparelhos agrícolas, mudou-se para Brasília em março de 1970, para se dedicar à agricultura. Ali conseguiu financiamento necessário para a aquisição de 200 alqueires e auxílio financeiro, com prazo de vinte anos de carência, sob uma parte de projeto de Colonização de INCRA. Teve uma época de relativo sucesso, graças ao plantio de melancia e abóbora. Mesmo frente à instabilidade climática, obteve bons resultados, recebendo inclusive a homenagem do prefeito local e financiamento incondicional, em razão do êxito alcançado.

Em consideração à sua pessoa, sua fazenda passou a ser denominada de fazenda *Exemplar* e até hoje ele trabalha nela.[106]

É um exemplo de 30 anos de desempenho, como a única pessoa que se dedicou obstinadamente à agricultura, após a chegada ao Brasil, exercendo o contrato de Imigração de Agricultores.

2.1.5. FAZENDA *CODEPAL*

Um dos membros da primeira leva, Myung Ik Kim, desde o início, lançou-se em um grande projeto: conseguiu um empréstimo junto a uma das companhias de desenvolvimento, chamada *CODEPAL*-Cooperativa de Desenvolvimento do Paraná Limitada, na qual o governo do Paraná tem uma participação da ordem de 65%.

Seu projeto foi aprovado pelo governo paranaense após um ano de avaliação, concorrendo com outros 13 projetos de elementos de diferentes nacionalidades. Teve por sócios: Hae Kon Kim e Soon Bok Ahn, Doo Sik Ahn e os brasileiros chamados Eliel e Lubin.

O investimento dos sócios foi de US$200.000,00 dólares e o empréstimo foi de US$300.000,00 dólares.

Em 30 alqueires de área, o projeto previa a possibilidade de criação de 150.000 aves e a venda mensal de 9.000 cabeças.

Segundo o jornal Dong-A, a cerimônia de inauguração, em 18 de março de 1967, contou com a presença do arcebispo de Ponta Grossa, D. Geraldo Pellanda. Então possuía 6.000 aves, e o lucro era da ordem de US$3.900,00 dólares.[107]

Em função de problemas de ordem familiar, não continuou a trabalhar na fazenda, abandonando o projeto, reemigrou para os Estados Unidos. Com sua saída, o projeto fracassou completamente.

2.1.6. FAZENDA *AMAZÔNIA*

Foi a única tentativa de estabelecimento agrícola na Amazônia de imigrantes coreanos.

Com um projeto em terras amazônicas, Ung Seo Oh, em 1966, conseguiu obter aproximadamente 3.000 alqueires de terra no Território de Rondônia.

O Ministério da Saúde do Governo da Coréia, responsável pela emigração coreana, tinha estudado a imigração japonesa no Brasil, e o porquê de a partir de 1930 os japoneses voltarem seus interesses para a Amazônia, onde o governo lhes concedera, em 1927, largas extensões de terras[108] com o objetivo de desenvolver terras virgens, para atender às

necessidades do governo brasileiro.

Naquela época, os coreanos que haviam trabalhado como mineiros na Alemanha, como vimos, chegaram ao Brasil, após o término de seus contratos. Ung Seo Oh os convocou para realizarem seu sonho. Como não tinham a documentação em ordem, nem moradias, eram pessoas que, por falta de outras oportunidades, estavam dispostas a ocupar aquelas terras.

Foi formado o primeiro e único grupo para a ocupação das terras, com 15 pessoas, que partiu com destino à cidade de Porto Velho.[109]

Segundo relato de Ung Seo Oh: "Na época, o Brasil tinha conseguido o título de um dos maiores produtores de pimenta do reino, mas que por razões desconhecidas, começava a perder seus espaços no mercado internacional. Os técnicos do governo, após examinarem as terras, recomendaram, então, o plantio desse produto , que logo passou a ser uma das suas principais atividades /..../. Entretanto, era uma atividade árdua, por ser realizada no meio da mata virgem. Foi necessário o plantio de outros grãos para o próprio sustento do grupo. O auxílio do governo consistia na distribuição de carne seca, mandioca, feijão e arroz. Algo que ficava muito longe dos costumes alimentares dos colonos. Semanalmente se dirigiam até os postos do governo para receberem os alimentos. Passavam por exames médicos e, periodicamente, tomavam vacinas contra a malária. Freqüentemente, para matar a fome, caçavam jacarés e outros animais, fora a pesca."[110]

Apesar das dificuldades, os coreanos continuaram a trabalhar. No entanto, com a mudança do governo federal, a ajuda financeira a eles foi extinta, obrigando-os a desistir.

Ao final de quase dois anos e meio de atividade na floresta, período em que sofreram a falta de alimentos e as doenças regionais, finalmente abandonaram o local, dirigindo-se para a capital paulista.[111]

2.1.7. COREANOS QUE PERMANECERAM EM ATIVIDADES AGRÍCOLAS

Na elaboração desta parte do trabalho aproveitamos os depoimentos prestados por integrantes das cinco primeiras levas, que vieram ao Brasil em caráter oficial.

Complementamos nossas informações em outras fontes e procuramos detectar a presença e

as atividades exercidas por coreanos em diferentes pontos do território brasileiro.

Tomando por base alguns depoimentos prestados, em 1966, à revista coreana, Shin Dong-A,[112] ficamos sabendo que, no Paraná, a 600 Km de distância[113] de São Paulo viviam, então, três famílias coreanas dedicadas à avicultura, as de Sung Kwan Park, Myung Hee Kim, da primeira leva, e Hyung Kon Park da segunda leva.[114]

No norte daquele estado, Yun Mann Kang possuía uma grande fazenda de café, onde cultivava arroz e milho e criava mais de cem porcos.[115]

Na mesma região, "Yun Ho Park, formado na universidade de Seul, foi convidado a lecionar numa escola superior de agricultura dada sua especialização."[116]

Por sua vez, em Mogi das Cruzes, vivia Young Chan Park, em um sítio, onde criava aves: "Em relação a outros imigrantes coreanos, ele teve sucesso, porque adquirira esse sítio já com certa infra-estrutura. Na ocasião, contando com 4 a 5 mil galinhas, vendia leite e mantinha um orquidário", segundo palavras de Kwang Soon Ko.[117]

Em Atibaia, no interior paulista, a 50 Km da capital, Chul Hun Kim cultivava verduras, milho e batata, e tinha em mente ampliar o seu plantio de árvores frutíferas.[118]

Dong Soo Lee, o ex-professor do colégio Suwon, e Chong Dae Cho, o ex-bombeiro, começaram uma criação de peixes e, para isto, alugaram terras em Campinas, a 150 Km de São Paulo, ao preço de US$300,00 dólares por ano. Superando as expectativas, conseguiram em um mês lucro igual ao preço pago por um ano de aluguel. Satisfeitos com os resultados, ampliaram suas atividades com a criação de porcos e aves.

Em Itaquera, Jong Sup Lim, Soo Bong Kim e mais uma pessoa cujo nome não foi lembrado mantinham um orquidário.

Naquela época, havia coreanos que continuavam ligados às atividades agrícolas.[119]

A partir dos dados relatados, procuramos esquematizar a chegada dos primeiros coreanos ao Brasil da seguinte forma.

Quadro 3 – Cronologia da chegada dos coreanos

Ano	Trans-porte	Local de Desembarque	Número de Imigrantes	Comentários
1910–45	?	?	4	Os coreanos naturalizados como japoneses[a]
1956	Avião	R.J	52	Os ex-prisoneiros da guerra procedentes da Índia
5.1.1965	Avião	R.J	14	A 1ª Delegação Cultural
12.2.1963	Navio	Santos	103	17 famílias e 11 ex-militares
11.1963	Navio	Santos	100	24 famílias [b]
15.3.1964	Navio	Santos	70 250 30	68 famílias (Total)
18.8.1964	Navio	R.J	285	50 famílias
13.1.1966 15.6.1966 16.8.1966	Navio	Paranaquá	313 140 30	53 famílias 13 famílias 3 famílias

a) Sem que tenham declarado sua real nacionalidade
b) Não foi possível se obter o número de pessoas, por divergências de dados.

Além desses, entraram outros tantos, como turistas, ou mesmo, clandestinos, dos quais não se tem número nem mesmo aproximado. Sabe-se, apenas, que foram muitos.

2.1.8. ALTERAÇÕES VERIFICADAS

Os imigrantes coreanos, componentes das cinco levas vieram registrados como agricultores, embora a maioria trabalhasse como comerciante em sua terra natal. Entre 1968 e 1970, vieram os que conseguiram vistos de entrada, ou por terem ligações de parentesco com imigrantes aqui estabelecidos, ou em razão de contrato de serviço como técnicos. Apesar de, por uma série de circunstâncias, ter o governo brasileiro colocado dificuldades na emissão de vistos de entrada e chegado mesmo a impedir a introdução de

coreanos no país, a ação diplomática conseguiu que em dezembro de 1970 [120] fosse instalada em São Paulo uma agência da Companhia Oficial de Desenvolvimento da Coréia no Exterior. Seu primeiro presidente foi Kuk Jin Han,[121] ex-vice-ministro da Saúde da Coréia, responsável pelo setor de emigração.[122]

A partir daquela data foi facilitada a vinda de muitos técnicos através de contratos. Em 1971, por exemplo, desembarcaram no aeroporto cerca de 1.400 coreanos, a maioria dos quais portadora de diploma de nível universitário. O interesse maior em emigrar para o Brasil foi, entretanto, interrompido em 1972 por medida restritiva tomada por parte do governo brasileiro.[123]

Tal fato, entretanto, não impediu que coreanos continuassem a entrar no país. Na verdade, ao final da década anterior, os coreanos que haviam trabalhado, quer na Alemanha Ocidental como mineiros, quer no Vietnã, por não quererem voltar à Coréia, e, não conseguindo emigrar para os EUA,[124] haviam, como vimos, optado por seguir para o Brasil. Além deles, no início dos anos setenta, alguns professores de Tae Kwon Do vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor, contribuindo para a divulgação da cultura coreana. Depois de regularizar sua presença no país, empenharam-se em trazer seus familiares.

Ao contrário da Coréia - onde o principal sistema familiar exclui as filhas casadas, o Brasil, onde não existe esta exclusão, facilitou a reunião das famílias, com a emigração de todos os seus membros.

Em 4 de maio de 1977, o governo coreano colocou barreiras à emigração para a América Latina, visando resolver os problemas causados pelos clandestinos, as brigas entre os coreanos aqui estabelecidos e, também, buscando evitar a formação de uma imagem negativa nos países latino-americanos em relação a eles.[125] Com tais medidas, ocorreram muitos desencontros e separações familiares, à semelhança do que acontecera durante a guerra. Por exemplo: Sung Ku Hong possuía toda a documentação necessária para emigrar, e foi impedido de acompanhar os demais familiares por estar fazendo o serviço militar que, na Coréia, é de três anos obrigatórios, apesar de lhe faltar três meses para completá-lo. Enquanto cumpria o serviço militar, foi proibida a emigração para o Brasil, e, com isso, ficou separado da família durante 7 anos. Só em 1983 conseguiu juntar-se aos seus familiares, e, nesse caso, a sorte reuniu a família. Na história da imigração coreana,

houve muitas separações, não só entre membros de uma mesma família, como também entre casais. Nesse ponto, aliás, não fugiram os coreanos à regra em relação ao que ocorreu com imigrantes de outras procedências.[126]

2.2. O ÊXODO DO COREANOS DA ZONA RURAL PARA A ZONA URBANA

Os imigrantes eram originários sobretudo da Coréia do Norte, e exerciam na Coréia do Sul a profissão de comerciantes; sonhavam em se estabelecer definitivamente no Brasil, onde pretendiam cultivar a terra, transformado-se em pequenos proprietários.

Quadro 4 – Local de saída dos emigrantes coreanos [127]

Estado	Nº da família	Percentagem
Seul	273 famílias	53.5%
Pusan	50 "	9.8%
Kangwon	8 "	1.6%
Kyonggi	24 "	4.7%
Chungchong do Norte	6 "	1.2%
Chungchong do Sul	3 "	0.6%
Kyongsang do Norte	22 "	4.3%
Kyongsang do Sul	17 "	3.4%
Cholla do Norte	2 "	0.4%
Não declarado	99 "	19.3%
Total	510 "	100.0%

A proveniência majoritária dos imigrantes da Coréia do Norte fica evidenciada no quadro nº 4, já que 63% dos imigrantes procedentes de grandes centros como Seul e Pusan, eram originários da Coréia do Norte, e dedicavam-se, sobretudo, a atividades de ordem comercial.

Chegando ao Brasil, verificou-se que os coreanos que haviam se dirigido para a rural, após três anos, em média, cerca de 90% deles haviam mudado para a cidade São Paulo, que, na época, os atraía, pois estava em pleno crescimento industrial. São Paulo abrigava imigrantes de diferentes países, e o crescimento anual de sua população era superior à casa de 300.000 pessoas, o que permitia melhores condições de vida.

As condições favoráveis proporcionaram novos horizontes aos imigrantes, a ponto deles terem mudado radicalmente seus objetivos, isto é, de pequenos proprietários rurais passaram a preferir se estabelecer como pequenos comerciantes na cidade.

A explicação da opção é que para os que não tinham nenhuma experiência agrícola, as condições encontradas muitas vezes foram desanimadoras, na medida em que teriam de iniciar pela construção de sua própria moradia dentro da mata, perfurar poços para a captação da água etc.

O fato do Brasil surgir na década de sessenta como um país em pleno processo de industrialização ampliou consideravelmente as oportunidades oferecidas aos imigrantes. O início do desenvolvimento da indústria pesada siginificou a absorção de mão-de-obra até então marginalizada. Ao mesmo tempo, a mecanização crescente na zona rural explica, em parte, o grande êxodo em direção à capital, onde as expectativas de trabalho e de salário pareciam mais tentadoras. Os brasileiros e os estrangeiros em geral, inclusive os coreanos, não resistiram a essa onda.

Alguns depoimentos esclarecem aspectos desse fenômeno; segundo Jae Ok Suh: "Nostalgia da cidade! Um ano de experiência na fazenda não me convenceu a abandonar os 40 anos de vida na cidade."

Kwan Soon Hong disse: "No Brasil, a mudança do preço de produtos agrícolas, como frango e legumes, é muito grande. Também como em outros países sul-americanos, o lucro dos comerciantes intermediários era grande. Embora alguns agricultores coreanos tentassem vender seus produtos diretamente na cidade de São Paulo, não conseguiram por causa de falta de informações do mercado."

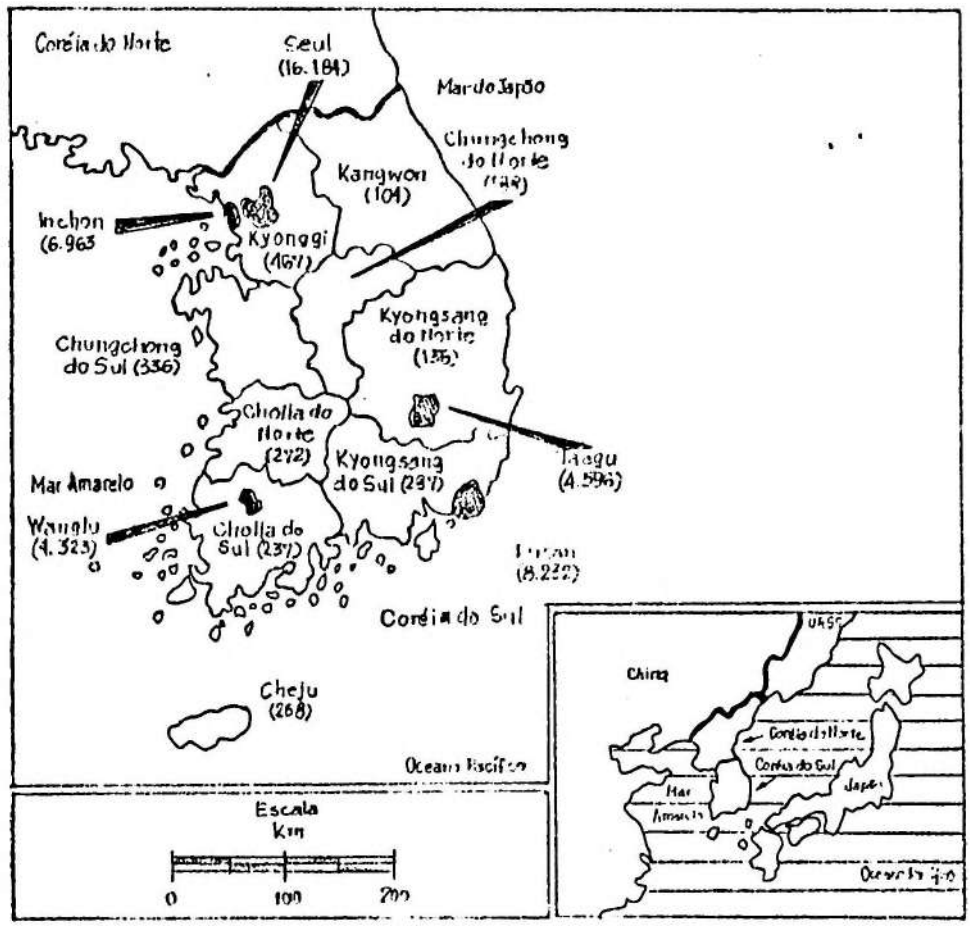
Jae Ok Suh: "Não tinha experiência agrícola. Nem conhecia o apoio oficial à produção de certos gêneros."

Kwang Soon Ko: "Vendo a condição econômica dos japoneses nas fazendas, tanto em relação à alimentação como no que diz respeito ao vestuário, não tinha vontade de ficar mais na fazenda. Eles trabalharam nelas durante 20, 30 anos. Eu não queria fazer o mesmo. Minha intenção era voar para outras atividades a fim de melhorar a minha situação econômica em curto prazo."[128]

Podemos concluir que, a exemplo de outras nacionalidades, as dificuldades

encontradas, e a ânsia de conseguir a independência econômica foram fatores importantes que empurraram os coreanos para a metrópole paulistana.

Mapa 2 – A densidade populacional dos Estados da Península Coreana [129]



2.3. TENTATIVAS DE RETORNO PARA AS FAZENDAS

Quando, em 1968, foi proibida a imigração coreana, o governo da Coréia enviou delegações especialmente encarregadas de regularizar a situação das fazendas de coreanos e minorar os sofrimentos de que eram vítimas seus conterrâneos, não só no Brasil, como também na Argentina, na Bolívia, no Paraguai e no Uruguai.

Quanto ao Brasil, no início, os visitantes atribuíram aos problemas surgidos da evasão geral dos coreanos das fazendas em direção às grandes cidades, como sendo a causa principal so descontentamento por parte do governo brasileiro pelo não cumprimento dos contratos.

Sentindo-se responsável pelo fracasso dos imigrantes como agricultores em países da América do Sul, o governo coreano pretendeu corrigir seus eventuais erros. Uma das providências tomadas foi, por exemplo, enviar um subsídio de US$680.000,00 dólares para a fazenda *La Marque*, na Argentina, e para a fazenda *San Pedro*, no Paraguai.[130]

Grandes investimentos foram também realizados pelo governo coreano no Brasil, visando, sobretudo, resolver o problema dos clandestinos. Isso não foi feito por acaso. Diante das freqüentes expulsões de clandestinos por parte do governo brasileiro, a solução aventada foi agrupá-los em uma fazenda e, a partir dela, recomeçar os projetos anteriores, que haviam fracassado.

Duas tentativas foram realizadas: a da fazenda *Santa Cruz Semaul* e a da Cooperativa Agrícola *Miracatu*. Segundo o pastor Moon Kyoo Whong, a última foi uma iniciativa dos dirigentes de igreja, enquanto a primeira foi projetada pela Embaixada da República da Coréia, embora também tenha havido a participação de dirigentes religiosos.

2.3.1. FAZENDA *SANTA CRUZ SEMAUL* (COOPERATIONS COMPANY)

No início de 1978, em resposta à proposta do embaixador Myung Shin Chae,[131] a embaixada conseguiu uma fazenda chamada *Santa Cruz*, localizada a 80 Km de Brasília, com área superior a 1.500 alqueires, mais tarde denominada fazenda *Santa Cruz Semaul*.[132]

O governo coreano decidiu investir no projeto US$3.660.000,00 dólares, após a visita

realizada por uma delegação do Ministério da Economia, composta por cinco membros e dirigida pelo secretário Hee Myun Lee.[133]

A condição acertada entre os governos coreano e brasileiro foi a da permanência dos clandestinos durante cinco anos na propriedade, para a concessão da documentação.

Como as igrejas coreanas se preocupavam em acompanhar de perto os clandestinos a cooperação foi natural, especialmente a Igreja "Holiness" (Sagrada), cuja atuação, através de seu pastor, Suk Ho Lee, na ocasião, foi marcante.

O projeto da fazenda *Santa Cruz Semaul* nasceu da atuação paralela do governo e das igrejas coreanas.

A notícia se espalhou rapidamente pela cidade de São Paulo, levando muitos clandestinos a se interessarem pelo projeto, inclusive colonos já estabelecidos aqui. O número dos interessados chegou à casa de 100 famílias. Delas, após uma rápida triagem, foram selecionadas 60 pela Comissão de Desenvovimento e da Embaixada.[134]

Segundo o jornal Jungang, o governo coreano mandou US$3.249.276,00 dólares para a embaixada, entre 1978-1982, US$2.320.000,00 para aquisição de equipamento e construção de moradia. Incluindo a aquisição de terra, o total do investimento chegou a US$2.730.000,00 dólares.[135]

Apesar do grande apoio e esforço por parte do governo coreano, esse projeto também não teve sucesso.

Das sessenta famílias selecionadas, apenas três homens se dispuseram a ali permanecer, cultivando arroz.[136]

A maioria, ao receber as autorizações para a ocupação da terra, começou a calcular as desvantagens; entre elas, a distância. Levariam, a partir de São Paulo, mais de dez horas de viagem. A isso somavam-se outras alegações ligadas à educação dos filhos, às questões econômicas e às dificuldades imediatas de segurança.

Na realidade, entretando, o que levou as famílias a não seguir para a fazenda foi, segundo a imprensa coreana, o fato de não possuírem experiência agrícola e não acreditarem no apoio prometido pelo governo coreano.[137]

A situação se agravou ainda mais, quando a presidência da Comissão de Desenvolvimento e a Embaixada entraram em conflito sobre a administração, até provocar a demissão do

pastor Suk Ho Lee.[138]

No início do projeto, a terra foi comprada com a condição de ser distribuída pelos membros da Comissão de Desenvolvimento. Segundo o jornal Jungang Ilbo, tal distribuição não pôde ser posta em prática pelo fato do governo brasileiro não reconhecer direito de propriedade aos coreanos, partindo do argumento de que a fazenda permaneceria ligada diretamente ao governo coreano, além da origem dos recursos para aquisição não estar devidamente esclarecida. O INCRA não concordou com a referida distribuição.[139]

O governo brasileiro concedeu a anistia aos clandestinos em 1980. A posibilidade de concretização da meta do governo coreano de estabelecer uma fazenda, onde seus conterrâneos se dedicassem exclusivamente à agricultura, uma vez mais desapareceu como bolha de sabão. Segundo o jornal The Korea Herald, o Ministério do Exterior Coreano decidiu doar ao governo brasileiro a fazenda *Semaul*, visto não ter possibilidade de conseguir autorização da posse da referida terra.[140]

Na prática, o governo brasileiro confiscou a fazenda, e ela não pode se tornar realidade.

2.3.2. FAZENDA *AGRÍCOLA MIRACATU*

Foi iniciativa do pastor Seung Mann Kim que na época era presidente da Comissão de Providência Jurídica,[141] e juntamente com Eung Ho Park, fazendeiro no Paraná. O pastor Kim escolheu uma área no município de Miracatu, a 95 Km ao sul de São Paulo, que já fora apontada por Soo Jo Kim para uma outra tentativa semelhante.

Foi organizada uma cooperativa para conseguir os recursos necessários para a aquisição de um terreno de cerca de 2.000 alqueires. A fim de obter o reconhecimento da documentação de propriedade, foi solicitada ajuda à Polícia Federal.

Após cerca de três a quatro meses de obras de infra-estrutura, foi eleito o pastor Kim para ocupar o cargo de presidente da cooperativa.

No entanto, como a Igreja "Han In", à qual o pastor pertencia, reclamara sua volta para se dedicar às suas atividades religiosas, o referido pastor indicou um substituto, o pastor Chang Soo Lee, da Igreja "Missionária Coreana".[142]

Esse fato provocou desentendimento entre as referidas igrejas. Além disso, começaram a surgir reclamações, por esse projeto paralelo, por parte dos dirigentes da fazenda *Santa Cruz Semaul*, da Embaixada Coreana e dos membros da Igreja Evangélica "Holiness".

Os comerciantes instalados na capital, por seu lado, criticavam a transferência dos clandestinos para tais fazendas, na medida em que haveria, em conseqüência, o desmoronamento da estrutura básica da indústria e do comércio de vestuários na capital. Houve também reclamações por parte dos que ganhavam como intermediários na obtenção de documentação para os clandestinos, visto que em tais iniciativas a sua clientela estava fadada a desaparecer.

A fazenda foi alvo, portanto, de críticas por parte de diferentes grupos. Foi acusada até mesmo de ser uma organização falsa, levando o pastor Kim e seu advogado a deporem na polícia, porque a cooperativa emitiu carteira de identificação, fazendo crer aos associados que com elas estariam em segurança.

O fato somente foi encerrado em fevereiro de 1981, quando foi reconhecida a inocência do pastor Kim.

Esse é um bom exemplo da situação tensa reinante na época entre os colonos. Apesar das dificuldades, o pastor Kim conseguiu pagar as dívidas do terreno e continuar com o projeto. Conseguiu, inclusive, levar para a fazenda mais 350 famílias, vindas diretamente da Coréia.

Entre os produtos agrícolas produzidos naquela propriedade, vale citar: cacau, palmito, banana, milho, feijão e cogumelos.[143]

Com a referida anistia concedida pelo governo brasileiro aos clandestinos em 1980, houve uma diminuição drástica no número de colonos na fazenda, o que causou o encerramento definitivo de suas atividades, em 1983.

Cap.II

1) HYUN, Kyu Hwan - A História Geral da Emigração Coreana [韓國 流移民史(下)]. Seul, Ed. Samwha, 1976, p.1014.

2) Choson Ilbo, Seul, 1 dezembro de 1962.

3) Naquela época essa quantia correspondia a US$70.

4) PARK, Soon Jae - "O navio cheio de esperança dos imigrantes coreanos ao Brasil (꿈으로 부푼 브라질 移民船)". Dong-A Ilbo, Seul, 15 janeiro de 1963.

5) PARK, Jong Young - "Aonde vão chegar os emigrantes coreanos? - A reflexão dos emigrantes coreanos" (브라질 移民은 어디로 가나?). Choson Ilbo, Seul, 8 fevereiro de 1963.

6) Depoimento de Ung Seo Oh, entre fevereiro e maio de 1989.

7) HYUN, Kyu Hwan - op.cit., p.1013.

8) Segundo Ung Seo Oh, cada emigrante contava com o espaço de ordem de 1.2m x 1.2m para sua bagagem, o que era suficiente. Alguns trouxeram até piano.

9) HYUN, Kyu Hwan - op.cit., p.1015.

10) Depoimento de Young Ja Chang Kim, em fevereiro de 1989.

11) Havia na época navios comerciais japoneses cruzando o oceano. O preço mais acessível do transporte holandês explica a sua escolha, e mesmo os japoneses o utilizavam.

12) HYUN Kyu Hwan - op.cit., p.1015. Lista de nomes de passageiros de navio *Tjitjalengka*, São Paulo, ex-Hospedaria de imigrantes de São Paulo, 1963.

13) Quando no início da década de sessenta, surgiu a possibilidade da emigração para o Brasil, havia quatro órgãos para recrutar os emigrantes. Entre eles, os protestantes se reuniram na Companhia Oficial da América Latina. Um membro dirigente dessa Companhia, Duk Jo Kim, a própria irmã de Soo Jo Kim se comunicou com ele do Brasil. A lei da emigração coreana, ao limitar o direito de recrutamento a um determinado órgão - a Companhia de Promoção de Cooperação entre Coréia e Brasil, fez com que eles se transferissem. Para ela esse fato se tornou fonte de atritos e divergências da primeira leva (Depoimento de Ung Seo Oh).

14) OH, Ung Seo - "Comemorando 21 anos de imigração coreana no Brasil" (브라질 이민 21년을 기념하며). Periódico da ABC São Paulo, 3 fevereiro de 1984. Segundo o livro de HYUN, Kyu Hwan, op.cit. p1015, Young Jeon Han também foi substituído após algum problema.

15) Choson Ilbo, Seul, 8 março de 1963.

16) O movimento para recrutar emigrantes coreanos teve início em igrejas protestantes antes da Guerra da Coréia. Embora a Associação Internacional dos Servidores das Igrejas Protestantes tivesse se interessado em promover a emigração para o Brasil, não obteve resultado positivo dada a inexistência de órgão oficial brasilero na Coréia. (HanKook Ilbo, Seul, 10 fevereiro de 1962)
Segundo Young Ja Chang Kim, a igreja Namsan, localizada em Seul, era o maior centro dessa atividade.

17) Depoimento de Seung Hyup Han, Dong-A Ilbo, Seul, 15 janeiro de 1963.

18) PARK, Soon Jae - cit.

19) Choson Ilbo, Seul, 1 dezembro de 1962.
YOON, Myung Sup, - "Dez dias (8/17 de jan. 1963) da viagem no navio dos imigrantes coreanos ao Brasil no oceano da Índia (do Penão até Moçambique)" (브라질 이민선에서 - 10일간의 인도양 항해), Choson Ilbo, Seul, 18 janeiro de 1963.

20) Nessas ocasiões tiveram a oportunidade de, por exemplo, aprender *twist* com um inglês e, por outro lado, mostrar algumas características da cultura coreana.

21) Tal comemoração foi iniciada a partir do séc. XVI, pelos tripulantes ao atravessarem o Equador.

22) Dong-A Ilbo, Seul, 22 janeiro de 1963.

23) Choson Ilbo, Seul, 8 de março de 1963.

24) Lista de nomes de passageiros de navio *Tjitjalengka*, São Paulo, ex-Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, 1963. HYUN, Kyu Hwan, op.cit., p.1013.

25) HYUN, Kyu Hwan, op.cit., p.1015.

26) Depoimento de Ung Seo Oh, cit.

27) HYUN, Kyu Hwan, op.cit., p.1016.

28) Dong-A Ilbo, Seul, 2 março de 1963.

29) HYUN, Kyu Hwan, op.cit., p.1016.

30) A Hospedaria dos Imigrantes, localizada na rua Visconde de Parnaíba, 1316, no bairro da Móoca, na cidade de São Paulo, foi construída pouco antes da abolição, segundo o projeto de Antônio de Carote Teretz; prevendo-se que, com a libertação dos escravos, haveria aumento no movimento imigratório ficou sendo necessário construir um local para abrigá-los.
O terreno da Hospedaria tinha 9.088Km². O edifício ocupa 6.536Km². Era um dos maiores do mundo entre os dedicados a receber imigrantes; possuía capacidade para servir 1.000 refeições em uma hora.
Durante 74 anos, de 1888 a 1962, recebeu 2.748.880 imigrantes. A maioria era composta de italianos, seguidos, em ordem decrescente, pelos portugueses, espanhóis, japoneses, alemães e holandeses.
Hoje, aquele edifício faz parte da Secretaria de Promoções Social (São Paulo Shinbun, São Paulo, 18 Junho de 1989).

31) Depoimentos obtidos, em dezembro de 1990, na ex-Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo à rua Visconde de Parnaíba nº 1316, junto à sua diretora, Midori Kimura Figuti.

32) Depoimento de Young Ja Chang Kim, em fevereiro de 1989.

33) PARK, Jong Young – "O cotidiano da vida dos coreanos na Hospedaria dos Imigrantes" (수용소의 나날). Choson Ilbo, Seul, 2 março de 1963.

34) Idem.

35) Choson Ilbo, Seul, 8 março de 1963.

36) HYUN, Kyu Hwan, op.cit., p.1016. Ocorre que, segundo as leis brasileiras, as pessoas que cultivam terras por alguns anos podem alegar direitos de propriedade sobre elas. Foi o que fizeram esses colonos brasileiros.

37) PARK, Soon Jae – "Miracatu é..." (미라까뚜라는 곳). Dong-A Ilbo, Seul, 2 março de 1963.

38) Idem.

39) Hyun Kyu Hwan, op.cit., pp.1016–1017.

40) Ver nota 37)

41) Ver nota 39)

42) Depoimento de Ung Seo Oh.

43) A expedição à Guatemala foi organizada e liderada por Sung Ka Lee então embaixador coreano no México; por Ung Seo Oh, diretor do Departamento de Mulheres e Crianças do Ministério da Saúde, responsável pela verificação das possiblidade de emigração para a Guatemala; por Ye Min Lee, funcionário de Ministério da Agricultura, encarregado do levantamento das terras apropriadas para tal e, como tradutor, Ki Il Chang, o funcionário do Ministério do Exterior. Esta expedição não conseguiu seus objetivos em razão da revolução militar naquele país em fevereiro de 1963, o que acabou paralisando as conversações. (HanKook Ilbo, Seul, 6 março de 1962)

44) Depoimento de Ung Seo Oh.

45) Depoimento de Sung Kwan Park, ex-militar, em maio de 1989.

46) HanKook Ilbo, 25 maio de 1963.

47) Idem.

48) O Consulado da República da Coréia do Sul foi instalado em São Paulo a 12 de outubro de 1970. O Brasil e os coreanos [브라질과 한국인]. Seul, The Korean Chamber of Commerce Industrial for Brazil, 1986.

49) O depoimento de Kwang Soon Ko, da Primeira Delegação Cultural, esclarece bem como as coisas se passaram: "Dentre os 14 membros da Primeira Delegação Cultural, 9 voltaram para Coréia. Os demais tomaram a iniciativa de convidar, por conta própria, 16 famílias, incluindo as suas. Neste processo foram reunidas 24 famílias (mais de 100 pessoas) inclusive 11 ex-militares da primeira leva, interessados em seguir para o Brasil". (KIM Sung Yul - A Coréia plantada em baixo do Equador (赤道下에 심은 코리아). Shin Dong-A, op.cit.)

50) HYUN, Kyu Hwan - op.cit., p.1019.

51) Lista de nomes de passageiros de navio Rays, São Paulo, Ex-Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, 1963.

52) ver nota 50)

53) Depoimento de Ung Seo Oh.

54) Vide 1.2.2.3. Essa Fazenda Iguape foi organizada pelo Chul Hee Lee da Primeira Delegação Cultural.

55) HYUN, Kyu Hwan - op.cit., p.1019.

56) Por essa razão quarta leva foi considerada a primeira a nível governamental.

57) Segundo o depoimento de Kwang Soon Ko, 70 pessoas chegaram mais cedo como parte de uma expedição e a 15 de março de 1964, 250 pessoas e mais tarde 30 pessoas chegaram ao Porto de Vitória. (KIM, Sung Yul, cit., Shin Dong-A, op.cit.)

58) Depoimento de Wan Yup Lee, em outubro de 1988.

59) Idem.

60) KIM, Sung Yul, cit., Shin Dong-A, op.cit.

61) Idem.

62) Idem.

63) LEE, Ku Hong - A História da Emigração Coreana [韓國移民史] , Seul, Ed., Chungang Shinseo, 1985, p.215.

64) HYUN, Kyu Hwan - op.cit.

65) KIM, Sung Yul, cit., Shin Dong-A, cit.

66) Idem.

67) HYUN, Kyu Hwan - op.cit.

68) Idem.

69) Vide o Quadro 3 - Cronologia da chegada dos coreanos.

70) HYUN, Kyu Hwan - op.cit.

71) Depoimento de In Keun Chang, em abril de 1989.

72) O Estado do Paraná, Curitiba, 14 Janeiro de 1966.

73) A propósito desse noticiário, In Keun Chang explicou que, sendo os imigrantes agricultores, trouxeram - ele inclusive - equipamentos agrícolas primitivos, tais como moenda, carrinho de mão etc.

74) Ver nota 72)

75) Idem.

76) Relatório após a expedição de negociação de imigração coreana com a Guatemala e após a visita ao Brasil [과테말라 이민 교섭단및 브라질 방문 보고서], Seul, Ministério de Saúde, da República da Coréia. 20 abril de 1963. Segundo esse relatório, as 5 primeiras famílias vieram como componentes da primeira leva oficial (1963). E os dois últimos como membro de primeira Delegação Cultural (1962).

77) HanKook Ilbo, Seul, 25 maio de 1963.

78) Isto é 4.047 ares.
Os problemas reais dos imigrantes coreanos na América Latina (남미 이민의 현실적 과제). In: Anuário sobre a Política da Emigração [僑胞 政策資料]. Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos 18: 12 junho de 1978. Hoje foi transformado em campo de golfe.

79) 1 dólar correspondia a 1.40 Cruzeiros.

80) Hankook Ilbo, Seul, 25 maio de 1963.

81) Correspondia a 1.070 dólares.

82) KIM, Sung Yul, cit. Shin Dong-A, op.cit.

83) Hankook Ilbo, Seul, 25 maio de 1963.

84) KIM, Sung Yul, cit. Shin Dong-A, op.cit.

85) A atual situação dos imigrantes coreanos na América Latina e sua previsão, Instituto da Economia Internacional, Seul, dezembro de 1977.

86) No correr desses dois anos, a Fazenda Seul recebeu, temporariamente, alguns colonos coreanos, como In Kil Lee, Soon Kuk Kwon, Shin Mo Cha, da segunda Delegação Cultural. Na verdade, eles não eram enviados pelo governo. Conseguiram chegar apenas até os Estados Unidos, sem ter como vir ao Brasil. Mas, com o auxílio do embaixador coreano naquele país, eles puderam entrar com passaportes oficiais. Então, só procuravam um modo de trazer o restante da família. (Depoimento de In Kil Lee, em abril de 1989)

87) O Estado do Paraná, cit.

88) Depoimento de In Keun Chang.

89) LEE, Ku Hong – op.cit., pp.216-217.

90) Ver nota 78)

91) Para essa construção foram cortadas árvores das proximidades, tendo a obra levado três meses.

92) Depoimento de In Keun Chang.

93) Em coreano, *Semaul* significa vila nova. Como os movimentos *Semaul* fazem parte de um projeto de desenvolvimento da Coréia que trouxe grande progresso, hoje em dia o termo está associado à idéia de progresso.

94) Depoimento de In Keun Chang.

95) HONG, Sung Hak – "O fazendeiro que se estabeleceu na fazenda, mas..." (반서군 터전은 잡았지만... Semanário HanKook [Jukan Hankook], São Paulo, 4 agostp de 1984.

96) Depoimento de In Keun Chang.

97) Idem.

98) Keun Ae Kim, Hun Suk Baik, Nam Soo Baik, Jin Kun Kang, Ki Jun Kim, Soo Chul Park.

99) Segundo In Keun Chang, na sociedade de Ponta Grossa, o banco tratava melhor aos coreanos do que os japoneses, apesar destes serem considerados 'garantidos'. Não havia cheque sem fundo entre os coreanos, tanto que algumas lojas da região trocavam o cheque deles por dinheiro.

100) "A realidade dos imigrantes coreanos e seus problemas" (브라질 移民의 現況과 問題). Anuário sobre a Política da Emigração [僑胞 政策資料]. Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes

Coreanos, 8:5-12, setembro de 1969.

101) Ver nota 78)

102) Ver nota 78)

103) Ver nota 100)

104) Depoimento de Sang Jin Kim, em março de 1991.

105) ver nota 103)

106) Ele desempenhou um papel importante quando o Embaixada, em 1978, queria resolver os problemas dos clandestinos coreanos, projetando uma fazenda de grupo (Vide cap. sobre clandestinos).

107) Dong-A Ilbo, Seul, 31 maio de 1967.

108) PETRONE, Maria Tereza Schorer - "O imigrante em São Paulo", In: O Brasil Republicano, São Paulo, Difel/Difusão Editorial S.A., 1977, Vol. 2°, Sociedade e Instituições (1889-1930). p.106.

109) Periódico da Associação Brasileira dos Coreanos, 1967, n°1.

110) Depoimento de Ung Seo Oh.

111) Para Ung Seo Oh, o primeiro contato com o Brasil ocorreu na época de formação e vinda do primeiro grupo de imigrantes coreanos. Na época, viera ao Brasil, via Guatemala, onde fez os levantamentos necessários para os estudos da emigração coreana para aquele país. Entretanto, deslumbrado e surpreso com a imensidão e as possibilidades que o Brasil oferecia, decidiu em outubro de 1965 vir morar aqui junto com a sua família. Ao sair da Fazenda Amazônia, trabalhou como administrador do escritório da Associação Brasileira dos Coreanos entre 1982 e 1984.

112) KIM, Sung Yul, cit. Shin Dong-A, op.cit.

113) Estabeleceram-se na 'Fazenda da Coréia'. O Brasil e os coreanos [브라질과 한국인]. Seul, The Korean Chamber of Commerce Industrial for Brasil, 1986, p.70.

114) Depoimento de Kwang Soon Ko, Shin Dong-A, op.cit.

115) Depoimento de Kwan Soon Hong, Shin Dong-A, op.cit.

116) Depoimento de Kwang Soon Ko, Shin Dong-A, op.cit.

117) Idem.

118) Depoimento de Hak Jin Yoo, Shin Dong-A, op.cit.

119) KIM, Sung Yul, cit., Shin Dong-A, op.cit.

120) Em 1970, o governo coreano autorizou a 4 companhias o recrutamento de emigrantes: Companhia Oficial de Desenvolvimento da Coréia no Exterior, Companhia Oficial de Emigrantes para América Latina, Companhia Oficial HupHung e Companhia de Emigração SamYang.

121) Antes de chegar a primeira leva, ele esteve no Brasil (1962) como chefe de uma expedição para verificar as condições oferecidas aos emigrantes. Anos mais tarde, ele também emigrou com sua família. Atualmente, atua como pastor na cidade de São Paulo junto à igreja "Eden".

122) LEE, Ku Hong - op.cit., p.218.

123) No início da década de setenta, em razão da Guerra do Vietnã, como os pais já tivessem sofrido bastante com a conturbada história da Coréia, queriam a todo custo proteger seus filhos. Para tanto, optaram pela emigração para o Brasil a fim de evitar que os mesmos fossem recrutados para a guerra e também porque o processamento para a emigração para os EUA, desde o início da década de setenta, ficava cada vez mais difícil.

124) No caso da emigração coreana para os Estados Unidos, a entrada variou de acordo com a demanda de mão-de obra em função da situação econômica do país. Assim sendo, diminuiu a porcentagem da entrada dos coreanos de 41,1% em 1972 a 22% em 1975.

Essa recessão econômica trouxe um declínio agudo na porcentagem de imigrantes registrados como possuidores de "habilidade específica", em contraste com o contínuo aumento dos imigrantes coreanos de "preferência relativa", especificamente na categoria secundária. O aumento da porcentagem dos

considerados de "quinta preferência" pode ser explicada pelo fato de muitos coreanos terem se naturalizado como cidadãos americanos, e desta forma terem possiblidade de chamar parentes, o que veio a aumentar o número de entradas. (KIM, Ill Soo - op.cit., p.33)

125) Essa lei ficou conhecida como medida de 4 de maio. (Choson Ilbo, Seul, 26 março de 1978.)

126) LEE, Kyu Suk - "O interrompimento do caminho de reunião das famílias separadas pela emigração" (再會길 막힌 移民移散 가족), Dong-A Ilbo, Seul, 11 outubro de 1979.

127) Relatório sobre os imigrantes coreanos no Brasil, Associação Brasileira dos Coreanos, São Paulo, em 1969.

128) KIM, Sung Yul, cit., Shin Dong-A, op.cit.

129) Relatório de GAZETA MERCANTIL, São Paulo, 31 dezembro de 1990.

130) Dong-A Ilbo, Seul, 27 outubro de 1976.

131) Ele veio ao Brasil a 23 de junho de 1977.

132) Quanto à aquisição da terra, vide o livro de Hyung Kook Won.

133) Jungang Ilbo, Seul, 17 junho de 1983.

134) WON, Hyung Kook, O Sonho de Continente [大地의 꿈], Seul, Ed. Yerusalém, 1988. pp.195-208.

135) Jungang Ilbo, Seul, 17 junho de 1983.

136) Segundo o livro de Hyung Kook Won, essas três pessoas são: Kwon Suk Baik, Sang Bin Lee, Ki Kwang Baik. Em 1980 cultivaram 100 alqueires, obtendo uma colheita da ordem de 4.147 sacas de arroz. No ano seguinte construiram 7 casas, silo para estocagem da colheita, casa de máquinas e de instrumentos agrícolas. Colheram 6.000 sacas de arroz.

137) Choson Ilbo, Seul, 26 março de 1978.

138) WON, Hyung Kook - op.cit., pp.344-363.

139) Jungang Ilbo, Seul, 17 junho de 1983.

140) The Korea Herald, Seul, 18 junho de 1983.

141) Juntamente com Eung Ho Park, fazendeiro do Paraná.

142) Após nova votação foi uma vez mais indicado. O pastor Kim não pôde recusar esta nomeação que partiu dos membros da Cooperativa.

143) LEE, In Kil - A autobiografia literária de In Kil Lee [松岩 文學全集], São Paulo, Ed. Hankook, 1983. pp.590-593.

Cap.III - A PRESENÇA DOS IMIGRANTES NA ZONA URBANA

3.1. DIFICULDADES DE ESTABELECIMENTO NO COMÉRCIO

Kwan Soon Hong foi um dos primeiros, entre os coreanos, que se dedicou à atividade comercial na cidade de São Paulo, e relembrando sua luta: "Cheguei ao Brasil em 5 de janeiro de 1962. Primeiramente, trabalhei na fazenda *Arirang*. Mas não agüentei. Decidi me mudar para São Paulo. Tinha US$400,00 dólares. Em 20 de janeiro de 1963, abri uma loja no Mercado Central, em São Paulo. Para iniciar essa atividade nova, consultei Japoneses e tentei arranjar um emprego. Mas eu era muito velho para ser selecionado para qualquer emprego /.../

Tenho muita vergonha em falar sobre minha vida em São Paulo. Comecei como faxineiro de uma frutaria no Mercado Central, cujo dono era um brasileiro. Limpava a loja, guardava as frutas e ajudava o dono em pequenas coisas /.../

Se alguém perguntava de onde eu vim, respondia: do Japão. Eu fingi ser japonês - com muita dor - para não prejudicar a dignidade da minha pátria.

Não tinha jeito senão continuar. Após algum tempo, eu consegui um cantinho para vender frutos do mar - algas e lulas secas - mandados pela minha família da Coréia.

Como os brasileiros não conheciam esses produtos, passei a pendurá-los. Logo começaram a ser vendidos. Os que os experimentavam passaram a fazer propaganda. Acho que tiveram pena de mim /.../

Depois, vendi até os molhos típicos dos coreanos, chamados Kochujan (feito com pimenta) e Dyonchang (semelhante ao Missô japonês).

No Brasil, acho que dá para fazer qualquer negócio, porque sempre o lucro é de 20-30%. Para atrair clientes, vendia as mercadorias com o preço mais baixo do que outras lojas /.../

Com o tempo, houve dias em que não pude atender a todos os clientes que entraram ao mesmo tempo na minha loja!"[1]

A espontaneidade deste depoimento nos esclarece não só em relação ao tipo de problemas que os coreanos tiveram pela frente como as atitudes tomadas com o intuito de

superá-los. As dificuldades em conseguir emprego, os métodos utilizados para tornar os produtos coreanos conhecidos e a tática da venda a preços mais baixos para atrair a clientela foi desde logo utilizada. Paradoxalmente, entretanto, se o japonês foi procurado para aconselhamento por estar no país há mais tempo, não titubeou o entrevistado em declarar-se japonês para que, com sua figura e atitude, não ferisse a dignidade da mãe pátria. São atitudes que não deixam de ser estranhas, sobretudo quando tomadas por uma mesma pessoa.

De qualquer forma, pelo interesse de suas informações escolhemos este depoimento para iniciar nossas considerações sobre a presença coreana na cidade de São Paulo.

Esse caso, é preciso que se esclareça, foi excepcional. Mesmo os que, por vezes, dispunham de algum capital, não tiveram tanta sorte. Não passa de um exemplo, pois estamos perfeitamente conscientes de que não representa a regra.

Em um outro exemplo, também de imigrante saído da referida fazenda, aparece um problema comum para todos os imigrantes: a barreira da língua e seus reflexos inevitáveis na vida cotidiana e profissional. Diz o entrevistado: "Depois de sair da Fazenda *Arirang*, inaugurei uma oficina de automóveis, empregando mais de 10 brasileiros. Não consegui controlar os empregados, devido à barreira lingüística. Algum tempo depois, tive que fechar a oficina, porque eles roubaram as peças pouco a pouco."[2]

A vida na cidade revelava-se nada fácil, como, aliás, não o era também nas fazendas.

Nem sempre foi fácil optar. Houve quem tenha feito tentativas sucessivas e só mesmo por não ter conseguido se fixar no campo é que resolveu se estabelecer em São Paulo. Vejamos um exemplo concreto: "Embora a maioria das famílias não tenha agüentado a vida na fazenda, eu e minha família queríamos mesmo era plantar. Por isso, três meses depois de termos chegado ao Brasil, mudamos para uma fazenda chamada "KanaKané", em Taubaté, cujo dono era um japonês. Fui acompanhado de mais três famílias coreanas /.../

Meu primeiro trabalho na fazenda foi cortar ervas daninhas. Não agüentei nem uma semana. Pois, fisicamente, os orientais são mais fracos do que os ocidentais. Eu só conseguia fazer a metade do serviço dos brasileiros. No entanto, o dono, sendo japonês, compreendeu minha situação, pagando-me o salário integral, mas fui transferido para a seção de tratores.

Na fazenda, o trabalho árduo tirou a ilusão que eu tinha sobre o Brasil. As crianças andavam descalças e as roupas eram feitas de sacos de arroz. Um dia eu chorei muito, pensando que o destino dos meus filhos seria sofrer como eu.

Se eu tivesse um pouco mais de dinheiro poderia retornar à Coréia. Mas isso era impossível.

Fiquei na fazenda 4 meses. Aí, mudei-me para Curitiba, no Paraná, e aluguei um posto de gasolina em sociedade com mais dois coreanos.

Era mês de julho, muito frio. Como não sabíamos falar português, apenas lavávamos os carros. Os empregados colocavam gasolina e até recebiam o dinheiro, durante algum tempo.

Tempos depois, apareceu o proprietário do posto de gasolina. Mandou-nos sair, alegando falta de pagamento.

Fomos à justiça resolver o caso, afinal havíamos pago tudo corretamente, mas os pagamentos foram feitos para a pessoa errada. O verdadeiro proprietário não tinha recebido nenhum tostão.

Além desse problema, os empregados roubavam gasolina, alterando o registro das bombas. Como a situação não estava nada boa, resolvemos sair de Curitiba e fomos para Campinas.

Abri um box de verduras no Mercado de Campinas. Pela primeira vez, eu era dono do meu próprio negócio! Fiz bem. Durante um ano, ganhei um bom dinheiro. Cerca de US$1.000,00 dólares /.../

Mas soube que algumas famílias da primeira leva de imigrantes[2)] estavam tendo muito lucro, trabalhando numa fazenda. Como meu sonho era ser fazendeiro, resolvi fechar minha lojinha de verduras e voltar a ser agricultor. A fazenda ficava em Santana do Itararé, na fronteira entre São Paulo e Paraná.

Entrei como sócio e, logo que chegamos, construímos uma casa para nós. Cultivamos pimentões e tomates.

Depois de um ano, vimos que a plantação não foi um bom negócio. Após pagar todas minhas despesas, sobraram apenas US$300,00 dólares na minha mão.

Só então, resolvi sair definitivamente da fazenda e me fixar em São Paulo. Mas isto depois de três anos de sofrimentos e de mudanças!"[3)]

Uma vez na cidade, os coreanos procuraram dedicar-se a atividades independentes, na medida em que pensavem ser melhor ter seu próprio negócio do que ser assalariado.

Os que contavam com menos de US$5.000,00 dólares, em geral, abriram alguns "pontos" de venda de uma ou outra mercadoria; os que dispunham de tal quantia empregaram-na no estabelecimento de mercearias e os que possuíam US$10.000,00 dólares investiram-nos em charutarias consideradas na época um bom negócio, pois o lucro girava por volta dos 20%.[4]

Evidentemente, na escolha de tais atividades pesou muito o fato das dificuldades impostas pelo desconhecimento do idioma, e dos maiores de 40 anos terem dificuldade em encontrar quem os empregasse.

Entre os ex-prisioneiros da guerra da Coréia, alguns tiveram a oportunidade de se empregar como técnicos especializados, Já que o mercado de trabalho brasileiro no setor era grande e as vantagens oferecidas, maiores. Um dos atrativos para os coreanos, acostumados com jornadas de trabalho sem limite, era a jornada de 8 horas e a possibilidade de, sem nenhuma técnica especial, após um ou dois anos de aprendizagem, poder tornar-se um técnico experiente.[5]

Há um aspecto que não pode ser esquecido, o trabalho da mulher. Na Coréia, cabe somente ao marido a responsabilidade pela manutenção da família. No Brasil, ao contrário, a mulher passou a desempenhar um papel importante na economia familiar, pois ela se viu obrigada a trabalhar.

Muitas começaram vendendo mercadorias coreanas ou adquiridas durante a viagem. Para tanto, iam de casa em casa como vendedoras ambulantes. Ainda que inexperientes, vendiam com facilidade, pois os produtos estrangeiros tinham boa aceitação no mercado. A atividade excedeu a todas as expectativas. Tanto que, segundo o filho de uma dessas vendedoras: "Minha mãe passou a vender artigos como lenços e guarda-chuvas, de casa em casa. Vendeu tanto que chegou a faltar mercadoria para comercialização!"[6]

Pouco a pouco, os coreanos iniciaram-se em uma outra atividade: a fabricação de roupas, auxiliados pelo emprego de mão-de-obra barata de seus conterrâneos, conseguiram expandir rapidamente seus negócios.

Soo San Kim foi a primeira pessoa que teve a idéia de montar uma confecção, ao perceber a falta de mercadoria que havia para vender. Depois de pesquisar modelos e cores

do agrado dos brasileiros, suas roupas tiveram uma boa aceitação. À sua semelhança, Suk Hoon Kim e In Bae Kim começaram a confeccionar roupas, conjuntos e cobertores, utilizando-se apenas de duas ou de três máquinas de costura. Trabalhavam em seus próprios apartamentos. Como não dispunham de maiores recursos, colocavam o tecido no chão e cortavam com tesoura, de forma ainda bem rudimentar, diferente do alto grau de sofisticação das confecções atuais.[7]

A grande demanda obrigou-os ao emprego de mão-de-obra complementar, composta por conterrâneos desprovidos de capital. Nesta época, ninguém imaginava que essas atividades tornar-se-iam a base da sobrevivência dos coreanos em São Paulo até hoje.

Dentre outras atividades exercidas pelos coreanos na época, algumas são muito curiosas. Uma delas foi a confecção das "bolsas de bolinhas" - bolsa de miçangas, feitas a mão. Por volta de 1965, Hae Kon Kim trouxe de Hong Kong modelos e matérias primas para a confecção das mesmas, que, na época, faziam sucesso por todo o mundo. Como era uma novidade para os brasileiros, foi vendida com muita facilidade. As donas de casa e as crianças coreanas varavam noites inteiras para confeccioná-las, artesanalmente, e era difícil atender à demanda do mercado, pela aceitação do produto.

Depois, foi a vez da fábrica de mala de Dae Hun Kim. Membro da quarta leva, inicialmente abriu um bar. Depois de muito lutar, resolveu fabricar malas escolares. Percebeu o uso escasso delas por brasileiros e copiou o modelo de mala que seus filhos trouxeram da Coréia. Como as vendas foram satisfatórias, em pouco tempo construiu uma fábrica, cuja capacidade de produção diária era de 1.000 unidades.[8]

Outros dedicaram-se à indústria de cromação, depois de terem observado que no Brasil era uma atividade lucrativa, pois havia várias montadoras de automóveis, como a Volkswagen, a Ford etc.[9]

Na busca incessante por maiores lucros verificou-se, com frequência, a mudança de uma atividade para outra, como ocorrera também na zona rural. Um exemplo é o de Suk Il Cho, que passou de atacadista de peixes e frutos secos do mar a joalheiro...

3.2. A "VILA COREANA"

Logo que se mudavam para São Paulo, procuravam os coreanos contactar com os conterrâneos na "Vila Coreana", situada entre as ruas Glicério e Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade, conhecida como centro residencial dos coreanos.

Entre as razões da escolha do local, vale citar as seguintes: 1°) era uma região habitada por japoneses, o que significava uma maior possibilidade de comunicação, com o emprego do idioma japonês; 2°) o aluguel era barato; 3°) ficava próxima ao centro.[10]

Esses fatores e o fato de permitir o contato entre si atraía os recém-chegados.

Antes de se estabelecerem ali, alguns deles, sem nenhum recurso, passaram por uma série de vicissitudes em outros bairros da cidade, pois era necessário ter qualquer atividade rendosa para poder pagar aluguel. Contou Chung Hee Cho Lee: "Saindo da Fazenda para a cidade de São Paulo, não tínhamos nenhum dinheiro, nem lugar para ficar. Chegamos, então, ao bairro São Domingos, alto da Lapa, onde não havia muitas casas. Encontramos uma casa em construção, inacabada. Lá nos instalamos e moramos durante meio ano! Quando passava alguém na rua, ficávamos com medo, pois podia ser o dono da casa. Na hora de dormir, apareciam ratos e baratas, vindos do esgoto...

Nos dias de feira, ao término delas, eu ia catar laranjas, verduras e tomates. Quando os tomates estavam podres, eu não os comia. Usava-os para fazer as refeições dos meus pais e irmãos /.../"[11]

Byung Kon Oh, que naquela época tinha 10 anos, se recorda da 'abundância' no Brasil, comparando a situação economicamente difícil da Coréia: "Na época, grande parte dos nossos alimentos vinham das sobras da feira. Conseguíamos encontrar muita coisa para levar para casa. Parece que, comparado aos dias de hoje, os alimentos eram mais abundantes. Para se ter uma idéia, podíamos comer cerca de 10 bananas antes de comprá-las, e o dono não falava nada; hoje em dia ouvi alguém dizer que vendem bananas por unidade! Naquela época, eu gostava de comprar os ovos quebrados que eram vendidos quase de graça. Na Coréia, era difícil levá-los na marmita da escola. Somente os filhos dos ricos podiam fazê-los."[12]

* Os coreanos estabelecidos na cidade de São Paulo auxiliavam os recém-chegados, em várias oportunidades, como na procura de um fiador, hospital, escola para seus filhos,

aquisição de alimentos etc. Raramente, entretanto, ao que se saiba, houve casos de arrendamento de lojas a fim de auxiliar os novos imigrantes a iniciar seus negócios.

Com o passar do tempo e com o aumento do número de coreanos, começaram a se multiplicar os desentendimentos e as crises. Comentava-se a personalidade das pessoas, sua situação econômica, idade e escolaridade de cada um, origem da família, sistema de educação dos filhos e outros tantos pormenores que acabaram criando sérios desentendimentos dentro da comunidade.

Localizamos, em um jornal coreano datado de 1973, a descrição da referida Vila por um jornalista: "A situação do bairro coreano em São Paulo parecia um verdadeiro inferno, com péssimas condições higiênicas, dominado pela prostituição, pelo crime e pela pobreza."[13]

Esta era a visão de alguém que não vivia ali. Mas não contrastava do depoimento de um dos moradores, que assim se referiu a ela: "Nós morávamos como refugiados durante o período da guerra. Ninguém se preocupava com a higiene. As pessoas só se preocuparam com o ganho de dinheiro. Não tinha armário, nem tinha cama. As roupas eram guardadas em malas de pano. Parece que nós estávamos sempre prontos, para a qualquer momento, mudar para outro lugar..."[14]

Mesmo sendo este um quadro fiel da situação, os imigrantes não tinham outras opções, pois o problema que mais os atormentava era o da moradia. Assim sendo, tivessem ou não parentes, possuíssem ou não dinheiro, eles procuraram quase sempre a "Vila Coreana".

Quando os imigrantes da década de setenta chegaram, trouxeram consigo capital. Dentre eles, os que trouxeram uma quantidade maior de capital, alguns se estabeleceram desde logo no ramo de confecções, dando continuidade aqui ao que faziam na Coréia. Outros, entretanto, foram explorados, ou, muitas vezes, não conseguiram investir seu capital por falta de coragem em nenhum negócio rentável. Depois de gastarem praticamente tudo, começavam a trabalhar em qualquer atividade, sem nenhuma possibilidade de escolha.[15]

Naquela época começaram a multiplicar os casos de estelionato entre os coreanos. Apesar disso, os coreanos continuaram a se concentrar na "Vila Coreana". Um dos objetivos era conviver com conterrâneos, para diminuir o impacto de que eram vítimas ao entrar em contacto com costumes tão diversos daqueles de que eram portadores. Assim, o

desconhecimento da língua portuguesa, a esperança de manter ali uma cooperação mútua e o alívio sentido em conviver com pessoas da mesma origem, foram fatores importantes que levaram os coreanos a se aglomerar. Houve quem chamasse atenção para o fato de que: "Na 'Vila Coreana', eles aprendiam com os conterrâneos novas técnicas de sobrevivência. Assim, pode-se dizer que a "Vila Coreana" alertava-os sobre a nova situação econômica, tornado-se um local de treinamento dos mesmos."[16]

A maioria dos recém-chegados, desde o dia seguinte de seu estabelecimento na Vila, saía com as malas cheias de mercadorias para vender, pois as principais atividades eram a costura e comércio.

Segundo o pastor Moon Kyoo Whong, o trabalho na costura era bastante fácil e lucrativo pois, além de não exigir capital inicial - as fábricas de tecidos davam prazo de 2 a 3 meses para o pagamento após a aquisição da mercadoria - o Brasil atravessava uma fase de abundância, em que as pessoas compravam sem restrições. Além do mais, os vendedores não pagavam impostos tão altos como hoje.[17]

Cabia às mulheres a venda das mercadorias. Os maridos ficavam em casa cuidando das crianças, ou as acompanhavam, mas permanecendo no carro.[18] Para eles, a venda se tornava mais difícil, não só por serem homens e orientais, mas, sobretudo, por conservarem certo orgulho inerente à classe média coreana. Mesmo que provocassem certos atritos nas relações familiares, alguns padrões deveriam continuar sendo respeitados. Não havia outras alternativas.

Como a esposa de Wan Yup Lee, muitas outras coreanas, logo ao chegar a São Paulo, começaram a trabalhar como vendedoras ambulantes para, não só sustentar a família, como para guardar algum dinheiro a fim de permitir aos esposos o início de uma atividade independente. Assim, "em torno das dez horas da manhã, muitos fuscas saíam da rua Conde de Sarzedas. O marido na direção do carro, levando a esposa com as malas. O número de fuscas que saía dessa região, onde residiam mais de 1.000 famílias, chegava, mais ou menos, a 300."[19]

O pastor citado, ao escrever sobre a "Vila Coreana", no início da década de oitenta, assim se expressou: "A Rua Oscar Cintra Gordinho era a artéria principal para os imigrantes coreanos /.../

Nela podia-se sentir o cheiro típico da comida coreana, tanto o Bulgogi (Churrasco coreano) como Kimchi. Diversas placas indicavam a presença coreana no local, exemplos: Restaurante Nammi, Drogaria Kim, Mercearia Seul, dando a impressão, ao passante, de estar em plena Coréia."[20]

A vila provocou diversas opiniões entre aqueles que se propuseram a descrevê-la, em diferentes momentos e circunstâncias.

✳ A partir dos anos 1975, com a melhoria da situação econômica dos coreanos no Brasil, o bairro da Aclimação foi aos poucos se transformando no centro residencial da comunidade coreana. Por outro lado, as atividades comerciais dos bairros da Mooca e do Brás foram sendo aos poucos transferidas para o bairro do Bom Retiro, que passou a ser o centro comercial dos coreanos.

Em nossa pesquisa junto ao periódico da ABC, encontramos uma poesia de Chung Hee Won entitulada "Nuance" referindo-se à "Colônia Coreana", ou seja, *HanKukIn Haúl*, que nos parece muito interessante, na medida que fornece dados sobre o sentimento mais íntimo do imigrante ao deixar sua terra natal e a nostalgia de que era tomado ao ouvir os gritos das crianças.

Na impossibilidade de uma tradução formal, optamos por traduzir o sentido dado pelo autor em seus versos, a saber:

Nuance

Chung Hee Won [21]

"Colônia Coreana",
chamada Vila Coreana!
Não se vê uma casa de telhado brilhante,
nenhuma coberta de palhas e de porungas amarelas...
Rua Oscar Cintra Gordinho...
Apenas inúmeros prédios de apartamentos com dezenas de andares
onde se misturam olhos azuis, amarelos e pretos...
E, entre eles, muitos com nomes de Suk e Chul.

O Brasil, do outro lado do mundo
fica tão longe que ninguém pode imaginar...
Tristes, deixamos para trás os conterrâneos
a nos apontar como "nobres" emigrantes
enquanto nós mesmos nos considerávamos pioneiros.
Chegamos a São Paulo como imigrantes,
embora nos sentíssemos fugitivos por um lado
e por outro como os antigos protestantes
que vieram em busca da Nova Terra,
Agora, nesta cidade com 8 milhões de habitantes,
ocupamos um cantinho chamado "Colônia Coreana" -

Também conhecido por Parque Xanghai.
"Onde você mora?" Parque Xanghai
Descendo a ladeira da rua Conde de Sarzedas,
ouço ao longe uns gritos de crianças coreanas
chamando umas às outras e, esse eco
provoca um vazio no meu estômago, e
o movimento ofegante de quem
quer deixar de ser pobre.

Aquela marcha da locomotiva que costumava ouvir na infância,
com o ouvido nos trilhos...
Ah! Repercute em mim
como uma grande marcha do povo branco,
que aqui foi lançado como
imigrantes de pele amarela e olhos pretos.

Uma nostalgia me invade profundamente
Enquanto busco nela o cheiro da palha da minha terra,
a corrente fria da vida provoca em mim
a lágrima da saudade.

Ah! Cai a noite
Em sua escuridão de vazio e silêncio
mergulham os arranha-céus, onde junto com o eco de
"Tchau, até amanhã" das crianças coreanas, Sunhee e Younghee
cresce, cada dia mais, a "Colônia Coreana"...

뉴앙스

원충희

"꼬로니아 꼬레아나",
속칭 한국아파트촌!
아무리 둘러 보아도, 운이 흐르는 기와지붕과
노란 박꽃이 핀 초가지붕을 찾을 길 없는 .....
투아 오스카르 선드라 고르디뇨 .....
빽빽히 둘러싼 수십층 아파트 빌딩속에
파아란 눈 노오란 눈 검은 눈 .....
흰둥이 검둥이 속에 숙이와 철이로 부르는
민족이 있다.

지구상으론 한국의 정반대쪽이라는
리수를 헤아릴 수 없는 멀고 먼 남미 브라질
귀족이민이란 렛델을 부쳐주던 동포의 서러운 이별 속에
숫한 우리들이 자칭 파이오니어라 브르며
반은 도피의식속에 반은 신대륙 개척의 청교도들 처럼
이민의 너울을 쓰고 허울 좋게 밟아 본 쌍파울로
이제 800만을 헤아리는 이민족의 대 도회속에
덧골목에 웅크린 꼬로니아 꼬레아나 -

속칭 파투케 쌍하이
보쎄 어디살지 빠르케 쌍하이
투아 꼰데 데 싸르제다스의 비탈길을 내려오면
멀리서 영희야! 철아! 부르는 야멍의 여운속에
짜릿한 시장기 도는 공허
이제 가난한 백성에서 탈바꿈 하려는
숨가쁜 움직임이 전율처럼 느껴온다

아! 어릴적 철로길에 귀를 대고 들어보던
아득히 먼곳에 철마의 다가오는 울림처럼
이젠 검은눈, 황색 피부의 이민의 이름으로 팽겨쳐 버린
백의의 행열들이 우렁찬 울임으로 귓전에 닥아온다 (sic)

간혹 폐부 깊이 느껴오는 노스탈쟈
벗집같은 한국의 냄새를 반추하는 동안
안개는 가슴속으로 밀려오고
차다찬 세월의 흐름이 그리움에 눈물을 자아낸다.

아! 대지위에 땅거미 내리고 공허와 침묵이 펴 놓은 어두움속에
밀려드는 수십층 아파트 빌딩 - 그 사이로 차우 아때 아만낭을 부르며 헤어지는
순희와 영희의 고사리 같은 여운 속에 오늘도 년운을 더해 가는 이국의
꼬로니아 꼬리아나 ———.

3.3 OPÇÃO PELO RAMO DE CONFECÇÃO

Os coreanos parecem ter se voltado definitivamente para o ramo do comércio de roupas, em meados da década de setenta, e concentraram suas atividades, especialmente, no setor atacadista dos bairros do Bom Retiro e do Brás. Tal atividade era vista como ideal, não só por suas possibilidades financeiras na ocasião, como a concretização de seu sonho: a obtenção de dinheiro a curto prazo.

Pode-se afirmar que, hoje, cerca de 90% dos coreanos vivem, direta ou indiretamente, ligados ao comércio de roupas.

Vejamos como isso se deu. O ponto de partida, para muitos, foi a atividade de vendedor de roupas ou, então, o trabalho em uma oficina de costura de pequeno porte, onde praticamente todos os membros da família se revezavam, visando maior produtividade.

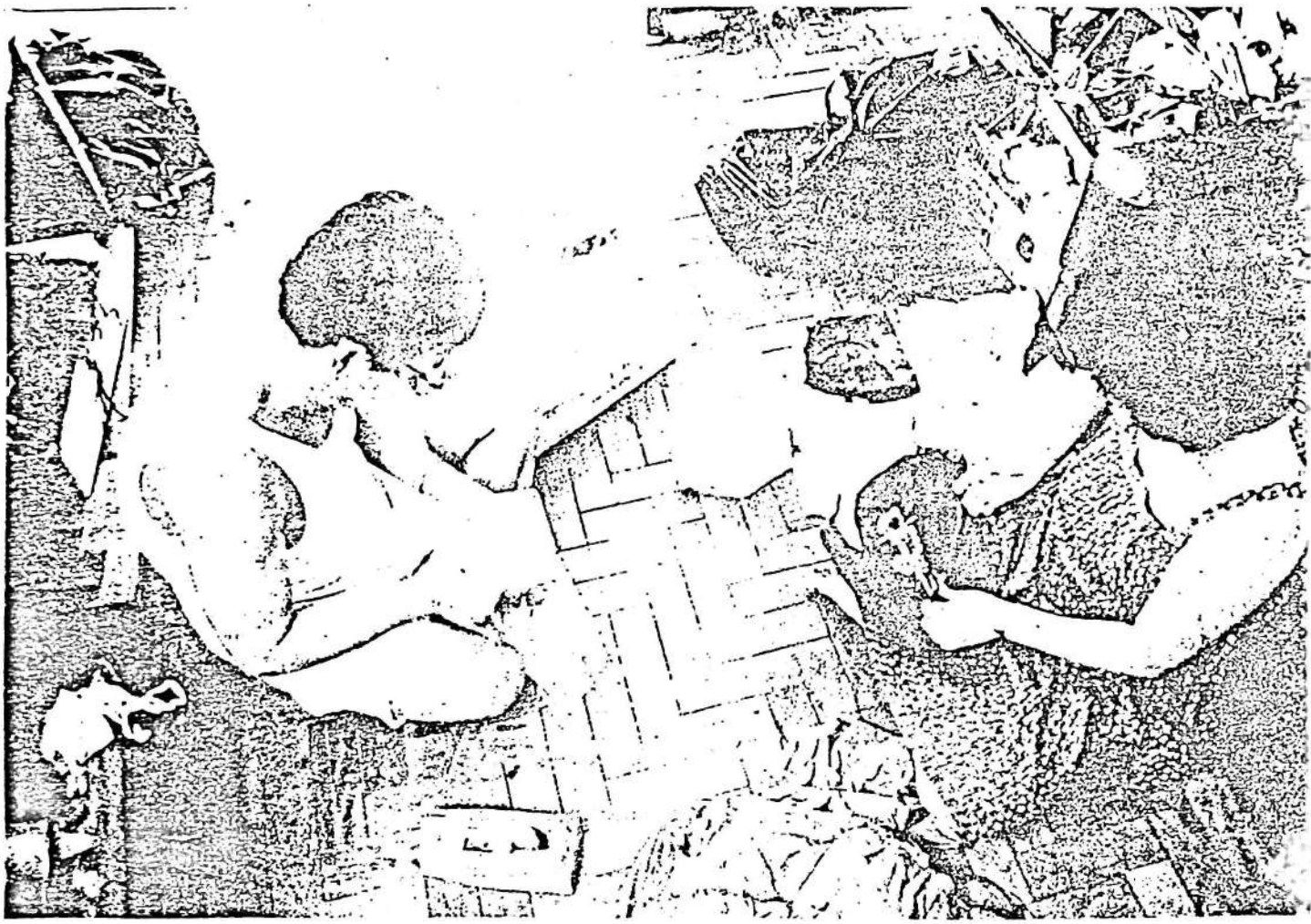
Muitas vezes os vendedores tiveram de enfrentar situações penosas, e fazer grandes esforços físicos.

Em meados de 1980, a atividade era considerada relativamente fácil, apesar de muitos deles nunca terem tido experiência em venda. Na luta pela sobrevivência, muitos chefes de famílias se iniciaram no ramo da confecção executando todas as tarefas: desenhavam, cortavam, levavam os tecidos para as oficinas, empacotavam e vendiam pessoalmente as peças. Não era raro que muitos adoecessem e morressem em razão dos esforços dispendidos. Para que se tenha uma idéia mais próxima do sacrifícios por que passaram, destacamos trechos de alguns depoimentos: "Três dias após o nascimento do meu primeiro filho, cheguei a passar trezentas blusas, porque eu estava preocupada com o prazo de entrega das roupas; não podia ficar na cama, pensando em meu marido, que corria para lá e para cá sozinho..."[22]

Ou:

"Costurando, nós não saíamos de casa, visto que os confeccionistas traziam e buscavam as peças de roupa. Além disso, trabalhávamos o dia inteiro até à uma hora da madrugada, o que nos fazia lembrar de um dito popular da Coréia do Norte: 'sair da casa com as estrelas, voltar para casa com as estrelas' (algo como 'trabalhar de sol a sol') Apesar disso, eu não reclamava desse sacrifício, pois só assim eu teria uma vida abastada e

FOTO - 14



Início de trabalho na confecção

tranqüila no futuro, o que não aconteceria na Coréia do Norte, sob o regime comunista /.../

Mas minha mulher sofria. Durante os primeiros 7 meses, ela sangrava freqüentemente, como se estivesse menstruada. Isso se devia ao fato de que ela trabalhava o dia inteiro, sentada no chão úmido. Apesar disso, ela não reclamava /.../

Além disso, para não perder tempo, pendurávamos cachos de banana no teto e, durante todo o dia, matávamos a fome com bananas."[23]

A esperança e a ambição de se estabelecer rapidamente, em curtíssimo espaço de tempo, era maior que a preocupação com a própria saúde. Trabalhando em ritmo intenso, logo começaram a sentir os efeitos sobre o organismo; a alimentação irregular a que ficavam sujeitos levava-os ao consumo freqüente de remédios. Kyung Soo Oh contou: "Eu chegava, em algumas ocasiões, a tomar 15 pílulas para digestão em um dia!"[24]

Apesar dos sacrifícios, as atividades eram atraentes, pois não exigiam muito capital. Para obter sucesso era preciso atentar para o fato de que o vendedor precisava contar com a confiança dos confeccionistas pois, só assim, eles forneceriam as peças prontas para serem distribuídas nas lojas atacadistas coreanas.

Segundo palavras de Dong Kyun Park: "Eu e minha esposa, como não tínhamos parentes nem conhecidos, quando chegamos clandestinamente à cidade de São Paulo em 1986 procedentes do Paraguai, realmente passamos um período economicamente difícil. Tivemos primeiro que provar nossa identidade e fidelidade aos confeccionistas para receber os modelos das roupas para vender."[25]

Uma vez conseguida a confiança, eles se encarregavam de receber os pedidos, de proceder à entrega dos pacotes e a realizar a cobrança dos vales, em troca de uma comissão de 5%. Este sistema começou a vigorar paralelamente ao aumento de número de lojas coreanas na região. Os 5% eram por vezes insignificantes. Quando, porém, o volume de dinheiro envolvido em função da capacidade do vendedor era grande, permitia, inclusive, a mudança de atividade do vendedor para atacadista ou confeccionista.

O ganho dos costureiros autônomos variava em função de fatores diferentes, dentre os quais vale citar: o tempo de produção, o número de pessoas envolvidas, a complexidade do serviço a ser executado, o prazo de entrega e, sem dúvida, a capacidade de trabalho de

cada um.

A margem de lucro das famílias variava em razão direta da adoção ou não de empregados, e costumava ser da ordem de 10 a 30% do valor de cada peça. O pagamento era à vista ou em 30 dias, e não havia, todavia, uma regra rápida sobre isso. Em suma, tudo baseava-se no entendimento entre as partes, isto é, entre confeccionistas e costureiros.

Neste contexto, sem dúvida, pequenas oficinas especializadas em pregar botões e em executar bordados exerceram um papel importante no estabelecimento dos coreanos no ramo de confecção; tais oficinas ainda existem até hoje.

O ramo era atraente, sobretudo, para os que possuíam pouco capital, pois embora representasse por vezes um ganho limitado, não oferecia, em contrapartida, grandes riscos.

Aqueles que dispunham de capital eqüivalente a US$30.000,00 dólares, aventuravam-se, em geral, no estabelecimento de um negócio próprio. Os coreanos costumam empregar dólar em seus cáculos. Isso talvez se explique pela constante instabilidade da moeda brasileira e pelo fato dos proprietários dos imóveis por eles alugados (em sua maioria judeus, turcos e árabes) exigirem o pagamento nessa moeda.[26]

* Nessa atividade loja-confecção muitos coreanos obtiveram lucros razoáveis. Entretanto, em pouco tempo o mercado ficou saturado pelo grande número dos que se dedicaram à atividade.

* Com a saturação do mercado atacadista do Brás e do Bom Retiro, a disputa pela conquista do mercado foi, aos poucos, se tornando acirrada. Dela, naturalmente participaram também japoneses, israelitas, árabes, armênios etc. Essa participação, entretanto, não representou ameaça direta aos coreanos, na medida em que trabalhavam em segmentos diferentes dos japoneses, cujo ramo principal era o comércio de roupas infantis, enquanto os israelistas mantinham fábricas e lojas de tecidos, e assim por diante.[27]

* Na verdade, grande número de confeccionistas representava grande número de mercadorias produzidas, que, nem sempre encontravam colocação no mercado. Esse fato levou os coreanos a adotar uma série de medidas para vencer a concorrência; uma delas, foi a ampliação do prazo dado pelos confeccionistas ou atacadistas para a venda, que passou a ser de 60 a 90 dias.[28] Sabe-se que qualquer negócio no Brasil com tais prazos de venda, no qual não haja correção, é arriscado. Muitas vezes, os intermediários atacadistas

usufruíam da vantagem de comprar a prazo de 90 dias e vendiam à vista ou, no máximo, em 45 dias. Com a lei da oferta e procura desequilibradas, somente os que se mantinham a par do mercado de moda feminina tinham a venda de suas mercadorias garantida. Os que não se preocupavam e vendiam modelos um pouco "fora de moda" eram obrigados a receber de volta a mercadoria das lojas atacadistas e a arcar com o prejuízo, ficando sujeitos a vender a mercadoria por preço reduzido, para não sofrer perda total. Por menor que fosse, o número de cada corte de roupas girava entre 400 e 1.500 peças. Como o volume de dinheiro envolvido com tecidos, costura, estampa, botões, zíperes etc. não era pequeno, além das despesas fixas para a manutenção da fábrica, a quebra nas vendas obrigou muitos comerciantes a fechar as portas.[29)]

Daí, muitos coreanos afirmarem que o mercado de vestuários se tornou, com o tempo, um jogo de cartas, no qual somente poucos saíram lucrando.

A falta de capital levou alguns coreanos a levantar empréstimos para conseguir sua independência econômica mais cedo; alguns se deram bem, outros não, em virtude da multiplicação das dívidas e cobrança de juros. Um dos imigrantes relembrou: "1979, dívidas e dívidas! Eu ficava pensando: como é que se pode contrair tantas dívidas em tão poucos meses? Desde cedo, o telefone tocava. Eram cobranças, pressionando meus pais a darem um dinheiro que simplesmente não tinham. Qualquer serviço rentável, por mais penoso que fosse, era aceito por nossa família. Só assim podíamos nos sustentar e pagar dívidas que nunca terminavam."[30)]

* A alternância de sucessos e fracassos caracterizou os primeiros anos de vida dos coreanos no Brasil. Muitos dos que tinham possibilidade financeira, voltaram para a Coréia ou reemigraram para outros países, especialmente os Estados Unidos. Outros insistiram em permanecer no Brasil e tiveram de lutar contra condições adversas.

Disse um articulista do jornal O Estado de S.Paulo, quando os coreanos começaram a ocupar em massa as lojas da região do Bom Retiro: "Comerciantes tradicionais do Bom Retiro e Brás costumam brincar entre eles dizendo que os coreanos, em busca de ponto para instalar suas lojas, fazem sempre suas perguntas. A primeira é "Quanto custa?" A segunda, independente do preço pedido, nunca muda: "Quando o senhor desocupa?" Essas brincadeiras, apesar do aparente exagero, refletem quase fielmente a realidade. Hoje, uma

loja não fecha para reforma sem que apareçam dezenas de coreanos com propostas de aluguel feitas, na maioria dos casos, em dólares.

Para atender a esse mercado atraente, o armênio Aram Talatinian não hesitou em mudar de ramo. Fechou sua loja no Bom Retiro e abriu uma imobiliária na rua Oriente - a Codeceiro - que há quatro anos praticamente só trabalha com coreanos. Talatinian explica que, nos dois últimos anos, as luvas de um ponto bom da rua Oriente passaram de oito para 15 milhões de cruzeiros, enquanto o aluguel sofreu valorização praticamente idêntica. Seu maior problema agora é descobrir 20 bons pontos para os coreanos que o procuraram nos últimos dias: "Não sei o que fazer', queixa-se o desconsolado Talatinian."[31]

Quando o interesse dos coreanos se voltou para o bairro do Bom Retiro, ocorreram interferências de fiscais, em razão sobretudo da reação provocada entre os judeus. O fato dos coreanos colocar suas roupas à venda por preços menores despertou desconfiança dos comerciantes já estabelecidos. Dizia um comerciante local: "Entre eles, não há sábado, domingo ou feriado. Da avó ao neto de três anos, todos trabalham em regime absurdo. São autênticos senhores feudais, construindo castelos fantasmas e provocando desequilíbrio seríssimo em nosso comércio."[32]

Nessas palavras, há muito exagero; pois, se havia realmente auxílio por parte das crianças, não era em tão tenra idade. Algumas observações, feitas em relação aos coreanos, não só prejudicaram, como continuam prejudicando a imagem deles junto à sociedade em geral. Referindo-se aos coreanos:

"-Onde estão? Basta procurar uma loja que cheire a alho."

Ou:

"Mais do que o cheiro: as lojas dos coreanos se caracterizam pelo completo despojamento de qualquer material de propaganda (quase todas chegam a dispensar a placa de fachada)."[33]

Da mesma maneira que ocorrera com os outros grupos étnicos chegados ao Brasil via processo de imigração, quando os coreanos se estabilizaram economicamente e começaram a se destacar em uma atividade, surgiram os preconceitos e estereótipos.

Os contratos de locação dos coreanos são por três anos, mediante o pagamento de luvas; afirma-se que este valor chegou, em alguns pontos mais atraentes, a US$250.000,00

dólares. Trabalhando nesse período, os locatários pretendiam, não só recuperar a quantia, como ganhar um tanto a mais para poder se tornar proprietários.

As dificuldades inerentes ao ramo somadas ao eventual prejuízo causado por maus clientes, como cheques sem fundo, falências ou mesmo roubos, tão comuns no comércio, fizeram com que a concorrência se tornasse ainda mais acirrada, introduzindo a prática do vale. Nela o vendedor entrega a mercadoria e recebe, em lugar de pagamento, um pedaço de papel, onde consta o preço e a quantia vendida. Após uma ou duas semanas, o vale era trocado por um cheque pré-datado. Tal prática permitia ao lojista testar o potencial de venda deste ou daquele modelo. Se em uma semana, não houvesse aceitação suficiente, era mandado de volta ao vendedor. Não há uma regra ou um entendimento mútuo dos comerciantes em relação à compra dos lojistas, tornando o mercado um campo sem lei, onde cada qual impõe as próprias regras.

Os confeccionistas costumam obter uma margem de lucro entre 50 a 100%, enquanto os intermediários atacadistas, ficam com algo em torno de 20 a 25%. A prática dos prazos faz com que esta situação se inverta. Ultimamente, o prazo da compra de tecidos vem diminuindo gradativamente. Hoje em dia, 1991, caiu para 30 dias, enquanto que, antes do Plano Collor, de 15 de março de 1990, era de 60 a 90, ou mais.

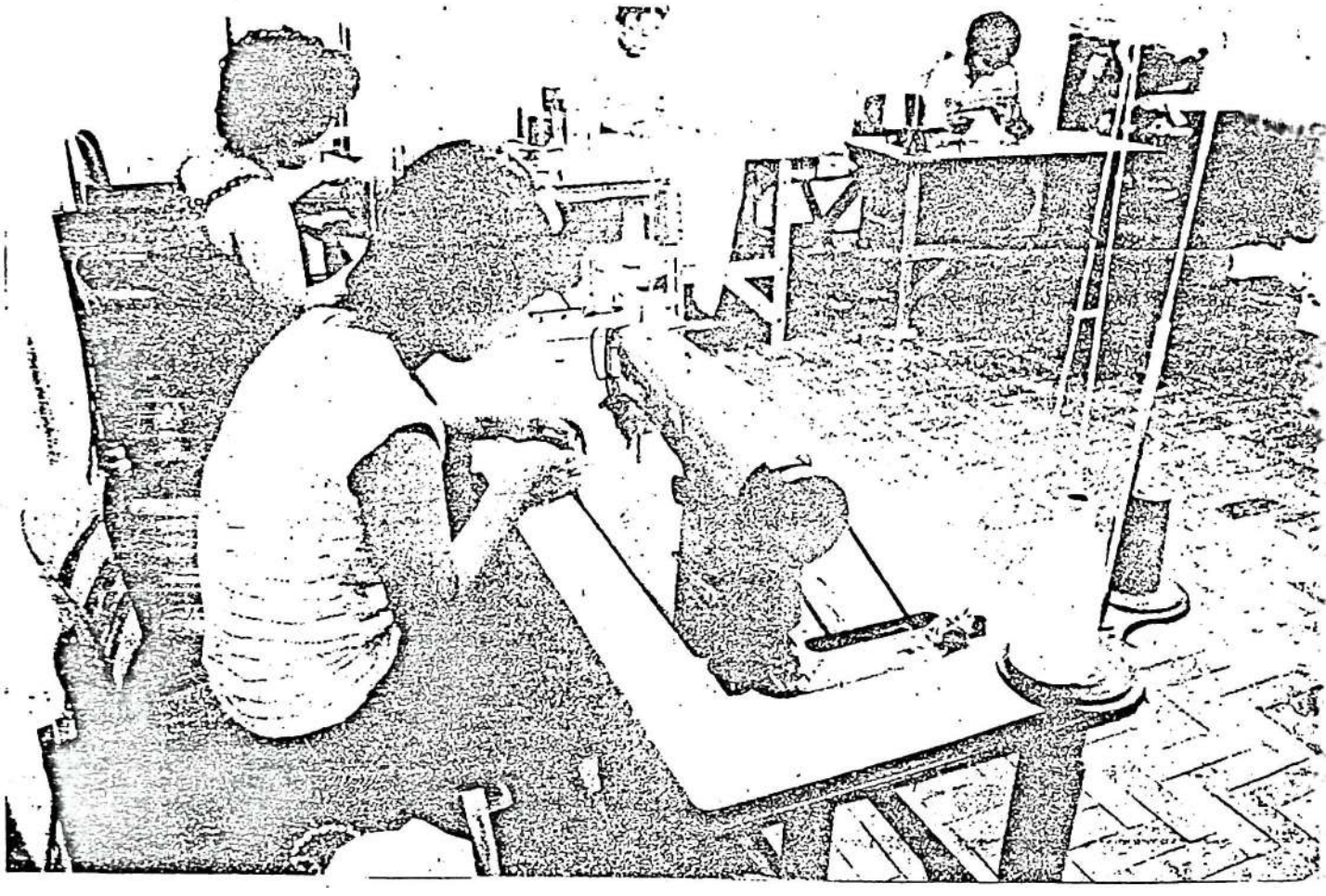
3.4. OS IMIGRANTES CLANDESTINOS COREANOS

Para entender melhor a condição dos clandestinos coreanos no Brasil, é necessário relembrarmos a situação precária da península coreana frente aos Estados Unidos na década de sessenta, na qual o contexto político, econômico e social motivou muitos coreanos a lançar mão da emigração.

Na chegada dos coreanos ao Brasil houve a entrada de clandestinos, modificando profundamente o rumo da história da imigração. Por três vezes, o governo brasileiro concedeu anistia aos estrangeiros que viviam clandestinamente em seu território: em 1969, 1980 e 1988, tendo os coreanos se beneficiado com ela.

Os primeiros coreanos clandestinos aqui chegaram devido à atuação de alguns membros da primeira Delegação Cultural, sobretudo de Chul Hee Lee e Jun Duk Choi. Foram eles os

FOTO - 15



Trabalho dos clandestinos coreanos

maiores responsáveis pela vinda ilegal de conterrâneos, após tentativas frustradas para obter autorização legal.

Chul Hee Lee tentou levar os clandestinos, primeiramente, para a fazenda *Iguape*[34] e, não o conseguindo, devido a vários problemas, resolveu trazê-los via Bolívia.[35]

Para tanto, foi assinado um acordo, no Brasil, com o cônsul daquele país. Caberia à Bolívia expedir o visto de entrada dos coreanos em seu território, via Brasil.[36]

A partir desse estranho acordo, surgiu uma situação ainda mais delicada: os coreanos vinham para o Brasil como turistas,[37] mas suas bagagens deveriam seguir até a fronteira da Bolívia, de onde retornariam à capital paulista.[38]

Jun Duk Choi, mesmo sendo diácono da igreja coreana "YoungLak" de Seul e contar com o auxílio da Igreja Presbiteriana no Brasil, também não conseguiu trazer os imigrantes por vias legais para a fazenda *Bridge*,[39] no estado de Goiás, como era sua intenção inicial.

Ele chegou a obter autorização para trazer 60 famílias,[40] mas dificuldades financeiras na Coréia e a burocracia do governo brasileiro o impediram de concretizar seu intento.[41]

Jong Shik Park, membro da Primeira Delegação Cultural, conseguiu introduzir oficialmente a quarta leva de coreanos.

Frente a tantas dificuldades, os coreanos interessados em emigrar, não contando com qualquer auxílio, lançaram mão de outros meios para conseguirem seu intento.

A presença de clandestinos no Brasil foi a principal causa dos desentendimentos e dos conflitos entre os membros da Associação Brasileira dos Coreanos-ABC, em seu esforço para legalizar e estabelecer definitivamente os conterrâneos no Brasil. A situação só foi resolvida definitivamente com a anistia de 1969, quando o governo brasileiro sancionou a Lei nº. 944, que revogou a Lei de Naturalização e a Lei Nº.7967, de 1945, que regulamentava a imigração.[42] O número dos beneficiados coreanos naquela ocasião chegou a 1000.[43]

Em 20 de agosto de 1980 houve outra anistia, e dos 15.351 estrangeiros em situação irregular no Estado de São Paulo, o maior contingente era formado por coreanos, cerca de 4.500 coreanos[44] em situação irregular, que haviam entrado no Brasil via Paraguai.[45]

Naquela época, a romaria de coreanos em direção ao Brasil, via Paraguai e Uruguai, coincidiu com uma real onda de sul-americanos, o primeiro momento da diáspora dos argentinos, chilenos, uruguaios, paraguaios, bolivianos e peruanos que nos anos setenta, foi motivada pelo estreitamento da vida política entre os diferentes países pertencentes ao Cone Sul.

A partir de 1975, os coreanos passaram a ocupar, com freqüência, ao lado dos chineses, as páginas de conhecidos jornais brasileiros, entre outros: O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil, e Jornal da Tarde, citados como clandestinos.

O Paraguai, como outros países sul-americanos, era utilizado como simples passagem, o que fica claro nos depoimentos que recolhemos.

A grande maioria dos que procuravam esses países, ficavam entre um e quatro meses neles; assim que podiam, reemigravam para o Brasil, com o intuito de ganhar o necessário para prosseguir em sua caminhada rumo aos Estados Unidos, a meta final.

Os coreanos, a princípio, vinham para a América do Sul praticamente sem qualquer informações sobre a situação dos países sul-americanos.

Segundo palavras de um dos entrevistados: "Creio que cheguei ao Paraguai no dia 23 de maio de 1975. Disseram-me que era um caminho fácil para chegar aos Estados Unidos/.../

No Paraguai, a pobreza estava ao nosso redor. Muita gente andando descalça; parecia um país que tinha acabado de sofrer uma guerra. Pensávamos que o Paraguai era muito melhor do que nossa pátria. Mas quando chegava perto de um paraguaio até sentia medo (...). De fato, eu sentia repulsa pelo Paraguai. Morei lá três meses, mas não consegui me acostumar.

Embora o único conhecimento que eu tinha sobre o Brasil fosse de que se tratava de um país grande e cheio de café, resolvi entrar sozinho no país, clandestinamente, deixando minha família para trás, a fim de conhecer a real situação brasileira. Parti com a esperança de reencontrar os meus em terras brasileiras."[46]

O Paraguia despertou a mesma impressão de pobreza em outros imigrantes: "A primeira impressão que tive foi que era um país de pobres; gente dormindo nas ruas (...), o estupro, tão freqüente nesse país/.../

Eu (...) nunca tinha ouvido falar e nem sonhava em morar no Brasil, na Coréia. Tinha

leixado minha pátria pensando em morar no Paraguai, mas este parecia ser um país de mendigos. Tudo tão atrasado, tão sujo!"[47]

Diante de tal situação, resolveu, em apenas vinte dias, reemigrar. Comenta os obstáculos que teve que transpor para entrar no Brasil, pois sua família era composta pela esposa, filho e filha. Resolveu, para facilitar as coisas, enviar a filha com uma senhora coreana, que, embora não conhecida, possuía documentos. Depois foi a sua vez de partir. Por último, a esposa e o filho. Das peripécias de sua viagem nos conta: "Quando tentei atravessar a fronteira com o xerox do documento de um senhor de mais de 50 anos, os guardas descobriram (...) e me fizeram passar a noite numa cela/.../

A prisão não era tão ruim assim, pois a comida era boa: salada, arroz e bifes imensos, o que não ocorria na Coréia."[48]

A alimentação farta, sobretudo na prisão, ajudou a solidificar nele a visão da América como a de um verdadeiro paraíso.

Os relatos têm muito em comum a multiplicidade de obstáculos que tiveram de ser vencidos para atingir o objetivo, que era se estabelecer no Brasil.

Uma vez na América, muitos coreanos se surpreenderam ao não encontrar nada do que lhes fora prometido, criando-se em sua mente uma situação difícil.

Imigrantes de diferentes procedências sofreram o mesmo tipo de decepção, como mostraram os estudos feitos sobre outras etnias.

Apesar de não haver, na ocasião, por parte do Paraguai ou da Bolívia qualquer restrição quanto à entrada de coreanos em seus territórios, surgiram problemas provocados por alguns 'brokers'.[49]

Muitos deles cobravam dos interessados em seguir para o Brasil ou Argentina uma certa quantia em troca de transporte e do estabelecimento do imigrante no país de destino.

Tais fatos repercutiram negativamente, a ponto do governo coreano ter decidido proibir, em 4 de maio de 1977, a emigração para a América do Sul, o que provocou considerável diminuição no movimento emigratório, embora não tenha havido uma completa interrupção.

Quadro 5 – Saída para América Latina [50]

Ano	BR	PAR	BOL	ARG	EQA	UR	PE	CH	COL
1962	170								
1963	462		13	1					
1964	604		302	2					
1965	722	1.223	282	169					
1966	340	273	104	6		7			1
1967	68	121	1	2			1		
1968	306	47	8	42					
1969	883	72	2	142					1
1970	1.775	52	8	797				36	10
1971	1.393	11	4	616					14
1972	2.635	94	77	153	8	5			
1973	194	192	34	200					2
1974	184	714	73	124	6	48			8
1975	136	2.391	221	305	120			4	7
1976	107	6.727	276	1.214	18	5			14
1977	71	1.211	197	351	59	12	1	1	5
1978	41	1.515	38	105	28	1		2	3
1979	19	10	43	26	6		1	25	3
1980	18	20	94	32	52			6	3
1981	114	31	125	107	104		4	13	
1982	226	278	162	124	36			22	
1983	166	694	761	70				40	17
1984	121	1.290	1.384	754	284		1	80	16
1985	203	2.100	46	1.953	172			130	2
TOTAL	10.959	17.566	4.255	7.295	1.063	78	8	359	106

Os coreanos que se arriscaram a atravessar as fronteiras brasileiras, tinham destino definido: a capital do Estado de São Paulo, considerada, na América do Sul, como a metrópole industrial por excelência, e que oferecia maiores e melhores oportunidades para todos.

Outro fato que condicionou essa escolha foi o fato de muitos coreanos já estarem aqui estabelecidos, dedicando-se principalmente ao ramo das confecções.

Os caminhos percorridos pelos coreanos do Paraguai até a capital paulista eram os seguintes:

Em Assunção, havia duas opções: a primeira era seguir até Porto Stroessner, atravessar a Ponte da Amizade e chegar à Foz do Iguaçu, em território brasileiro. Como a vigilância na ponte era grande, passaram a utilizar-se de barcos, em pontos estratégicos, para a travessia do rio Paraná. Dali seguiam até Cascavel, onde, novamente deparavam com duas opções: Curitiba/São Paulo ou Maringá/Londrina/São Paulo.[51]

A segunda opção, estando em Assunção, era ir até Pedro Juan Caballero, atravessar a avenida Internacional e chegar a Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. Dali seguir de ônibus até Dourados, pela via BR-463. Naquela cidade matogrossense podiam escolher: Campo Grande/Bauru/São Paulo ou Rio Brilhante/São Paulo.

Muitos dos coreanos, amedrontados por ter de enfrentar tais caminhos, resolveram se estabelecer no Paraguai, o que provocou protestos de comerciantes locais - paraguaios e brasileiros - em razão da concorrência representada por eles, pois, de posse de capital, investiam em grandes lojas de artigos, quase sempre contrabandeados, não dispondo os demais concorrentes como lhes fazer frente.[52]

Mapa 2: Rotas dos clandestinos de Paraguai e Bolívia [53]



Rotas a partir de Assunção (Paraguai)

1) Foz de Iguaçu – Cascavel – Curitiba – São Paulo
2) Foz de Iguaçu – Cascavel – Maringá – Londrina – São Paulo
3) Pedro Juan Caballeiro – Ponta Porã – Presidente Prudente – São Paulo
4) Pedro Juan Caballeiro – Ponta Porã – Dourados – Rio Brillhante – São Paulo
5) Pedro Juan Caballeiro – Ponta Porã – Dourados – Campo Grande – São Paulo

Rotas a partir de Bolívia

6) Porto Juaréz – Corumbá – Campo Grande – Bauru – São Paulo

Além das rotas citadas, havia outras, como a que passava pela Bolívia, em Puerto Juarez, vizinho de Corumbá, ou a que atravessava o rio Uruguai, na altura de Uruguaiana.

O fato de muitas dessas rotas coincidirem com as do tráfico de drogas explica que tenha sido aventada a hipótese do envolvimento de coreanos clandestinos com a entrada de entorpecentes no Brasil.

As investigações realizadas não comprovaram as suspeitas, apenas se verificando a coincidência de rotas.[54]

Durante a viagem, muitos imigrantes eram encontrados, detidos e deportados para o Paraguai. Horas ou dias depois, estavam novamente a caminho de São Paulo. Alguns eram recapturados, mas não desistiam. Tentavam novamente, o que demonstra claramente que era na ocasião São Paulo o alvo de suas ambições.

3.4.1 OS CLANDESTINOS EM SÃO PAULO E AS CONDIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA

Diferente dos clandestinos sul-americanos, quase nenhum coreano procurou a ajuda de órgão oficiais brasileiros como o Centro Pastoral dos Migrantes da Igreja Nossa Senhara da Paz para sua sobrevivência. Evidentemente se não o fizeram é porque conseguiram auxílio de outra forma. É o que pretendemos esclarecer a seguir: "Yang, sua mulher e um filho (...) chegaram a São Paulo em maio de 1977, trazidos por um táxi brasileiro, que lhes cobrou 660 dólares para atravessar a Ponte da Amizade, que liga o Porto Stroessner, no Paraguai, a Foz do Iguaçu, no Brasil (...)

Os 'intermediários' embolsaram quase que praticamente os 5.000 dólares que a família trouxera da Coréia, onde Yang trabalhava como diretor de uma firma de importação e sua mulher como secretária de um parlamentar."[55]

Quando os clandestinos chegavam à cidade de São Paulo, ao invés dos problemas diminuírem, se avolumavam, e a condição de clandestinidade tornava ainda mais difícil e complexa adaptação ao novo meio.

Para vencer os primeiros desafios, isto é, providenciar moradia, uma atividade profissional, escola para os filhos e, principalmente obter documentação, contavam geralmente, com o auxílio dos conterrâneos aqui estabelecidos há mais tempo.

Freqüentemente, os clandestinos procuravam auxílio junto às igrejas coreanas, em torno das quais, se articula, até hoje, a vida sócio-econômica da comunidade. Ali eram realizados os contatos imprescindíveis: descobria-se quem poderia ajudá-los e para quem poderiam oferecer seus serviços, em troca de abrigo.

Era ali, também, que começavam a ficar realmente a par da realidade com a qual deveriam conviver dali para frente.

"O imigrante clandestino logo era informado de que um diploma pouco ou nada valia aqui. Se, por obra do acaso, conseguisse um emprego onde pudesse exercer sua especialidade, recebia cerca de 50% do salário de um brasileiro que ocupasse a mesma posição. Era o preço a pagar pelo sigilo do empregador e pela língua que desconhecia."[56]

Contando com a boa vontade dos conterrâneos, os clandestinos conseguiam se estabelecer em atividades ligadas ao ramo de confecções. Costurando ou bordando, realizando vendas dentro da própria comunidade servindo, portanto, de intermediário entre a confecção coreana e a loja coreana, esse elemento ia sendo incorporado pela comunidade.

Alguns depoimentos são bastante esclarecedores de como tudo se passou. Vejamos um deles: "Vim para o Brasil, em companhia de três mulheres, deixando o meu marido e meus três filhos pequenos no Paraguai. Aqui, passei a trabalhar como costureira, numa confecção pertencente a coreanos. Em troca de serviço eles me ofereciam moradia e comida, além de um salário razoável. Meu primeiro salário foi de Cz$2.000,00 cruzeiros. Na época, Cz$200,00 cruzeiros eram suficientes para se encher um carrinho de feira, o que não acontecia no Paraguai /.../ Alguns meses depois, vieram o meu marido e os meus filhos pequenos. Passaram a morar comigo, nos fundos da casa do meu patrão. Era uma casinha com cozinhá, um quarto e um banheiro. Meu marido passou a trabalhar como gerente na loja do meu patrão."[57]

Um outro depoimento que selecionamos é o seguinte: "Após a viagem para São Paulo, tínhamos apenas 500,00 dólares. Alugamos um quarto de empregada, nos fundos de uma casa de coreanos. Compramos uma máquina de costura a prazo. Eu e minha mulher nos revezávamos no serviço. Praticamente não saíamos de casa, visto que os confeccionistas não só traziam como buscavam as peças em casa. Fazíamos compras no supermercado após as 19 horas, quando já estava escuro. Também temíamos a fiscalização, por isso não permitíamos que nossos

filhos (3 e 6 anos) saíssem às ruas /.../ Coloquei minha filha mais velha no pré-primário; era uma escola particular, pois, sem documentos, não poderia colocá-la numa escola pública. Além de estudar, ela me auxiliava na costura e tirava fios soltos das roupas. Isso lhe deixava pouco tempo livre para estudar; ela acabava chorando no canto do quarto (morávamos e trabalhávamos num mesmo cômodo) /.../"[58]

Esses depoimentos mostram o tipo de dificuldades enfrentadas em São Paulo, pelos clandestinos.

Além das fontes coreanas, encontramos em periódicos brasileiros importantes informes para a reconstituição da vida dos coreanos na cidade de São Paulo. A Folha de S. Paulo, em 1978, publicava: "Uma família de cinco pessoas trabalha, come e dorme em um quadrado de seis metros por cinco. Duas máquinas de bordar sob uma lâmpada, um sofá, um guarda-roupa, que serve de divisória entre o quarto-sala-oficina e a diminuta cozinha, colchões empilhados sobre esse móvel, uma infinidade de panos espalhados pelo chão, constituem os bens da casa."[59]

Nas entrevistas, detectamos vários casos de pessoas que tiveram sua saúde debilitada por viverem nessas condições. A falta de espaço, o trabalho prolongado e a vida sedentária, desequilibravam o organismo, multiplicando casos de gastrite, diabete e doenças retais.

O importante auxílio prestado pelos conterrâneos aos clandestinos, sem o qual não teriam nem mesmo condições de sobrevivência, nem sempre tem sido devidamente compreendido pelos ocidentais. Haja vista a opinião do então Delegado e Superintendente da Polícia Federal, Romeu Tuma, sobre o assunto: "Existe uma enorme exploração (...). Muitos dos coreanos que chegaram são mantidos em situação de penúria, quase que se pode falar de cárceres privados. Empresários coreanos pagam salários miseráveis e assustam os clandestinos, dizendo que podem ser presos. A colônia é formada por gente séria e trabalhadora, mas há briga em duas pontas: exploradores e explorados."[60]

Interessante em nosso estudo foi verificar que os clandestinos pensam de forma totalmente diversa da referida autoridade. Não compartilham da opinião de que foram 'explorados', ou, pelo menos, não admitem isso. Sentiam-se, isso sim, protegidos para

trabalharem muito, acumularem capital e abrirem uma confecção própria, assim que tivessem sua situação regularizada no país. Absorvidos por essa meta, eles são sinceros quando afirmam não se sentirem explorados.

Certamente, esse modo de pensar, aliado à atividade econômica de caráter familiar, foram fatores essenciais no desenvolvimento dos coreanos no Brasil.

3.4.1.1. A "VELA SOB O VENTO"

Em 1977, em São Paulo, foi constatada a existência em situação ilegal de aproximadamente cinco mil chineses, em sua maioria procedentes de Formosa, e de três mil coreanos.

A preocupação inicial das autoridades brasileiras, diante do fato, foi a de procurar detectar a existência de elementos implicados em processos de subversão, e para tal, foram consultados os órgãos de segurança nacional e o próprio Ministro da Justiça, e foi denominada de 'Operação Imigrantes', com DOPS, Polícia Federal, SNI, DOI e as autoridades militares do II Exército e da 5ª Região Militar, estendendo-se as buscas de clandestinos até Mato Grosso, Goiás e Santa Catarina.

A conclusão mais importante foi a de que não ficou constatada a implicação de chineses ou de coreanos em qualquer atividade subversiva, e os homens e recursos, aplicados pelos órgãos de segurança, foram recolhidos, permanecendo apenas os agentes estaduais e federais para a complementação dos inquéritos, seguindo o processo de deportação dos asiáticos em situação irregular para o Paraguai, de acordo com o Estatuto do Estrangeiro no Brasil.[61]

Para os clandestinos, a situação ficou difícil e os problemas pareceram maiores, especialmente quando o DOPS fez a 'Operação Clandestinos'[62]: a polícia não respeitava privacidade, invadindo qualquer propriedade que, em sua opinião, fosse suspeita.[63]

De maneira geral, os clandestinos ficaram mais expostos à ação policial do que os demais e sujeitos a constantes prejuízos, pois, em caso de acidente de trânsito fugiam do local antes da chegada da polícia,[64] não esperando qualquer indenização.

Os coreanos se assustavam com policiais, com carteiros, motoristas da CMTC, qualquer

uniforme. O temor era muito grande, não só por sua condição de clandestinidade, mas, também, como conseqüência da repressão policial a que ficaram sujeitos na Coréia.

Para os clandestinos, os primeiros anos de permanência no Brasil foram difíceis: não podiam sair de casa, não podiam deixar as crianças brincar fora e nem mesmo se aventuravam a abrir a porta antes que as visitas se identificassem.

"Nosso principal problema eram os documentos. Às vezes, avisavam-nos que havia fiscais nas proximidades. Por vezes, eles apareciam às 4 horas da madrugada. Tínhamos que fugir para a casa de algum patrício que tivesse documentos. Freqüentemente, tínhamos de mudar de endereço. Chegamos a ir a Santos, onde permanecemos uma semana.

Tive sorte. Muitos clandestinos coreanos, que eram presos, acabavam sendo deportados para o Paraguai /.../ Documentos: eu sonhava com eles. Todos sonhavam. Eram passaporte para uma vida mais tranqüila."[65]

O temor dos clandestinos de ser expulsos do Brasil era tão grande, que andavam sempre com Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) no bolso, para qualquer eventualidade. Davam o dinheiro para ficar livres, o que facilitou casos de extorsão,[66] pois o receio da polícia era muito grande.

O temor era constante: "Pensar que um dia eu voltaria ao Paraguai, depois de tantos sofrimentos para vir ao Brasil... Não, eu não poderia retornar. Não."[67]

O problema da imigração clandestina em massa preocupou autoridades brasileiras e coreanas, e os líderes da colônia coreana, bem como suas organizações religiosas, as quais procuravam, dentro das normas do país, acomodar as diversas situações, dando aos elementos detidos o amparo necessário para que não se vissem abandonados em terra estranha.

A atuação das igrejas coreanas foi maior do que qualquer outro órgão da colônia: criaram uma Comissão de Providências Jurídicas, com representantes de todas elas, visando defender os interesses dos clandestinos, e cada família deveria colaborar com determinada quantia em dinheiro para ajudar a 'regularizar a situação dos irregulares'.[68]

Os próprios clandestinos procuraram, por sua vez, diferentes maneiras para defesa: uma delas era tentar conseguir documentos falsos, em Londrina, que ficava numa das rotas Assunção/São Paulo, conhecida entre eles como local em que era possível obter a documentação falsificada.

Quando os casos de doença ou morte na família ocorriam, a situação ficava difícil e complexa. A esposa de um doente narrou: "Ele emagrecia cada vez mais. Procuramos um médico coreano, ele o examinou e disse que era uma doença no ânus, mas que não era nada grave. É claro que acreditamos. Mais tarde, vendo que ele piorava, fiquei muito preocupada. Os medicamentos não surtiam efeito. Um conhecido nosso tinha documentos. Com eles, meu marido foi internado no INPS. O pessoal de lá cuidou muito bem dele. Após vários exames e testes, descobriram que era câncer no local e, como não tinha cura, perguntaram se queríamos levá-lo para casa ou interná-lo numa casa de repouso até ele falecer. Nós o trouxemos para casa, pois de outra forma, se ele morresse na casa de repouso com documentos de outra pessoa, isso nos traria problemas. E ainda por cima, ele queria ficar mais um pouco com nossos filhos. Foi uma época muito difícil, até que ele faleceu, depois de oito meses. Seguiu-se o período mais sofrido e difícil de toda a minha vida. Viúva, mãe de três filhos menores, pobre, num país desconhecido."[69]

Refletindo sobre tal situação, o presbítero Hyung Kook Won deu asas à sua veia poética:

"O caminho que percorri é o caminho dos imigrantes,
ou seria outro caminho a seguir?
A essa vida repleta de boatos
como consegui sobreviver até hoje?
Suplico a Deus do fundo do coração
Guarde-me da tempestade anunciada
pelas nuvens escuras que se aproximam no céu."

"옮길 이자인가 다를 이자인가 [70]
말도많은 이민살이 오늘 겨우살았구나
먹구름 덮어오는 저 하늘 사나운데
두손 모아 비옵나니 비바람 비키소서"

Algumas pessoas até chegaram a admitir a condição de clandestinidade para poder voltar à terra natal, através da deportação. O maior problema dos clandestinos era a condição de ilegalidade no país. Alguns apelaram para a falsificação da documentação, mas mesmo isto não era tranqüilizador. Sonhavam, literalmente, com um visto de permanência, que só poderia ser concretizado de três maneiras: casar com uma brasileira, ser pai de criança brasileira, ou ser beneficiário de uma anistia geral. Fora disso, não havia qualquer outra chance.[71]

Quando o Congresso brasileiro publicou no Diário Oficial da União a lei nº 6815, de

19 de agosto de 1980, referente à situação jurídica do estrangeiro,[72] o sofrimento dos clandestinos diminuiu: "Antes da promulgação dessa lei, a polícia procurava os clandestinos de casa em casa e os deportava. Com essa lei, a situação melhorou. Desde que não praticassem atos ilegais, eles estariam fora dos alvos mais agressivos da polícia. Praticamente desapareceram os 'perigos' a que ficavam sujeitos por não terem documentos."[73]

A partir de então, os acontecimentos desagradáveis, provocados por acusações mútuas ou atritos entre os próprios coreanos diminuíram sensivelmente.

A obtenção da documentação, mesmo em caráter provisório, era muito importante para o clandestino: "Ouvi dizer que os estrangeiros que chegaram ao Brasil antes de 1980 poderiam retirar um visto temporário, com validade para dois anos.

Sendo um clandestino, como poderia provar que eu havia entrado no Brasil antes de 1980? Aluguel, conta de luz, nada estava em meu nome. Nem a conta do banco!

Procurei o consulado coreano, mas eles não sabiam como me ajudar. Eles não percebiam o quanto sofriam os clandestinos. Fugas de madrugada, mudanças constantes etc. Mostrei as certidões de nascimento dos meus filhos, datadas de 1977. O cônsul me falou: 'As crianças realmente estavam no Brasil antes de 1980, mas como vou acreditar que você e sua esposa entraram aqui antes de 1980? Esse cônsul deixava qualquer um louco. Tive uma briga feia com ele. Xinguei-o e o agredi.

Desconsolado, estava remexendo na papelada e encontrei um recibo. Era de uma máquina de costura velha, com minha assinatura e datada de 1977. Continuei remexendo os papéis; encontrei um segundo recibo, de uma outra máquina de costura. Como eu não estava em casa na hora da entrega, minha esposa assinou o recibo. Ufa!

No dia seguinte, procuramos um órgão da polícia. Eles nos informaram sobre os documentos exigidos, arranjamos tudo e, em apenas um dia, o documento, ainda que provisório, estava pronto.

Para mostrar ao mundo que agora estava com minha situação legalizada, tive vontade de colocá-lo na testa."[74]

Posteriormente, o governo brasileiro decidiu conceder documento provisório de permanência no país a todo e qualquer estrangeiro chegado em data anterior a 10 de julho

de 1988.

Destacamos o papel desempenhado pela Associação Brasileira dos Coreanos-ABC, pois a Polícia Federal brasileira solicitou a ela que ajudasse no registro dos elementos, já que previa a existência de um grande número de clandestinos coreanos.

Segundo a Polícia Federal, aproximadamente 4.000 coreanos foram beneficiados com a medida, e mesmo pessoas que viviam em outros países sul-americanos se aproveitaram da oportunidade para conseguir seus respectivos registros.[75] A possibilidade de obtenção de registro provisório fez com que alguns dos imigrantes coreanos em outros países sul americanos viessem até o Brasil para obtê-lo. Nem todos aqui ficaram, retornando para os locais em que estavam estabelecidos. Alguns acabaram por se instalar definitivamente no Brasil. Outros apenas procuraram a documentação para segurança.

Na ocasião, um chefe de família comentou: "Eu e minha família estamos empenhados em conseguir o documento provisório, a fim de facilitar a realização do meu sonho de reemigração ao Brasil."[76]

Entre esses, houve os que, argüídos sobre seu endereço, não puderam responder, pois não residiam no país; outros, desconhecendo o idioma, também tiveram dificuldade em responder às autoridades, e nessas ocasiões, a intervenção de Bong Woo Lee, presidente da ABC, foi muito importante e foi muito elogiada pelos conterrâneos.

A clandestinidade fez com que os imigrantes coreanos descrevessem sua situação com um provérbio tradicional "a vela sob o vento" (風前燈火).

Ao viver na clandestinidade, os coreanos passaram tempos difíceis, com problemas tais como: não ter liberdade em sua vida cotidiana; preocupação constante em relação à deportação; dificuldades de sobrevivência; problemas de educação, pois os filhos não podiam se matricular legalmente; perturbações de ordem psicológica e *stress* permanente. Para chegar ao Brasil não pouparam esforços, nem dinheiro, abandonaram empregos e família em troca da realização de um sonho tropical. Os que conseguiram chegar até São Paulo, suspiravam aliviados e mal imaginavam as dificuldades à sua frente.

Oficialmente, não há mais clandestinos coreanos no Brasil e hoje, os ex-clandestinos, com os documentos oficiais, podem olhar para trás e rir de suas próprias histórias...

Não cremos que a emigração coreana tenha cessado definitivamente. Ao contrário, em

razão dos grandes problemas de ordem social por que passa a Coréia, onde há grande concorrência para obter qualquer emprego, e onde a ascenção social está diretamente ligada à escolaridade, somente 25% dos formandos dos colégios têm possibilidade de continuar seus estudos nas universidades,[77] o que gera um grave afunilamento.

Acreditamos que não será pequeno o número de coreanos que continuarão emigrando para a América do Sul, mesmo entre os que gozam de situação sócio-econômica razoável na Coréia, pois uma das molas que os impulsiona é o futuro dos filhos: "Nossa igreja, recentemente, recebeu duas famílias. Elas tinham estabilidade sócio-econômica na Coréia. Entretanto, como o problema da entrada dos filhos na universidade era sério, decidiram emigrar. Segundo elas, cerca de 20% dos emigrantes coreanos têm deixado o país pelo mesmo motivo."[78]

Na Coréia, os que não tem sucesso econômico, ou os insatisfeitos pelo escalonamento social pela escolaridade, ou os que já perderam a vontade de competir, querem sair. Especialmente, as pessoas que têm na memória a Guerra Civil e a perda de um membro da família hesitam em mandar seus filhos para o serviço militar, pois qualquer homem que atinja os 18 anos, obrigatoriamente, tem de servir por três anos, exceto os que não concluíram o ginásio. Muitas vezes, essas famílias enviam jovens como estudantes para o exterior.

As leis coreanas não facilitam a saída de seus cidadãos, até hoje. Quando uma família quer emigrar, a lei permite apenas incluir os filhos menores de 20 anos, o que provoca seu desmembramento. Os que têm condição de sair, saem primeiro, na esperança de se reunirem aos outros posteriormente.

Cap.III

1) Depoimento de Kwan Soon Hong. KIM, Sung Yul – "A Coréia Plantada em baixo do Equador" (赤道下에 심은 코리아). Shin Dong-A, Seul, Ed. Dong-A, junho de 1966. pp.202-217.

2) Depoimento de Wan Yup Lee, em outubro de 1988. Também no caso de Kyung Keun Park, Sung Kwan Park, Myung Ik Kim, membros da primeira leva, após a chegada de suas famílias, começaram a atuar, sobretudo fazendo uso da experiência adquirida nas fazendas dos japoneses.

3) idem.

4) Depoimento de Kwan Soon Hong, Shin Dong-A, op.cit.
Segundo os dados da Embaixada da Coréia divulgados em junho de 1966, as principais atividades dos 1.500 coreanos que dirigiram a cidade de São Paulo eram, na época:
Mercearia: 30 famílias
"Ponto" (bar) e Charutaria: 30 famílias
Posto de Gasolina, lava rápido, estacionamento e táxi: 10 famílias
Indústria doméstica: 228 famílias (a maioria)
Empregado assalariado: ?
Farmácia: 1 família
Hotel: 1 família

5) Aos imigrantes japoneses é possível obter a revalidação de seus diplomas pelo governo brasileiro. A Suk Keun Kang não foi possível obter o mesmo por inexistir, na época, qualquer resolução a respeito entre os dois países envolvidos. (Dong-A Ilbo, Seul, 18/19 julho de 1961)

6) Depoimento de Chung Hee Cho Lee, em abril de 1989.

7) Depoimento de Ung Seo Oh, entre fevereiro e maio de 1989.

8) LEE, In Kim – A autobiografia literária de In Kil Lee [松岩文學全集]. São Paulo, Ed. Hankook, 1983, pp.645-646.

9) Ex-militares: Jae Ok Suh, Young Mook Kim e Jon In Yoon.

10) Depoimento de Ung Seo Oh.

11) Depoimento de Chung Hee Cho Lee, em março de 1989.

12) Depoimento de Byung Kon Oh, em março de 1989.

13) "Após 10 anos de chegada dos imigrantes coreanos no Brasil" (브라질 移民 10年後), Jungang Ilbo, Seul, 15 setembro de 1973.

14) Depoimento da esposa de Kwang Cha Lee, presidente da Associação Brasileira dos Coreanos no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1988.

15) Por isso, houve uma época em que se dizia entre os coreanos: "Os imigrantes que vieram de navio conseguem sucesso, mas os que vieram de avião, não."

16) HYUN, Kyu Hwan – A História Geral da Emigração Coreana [韓國 流移民史(下)], Seul, Ed. Samwha, 1976, pp.1008-1035.

17) WHONG, Moon Kyoo – The Korean Immigrant Churches in Brazil and Their Mission [브라질의 한국인 이민 교회와 선교] Virginia, The faculty of Union Theological Seminary, 1983. Também foi interpretado, em coreano, pelo The presbyteriam Church of Korea Department of Education em 1983.

18) Depoimento de Bek Soon Shin, em janeiro de 1988.

19) HYUN, Kyu Hwan – op.cit.

20) Ver nota 17)

21) WON, Chung Hee – "Nuance", Periódico da ABC, Ed. Associação Brasileira dos Coreanos, 6:8, 1968.

22) Depoimento de Chung Hee Cho Lee.

23) Depoimento de Kyung Soo Oh, em janeiro de 1989.

24) idem.

25) Depoimento de Dong Kyun Park, em setembro de 1989.

26) Depoimento de Dong Hun Lee, entre março e novembro de 1989.

27) Depoimento de Won Kyu Lee, entre 1988 e 1990.

28) Desde o início de 1990, com a inflação em alta, chegando a mais de 80% ao mês, houve diminuição do prazo, mas com o Plano Collor há tendência a voltar ao prazo anterior.

29) Depoimento de Yun Jae Chang, em fevereiro de 1989.

30) Depoimento de Dong Hun Lee.

31) LOMBARDI, Renato e VUCOVIX Irene – "Os Coreanos, uma invasão do mistério", O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.

32) City News, São Paulo, 22 julho de 1979.

33) Ver nota 31)

34) A Fazenda *Iguapé* foi providenciada para a vinda de imigrantes coreanos pelos membros da Primeira Delegação Cultural e ex-militares, cujos nomes são Chul Hee Lee, Young Mook Kim, Jong Han Kim, Yun Moon Kim, Jong Moo Lee. (O catálogo comemorativo de 20 anos da história da imigração coreana, São Paulo, Comissão de Preparação para Festa de 20 anos da história da imigração coreana, 11 agosto de 1983.

35) Ministério da Saúde – Relatório após a expedição de negociação de imigração coreana com a Guatemala e após a visita ao Brasil [과테말라 이민 교섭단및 브라질 방문 보고서], Seul, 20 abril de 1963.

36) Depoimento de Ung Seo Oh.

37) Depoimento de Tae Joo Oh, um dos membros do caso, em janeiro de 1989.

38) Evidentemente isto causou uma série de problemas, pois segundo Chung Chul Cho, "muitas bagagens foram extraviadas". Em razão desses extravios, Lee foi muitas vezes alvo de críticas, tendo sido levantada, inclusive, a suspeita de que ele teria tido algum tipo de participação no desvio.

39) Segundo o relatório de Ministério da Saúde, citado acima, Jun Duk Choi conseguiu a fazenda *Bridge*, ex-colônia de alemães, sob o apoio da União das Igrejas Presbiteriana do Rio de Janeiro. Segundo o depoimento de Ung Seo Oh, dois ex-prisioneiros da guerra, cujos sobrenomes eram Oh e Kim ficaram trabalhando lá para providênciar a vinda de imigrantes coreanos. Sobre esta fazenda não foi localizada nenhuma outra documentação, e há versões confusas sobre sua real existência.

40) HYUN, Kuy Hwan – op.cit., p.1022.

41) Depoimento de Sun Kwan Park e de Ung Seo Oh, em maio de 1989.

42) Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 novembro de 1977.

43) LEE, Ku Hong – A História da Emigração [韓國移民史], Seul, Ed. Jungang Shinseo, 1979.

44) Veja de S.Paulo, São Paulo, 5 abril de 1982. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 13 abril de 1982.

45) Folha da Tarde, São Paulo, 29 maio de 1984.

46) Depoimento de Young Joo Kim Baik, em fevereiro de 1989.

47) Depoimento de Kyung Soo Oh, em janeiro de 1989.

48) idem.

49) No caso, "brokers" significa intermediários que faziam os serviços de guia para os clandestinos coreanos cruzarem as fronteiras do Brasil. Houve até casos de assasinato entre brokers coreanos por seus interesses.

50) Ministério das Relações Exteriores da República da Coréia do Sul. dez. 1985. Apud. JEON, Kyung Soo – Dados sobre emigrantes coreanos na América Latina (南美 韓國移民의 연구 자료집). Seul, UNESCO, 1988.

51) RAMÃO, Gomes Portão – "<Dossiê Amarelo> Clandestinos: Todos os caminhos para SP". Folha da Tarde, São Paulo, 7 julho de 1977.

52) LOMBARDI, Renato e VUCOVIX, Irene – "Os coreanos, uma invasão do mistério". O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.

53) Ramão Gomes Portão – "Dossiê Amarelo", Folha da Tarde, São Paulo, 6,7,8,9 e 11 de julho 1977. M. Cruz – "Coreanos entram irregularmente, via Paraguai", Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 março de 1982.

54) Ver nota 51)

55) VUCOVIX, Irene – "O vale – tudo da imigração clandestina". O Estado de S.Paulo, São Paulo, 6 fevereiro de 1982.

56) O Globo, São Paulo, 29 agosto de 1978.

57) Depoimento de Young Joo Kim Baik.

58) Depoimento de Kyung Soo Oh.

59) "Família Lee, um exemplo de clausura", Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 agosto de 1978.

60) Veja São Paulo, São Paulo, 13–19 outubro de 1986.

61) Ver nota 41)

62) O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.

63) Com respeito às propriedades, entre os clandestinos o problema é maior, visto que só podem alugar apartamentos ou montar negócios próprios em nome de terceiros, inclusive no que diz respeito ao pagamento de impostos.

64) KO, Heung Kil – "Os imigrantes coreanos na América Latina". Jungang Ilbo, 28 julho de 1981.

65) Depoimento de Kyung Soo Oh.

66) O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.

67) Depoimento de Kyung Soo Oh.

68) Ver nota 66)

69) Depoimento de Young Joo Kim Baik.

70) WON, Hyung Kook – O sonho de continente [大地의 꿈], Seul, Ed. Yerusalém, 1988, p.136.

71) Vide artigo 57 título 7 (Deportação) e artigo 65 do título 8 (Expulsão) da Lei para Estrangeiros.

72) Vide A lei para estrangeiros, São Paulo, Ed. Saraiva, 1982.

73) KO, Heung Kil – cit.

74) Depoimento de Kyung Soo Oh.

75) Segundo os dados do Consulado da República da Coréia de 6 de dezembro de 1988, entre 1.529 registros na Polícia Federal, 60% era do Paraguai, 10% era da Argentina e o restante era constituida pelos clandestinos residindo no Brasil.

76) Depoimento de um coreano que reside no Paraguai. Entrevista foi feito na Policia Federal em 1 de março de 1989.

77) Choson Ilbo, São Paulo, 22 novembro de 1989.

78) Depoimento de Un Mam, esposa de pastor Seo Kyun Shin, prestado à autora em setembro de 1989.

PARTE III - COMUNIDADE COREANA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Cap.IV - O COTIDIANO DA COMUNIDADE

4.1. INTRODUÇÃO

Considera-se cultura como tudo aquilo que resulta do esforço humano, não sendo, portanto, produto da natureza. Em outras palavras, podemos dizer que cultura vem a ser a representação da totalidade das criações humanas e a expressão da conquista progressiva do homem sobre as coisas. Assim sendo, até certo ponto, caracteriza o próprio desenvolvimento histórico do homem, que se afirma elaborando técnicas de vida e formas de convivência.[1]

Ao lado da cultura material, há o que se denomina cultura não-material, ou seja, as crenças, os hábitos, as técnicas de fazer as coisas e as formas de agir dos seres humanos. Esses dois aspectos, na verdade, podem ser separados teoricamente, mas na prática, não.

Cada ser humano é produto de uma determinada cultura. Os imigrantes, ao chegarem a um país, são portadores de determinados elementos culturais, que os farão sofrer um "impacto" maior ou menor, na medida em que os mesmos forem ou não semelhantes aos usos e costumes vigentes na sociedade de adoção.

Nos estudos imigratórios é muito importante a análise do processo de integração do imigrante ao novo meio. A integração social pode se processar de formas diferentes, seja por competição, seja por conflito, ou por acomodação.

O processo competitivo se manifesta geralmente na atividade econômica, entre aqueles que disputam o domínio de um mercado e de uma clientela. No conflito, as partes interessadas em contato sempre provocam o aparecimento de tensões, rivalidades de facções culturais etc. Na acomodação, ao contrário, o ajustamento entre as partes é o que caracteriza o processo. A organização das relações e as atitudes sociais visam reduzir, ou mesmo prevenir o conflito, controlar a competição, assegurando a estabilidade de pessoas ou grupos divergentes, que adquirem atitudes comuns ao novo ambiente, incorporando-se à vida cultural da comunidade. Porém, tudo isso é realizado externamente. Internamente, conservam suas atitudes, seu modo de julgar, de compreender, em uma palavra:

não mudam. Só quando essa atitude íntima também muda e o indivíduo assume novos critérios de julgamento e nova escala de valores é que se diz que tal elemento foi assimilado.[2)]

A comunidade coreana no Brasil está em processo de integração. É uma imigração recente, o que torna difícil a análise.

No caso dos imigrantes coreanos, um aspecto interessante a ser observado é o que se refere ao contraste entre o que ocorreu no século passado ou no início deste com outros grupos imigratórios, asiáticos ou não, que aqui chegaram e a sua situação no que se refere ao que ele encontrou a seu favor no país receptor: desenvolvimento tecnológico, urbanização, meios de comunicação, transportes, facilidades para com a alimentação etc. É importante estabelecer essa comparação para verificar que não houve com o coreano um "choque", propriamente dito, como acontecera com os russos ou com os japoneses.

Em contraste com o grupo japonês, os coreanos não permaneceram na zona rural, dado seu interesse pelo comércio e indústria e, nesse ponto, se assemelha mais ao grupo sírio-libanês. Para eles, a simples presença dos nipônicos no Brasil foi muito importante, pois contribuiu para amortecer os impactos iniciais frente ao novo ambiente.

Comparando a imigração coreana com o que narram os imigrantes japoneses, estes sofreram mais intensamente o impacto cultural e o problema do desconhecimento da língua local, que também existiu para os coreanos. Graças à colaboração dos japoneses, aqui radicados há mais tempo, puderam manter contato com a sociedade receptora.

Os coreanos contaram desde logo com a imprensa japonesa como fonte de informação preciosa dos acontecimentos, e assim não se sentiram isolados, pois ficavam a par dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

A princípio, se satisfizeram com a situação, não se esforçando em aprender o português. Atualmente, entretanto, os recém-chegados e os jovens têm se dedicado, e muito, ao estudo do referido idioma, para poder participar mais intimamente da sociedade brasileira.

Vivendo numa grande cidade como São Paulo, embora partícipes de um grupo de grande tendência aglutinadora interna, nos parece, incorreto acusá-los de formarem um "quisto social", pois desde logo enviaram os filhos para a escola, como também dedicaram-se a atividades econômicas e sociais que os obrigaram a manter relações com a sociedade local.

As desvantagens dos imigrantes coreanos em comparação com outros grupos étnicos, especialmente asiáticos, são, principalmente, derivadas do fato de sua história imigratória ser muito mais recente e de estarem ainda em processo da adaptação.

As dificuldades nesse campo vem provocando, como sempre ocorre, críticas por parte da sociedade. É freqüente a divulgação, pela imprensa brasileira, de brigas entre coreanos no bairro da Liberdade, tendo como causa o álcool. O extravasamento das emoções pela bebida pode ser, em parte, explicado por certos elementos característicos de sua cultura: ao longo da história, a Coréia foi dominada pelo pensamento confucionista, e segue os cinco princípios confucionistas, que ditam padrões de comportamento culturais e morais, baseados no autoritarismo e na disciplina. Um dos cinco princípios é o respeito à hierarquia (長幼有序), rígido, mas sempre respeitado.

Segundo a cultura coreana, todos os adultos devem ser respeitados como os próprios pais, pois são considerados donos de maior saber e experiência, o que inclui obediência inclusive no linguajar e no comportamento. Aos mais velhos, são sempre reservados os lugares de honra. Em seguida, dependendo da idade e da posição social, os outros ocupam seus lugares. O desrespeito à hierarquia pode causar desarmonia e desavenças.[3)]

No cotidiano da vida dos imigrantes, para escapar a esses padrões, os coreanos empregam a bebida como meio de fuga na tentativa de abrandar seus anseios e tensões, dizendo que "aqui é o Brasil", o que parece justificar todos os atos que são desvios do pensamento cultural confucionista. Nas reuniões, por exemplo, são levados a beber seguindo o ritmo do grupo, resultando daí exageros e confusões.

No passado, os japoneses também foram alvo de críticas, considerados como inassimiláveis por viverem em grupos, tachados como indivíduos que preferem o enquistamento.[4)] Tal atitude refletia um esforço de sobrevivência. A situação dos coreanos não foge a essa regra: a sua tendência à aglutinação, formando uma comunidade no seio de uma sociedade da qual difere, tanto pelos padrões culturais, como pelas instituições, significa "uma faixa de segurança". Com o tempo e com o processo de assimilação, as tensões e conflitos tenderão a diminuir.

O que pretendemos, nesta parte do trabalho, é acompanhar o comportamento da comunidade, no que diz respeito ao relacionamento pessoal, fora do núcleo familiar, base

da sua vida social, e o sistema de comunicação, à medida em que estes vêm influenciando direta e/ou indiretamente em sua integração à sociedade local.

Sem dúvida alguma, quando se analisa a vida social de um grupo étnico, o sujeito da análise são os grupos sociais formados, voluntariamente, e suas características, porque refletem em última análise os seus princípios básicos e as suas peculiaridades, mas também, as diferenças decorrentes das novas circunstâncias em que vivem seus membros.

Abordaremos inicialmente as relações de parentesco, as de amizade e, posteriormente, a participação dos coreanos em grupos sociais.

4.2. RELAÇÕES DE PARENTESCO E AMIZADE

Após as tentativas de estabelecimento na agricultura, na década de sessenta, e da chegada de técnicos coreanos, no início da década de setenta, o governo brasileiro resolveu permitir apenas a entrada dos imigrantes que fossem parentes próximos dos que já estavam radicados aqui.

No Brasil, os coreanos interessados em trazer seus familiares voltaram a estabelecer relações com as filhas e as irmãs casadas, como é normal no sistema familiar ocidental, estruturando assim uma cadeia de parentesco, isto é: um casal de imigrantes convida uma irmã casada para vir; o marido da irmã, por sua vez, convida sua irmã casada e assim por diante, formando uma imigração em cadeia.[5)]

O sistema original da família coreana, sendo patriarcal, não permite tal fato. O filho mais velho toma conta da família toda, inclusive dos pais. No caso de uma filha se casar, ela sai definitivamente da família, e só aos filhos é reconhecida a herança de sangue e de sobrenome.

Nos anos iniciais de sua entrada no Brasil, os coreanos eram forçados, muitas vezes, a coabitar com outras famílias até conseguirem um lugar para morar, o que criava um clima de constrangimento entre eles. Tal situação facilitava o aparecimento de sérios atritos. Com o tempo, entretanto, os mesmos tendiam a desaparecer, pois a distância da terra natal e o sentimento de gratidão pela hospitalidade e cuidados recebidos levavam os coreanos a se aproximarem.

Entre os coreanos, facilmente podemos encontrar grupos de cinco, seis, vinte ou mais pessoas com relações de parentesco. Eles se mantêm aglutinados, inclusive, do ponto de vista religioso, e caso o líder de um dos grupos, resolva se mudar para outra igreja, todas as pessoas a ele ligadas manifestarão a mesma tendência.

Assim, para entender o funcionamento da Associação Brasileira dos Coreanos - ABC ou a administração das igrejas coreanas em São Paulo é preciso conhecer tais grupos. Mesmo reconhecendo que, entre os que moram na capital, o grupo de parentesco não tem o mesmo significado, como grupo social, que os voluntariamente organizados por profissionais de um mesmo ramo de atividade; não podem ser ignorados.

Embora menos importantes, eles têm mantido o seu caráter de grupo de infra-estrutura. Como a maioria dos coreanos emigraram em companhia de suas famílias, e aqui chegando se dedicaram sobretudo ao ramo de confecções, seus membros tendem a se manter unidos, quer por razões de parentesco, quer por razões profissionais, o que vem garantindo, ainda mais, a unidade grupal.

Embora haja atritos dentro da comunidade, é interessante notar que não há rompimento definitivo das relações, pois o laço que os une pela origem é bem mais forte.

As relações de amizade entre os coreanos iniciam-se, geralmente, na igreja. Outras vezes, nas associações de ex-alunos ou mesmo nas de vizinhança.

Com relação a elementos de outros grupos étnicos, quer seja ele brasileiro, japonês, italiano, judeu ou outro qualquer, os coreanos mantêm relações apenas profissionais, raramente afetivas. Os que realizam sua formação universitária no Brasil mantêm, em geral, boas relações de amizade com os colegas da faculdade, enquanto estão na mesma atividade. Quando ocorre mudança de atividade, as oportunidades de fazer e manter amizade com brasileiros diminuem consideravelmente.

De qualquer forma, se observa que, entre os coreanos, é mais comum a convivência com brasileiros portadores de nível universitário do que entre os que se dedicam ao mesmo ramo de atividades.

Por outro lado, é também significativa a participação dos imigrantes coreanos em diferentes grupos sociais, em ordem decrescente: nas atividades das igrejas protestantes, nos grupos esportivos, nos eventos das associações dos ex-alunos e em outros grupos.

Quanto aos grupos não familiares e de parentesco em geral, se limita à Associação Brasileira dos Coreanos-ABC e às igrejas protestantes. Os contatos restritos influem de forma negativa no ritmo de adaptação à sociedade brasileira, à medida em que concorre para o isolamento da comunidade, para a conservação da cultura e das línguas nativas.

Sobre os contatos sociais dos imigrantes, Oscar Resende de Lima publicou, em 1960, no Jornal Brasileiro de Psiquiatria, um estudo sobre "aspectos psiquiátricos dos imigrados", no qual afirma: "De início, na terra de adoção, os imigrados vivem pobres, desempregados, ou mal empregados, sem parentes e amigos, sem laços emocionais com o novo ambiente, dele separados por diferenças de sentimentos, de pontos de vista, de interesses. Vivem, segundo expressão habitual dos cientistas sociais, em isolomento psíquico".[6]

A tendência dos coreanos em atender às suas necessidades psicológicas, especialmente a sensação de solidão, que os envolve quando da chegada ao país receptor, tem contribuído, também, para manter seus costumes e suas tradições.

O importante para os imigrantes coreanos em processo de adaptação ao novo meio é a segurança e o apoio psicológico, que encontram nas igrejas e nos grupos sociais voluntariamente por eles organizados.

4.3. TRANSFORMAÇÕES NA VIDA FAMILIAR

O processo de aculturação de imigrantes pode ser considerado sob dois aspectos: o social e o cultural. No primeiro caso ocorre o domínio da maioria sobre a minoria. Há países, como o Brasil, onde os imigrantes, ao serem acolhidos, sofrem forte carga assimilacionista.

A assimilação cultural significa a incorporação, pelo imigrante, de costumes e escala de valores vigentes na nova terra. Ela normalmente precede à social, não sendo, portanto, processos obrigatoriamente simultâneos.[7]

Nesse estudo, é evidente a importância de vermos o processo a partir da análise da família coreana, seguindo o ponto de vista de Octavio Ianni, que definiu a família como o principal núcleo de socialização do indivíduo, pois ela transmite os padrões de convivência inter-racial.[8]

Os coreanos são formados dentro dos princípios confucionistas. Por seu turno, com a absorção do Budismo ocorreram modificações no modo de vida dos coreanos e no confucionismo, radicalizaram-se os costumes então vigentes, como o respeito e a lealdade aos ancestrais, o aprofundamento da amizade entre colegas e ao próximo que caracterizam a vida cotidiana do povo coreano.

A imigração coreana, como vimos, é caracteristicamente familiar, e é como tal que age e reage diante do impacto de novos costumes.

O processo de assimilação nem sempre é fácil de ser detectado, e muitas vezes as aparências enganam. Foi o que ocorreu, por exemplo, com alguns dos ex-prisioneiros de guerra coreanos que vieram para o Brasil desacompanhados de suas famílias, e aqui casaram-se com brasileiras ou japonesas, dando a impressão de estarem em franco processo de assimilação, absorvendo os costumes da sociedade local. Todavia, a partir da chegada das primeiras levas oficiais de conterrâneos, e com a crescente possibilidade de casamento com elementos da mesma origem, muitos deles se divorciaram, para fazerem novos casamentos com coreanas.[9)]

Para os coreanos, a família, portanto, é o símbolo da preservação da raça e da identidade do grupo. O que ocorreu com alguns dos ex-prisioneiros é uma prova de que, na realidade, mantinham a cultura interiorizada, rejeitando, talvez inconscientemente, a assimilação cultural à sociedade brasileira.

O fato da família ser constituída por indivíduos com diferentes concepções e valores, isto é, homens, mulheres e crianças, em graus diferentes de adaptação aos costumes e valores locais, e estar sofrendo interferência no seu dia-a-dia tem acarretado alguns problemas de convivência entre seus membros.

Um dos principais problemas dos imigrantes coreanos tem sido o da língua, para a comunicação diária entre seus membros; outros, estão relacionados com as diferenças surgidas nos papéis desempenhados por esposo e/ou esposa no vestuário, na comida, na moradia e na vontade de manter, ao máximo, seus costumes e tradições.

Na Coréia, antigamente, a família era muito mais numerosa, chegando a morar em uma só casa, parentes de quarta, ou mesmo de quinta geração; e hoje, face à modernização e consequente urbanização, o sistema familiar foi obrigado a sofrer transformações. A

Os coreanos são formados dentro dos princípios confucionistas. Por seu turno, com a absorção do Budismo ocorreram modificações no modo de vida dos coreanos e no confucionismo, radicalizaram-se os costumes então vigentes, como o respeito e a lealdade aos ancestrais, o aprofundamento da amizade entre colegas e ao próximo que caracterizam a vida cotidiana do povo coreano.

A imigração coreana, como vimos, é caracteristicamente familiar, e é como tal que age e reage diante do impacto de novos costumes.

O processo de assimilação nem sempre é fácil de ser detectado, e muitas vezes as aparências enganam. Foi o que ocorreu, por exemplo, com alguns dos ex-prisioneiros de guerra coreanos que vieram para o Brasil desacompanhados de suas famílias, e aqui casaram-se com brasileiras ou japonesas, dando a impressão de estarem em franco processo de assimilação, absorvendo os costumes da sociedade local. Todavia, a partir da chegada das primeiras levas oficiais de conterrâneos, e com a crescente possibilidade de casamento com elementos da mesma origem, muitos deles se divorciaram, para fazerem novos casamentos com coreanas.[9)]

Para os coreanos, a família, portanto, é o símbolo da preservação da raça e da identidade do grupo. O que ocorreu com alguns dos ex-prisioneiros é uma prova de que, na realidade, mantinham a cultura interiorizada, rejeitando, talvez inconscientemente, a assimilação cultural à sociedade brasileira.

O fato da família ser constituída por indivíduos com diferentes concepções e valores, isto é, homens, mulheres e crianças, em graus diferentes de adaptação aos costumes e valores locais, e estar sofrendo interferência no seu dia-a-dia tem acarretado alguns problemas de convivência entre seus membros.

Um dos principais problemas dos imigrantes coreanos tem sido o da língua, para a comunicação diária entre seus membros; outros, estão relacionados com as diferenças surgidas nos papéis desempenhados por esposo e/ou esposa no vestuário, na comida, na moradia e na vontade de manter, ao máximo, seus costumes e tradições.

Na Coréia, antigamente, a família era muito mais numerosa, chegando a morar em uma só casa, parentes de quarta, ou mesmo de quinta geração; e hoje, face à modernização e consequente urbanização, o sistema familiar foi obrigado a sofrer transformações. A

emigração separou muitos de seus membros e a modernização os levou a morar em apartamentos.

Ainda hoje o chefe de família tem o controle sobre seus membros: sua autoridade é reconhecida por todos, como ensina o confucionismo. Ele deve ser justo dentro desses padrões, e, apesar de existir certa desigualdade de direitos, a obediência é total, obrigatória e uma virtude para quem a pratica. Diz um ditado popular coreano: "aquele que treina seu corpo e controla sua família pode controlar pacificamente um país no céu e na terra (修身濟家 治國平天下)", e o homem que conduz bem sua família pode comandar tudo.

Dentro da família, há uma ordem a ser seguida. Somente quando os filhos obedecem aos pais, a mulher ao marido, o mais novo ao mais velho e o servo ao patrão é que os coreanos consideram a ordem observada.

No início da imigração, a idade média dos chefes de família era de 41.7 anos.[10] Hoje, ela é mais baixa. A maioria destas famílias é constituida por 5 membros: pai, mãe e três filhos, mais numerosas do que as da Coréia atual, dada a limitação de número de filhos por família.

Embora não tenhamos dados exatos, a maioria dos imigrantes coreanos moram atualmente em propriedades alugadas. Um dos pioneiros nos contou que já morou em um apartamento na "Vila Coreana", onde não havia móveis: "Nós vivíamos com malas de roupas e cobertores, como na época da guerra da Coréia".[11] Isto reflete a instabilidade, sempre preparados para mudanças a qualquer momento, mas também, o interesse maior em investir o capital em negócios de lucros imediatos. Somente depois de economicamente estabilizados é que os coreanos se dispõem a comprar imóveis.

No arranjo da casa, procuram manter ao máximo a tradição, enfeitando-a com quadros, e pequenos armários trazidos de seu país de origem – uma decoração discreta, paulatinamente aprimorada, conforme permita a situação econômica.

Na vida diária, o que tem sido mais preservado é a alimentação. Os hábitos alimentares coreanos são ainda praticamente desconhecidos pela sociedade brasileira, embora o número de restaurantes e mercearias venha se multiplicando.

O principal componente da alimentação é o arroz sem tempero, acompanhado por legumes, aves domésticas e peixes. O arroz pode fazer parte de diferentes tipos de pratos. Com

ele, por exemplo, é preparado Songpyun, uma massa de arroz que pode ser recheada com tâmaras, castanhas, feijão, etc.

Os coreanos apreciam as sopas: há vários tipos delas, geralmente servidas com algas e frutos do mar, quentes e apimentadas. O chá ou a água quente fazem parte das refeições, e um tipo de chá apreciado é o de ginseng.

Mesmo nas famílias em que se fazem refeições à brasileira para os filhos, é, aos mais idosos, sempre servida comida coreana. Isto é possível graças aos japoneses, introdutores do Daenjang (Missô) e Kanjang (Shoyu), que podem ser encontrados nas mais diversas mercearias. O Kochujang (molho de pimenta) coreano, normalmente, é preparado em casa. Além disso, quase todos os tipos de ingredientes típicos da comida coreana são produzidos na fazenda *Santa Maria* ou são importados. Em cada uma das refeições há uma terrina de arroz branco, uma sopa de carne ou de peixe e um prato de Kimchi, conservas de verduras apimentadas. Existem ainda, como pratos tradicionais, o Bulgogui, tiras de carne temperadas com molho de soja (Shoyu), açúcar, gergelim e especiarias, assadas em um braseiro colocado na mesa. O Sinsollo, que significa vegetais, ovos e carne em coreano, é cozido na mesa como o fondue. Numerosas receitas de carne, de peixes, de legumes, de bolos de arroz e de doces para as ocasiões festivas compõem o cardápio coreano. O Kujulpan é constituido por nove diferentes legumes. É servido num prato grande na forma de um nonágono, contando nove pequenos pratos independentes.

No Brasil, como os casais trabalham juntos o dia todo, as esposas não têm tempo suficiente para preparar as refeições pelo padrão coreano, e mesmo assim, alguns homens o exigem, em lugar de uma alimentação simplificada e, quando a esposa tenta satisfazer o desejo do marido preparando algo mais aprimorado, não há nenhuma ajuda por parte do cônjuge porque, segundo o costume coreano, seria uma vergonha o homem freqüentar a cozinha. Tal atitude indica não só que o esposo deseja manter sua autoridade sobre a esposa, como o intento de preservar os costumes, exigindo que lhes sejam servidos arroz, sopa, verduras, peixe ou carne, à maneira da terra natal.

É pequena, mas se pode perceber, alguma influência coreana no Brasil no campo da culinária. Afora os restaurantes típicos, hoje, algumas churrascarias freqüentadas por coreanos servem Kimchi aos seus clientes. Kimchi é um prato tipicamente coreano feito

com acelga, alho, cebolinha e muita pimenta. Dependendo da época pode conter outros condimentos como pedaços de peixe, fresco ou curtido, e ostras. Durante o inverno, na Coréia, devido à escassez de verduras, consome-se grande quantidade de Kimchi. Para manter o seu sabor intacto, costumava-se enterrá-lo no chão em grandes potes, costume que perdura ainda hoje na zona rural. O Kimchi é para o coreano, podemos dizer, o que a feijoada representa para o brasileiro. Mok Hyun Sung fez um poema sobre o Kimchi, mostrando bem esse aspecto, e nele revela toda a sua nostalgia da terra natal:

"Mamãe,	어머니
Queria comer Kimchi!	김치가 먹고 싶어요
Pimenta rubra revestindo	버얼건 고추가루 옷입은
Pele alva de mulher	하아안 여인네의 속살을
Num enorme pote curtia-se	커다란 독에서 익어가는
O aroma do inverno passado,	지난 겨울의 향기와
Feito pelas mãos rechonchudas da maninha	누나의 통통한 손으로 만든
Kimchi daquele dia queria comer!	그 날의 김치를
O sabor sentido pela minha avó,	부뚜막에 앉으신
Sentada perto do fogo,	할머니의 닳아진 잇몸으로
Com gengivas já tão gastas,	느끼시던 그 맛을
Comendo mesmo com as mãos sujas	까아만 손으로 집어 먹는
Travessos netos com lágrimas apimentadas	개구장이 손주의 매운 눈물을
Queria conservá-las no coração	가슴에 심어주고 싶어요
Mamãe,	어머니
Queria comer Kimchi!	김치가 먹고 싶어요
Mastigando a acelga sentir	상추 씹으며 느끼던
O sabor verdejante	파아란 맛을
E a ostra branca	하아안 굴을
Com abundância enterrada no chão,	땅속에 묻혀 있는 풍요와
Com aquela coragem que não se esvai,	얼지 않는 그 용기를
Queria encher plenamente a boca.	입속에 가득 채우고 싶어요" 12)

Como em todos os contactos culturais, a troca de elementos já se faz sentir. A família coreana vem paulatinamente absorvendo pratos da cozinha brasileira, e se tornam comuns, na mesa coreana, o emprego de arroz temperado, feijão, bife, salada, frituras, massas, mandioca e mesmo polenta.

Quanto ao vestuário, o ocidental é o mais usado, permanecendo o típico para as ocasiões festivas como casamentos, datas comemorativas da Coréia ou cerimônias especiais da igreja. Mesmo nesses casos, os homens normalmente usam roupas ocidentais. As mulheres, mais conservadoras, mantêm em mais alta porcentagem o uso do HanBok (quimono coreano). Superando o pragmatismo, o seu uso demonstra a permanência do costume tradicional entre os imigrantes aqui radicados.

A língua desempenha um papel fundamental na preservação da cultura: a maioria das famílias, usa o coreano para a comunicação diária entre seus membros, e somente nas que possuem filhos brasileiros, que convivem com as empregadas, ele foi pouco a pouco sendo substituído pelo português. Tendo os pais estudado no Brasil, preferem o emprego do português e visam, com isso, facilitar a comunicação com seus filhos. Comparados a outros grupos étnicos, os coreanos, devido ao curto período no país, apresentam ainda uma porcentagem baixa de emprego da língua portuguesa em âmbito familiar.

Para os mais velhos, há muitas dificuldades no domínio da língua portuguesa, e mesmo os jovens estudantes, que aqui chegam com idade superior a 5 anos, enfrentam dificuldades em seus estudos por causa da língua. A porcentagem dos coreanos universitários é bem maior na área de ciências exatas e biológicas do que na área de humanidades,[13] o que, a nosso ver, resulta, em parte, da dificuldade no domínio da língua portuguesa.

Crianças, jovens e mulheres, independentemente do nível de educação trazido da Coréia, têm maior facilidade para aprender a falar a língua do que os homens ou os idosos.

Quanto às cerimônias tradicionais, as mais importantes são: os nascimentos, os casamentos, os sexagésimos aniversários e os funerais. Depois do centésimo dia do nascimento, há uma cerimônia entre os familiares apenas. Ao completar um ano, a comemoração, no caso do Brasil, geralmente se dá em uma churrascaria, sendo convidados todos os conhecidos.

Na Coréia, o casamento é mais do que uma simples relação de contrato envolvendo duas pessoas: é um acontecimento que envolve duas famílias, inclusive no que diz respeito à reputação e ao orgulho dos ancestrais. No início da imigração, esse fato parece não ter sido observado em razão do pequeno número de coreanos. A maioria deles, tanto os pioneiros naturalizados japoneses, como os fugitivos de guerra, acabaram se casando com elementos de outros grupos étnicos, pois não tinham opções.

O casamento endogâmico começou a multiplicar com a chegada, em 1963, da primeira leva, e quatro fugitivos de guerra casaram-se com quatro moças vindas na primeira leva oficial.

Hoje em dia, mesmo na Coréia, raramente se tem a oportunidade de assistir a um casamento no estilo tradicional, isto é, o noivo, em vestes extremamente elaboradas e elegantes, montado em pônei, indo para a casa da noiva para tomar, junto com ela, vinho em comemoração de seu primeiro encontro. Ao invés disso, nas cidades e vilas da Coréia de hoje, assim como no Brasil, os noivos realizam a cerimônia de casamento no estilo ocidental. Especialmente no Brasil, a princípio, era raro, encontrar entre coreanos, proprietários de carro. Por isso, quem o possuía era requisitado para levar a noiva e o noivo. A cerimônia era realizada em local adequado para receber os convidados, isto é, em uma igreja japonesa ou um auditório de escola brasileira, caso fossem coreanos ricos. Então, as igrejas coreanas não dispunham, como hoje, de locais para tais ocasiões e não havia pastores. Mas a cerimônia do casamento em si era realizada de acordo com o costume coreano.[14] Antes do casamento, quase sempre há o noivado. Atualmente, no Brasil, a cerimônia é realizada nas igrejas, mesmo não sendo os noivos religiosos.

Depois da cerimônia religiosa, entretanto, em muitos casos, muito da tradição é conservada. Os noivos realizam o Pyebaik, durante o qual a noiva cumprimenta a família do noivo e há troca de presentes. Essa ocasião é um dos pontos mais importantes das cerimônias tradicionais. Depois, é realizada uma festa, geralmente em churrascaria. Uma das diferenças entre a cerimônia realizada no Brasil e a da Coréia, é que aqui os noivos partem, em geral, para a viagem de lua de mel somente no dia seguinte, enquanto o casal, na Coréia, segue logo após o término das cerimônias.

Um ponto delicado é a troca de presentes entre os noivos. Tradicionalmente, durante

a cerimônia de noivado, o noivo presenteia a futura esposa com roupas ou jóias. A noiva, por sua vez, deve preparar e decorar toda a casa, comprando a mobília e os eletrodomésticos. No Brasil, os pais, em geral, querem preservar a tradição, mesmo que, muitas vezes, não disponham de condições financeiras suficientes. Os jovens, entretanto, acostumados à sociedade brasileira, em muitos casos, recusam as tradições, ocasião em que surgem discordâncias entre as partes.

Este é um indício de que os coreanos vêm absorvendo muitos costumes da cultura brasileira, mas não sem problemas: uma coreana, que chegou em 1963, em companhia de 6 filhos, educou-os com muito sacrifício, e formou-os quatro médicos, um engenheiro civil e um sociólogo. Decepcionou-se ao ver dois filhos casados com descendentes de japoneses e o terceiro com uma alemã. E desabafou: "Eu me empenhei na educação dos filhos, mas fracassei no que diz respeito à família. Embora tenha três filhos, não tenho lugar para morar. Gostaria de morar com o primogênito, de acordo com o costume coreano, mas ele se casou com uma japonesa. Ocorreu a mesma coisa com os outros filhos. Não quero ficar com noras de outras raças. Os costumes são diferentes e é impossível a comunicação. A terceira nora até que tenta me agradar, fazendo comida coreana como Kimchi. Mas, como eu estou ficando cada vez mais velha e mais fràca após o falecimento do meu marido em 1987, eu não quero ficar magoada com meus familiares. Por isso, sempre que tenho oportunidade viajo para a Coréia, para os Estados Unidos ou para Europa com amigas já conhecidas de longo tempo. Mas, ainda hoje, eu me arrependo sobre o que aconteceu com minha família. Se pudesse adivinhar este fato, nem sequer teria pensado em vir ao Brasil."[15]

Segundo a tradição do sistema de primogenitura, cabe ao filho mais velho cuidar dos pais idosos, e, por isso, os coreanos não aceitam facilmente o namoro dos seus filhos, sem a sua aprovação, e muito menos aceitam ver um dos filhos(as) casados(as) com um parceiro(a) de nacionalidade diferente, pois isso implica na quebra da tradição familiar. Daí a forte pressão e propensão para o casamento endogâmico entre os coreanos. Por outro lado, o fato da comunidade coreana ser ainda pouco numerosa faz com que as famílias se conheçam intimamente, o que motiva o desinteresse dos jovens em relação ao parceiro apresentado, mesmo que este disponha de condições favoráveis como, a financeira e a física. Isto leva os jovens a procurar seus parceiros fora do Brasil, nos Estados Unidos,

em outros países da América Latina, ou mesmo na Coréia. Uma vez encontrado o candidato ou a candidata, após um breve conhecimento das partes interessadas (como os laços de sangues ou o nível educacional, financeiro e outros), um período de encontros e a confirmação de interesse de ambas as partes, marca-se a data de casamento na cerimônia de noivado, da qual participam o pastor e parentes dos dois lados. Em geral, o casal representa o resultado do trabalho de um intermediário: quase 70% dos casamentos se enquadram nessas características, uma vez que, desta forma, ficam mais claros os envolvimentos familiares e a troca de informações essenciais.

. A Coréia é um país que procurou manter a pureza da raça durante toda a sua história de mais de 4.000 anos. Uma vez no Brasil, os imigrantes esforçaram-se por manter a tradição. O casamento, na realidade, tem sido um contrato que envolve os familiares de ambos os lados, sob a supervisão e o testemunho da sociedade como um todo.

Outra cerimônia importante é a comemoração do sexagésimo aniversário. A origem dela se encontra na crença de que quando o homem completa 60 anos conclui seu ciclo de vida ativa. Embora hoje não seja o caso, este aniversário (Hwankap) ainda é celebrado com grandes festividades. É o dia em que o aniversariante é servido com as melhores bebidas e comidas e recebe os votos de longevidade e felicidade dos filhos e netos. Parentes e amigos são convidados para um grande banquete. Diferentemente da Coréia, os velhos imigrantes coreanos no Brasil passam seu tempo a cuidar dos netos. A demonstração de gratidão dos filhos se dá nessa ocasião. Todos os amigos da família se reúnem e trazem consigo presentes, muitas vezes em dinheiro, variando de 20 a 30 dólares.

Quanto aos funerais, a cerimônia é idêntica à dos brasileiros, só que na Coréia o corpo é velado durante três dias e aqui durante 24 horas. Na maioria das vezes, mesmo não sendo a família religiosa, a cerimônia é organizada por um pastor.

4.4. PROBLEMAS FAMILIARES

Como observamos neste estudo, um dos principais objetivos dos imigrantes é a conquista de sua estabilidade financeira; depois, sua atenção se volta para os filhos e, em terceiro plano, fica a relação entre o casal. A primeira das metas, no entanto, vem

prejudicando as demais. Os imigrantes que vêm adultos da Coréia dificilmente mudam suas atitudes e seus comportamentos, e mesmo estando há muitos anos no Brasil, não adotaram o hábito dos brasileiros, que costumam dar muita atenção às suas mulheres. Entre os casais coreanos, a falta de comunicação se agrava com o passar do tempo, fazendo com que a relação entre as partes se torne cada vez mais difícil. Se a isto somarmos a inexistência de horas para conversa e para o lazer, surgem várias divergências de opinião, o que provoca brigas.

Além disso, a relação entre o casal se agrava em função do desinteresse masculino, provocado pelo precoce processo de estressamento, resultante da tensão a que é submetido pela violenta transformação no seu modo de viver, nos costumes e nos hábitos familiares. Devemos lembrar aqui que, na Coréia, detendo o marido o poder econômico da família é mais natural o seu domínio sobre ela. Chegando ao Brasil, entretanto, a situação foi alterada. No ramo de confecção, houve uma mudança drástica no papel das mulheres, que de donas de casa passaram a trabalhadoras, lado a lado como esposo, e com isso foi rompido o modo de vida e o relacionamento do casal.

Aprendendo a língua portuguesa mais rapidamente do que os homens, elas, pela primeira vez, passaram a ganhar seu próprio dinheiro. Nessas circunstâncias, as mulheres não conseguem mais, tão facilmente, se submeter a seus maridos, como o faziam na Coréia. A compreensão dos problemas entre casais, depende do que se conhece sobre o grau de dependência da mulher para com o marido no país de origem.

Na sociedade coreana, ainda hoje, é valorizado o homen, em razão do sistema familiar patriarcal, defendido pelo confucionismo, com a submissão das mulheres para com seus maridos.

Os coreanos tinham um firme conceito de fidelidade. Antigamente, mesmo às viúvas não era permitido um segundo casamento, pois a permanência no estado de viuvez significava lealdade completa ao marido e isto era motivo de orgulho para a família. No caso de morte do noivo, o procedimento era o mesmo: a noiva, segundo a sociedade, nunca mais poderia se casar, devendo morar na casa do futuro sogro e obedecer-lhe.

Com o confucionismo, cinco princípios fundamentais de moralidade foram estipulados. Quanto à relação conjugal, houve discriminação da mulher e a determinação das

responsabilidades para cada um deles (夫婦有別). O homem era considerado como aquele que está 'fora de casa', fazendo alusão ao trabalho. Por outro lado, a mulher era considerada como aquela que está 'dentro de casa', ou seja, a doméstica. Isso refletiu-se até na linguagem: o marido é chamando de 'pakkat yangban (바깥양반)', que significa a pessoa de fora, e a esposa de 'chip saram (집사람)', que significa a pessoa de casa. Mesmo que, a princípio, não houvesse discriminação da mulher, o rígido controle sobre elas resultou em sua inferioridade em relação aos homens. Estes, por sua vez, gozavam de toda a liberdade fora de seu domicílio.[16]

A mulher, desde o nascimento até a morte, deveria seguir três princípios fundamentais (三從之法): primeiro, a devoção aos pais; segundo, após o casamento, a devoção ao marido; e por último, após o falecimento do marido, a devoção aos filhos. Sua responsabilidade dentro de casa vinha da idéia de que, fazendo todos os serviços domésticos, da melhor maneira possível, apoiava o marido, para que este pudesse trabalhar sem precisar se preocupar com problemas, além de seus afazeres. Ela não tinha o poder de decisão, não participava das decisões, visto que, para mostrar sua humildade, deveria permanecer calada. O provérbio coreano 'se a galinha cantar, a casa desabará' indica o que aconteceria se a mulher tivesse uma participação ativa dentro ou fora do lar.[17]

No Brasil, o papel das mulheres coreanas foi muito alterado. Para as que trabalham nas confecções, cabe a ela a escolha dos tecidos, cores, modelos, botões e todo o assessoramento da montagem das roupas e até a decoração das vitrines. As alterações decorrentes da transformações pelas quais passaram ao se tornar economicamente ativas, criou resistências por parte dos homens, agravando-se o problema por muitos deles terem se tornado subalternos, à medida que, trabalhando junto com a sua esposa, muitas vezes, eram só os motoristas, para as viagens de ida e volta entre as lojas ou, da residência para o local de trabalho. Quando muito, fazem o papel de contadores das lojas, resolvendo problemas financeiros com bancos e controlando o caixa.[18]

As mulheres coreanas sofreram um triplo impacto: primeiro, a diferença de cultura; depois, a preocupação de ganhar dinheiro para o sustento e enriquecimento da família; e além disso, o dever de trabalhar, fora de casa durante o dia e em casa, à noite.

As alterações conjunturais do modo de vida familiar a que nos referimos são

percebidas e recebidas pelos homens como agressões individuais. Os maridos, em geral, não aceitam adaptações, a nova vida de suas esposas, considerando agressivas as atitudes assumidas por elas. De forma geral, apesar delas suportarem um peso maior com as mudanças, os homens se queixam mais. No relacionamento íntimo dos casais, a chamada 'agressividade' feminina tem sido retribuída com o abandono das relações sexuais por parte dos maridos.

Às mulheres casadas resta apenas a religião como válvula de escape de todos os seus problemas: daí, a nosso ver, as reuniões religiosas serem muitas e prolongadas, varando a noite. O comportamento do homem coreano aos olhos de um segmento da sociedade brasileira pode ser assim resumido: "Os coreanos são machistas e ao se defrontarem com mulheres de todos os tipos no Brasil ficam sedentos por conhecê-las e com elas se relacionar. Entretanto, esse relacionamento e interesse têm apenas valor pelos momentos agradáveis que podem com elas desfrutar. Dificilmente têm interesse mais sério, reservando o casamento para uma mulher coreana."[19]

É visível que as relações entre os casais tendem ao conflito, surdo ou aberto, mas, geralmente, os maridos coreanos, que se referem ao Brasil como "o paraíso dos homens", são discretos em seu comportamento.

Outro é o do relacionamento com os filhos: mesmo nos casos em que vieram junto com os pais, o processo e o rítmo de adaptação à cultura e à sociedade brasileira não foi igual para as duas gerações. A autoridade dos pais sobre seus filhos vem sendo mantida, apesar da mudança radical de ambiente, e continuam opinando nas questões relativas a namoro, a casamento, a escolha de profissão. Os pais insistem em manter o emprego da língua materna no lar e conservar os costumes pátrios. A língua vem dificultando a comunicação entre as gerações e, cada vez mais, para muitos filhos a cultura de seus antepassados tem sentido apenas simbólico, surgindo atritos entre pais e filhos.

A relação é perturbada pela diferença nas condições de vida da Coréia e do Brasil, o que gera problemas entre as duas gerações. O lar não é mais o lugar onde se pode encontrar sempre o amor materno, passou a ser apenas um lugar de reunião da família, o mesmo teto. Não é raro se observar o distanciamento entre pais e filhos, apesar de estarem morando juntos. As conseqüências do materialismo crescente entre os imigrantes, somado às diferenças de valorização, de pontos de vista, de hábitos e de costumes, e mais

as confusões emanadas nas tentativas de organizar e entender as distorções geradas pela fusão de culturas, têm influenciado muito os jovens e adolescentes em suas atitudes. Há pais que tentam compensar a falta da presença constante com a doação de bens materiais aos filhos, o que não trouxe resultados positivos.

Na verdade, o que verificamos é que quanto mais jovem for o imigrante, mais rápida será a sua adaptação e assimilação ao meio; quanto mais cedo ela ocorrer, mais os filhos tenderão a se mostrar distantes de seus pais.

O outro fato comum é o que ocorre quando os pais se sentem insatisfeitos quanto às suas realizações na sociedade brasileira, e concentram suas esperanças nos filhos, com isso, transferindo para eles grande parte das responsabilidades.

A maioria dos coreanos no Brasil trabalha no ramo da confecção, e poucos querem que seus filhos continuem a mesma atividade. Eles trabalham arduamente, até com sacrifício,[20] para conseguir dois objetivos: um, o de manter a obediência de seus filhos e o outro, o de garantir um bom emprego para eles, pois, como no confucionismo a profissão de comerciante não era historicamente valorizada, embora possa significar enriquecimento, mas sempre foi negligenciada, Por isso, querem para seus filhos empregos em atividades mais especializadas, que resultarão em ascenção social. O desempenho nas escolas tem significado não só moral, mas, também, social e econômico.

A educação dos filhos é, portanto, algo muito importante, e desde os primeiros anos da imigração, os pais coreanos deram muita atenção a ela, a ponto de terem se esforçado para permanecer na cidade de São Paulo, por proporcionar melhores oportunidades educacionais.

Desde o começo da década de setenta, os coreanos nas escolas superiores tiveram alto índice de aprovação. O desejo de todos os pais era o de verem seus filhos estudar, exercer sua profissão, e participar integralmente da sociedade brasileira.

Quando necessário, eles contratam professores particulares para acompanhar os estudos dos filhos. Além disso, como não dispõem de tempo para eles, em razão do excesso de trabalho, procuram mantê-los ocupados com programas de atividades extraordinárias, como música, artes plásticas, natação etc. A preocupação dos pais em presentear os professores, visando com isso que eles dêem mais atenção aos seus filhos, acaba, por

vezes, provocando problemas de diversos tipos no relacionamento com os responsáveis pelos alunos ou mesmo entre os professores. Se o filho não corresponder às expectativas, os pais passam a tratá-lo como irresponsável ou um inferior, e ser inferior é o mesmo que ser infiel aos pais.

Ao longo dos 27 anos de imigração coreana no Brasil, muitos imigrantes quando questionados, apontaram "a educação dos filhos" como uma das razões que os fizeram emigrar. Antes mesmo da emigração oficial, os jornais coreanos tratavam do problema ao fazerem a propaganda da emigração.[21] Entretanto, ironicamente, esse objetivo não foi ainda totalmente alcançado, acreditamos, em razão do fator econômico continuar sendo a preocupação primordial dos imigrantes. Atingir duas metas simultaneamente não é tão fácil como pode parecer. Até mesmo dentre os que chegaram na década de sessenta, vários não conseguiram realizar ainda os dois objetivos. Muitos, tendo que optar por um deles, sacrificaram o aspecto educacional em favor do financeiro. Dentro de uma mesma família, filhos ou filhas primogênitos foram obrigados a participar do trabalho com os pais. Conseguida uma condição econômica melhor para a família, possibilitaram, muitas vezes, a continuidade dos estudos dos irmãos mais novos. Isso significa, em outras palavras, que os irmãos mais velhos vem sendo mais sacrificados do que os demais.

Ao aproximar-se dos anos oitenta, devido à situação econômica instável do país, o mercado de trabalho no ramo das confecções tornou-se cada vez menor, concorrido e mesmo saturado por profissionais. Mesmo assim, continuou em franca ascensão, absorvendo inclusive muitos jovens formandos. Vários abandonaram suas profissões para se dedicar às atividades do comércio de roupas.

Muitos nos deram depoimentos do tipo: "Embora eu tenha me formado em arquitetura no Mackenzie, não consegui emprego e decidi me dedicar à confecção.",[22] ou: "Exerci minha profissão, como engenheiro, durante oito anos, desde a formatura da POLI até que a companhia norueguesa em que trabalhava fechou as portas, devido à situação econômica do Brasil. Não tive opção."[23]

O que se assiste, portanto, é que, ironicamente, o sonho dos pais, muitas vezes não se realiza, à medida em que seus filhos, ao concluírem o curso de nível superior, voltam a exercer atividades no ramo de confecção.

Muitos pais, percebendo o problema, têm optado, por dar uma educação especial a seus filhos: ou mandando-os para o exterior, a fim de se especializar, na esperança de que possam ter melhor oportunidade de desempenho em suas profissões, ou colocando-os em escolas e instituições estrangeiras, inglesas, francesas, espanholas ou americanas, em nível ginasial e/ou colegial, que fornecem diplomas equivalentes aos das escolas de origem de seu país.

Os pais coreanos podem escolher o futuro de seus filhos: preferem as escolas americanas, como Chapel Maria Imaculada, Escola Graduada e Pan American Christian Academy, muito atraentes. Nesses estabelecimentos, apesar das mensalidades caras, os alunos são preparados para cursar escolas no exterior, e têm tido tão grande procura por parte de alunos, que a escola Chapel Maria Imaculada, por exemplo, resolveu em 1989 estabelecer uma porcentagem fixa, anual, para novos alunos coreanos.

A intenção de matricular os filhos nas escolas americanas pode estar, em nossa opinião, ligada aos planos de futuras reemigrações para os EUA.[24)]

Embora haja esse interess, nem todos reúnem, evidentemente, condições financeiras para fazê-lo. Assim sendo, continuam se matriculando regulamente em escolas e universidades brasileiras, e em 1989 havia cerca de 700 alunos coreanos e descendentes, cursando regularmente as faculdades em São Paulo.

Até o ano de 1990, doutoraram-se cinco coreanos em áreas diferentes: em exatas, tecnologias e medicina. Na área de humanas, que também pode contribuir para a ascensão social dos coreanos, não há praticamente ninguém, o que, a nosso ver, reflete a deficiência dos coreanos imigrantes no domínio pleno da língua portuguesa.

Segundo levantamento da ABC, o quadro nº 12 representa a participação de alunos coreanos de diferentes faixas etárias nas escolas paulistas.

Quadro 6 - Número de alunos de origem coreana em escolas paulistas [25]

		Estadual	Particular		total
	Idade	Nº	brasileira	americana	
Pré-	5- 6	-	1.100	-	1.100
Primário	7-11	120	1.050	30	1.200
Ginásio	12-15	100	870	30	1.000
Colégio	16-18	90	750	60	900
Universidade	19-22	700	700	-	700
Total		1.010	3.770	120	4.900

Os dados referentes aos coreanos inscritos até o fim de 1987 no curso superior constam do quadro nº 7.

Quadro 7 - Estudantes universitários de origem coreana [26]

Unidade	Departamento	Número	Unidade	Departamento	Número
USP	POLI	25	Mackenzie		75
	Farmácia	15	PUC		150
	Odontologia	17	Faap		60
	Medicina		Mauá	Engenharia	22
	(Pinheiros)	22	G.V.	Administração	15
	(Paulista)	15			
	FEA	25			
	F.de Direito	17	Osvaldo Cruz		7
	FFLCH	15	Santa Casa	Música (sic)	22
	Física	14			
	Enfermagem	7	ABC		12
			Objetivo (sic)		53
UNESP	Fatec	15	Objetivo	Engenharia	7
Santa Casa	Medicina	8	OSEC		?
São Carlos	Engenharia	12	VUNESP		?
			FEI		7
Outras Universidades		70	FMU		15
				Total	+/- 710

* Diversamente dos anos anteriores, em 1989 foi registrada a presença de coreanos em cursos de Educação, Turismo e Educação Física, o que significa uma tendência dos jovens em se interessar por outras áreas, mostrando que sua visão e pontos de vista já não são mais idênticos aos das primeiras gerações aqui chegadas.

Observamos nessa nova década, a diminuição da participação dos coreanos na vida universitária: entraram no POLI somente 3 coreanos e nemhum na F.G.V. A hipótese mais provável, para nós, é que isto reflete o pouco interesse dos adolescentes em continuar os estudos, e também, a falta de ambição, diante do relativo "fracasso" dos que já se formaram, pois muitos deles, como vimos, então retornando para o ramo de confecção, em vez de excercer a profissão ou a sua especialidade. Serão os jovens nascidos no Brasil diferentes dos primeiros imigrantes? Terão perdido sua identidade, ou mesmo, sua responsabilidade, ao serem absorvidos pela sociedade brasileira? Ou será que a meta econômica está influenciando até hoje os jovens coreanos?

Pelos jornais de circulação interna, sabemos que há um número considerável de adolescentes de origem coreana psicologicamente instáveis, que procura fugir à realidade através de lazeres, como cinema, fliperama, snooker, boliche etc., ou através da ingestão de psicotrópicos, comportamento que tem causado grande decepção aos pais.[27)]

Podemos explicar tais atitudes pelos problemas enfrentados pelos jovens coreanos, pois hoje em dia, é comum tal comportamento entre os adolescentes em geral, não só no Brasil, como em vários outros países.

* Embora as igrejas venham desempenhando um papel importante junto aos jovens, dando mais oportunidade de conversação entre pais e filhos, existe a delinqüência juvenil.

Nos Estados Unidos, por exemplo, tem sido freqüentes os problemas de convivência dentro da própria família coreana, chegando os descendentes a desprezar tudo ou quase tudo que lhes lembre a origem. No Brasil, a mesma problemática se tem verificado com diferentes grupos étnicos, em várias ocasiões, como demonstram estudos recentes.

Esse tipo de problemática, muitas vezes, gera o que se convencionou chamar de marginalização cultural do imigrante. Todo ser humano age de acordo com uma escala de valores de que é portador, e quando perde a sua, antes de adotar uma outra, ele se transforma em marginal cultural.

Os grupos minoritárias hoje, espalhados pelo mundo, vêm organizando movimentos no sentido de recuperar valores de sua cultura original, como forma de solução dos problemas de marginalidade e de marginalização.

Foi realizada uma pesquisa pela KOCA (Koreanos Cabeça – ver a frente), sobre a 'Grande Pergunta': "Você gosta de ser coreano?", em uma amostragem de 100 pessoas, de ambos os sexos, e, de faixa etária de 16 a 24 anos. As respostas dadas não apresentaram grande disparidade: todos gostam e os motivos alegados para justificar sua resposta foram, "Porque nasci assim", ou, "falta de opção", demonstrando pouca reflexão ou opinião não formada sobre o assunto.

Entre os mais convictos, houve respostas firmes, enfáticas e bastante patrióticas, se declarando orgulhosos da história e do povo coreano. Também apareceram os "contras", que afirmaram que tinham vergonha do comportamento dos coreanos em geral.[28)]

No Jornal Semanal Hankook, em 1984, Woo Jin Kim publicou: "O que eu gostaria de dizer aos pais coreanos e aos filhos brasileiros", texto no qual foi discutida a questão da dificuldade dos filhos em deixar de ser brasileiros, e dos pais em deixar de ser coreanos, como o retrato vivo da comunidade atual.[29)]

O escritor coreano Eun Hun Hwang, por ocasião de um seminário sobre educação, realizado em 1988, em comemoração ao quinto aniversário da Escola Coreana de São Paulo, criticou duramente os pais por manter seus costumes, sem fazer o menor esforço para aceitar seus filhos, em processo assimilatório à cultural local.[30)]

Sem dúvida, a "cultura coreana" junto à segunda e à terceira geração passa por mudanças abruptas, de difícil aceitação pelos coreanos natos. Por exemplo, a opinião paterna que não podia sofrer contestação, ficando o filho considerado desleal, hoje em dia é enfrentada freqüentemente pelo o filho, que defende sua opinião.

* Os pais continuam a se esforçar para ensinar a língua coreana aos seus filhos: todos os sábados, pela manhã, cerca de 1.300 crianças saem de casa para aprender a escrita coreana, e geralmente vão às escolas mantidas pelas entidades religiosas, exceto a Escola Coreana de São Paulo, fundada em 7 de maio de 1983 por ex-alunos da Universidade Han Yang, recebendo 550 crianças. Atualmente, são oito as escolas coreanas em atividade em diferentes pontos da cidade de São Paulo.[31)]

Os problemas enfrentados pelas escolas são os mais variados possíveis, começando pela falta de professores especializados, ambiente adequado, processo e técnicas de ensino. Ainda não existe um parâmetro comum pelo qual se possa fazer um perfil ideal de educação dos filhos dos coreanos no Brasil.

As classes comportam cerca de 30 alunos, e o problema maior é que a distribuição dos mesmos é feita, não levando em conta o domínio da língua, mas sim a idade, o que dificulta a tarefa do professor.

A questão mais importante, no entanto, é a que diz respeito ao que deve ser ensinado. Para o ex-diretor da Escola Coreana de São Paulo, Jung Won Lee, aos alunos cabe "aprender o amor à Pátria (Coréia)", ponto de vista por ele defendido em artigo, sob o título: "A educação da segunda geração, transmitindo valores culturais no ensino da língua."[32]

Pudemos perceber que o domínio da linguagem coreana transmite ao indivíduo as relações de respeito à hierarquia mais alta, e a utilização correta dos termos, por qualquer pessoa, a torna um partícipe da cultura. Quando isso não acontece, ela não é respeitada, sendo inclusive alvo de críticas por parte das outras pessoas, pois há rígidos critérios de respeito e de lealdade, nos quais se baseia a cultura coreana.

Somente no Brasil, ao trabalhar no ensino de língua e cultura coreana, lidando com os jovens, é que podemos perceber, as diferenças marcantes nas duas sociedades. O constante conflito nas salas de aula reproduz a situação familiar e chamou nossa atenção para a questão.

* A língua desempenha um papel importante na manutenção da identidade étnica e atua como transmissora de cultura. Por isso, a procura do ensino da língua coreana para os descendentes deve ser interpretada como uma tentativa consciente dos imigrantes em manter sua identidade, o que ocorre, geralmente, no início de todo e qualquer processo imigratório.

O governo coreano, que considera seus emigrantes como 'seu povo no exterior', procurou interferir politicamente na educação dos jovens, nomeando um diretor educacional, a quem foi confiada a unificação das escolas coreanas existentes em São Paulo, entre 1988 e 1989. Houve, entretanto, muitas reações contrárias às ordens do Consulado.

Ele tem procurado auxiliar financeira e materialmente as escolas, através do Consulado, e elas têm demonstrado desinteresse pelo projeto governamental, repudiando a unificação, por achar não só que surgiram espontaneamente, mas, também, por terem por objetivo servir para a evangelização dos alunos e manutenção do número de fiéis.

Em janeiro de 1989 foi organizado, pela Escola Coreana, um seminário voltado à questão de educação das crianças, e foram convidados professores da Universidade Nacional de Seul. Naquela oportunidade, foi discutida a não intromissão do governo coreano nas questões da educação dos filhos dos imigrantes.

Um dos objetivos das escolas coreanas é manter a sua cultura no Brasil e amenizar os conflitos entre pais e filhos. Consideram natural que os descendentes tenham interesse pela terra de origem de seus ancestrais, sobretudo na medida em que a Coréia passou para o cenário mundial. A partir de 1988, muitas crianças passaram a se levantar cedo e se preparar, por conta própria, para ir à escola aos sábados, demonstrando um grande interesse em aprender a língua e a cultura coreana.

Consideramos, pelo que pudemos observar e analisar, que grande parte dos imigrantes coreanos atuais são portadores de identidade coreano-brasileira. Isto significa que os imigrantes coreanos, que pretendem permanecer no Brasil, em lugar de voltar à sua pátria, ou reemigrar, mantêm algumas características coreanas, de uma forma positiva, isto é, falam as duas línguas e procuram harmonizar as duas culturas.

Entretanto, quanto a casamentos mistos, o que segundo Robert Park, é o estágio final da assimilação, verificamos que os coreanos ainda não o praticam.[33)]

4.5. A FAMÍLIA COREANA E O KYE

✳ Na base das atividades dos coreanos no Brasil existe o Kye, que é uma forma de assistência mútua, um tipo de consórcio financeiro, transplantado da Coréia para o Brasil. O Kye sempre foi considerado como parte integrante da vida do povo coreano. É uma formação cooperativa tão impregnada na cultura coreana que existe onde quer que haja uma colônia coreana.

✳ Sua origem data da dinastia Koryo (918-1392), e o Kye foi desenvolvido na Coréia para

enfrentar as crises econômicas e financeiras da dinastia Yi (1392-1910).[34]

* O alto grau de cooperação do povo coreano é explicado pelas dificuldades pelas quais passou ao longo de sua história. Muitas vezes, em momentos difíceis, não é possível superar problemas sozinho, e qualquer um está sujeito a sofrer dificuldades. Por isso, em vez de superá-las sozinho, pode associar-se a outras pessoas, juntando esforços. E assim surgiu o Kye.

* O Kye é um tipo de associação cujos membros se ajudam mutuamente e não existe uma regra rígida quanto ao número máximo ou mínimo de seus integrantes. Na zona rural da Coréia tradicional todo chefe de família fazia parte de um Kye. Os integrantes do Kye têm deveres e direitos a seguir, para atingir seus objetivos comuns, e se não houver harmonia entre eles, o Kye não obtém sucesso. Por isso, são normalmente escolhidos os componentes do grupo por laços de amizade. Pelo fato de haver toda cooperação entre os membros do Kye, cada um deles sente-se seguro em relação a qualquer problema que lhes venha a acontecer.

* Há vários tipos de Kye, e qualquer um deles envolve uma soma considerável em dinheiro para ajudar uma pessoa. O objetivo da formação do Kye pode variar dependendo da situação de cada um dos participantes./ No caso dos filhos, em geral, é para o Ryo (孝 - devoção total aos pais), e, no caso dos casais, é a preparação do casamento dos filhos. O Ryo é feito para homenagear os pais que chegam ao sexagésimo ou septuagésimo aniversário. Os filhos passam a fazer parte de um Kye, a fim de juntar a soma necessária para os preparativos da festa, pois quanto maior a festa, maior a homenagem. Na mentalidade dos coreanos, chegar à essa idade era uma virtude, segundo o pensamento *Inseng Yukship Koraerhi* (人生六十古來稀 - completando sessenta anos, há novo nascimento). Para fazer essa homenagem, começavam cedo, desde a independência financeira, formando Yuichin-Kye (爲親契- consórcio de homenagem aos pais). Dentro de Yuichin-Kye, existe o Sanyuo-Kye (喪與契), que é formado para cobrir as despesas dos funerais dos pais.

Outro tipo de Kye é o Dong-Kye (洞契), utilizado para o recrutamento de pessoas de mão-de-obra de um determinado local para ajudar qualquer membro em atividades agrícolas. Portanto, o Kye apresenta uma grande função dentro da sociedade coreana.[35]

* O organizador de cada Kye determina o valor da contribuição e sua duração. Em seguida, rateia para cada integrante a quantia inicial a ser paga. Como o Kye não tem base legal, cabe ao seu organizador ter todo o cuidado na seleção e no convite dos seus integrantes. O tempo de formação pode variar de dias a semanas, até completar o total necessário de membros. Há casos em que não é possível a organização devido à insuficiência de interessados. A demanda varia na razão direta da situação financeira do grupo.

* Dentro da comunidade coreana esse sistema de auto-financiamento, através de cooperação, contribuiu bastante para o crescimento do poder econômico dos participantes.

A partir do início dos anos oitenta, em razão das alterações sofridas pela moeda brasileira, o dólar passou a ser a base formal no cálculo do Kye.

* O número dos integrantes do Kye não é fixo, variando de acordo com a quantia e o prazo necessário para a liquidação de todas as parcelas estipuladas pelo organizador. Os pré-requisitos necessários para poder participar de um Kye são simples e rigorosos: basta contar com bom crédito na comunidade ou uma boa apresentação de amigos e/ou conhecidos.

O Kye funciona, basicamente, da seguinte forma:

* A sua duração varia entre 12 e 36 meses, de acordo com o número de integrantes do grupo. Por exemplo: se o total de seus membros for 24, a duração será de 24 meses. Tomemos um caso para fins de explicação: os 24 membros, incluindo o organizador, reúnem-se mensalmente para fazer o sorteio ou ser dado um lance, no Brasil o mais comum é o lance. Suponhamos que o consórcio seja no valor de 240 dólares por lance. O organizador, logo no primeiro mês, faz jus ao total dele. No encontro seguinte, os demais 23 membros, em votação secreta, farão o seu lance e, apurados os votos, terá direito à quantia total aquele que der o maior lance. O valor do lance varia conforme a urgência e a necessidade de cada um dos integrantes. Quanto maior for o lance, menor será a quantia a receber. No segundo mês, os participantes, menos o organizador, devem dar um lance para obter o dinheiro. O lance escolhido pelo grupo é sempre o de menor valor para quem paga. Isto é, se são dados lances de 1, 2, ou 3 dólares, a escolha recairá sempre sobre o de maior valor (3 dólares), pois os outros participantes darão menos dólares (7 dólares cada um), exceto o ganhador anterior, que deverá dar todos os meses 10 dólares.

✳No caso de Kye por sorteio, o valor da contribuição mensal é sempre igual para os membros, e todos retiram o mesmo valor. Uma vez ganhador, o participante passa a ter uma obrigação mensal para com o grupo no valor de 10 dólares até final do consórcio, e isto significa que somente o organizador do Kye e o último ganhador é que são aquinhoados com a quantia total, isto é, no caso, 240 dólares.

Esta vantagem é conhecida pelos coreanos: "No Kye de lance, é melhor ganhar o total no primeiro lance ou no último, pois os que recebem no meio dos 24 meses tem menos vantagens."[36]

Mesmo assim, a necessidades de dinheiro faz com que eles continuem participando do sistema.

Faz parte da tradição que o ganhador do mês ofereça o jantar do dia, quando a reunião acontece em restaurante.

✳Quem nos chamou a atenção para o fenômeno foi uma imigrante: "No início da década de setenta verificou-se o aumento no número de restaurantes coreanos na cidade de São Paulo. Tal multiplicação correspondeu à ativação do sistema Kye no Brasil em conseqüência do desenvolvimento dos coreanos no ramo das confecções."[37]

Houve outros motivos que levaram os coreanos a participarem do Kye: "No início da imigração coreana no Brasil, a maioria dos imigrantes não sabia usar os bancos por falta de informação. Ninguém foi suficientemente esclarecido com relação ao processo bancário a ponto de poder dar início às suas atividades. Dessa forma, o sistema Kye foi adotado com sucesso."[38]

Normalmente os coreanos participam de vários Kye, e com isso procuram evitar possíveis prejuízos. Não é raro algumas pessoas, mensalmente, participarem com somas altas de até US$3.000,00 dólares em diferentes grupos.

Atualmente, em razão da crise econômica pela qual passa o Brasil, os coreanos têm participado de Kyes até mesmo além de suas possibilidades. Tanto que é comum ouvir-se: "Se eu conseguir passar esse mês pagando todas as parcelas do Kye, estarei livre (*eidhansum nokeia*)."[39]

✳Os Kyes beneficiaram os recém-chegados, os possuidores de poucos recursos e, sobretudo, os clandestinos. Há também Kyes dos quais participam ricos comerciantes, que

usam o dinheiro ganho para ampliar seus negócios e abrir novos emprendimentos.

Segundo Mi Hwa Kim Park: "Antigamente, os vendedores da minha loja podiam iniciar seu próprio negócio, apoiados pelo sistema de Kye. Nós, lojistas, inclusive, participávamos do Kye, pensando em ajudá-los. Ultimamente, entretanto, com a economia do Brasil em crise devido à alta inflação, os recém-chegados, após muitos sacrifícios, conseguem montar seu próprio estabelecimento, e, entretanto, como o lucro não é suficiente para cobrir suas parcelas junto ao Kye, logo colocam anúncio de venda de sua loja,"[40] pois, o descumprimento do pagamento do Kye significa a expulsão das pessoas da sociedade coreana do Brasil. E mais: uma vez desacreditado, ninguém pode mais trabalhar com os conterrâneos."[41]

Como se observa este sistema não tem um significado apenas financeiro, visto ser também uma forma empregada pelos imigrantes para permanecerem unidos e se sociabilizarem.

Cap.IV

1) NOGUEIRA, Arlinda Rocha – Imigração Japonesa na História contemporânea do Brasil, São Paulo, Edit. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros/Massao Ohno, 1984, p.151.

2) DJACIR, Menezes – "Notas sobre problemas aculturativos", Digesto Econômico, São Paulo, 7(82): 57/61, setembro de 1951.

3) LIM, Dong Kwon – A tradição e os costumes da Coréia [한국의 전통과 관습]. Seul, Ministério da Cultura, 1982.

4) SAITO, Hiroshi – Estudo de Mobilidade e Fixação no Brasil. São Paulo, Edit. Sociologia e Política, 1961.

5) LEE, Kwang Kyu – Os imigrantes coreanos nos Estados Unidos [在美韓國人]. Seul, Edit. Ilchokak, 1989, p.110.

6) LIMA, Oscar Resende de – "Aspectos Psiquiátricos dos Imigrados", Jornal Brasileiro de Psiquiatria. São Paulo, 9(3), 1960.

7) LEE, Kwang Kyu – op.cit., p.216. Veja PIERSON, Donald – "Acomodação e assimilaçao", Sociologia. São Paulo, 5(3) 217/231, 1943.

8) IANNI, Octavio – Raças e classes sociais no Brasil, São Paulo, Edit., Brasiliense, 1987, p.60.

9) Estado civil dos ex-prisioneiros:

ex-prisioneiros casados com coreanas	: 13	solteiros	: 02
" " brasileiras	: 19	desaparecidos	: 02
" " japoneses	: 06		

Segundo o pastor Suk Keun Kang, ex-prisioneiro, do grupo dos 13 casados com coreanas somente 4 esposaram em primeiras núpcias com conterrâneas. Os outros nove só o fizeram após uma tentativa malograda com japonesas ou brasileiras. O segundo caso representa 17.3%.

10) Dong-A Ilbo, Seul, 1 dezembro de 1962.

11) Depoimento de Kwang Cha Lee, em julho de 1989.

12) SUNG, Mok Hyun – "Kimchi" KOCA (Koreanos Cabeça), São Paulo, Associação Brasileira dos Universitários Coreanos, 1989.

13) Os cursos mais procurados pelos estudantes coreanos tem sido os de Administração de Empresas, Engenharia e Medicina.

14) YEUN, Bong Won – "O São Paulo que foi repleto de romantismo 25 anos atrás", Cultura Tropical, São Paulo, 4, 6 fevereiro de 1988.

15) Depoimento da esposa de Dong Soo Lee, citado pela própria filha Young Soon Lee à autora em abril de 1988.

16) LIM, Dong Kwon – op.cit.

17) Idem. Ibidem.

18) Depoimento de Young Soon Lee, em abril de 1988.

19) VIOTTI, Eduardo – "Imigração Coreana ao Brasil". São Paulo, Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, 1988, p.83. (trabalho de graduação)

20) Segundo o jornal Dong-A Ilbo (1967), Duk Won Kim foi o primeiro coreano a entrar na POLI e o fez em menos de dois anos após sua chegada no Brasil. Como sempre ocorre, há casos excepcionais. O mesmo jornal informa sobre um menino chamado Sun Ho Kim, na época com 14 anos, que sustentava a família, quando o seu pai Young Mook Kim ficou doente. Ele começava seu dia levantando às três horas da madrugada para recolher os jornais e revistas para a banca de jornal. Mesmo trabalhando arduamente, ele conseguiu uma vaga no Ginásio Estadual de São Paulo, cuja concorrência era muito grande. Seu esforço foi reconhecido. Recebeu o prêmio de "Filho Fiel", do Embaixador Dong Jin Park, em cerimônia especial no dia 1 de março de 1967.

21) LEE, Jong Ik – "Brasil e Emigração", Dong-A Ilbo, Seul, 15 setembro de 1961.

22) Depoimento de Chang Soo Kim, em abril de 1989.

23) Depoimento de Ji Young Lee, em abril de 1989.

24) Há bem pouco tempo, o Brasil era um dos países de maior atração para os imigrantes. Utimamente, entretanto, houve grande mudança, o que vem acarretando, inclusive, a evasão de brasileiros. Segundo o jornal Folha de S.Paulo, cerca de 1.250.000 de brasileiros, isto é, quase total, deixaram o país entre 1985 a 1987, e não regressaram. Dentre 170 países do mundo, apenas uma dúzia, localizados na América do Norte e Europa, atraem os brasileiros, e em parcela menor, a África e o Oriente Médio, onde vêm atuando em projetos de construção civil a cargo de empresas brasileiras. Com raras exceções, grande parte dos que saíram do país estão em situação irregular no exterior, isto é, apenas com vistos de turistas. Portugal, por exemplo, recebeu por mês, em 1988, 200 pedidos de brasileiros interessados em obter licença de residência permanente. No consulado da Itália, há filas de interessados em reemigrar. Os japoneses também têm voltado ao Japão, e o fazem com base em contratos de dois anos. Como vemos, o Brasil não é mais o polo de atração dos imigrantes. Agora é fonte de emigração, devido em grande parte à ilusão das pessoas. O jornal Folha de S.Paulo (20 de agosto de 1988) explica o fenômeno pelas seguintes razões; "O desejo de viver em outro país é maior na faixa entre 18 e 24 anos porque os jovens têm uma necessidade de conhecer novos hábitos e línguas estrangeiras. Outro fator que atrai os brasileiros para o exterior, é a enorme desvalorização do cruzado em relação ao dólar." O país preferido para viver tem sido os Estados Unidos. Somente em Nova York, 80 mil brasileiros vivem na condição de clandestinos. Além desse fato, uma coisa que chama a atenção é que, "o número de paulistanos que gostaria de viver em outro país praticamente dobrou em um ano", o que foi constatado nas pesquisas realizadas pelo Data Folha, cujos resultados foram publicados em julho de 1987 (de 34% em julho de 1987 aumentou para 62% em agosto de 1988). Isto reflete a crise que atravessa o país. Entretanto para os imigrantes coreanos no Brasil, dada a impossibilidade de retorno imediato para sua terra natal, a meta a atingir continuava sendo a reemigração para os Estados Unidos, o que vêm sendo por nós comprovado nas diferentes entrevistas.

25) Relatório de Associação Brasileira dos Coreanos, São Paulo, março de 1989.

26) Dados da Associação Brasileira dos Universitários Coreanos (ABUC), São Paulo. dezembro de 1987.

27) Segundo Periódico da ABC (São Paulo, 21 de junho 1989), uma coisa muito séria na sociedade coreana é um grupo de dez jovens coreanos, baseados num Snooker da Liberdade, fumando maconha, eles roubam dinheiro dos próprios conterrâneos e até estupram moças coreanas.

28) Vide anexo-IV.

29) KIM, Woo Jin – "Um pequeno discurso para os filhos brasileiros e para os pais coreanos" (브라질레이로 아들과 한국 아버지에게 하고싶은 이야기), Semanário Hankook [Jukan Kankook], São Paulo, 22 dezembro de 1984.

30) Dentro do discurso de Eun Hun Hwang, em comemoração ao quinto aniversário da Escola Coreana de São Paulo, no Hotel Nikkey, em 1988.

31) Os dados do Consulado da República da Coréia, São Paulo, novembro de 1989.

32) Semário Hankook [Jukan Hankook]. São Paulo, 15 setembro de 1984.

33) PARK, Robert E. – Race and Cultura, Glencoe, The Free Press, 1950, p.150.

34) KIM, Sam Soo – "Uma pesquisa sobre a economia social da Coréia". Edit. Parkyoung, 1966. Apud. CHOE, Eun Young – "Estrutura sócio-econômica dos agricultores coreanos e Kye" In: Antropological Study, Seul, Universidade Nacional de Seul, Vo.7: fevereiro de 1984.

35) LIM, Dong Kwon – op.cit.

36) Depoimento de Mi Hwa Park Kim, em maio de 1989.

37) Depoimento de Ung Seo Oh, em maio de 1989.

38) Depoimento de Song Ja Oh Kim, em setembro de 1988.

39) Depoimento de Jin Soo Kim, em outubro de 1988.

40) Ver nota 36)

41) Depoimento de Dong Hun Lee, em novembro de 1988.

Cap.V – PAPEL FUNDAMENTAL DA RELIGIÃO NA COMUNIDADE

5.1. AS IGREJAS DOS COREANOS

Para os imigrantes japoneses no Brasil, a escola em um primeiro momento, e as associações, congregando elementos de uma mesma província, em um segundo momento, exerceram papel importante como aglutinadores da comunidade. Entre os chineses, o mesmo papel foi desempenhado pelas associações de parentesco. No caso da imigração coreana, a aglutinação foi exercida pelas igrejas.

Veremos então as razões pela quais as igrejas se tornaram o centro das atividades da comunidade:

1°) A comunidade coreana no Brasil foi formada, em sua maioria, por elementos provenientes da Coréia do Norte, mas que, antes de chegarem ao Brasil, residiram na Coréia do Sul, devido à Guerra da Coréia. Conseqüentemente, já havia uma certa dispersão dos coreanos que diminuíram os laços de parentesco ou de procedência de uma mesma região.

2°) A maioria dos imigrantes coreanos era constituída por protestantes. Aqueles que não professavam tal credo, acabaram se convertendo, para não se sentir isolados da comunidade.

3°) As igrejas providenciavam para todo os novos membros que aparecessem, a infra-estrutura necessária para se estabelecer dentro da sociedade brasileira, o que incluía desde alimentação e moradia até a independência econômica. Isto ocorreu devido à ânsia das igrejas por novos membros, buscando maior integração entre eles.

4°) Nas igrejas os coreanos tinham a oportunidade de se comunicar sem se preocupar com a barreira da língua.

5°) Nenhuma outra instituição fora criada para auxiliar os imigrantes oficialmente.

Diante de uma sociedade estranha, sobretudo para o recém-chegado ou para o clandestino, o único lugar onde podia ter tranqüilidade psicológica era nas igrejas. Elas funcionavam como um verdadeiro esconderijo, sobretudo quando ocorriam situações indesejáveis ou qualquer tipo de problema pessoal.

Os imigrantes as denominavam de "igrejas dos imigrantes" ou "igrejas dos coreanos",

refletindo a necessidade de posse, de algo particular, e, ao mesmo tempo, comum ao grupo. Essas igrejas no Brasil têm características próprias, que as diferenciam não só das igrejas da Coréia, como das demais do Brasil.

Por exemplo: os protestantes coreanos, ao imigrarem para o Brasil, se reuniram não mais em função do linha do protestantismo ao qual pertenciam em sua terra natal, mas em torno da figura do pastor ou do presbítero.[1]

Desde cedo, elas se tornaram importantes centros de ensino da língua coreana para os descendentes, bem como se transformaram em redutos naturais da cultura, em razão da convivência entre seus membros.

Atualmente, as igrejas protestantes não são mais simples lugares para serviços religiosos. Como veremos, elas assumiram múltiplos papéis, inclusive seculares. São importantes pontos para várias atividades sociais, e suas atividades comunitárias compõem a mais importante faceta da vida comunitária dos coreanos no dia-a-dia.

5.1.1. O PROTESTANTISMO, A FORMAÇÃO DAS IGREJAS E SUAS DIVISÕES

Cerca da metade dos imigrantes da primeira leva eram protestantes. Tanto que Ung Seo Oh, então Diretor Substituto do Departamento das Mulheres e Crianças do Ministério da Saúde da Coréia, na época da primeira leva coreana, afirmou: "Quanto à emigração coreana para o Brasil, não é exagero afirmar que foi uma emigração protestante."[2]

Sua afirmação corresponde ao fato de que, embora o processo da emigração para o Brasil tenha sido organizado, desde o início, por ex-militares, quando o governo coreano resolveu assumi-la, designou o reverendo Dal Bin Chung como secretário especial, devido ao seu conhecimento do exterior, e em razão do grande número de protestantes que se apresentaram como candidatos à emigração. Os religiosos tinham conhecimento sobre a vida no exterior em razão de suas freqüentes viagens, e os protestantes eram mais esclarecidos e liberais do que os confuncionistas.[3]

Durante a organização da primeira leva de emigrantes, a eleição do presbítero Sung Han Kim, como chefe do grupo, comprova o fato. Nenhuma família protestante do grupo deixou de participar de cultos familiares, antes de partir do Porto de Pusan. Durante a viagem,

oraram e cantavam hinos religiosos e, aos domingos, realizavam cultos normalmente.[4] Ao chegarem à Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, o grupo continuou a participar pontualmente dos cultos religiosos.[5] Ao se estabeleceram na fazenda *Seul*, em abril de 1963, apesar do cansaço após a semana inteira de trabalho, as famílias se reuniam, aos domingos para o culto.[6] Em abril de 1964 foi realizado o primeiro culto dos protestantes coreanos, liderado pelo missionário Myung Jae Lee, composto por 20 pessoas, que se reuniram na casa de Jung Hyuk Kim, na fazenda *Seul*.[7]

※ Paralelamente, na cidade de São Paulo, os imigrantes já radicados sentiram a necessidade de realizar cultos religiosos, e o primeiro deles teve lugar, a 6 de setembro de 1964, na Associação Brasileira dos Coreanos, na Rua Conselheiro Furtado, Nº 208, sob a orientação do presbítero Soon Kook Kwon.[8] Participaram da preparação do primeiro culto Seung Ho Chang (Vô Mida), coreano naturalizado japonês; os ex-prisioneiros de guerra, Young Bok Joo, Suk Keun Kang, Jae Sun Suh, Jae Soon Kang; Jong Mann Lee, Kwang Soon Ko, membros da Primeira Delegação Cultural, e os componentes da primeira leva, Sung Chul Joo e Jae Ok Suh. E a partir de então, até 2 de maio de 1965, continuaram a se reunir aos domingos, no mesmo local. Daí em diante, com a formação da primeira Comissão da Igreja Coreana, presidida pelo pastor Myung Chul Moon,[9] ex-prisioneiro de guerra, os cultos passaram a ser realizados na Igreja Metodista Central, na Av. Liberdade, 659.

※ Essa primeira igreja, denominada "Igreja Presbiteriana Unida Coreana de São Paulo", tinha o intuito de reunir membros dos vários ramos numa única igreja.[10]

No início, não havia conflitos nas reuniões. Pouco tempo depois, todavia, começaram a surgir diferenças de denominação e de ideologias, aliás, já existentes desde que estavam na terra natal, bem como conflitos em torno de assuntos administrativos da igreja. Ocorreram sérios atritos entre o presbítero Soon Kook Kwon[11] e o pastor, e, em razão dos mesmos, a "Igreja Presbiteriana Unida Coreana" acabou sendo dividida em dois grupos.

Sobre essa separação, o pastor Moon Kyoo Whong posteriormente fez a seguinte observação em sua obra: "No último domingo, 17 de outubro de 1965, antes da separação, no Boletim semanal da igreja foram registrados 86 adultos e 26 crianças e a contribuição de 38.780 cruzeiros. Uma semana depois, 28 adultos e 22 crianças."[12]

Mais da metade das pessoas saíram e passaram a realizar seus cultos com o seu líder,

o presbítero Soon Kook Kwon, formando a chamada "Igreja Evangélica Central Coreana de São Paulo". Para isso, este grupo alugou a Igreja Alemã Luterana, localizada na Av. Rio Branco 34, para uso em horários fixos.[13]

Cada uma delas foi, por seu turno, se estabelecendo, recebendo novos membros, e continuou a dar orientações necessárias aos recém-chegados em seu estabelecimento na nova terra.

Nestes 28 anos, a "Igreja Presbiteriana Unida Coreana de São Paulo" mantém-se praticamente a mesma, já que houve apenas mais uma separação, a "Igreja Presbiteriana Coreana de Seul", ao passo que a "Igreja Evangélica Central Coreana de São Paulo" continuou se subdividindo.[14]

✳ Hoje em dia, o número das igrejas protestantes coreanas é de 35, 25 das quais com sede própria. Embora em algumas delas a freqüência seja grande, em outras é pequena, não atingindo seus membros o número de 100.

Algumas igrejas enfrentaram mudanças: desapareceram ou foram absorvidas por outras maiores, ou, tornaram-se independentes, na maioria das vezes, mudando seus nomes. Por exemplo, hoje a "Igreja Presbiteriana Betânia" somente recebe fiéis brasileiros, e os fiéis coreanos se mudaram para "Igreja Presbiteriana Smyrna Coreana".

Quadro 8 – Igrejas Coreanas em São Paulo em 1989 [15]

Nome da Igreja	Ano de fundação	Nº de fiéis	Nº de presbítero
Igreja Presbiteriana Unida Coreana de São Paulo	1964	1.000	10
Igreja Evangélica Central Coreana de São Paulo	1965	150	3
Igreja Missionária Oriental de São Paulo	1968	250	3
Igreja Presbiteriana Soung Do	1968	70	1
Igreja Presbiteriana Coreana Brasil	1969	25	7
Assembléia de Deus Full Gospel São Paulo Church	1970	200	1
Igreja Presbiteriana Betânia	1970	?	2
Igreja Presbiteriana Missionária	1970	200	2
Igreja Presbiteriana Seoul Coreana	1970	300	12
Igreja Presbiteriana Smyrna Coreana	1970	200	4
Igreja Evangélica Holiness Coreana de São Paulo	1971	200	5
Igreja Evangélica Coreana Jesus de Dae Han	1973	90	5
Igreja Presbiteriana Antioquia	1973	250	9
Igreja Presbiteriana Young Kwang	1974	150	5
Igreja Jeil	1975	?	1
Igreja Presbiteriana Canaã	1975	50	–
Igreja Presbiteriana Nam Mi	1977	50	1
Igreja Presbiteriana Shin Il Coreana Brasil	1977	100	2
Igreja Presbiteriana Han Sung Coreana	1978	120	
Igreja Batista ShinKwang da Coréia	1980	200	1
Igreja Presbiteriana Ban Suk	1980	90	1
Igreja Presbiteriana Eden	1980	8	2
Primeira Igreja Batista Coreana de São Paulo	1980	100	–
Igreja Metodista Ebenezer Coreana	1981	100	1
Igreja Presbiteriana da Paz de São Paulo	1984	200	1
Igreja Evangélica Nova Esperança	1985	500	3
Igreja Graça Coreana	1985	150	1
Igreja Presbiteriana Betel Coreana de São Paulo	1985	70	–
Igreja Presbiteriana Ressureição	1986	60	–
Total		5.180	

O número de presbíteros varia em cada igreja, pela política do pastor, independentemente do número de fiéis.

O quadro nº 8 mostra que a maioria das igrejas foi fundada na década de setenta. Sung Chul Kang, pastor da Igreja Presbiteriana Coreana Brasil e também presidente das Associação das Igrejas Protestantes Unidas Coreanas interpretou o fato nos seguintes termos: "O crescimento e o amadurecimento das igrejas ocorreu na década de setenta. Para mim, o motivo foi a proibição da imigração coreana. Com um número de fiéis praticamente fixo, as igrejas podiam manter o controle sobre todos os seus membros."[16]

De acordo com sua origem, as igrejas coreanas no Brasil podem ser classificadas como um grupo dissidente dos já existentes ou formadas espontaneamente. No primeiro caso, a divisão da igreja ocorreu por um dos dois motivos: ou conflitos entre o pastor e os fiéis ou entre os próprios fiéis. Como os pastores eram designados pelas igrejas na Coréia, pelas igrejas coreanas dos EUA, ou pessoalmente convidados pelos próprios crentes da igreja, alguns dos escolhidos não tinham competência suficiente para comandar o grupo, mesmo que tivessem boa reputação. Isto causou insatisfação nos fiéis, chegando a haver até casos de expulsão do pastor.

Os conflitos entre os participantes davam-se em geral por ocasião da nomeação de membros necessários para execução das tarefas administrativas da igreja, cujos títulos eram de presbítero, ou de diácono. Dentro da comunidade coreana no Brasil, o fato do imigrante possuir um título oficial é de suma importância para sua identificação. Pela lei da igreja, na Coréia e nos Estados Unidos, os títulos referidos são adquiridos pelo voto de todos os membros, não deixando o pastor, todavia, de exercer sua influência. No Brasil, ao contrário, era o pastor que, gozando de plena autoridade e autonomia, dadas as dificuldades de comunicação com o país de origem, indicava as pessoas para o exercício das referidas funções. Este fato, inclusive, contribuiu para impor na comunidade coreana um tipo de interferência que tem gerado entre seus elementos até mesmo conflito com danos coporais. Numa segunda etapa, como conseqüência direta do fato, ocorria a separação das igrejas.

No caso da fundação espontânea das igrejas, a iniciativa era dos próprios pastores ou crentes, respeitando a linha a que pertenciam, independentemente das outras igrejas

existentes.

Apesar das diferenças entre elas, há, todavia, pontos em comum, como por exemplo: cabe aos membros arcar com todas as despesas do seu pastor, desde o aluguel da casa até as mensalidades escolares dos filhos.

As igrejas pequenas realizam seus cultos alugando uma sala ou numa casa, e algumas realizaram suas primeiras reuniões na própria residência do pastor.

Em sua maioria, as igrejas fundadas na década de setenta centralizaram-se no bairro da Aclimação. Como a imigração coreana foi proibida na época, algumas pessoas atribuem a esse fato, a responsabilidade pelo crescimento e amadurecimento delas.

Como veremos no próximo capítulo, na segunda metade da década de sessenta, a sociedade coreana estava dividida em dois grupos: 'o grupo dos conservadores' e 'o grupo dos inovadores' em torno da Associação Brasileira dos Coreanos. A maioria dos problemas era gerada por atritos entre ambos. Do ponto de vista religioso, entretanto, os dirigentes faziam parte da mesma igreja, isto é, da "Igreja Presbiteriana Coreana Unida".

O pastor Kye Young Kim, que esteve à frente dela, no conturbado período de 1967 a 1972, recorda-se: "Era realmente um péssimo momento para a sociedade coreana, para minha igreja e para mim. O problema que eu enfrentava é que os líderes dos dois grupos - 'Grupo de Conservadores' e 'Grupo de Inovadores' - eram crentes da minha igreja/.../. Eles ficavam atentos sobre qual grupo teria o meu apoio. Por isso, sempre houve rumores que o pastor fazia parte deste ou daquele grupo. Agora, eu posso rir, lembrando-me do passado, mas realmente foi difícil agüentar a situação. O prejuízo devido aos conflitos entre os dois grupos era tão grande que até prejudicava a construção da igreja e a evangelização/.../."[17]

Esse fato não impediu a construção da igreja, provavelmente devido à excelente liderança do pastor Kim. Essa igreja teve sua sede inicial na Av. Liberdade, mudando várias vezes de local, até que, em 1969, adquiriu um terreno de 552m² na rua Tomás de Lima, 542, perto da "Vila Coreana", onde foi construído o prédio, com capacidade de acomodar o sempre crescente número de participantes e, onde, até hoje, se realizam os cultos.[18]

Em outro ponto, o pastor Kim confirma: "Com a contribuição de US$10.000,00 dólares

por parte das Igrejas Presbiterianas Unidas dos Estados Unidos, de US$2.500,00 dólares das Igrejas Coreanas da Coréia e mais a doação de US$17.000,00 dólares dos crentes, pudemos arcar com 40% do pagamento do terreno. O restante foi saldado em prestações, durante 40 meses."[19]

Após 6 meses, a 11 de novembro de 1969, o primeiro culto na nova sede foi realizado com o sermão de Milton Daugherty, que era Secretário Geral da Comissão das Igrejas Presbiterianas Brasileiras, embora a construção ainda estivesse incompleta.[20]

Esse fato foi muito importante, porque se tratava da primeira igreja construída pelos coreanos no Brasil, ela, a "Igreja Presbiteriana Unida Coreana de São Paulo", foi a maior igreja coreana fora do país até 1982, quando foi superada pelas igrejas coreanas de Nova Iorque e de Los Angeles.[21]

Atualmente, constrói o 'CEMINE', na rua Estrada do Tranco, 485, em Itaquaquecetuba, da "Igreja Evangélica Nova Esperança de São Paulo". Este lugar dispõe de 10.000 m² gramados, um ginásio esportivo coberto com 1.000 m², 350 m² de salas especiais para ensino e reunião, além de vários outros atrativos para os coreanos, afim de contribuir para a sua unificação.[22]

5.1.2. CARACTERÍSTICAS DOS FIÉIS PROTESTANTES

* Há algumas características entre os fiéis das igrejas protestantes da Coréia que diferem daquelas entre os coreanos no Brasil.

Segundo o pastor Moon Kyoo Whong, que exerceu suas funções em caráter provisório na "Igreja Presbiteriana Coreana Unida", entre 1972 e 1975: "Os imigrantes coreanos se convertem facilmente ao protestantismo. Muitas vezes, eu verifiquei que com algumas visitas minhas, eles começam a assistir aos cultos. Há casos raros em que alguns assistem depois de uma única visita/.../

* Diante da solidão, frente a uma reavaliação do seu objetivo primeiro, diante da nova circunstância de vida, os imigrantes estavam mais propensos a receber Deus – mesmo aqueles que nunca tinham participado da igreja na Coréia – e crescer em sua fé."[23]

Concluía ele que, na verdade, as igrejas desempenham um papel importante não só do

ponto de vista espiritual, mas também social, cultural e psicológico dos imigrantes coreanos.[24]

Atualmente em São Paulo, nota-se que quase todas as famílias estão ligadas a uma determinada igreja. Com isso, as atividades sociais de um grupo acabam sendo relacionadas com as atividades da igreja a que pertence o referido grupo e assim por diante.

Na Coréia, a população religiosa é constituída por 46.9% de budistas, 37.7% de protestantes e 10.9% de católicos.[25] No Brasil, a porcentagem é diferente. Segundo o pastor Sung Chul Kang, o número dos crentes registrados nas igrejas coreanas protestantes, inclusive metodistas, presbiterianos, batistas e as testemunhas de Jeová, chega a 10.000, sendo de 5.000 o número dos praticantes. Os não-praticantes permanecem ligados indiretamente a elas.

A maioria dos crentes participa uma vez por semana dos cultos. Os demais freqüentam a igreja mais de duas vezes por semana, comparecendo ao culto das quartas-feiras, às vigílias das sextas-feiras à noite, bem como às reuniões dos professores da escola dominical, à evangelização de homens e de mulheres.

Dentre os praticantes, há homens, mulheres e crianças, não havendo distinção de níveis de educação, profissão, renda ou tempo de estada no Brasil.

Verificamos que a maioria dos imigrantes permanece direta ou indiretamente ligada às atividades e aos assuntos relacionados às igrejas. É comum se encontrar coreanos dedicados à sua igreja, chegando até mesmo ao fanatismo.

Como já apontamos, motivos diversos levaram os coreanos, desde o início da imigração, a procurar abrigo nas igrejas. Tanto que, segundo o pastor Sung Chul Kang, é freqüente se ouvir dizer que a primeira coisa que os coreanos desejam fazer ao chegar ao Brasil é fundar a sua igreja, no que diferem dos "chineses, que montam primeiramente restaurantes e dos japoneses, que montam lojas de produtos eletrônicos."[26]

Para os clandestinos, sobretudo, seu papel foi muito importante, pois, além de lhes conseguir moradia e matrícula para os filhos nas escolas, também lhes arrumavam ocupação. A diferença da língua, que dificultava, ou mesmo impedia a comunicação com a sociedade local levou muitos imigrantes a procurar a igreja, para se manterem informados sobre a situação do Brasil e da Coréia, sobretudo no período anterior à publicação de jornais

pela comunidade. Além desses, não pode ser ignorado um outro motivo, também de grande importância: a igreja significava o encontro com os conterrâneos, com a cultura e com os costumes a que estavam acostumados. Sentiam-se nelas mais confortados, após uma semana inteira de trabalho junto a pessoas totalmente estranhas.

Em 1989, conversando com diferentes imigrantes, fizemos um levantamento e verificamos que os motivos que os levam à igreja são, entre outros: busca de paz de espírito 25%; movidos pela fé 23%; busca da salvação eterna 19%; para ouvir o discurso do pastor 14%; por costume 8% e para encontrar amigos, 6%.[27)]

Concluímos que, antes da fé ou qualquer motivação religiosa, as igrejas coreanas foram procuradas pelos imigrantes como um refúgio, como um ponto de apoio ou mesmo um órgão social, ao qual queriam pertencer.

Por seu turno, as igrejas coreanas têm por objetivo satisfazer as necessidades e as exigências dos imigrantes. Para o pastor Moon Kyoo Whong, há diferenças entre as igrejas coreanas no Brasil e as dos Estados Unidos: "enquanto o estilo dos cultos e o processo administrativo das igrejas coreanas nos EUA são muito influenciados pelo estilo americano, no Brasil as igrejas coreanas mantêm o estilo das igrejas da terra natal."[28)]

A mentalidade do povo coreano foi marcada muito mais pelo confucionismo do que pelo xamanismo ou budismo, durante longo tempo de sua história. No protestantismo coreano encontramos elementos comuns à cultura confuncionista, como por exemplo: a ordem e a harmonia hierárquica entre os membros da família; o dever diante da sociedade como um todo e o dever individual para com a pátria. No Brasil, para atender às necessidades psicológicas dos fiéis, os pastores fazem discursos morais, dogmáticos, sendo considerados como proclamadores, guias, profetas, administadores ou servos da comunidade.[29)]

Por influência do confuncionismo, cuja ideologia é centralizada no sucesso na vida presente, os fiéis, que desejam obter sucesso rapidamente na nova terra, se apegam às igrejas, procurando conforto espiritual, para se livrar do *stress* e do desespero ocasionados pelo excesso de trabalho.

Algumas igrejas coreanas sofrem influência do xamanismo, que se manifesta mais fortemente no Brasil. Em geral, para atender às necessidades psicológicas e sociais dos fiéis, depois dos cultos e das cerimônias religiosas, elas oferecem aos participantes um

almoço, onde as pessoas se reunem para conversar descontraidamente, trocar informações, idéias, cultivar, enfim, laços de amizade. O encontro com os conterrâneos, muitas vezes, é mais significativo e importante do que o próprio culto, porque, falando em seu próprio idioma, eles se sentem mais à vontade, como se fizessem parte de uma mesma e grande família.

Dentro das igrejas há sub-grupos para as diferentes faixas etárias: as crianças se reúnem na escola dominical, os adolescentes na reunião de jovens, os jovens adultos geral têm seu espaço, e há o coral. Algumas pessoas se encontram para ler e discutir a Bíblia. Para os mais idosos, em vias de perder sua posição dentro da família, esses encontros são muito significativos.

Por iniciativa dos próprios freqüentadores, mensalmente são organizadas cerimônias religiosas, jantares ou chás, reunindo as pessoas de um mesmo bairro e assim por diante. Por ocasião de datas festivas, também são realizadas cerimônias especiais. Em todas ocasiões se procura manter os costumes da terra natal.

Uma outra atividade, praticada por 8 das 35 igrejas, é a das escolas para crianças, que funcionam aos sábados pela manhã, onde as aulas têm como tônica os costumes e a língua coreana.

Em janeiro de 1971 a "Igreja Presbiteriana Unida Coreana" deu início à primeira escola para crianças e jovens, procurando evitar a perda do contacto com a cultura coreana. O seu período letivo coincide com as férias de verão do sistema escolar brasileiro, por ser um curso intensivo. Hoje em dia, todas as escolas das igrejas coreanas funcionam no verão. O encerramento do curso intensivo, que varia de uma a três semanas, é usualmente comemorado com uma festa, excursão ou acampamento.

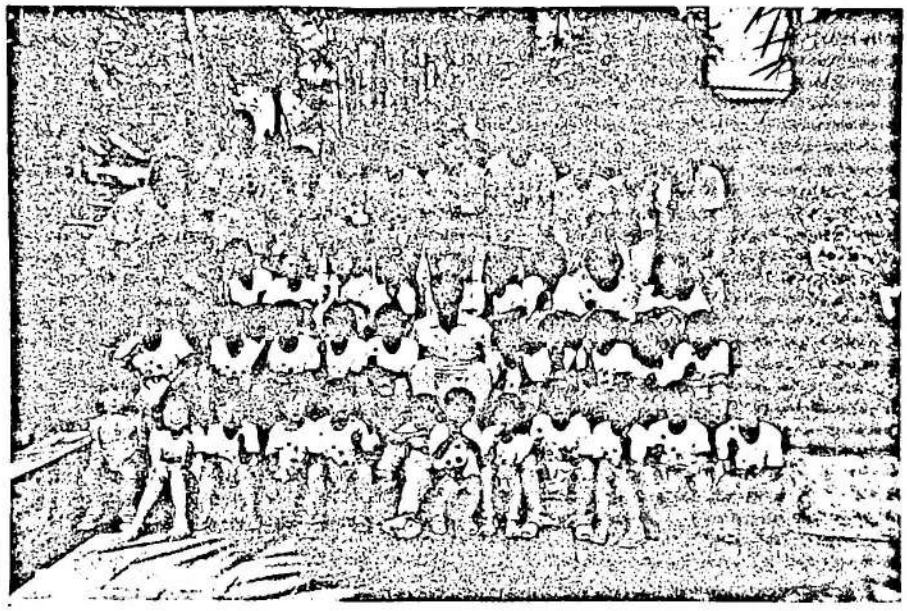
Mesmo os não religiosos costumam encaminhar seus filhos para as igrejas, pois consideram que eles "não vão perder nada lá. Vão ganhar alguma coisa boa."[30] As igrejas, a cada ano, reservam grande parte do orçamento para as atividades educacionais.[31]

Conversando com Young Ja Chang Kim, um membro da primeira leva, percebe-se como são importantes as escolas para a comunidade: "Durante os 26 anos de vida no Brasil, do que me arrependo é que meus dois filhos não falem a língua coreana. Se eles tivessem freqüentado a igreja coreana, eles poderiam falar a nossa língua, como os filhos dos meus amigos."[32]

Atividades da Igrejas Protestantes
a) com crianças
b) com jovens

FOTO - 16

A)



B)



Em 1982 e em 1988, houve uma tentativa infrutífera de unificação das escolas, por parte, respectivamente, da ABC e do Consulado da República da Coréia do Sul. Semestralmente, cada uma das escolas recebem do Estado coreano a importância de US$600,00 dólares, para serem investidos na educação dos coreanos nascidos no Brasil, ou seja, a segunda geração.

Uma função extremamente complexa e importante desempenhada pelas igrejas é a de consultório psicológico para imigrantes vítimas de *stress*, com problemas de ordem pessoal ou familiar. Nem sempre o pastor consegue controlar a situação, necessitando do apoio de outros elementos.

A igreja representa, sobretudo para os jovens, o lugar onde pode ser encontrado o consorte e onde se realizam os casamentos, pois os pastores servem, muitas vezes, de intermediários nos casamentos do tipo *miai*.[33]

Os casamentos, geralmente, são realizados aos sábados. Entre os coreanos, o sistema familiar é patriarcal e, portanto, no caso do casal pertencer a religiões diferentes, caberá à noiva mudar para aquela a que pertence o noivo.

As igrejas têm desempenhado papel fundamental na vida cotidiana dos imigrantes coreanos, contando com a participação ativa dos pastores em diversos setores.

A missionária Byung Hwa Lee afirmou: "O número ideal de crentes para uma igreja, na minha opinião, é de 300 pessoas, para o pastor poder administrar melhor e controlar seus fiéis, atendendo-os em suas necessidades e procurando visitá-los em suas casas e lojas."[34]

O presbítero Jong Sam Ahn defendeu a multiplicação de igrejas, o que a seu ver demonstra a preocupação em manter um vínculo estreito entre a autoridade religiosa e o fiel e, com isso, servi-lo melhor.[35]

Hoje em dia, as igrejas não têm se limitado à evangelização dos coreanos, mas procuram atingir também aos brasileiros. Com tal finalidade, têm enviado equipes de médicos pastores para a Amazônia para cuidarem dos índios e evangelizá-los. Em outra instância, procuram se aproximar dos tripulantes de navios, a fim de lhes transmitir a Bíblia.

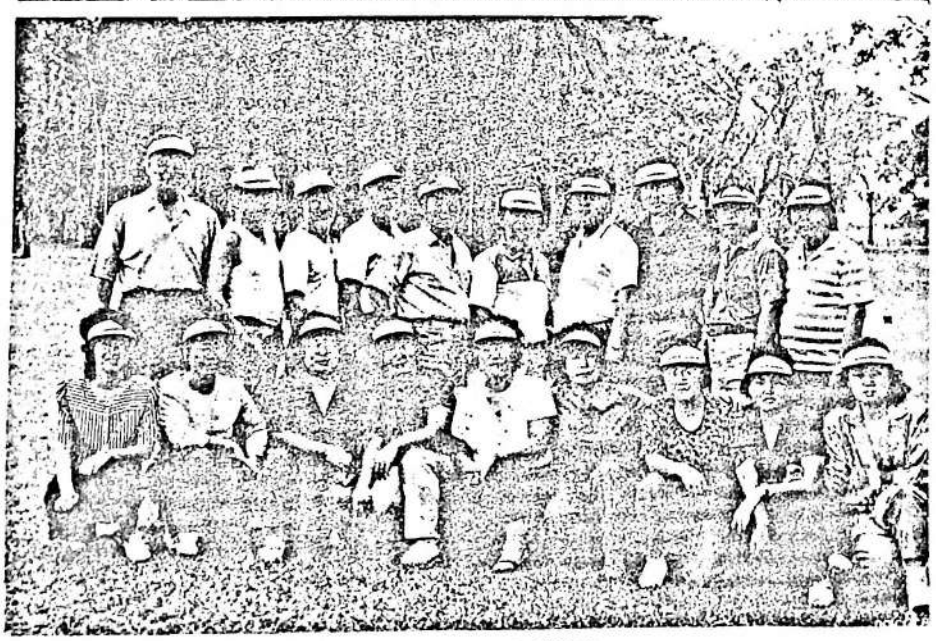
Em São Paulo, as igrejas coreanas prestam apoio financeiro a 50 outras igrejas

Atividades da Igrejas Protestantes
c) com mulheres
d) com casais

C)



D)



brasileiras, fornecendo subsídios para a sua manutenção e para o salário do pastor. Uma das grandes igrejas coreanas, a "Igreja Presbiteriana Coreana do Brasil" - "Han In", isoladamente, presta auxílio a 10 igrejas brasileiras.

Pararelamente, há alguns grupos missionários como a "Associação Unida da Evangelização da Igreja Presbiteriana Nammi", "Associação de Benefícios de Nammi Christian" e a "Associação de Evangelização de Agapé", a "Associação Galili de Evangelização para Mulheres", que igualmente, mantêm atividades de evangelização, que englobam os elementos da sociedade brasileira como o Orfanato fundado e administrado pela Nam Young Kim, a Rua Luís Góes, 262, no Jardim Saúde.

O grupo missionário "Grutuggi", que pertence à "Instituição de Desenvolvimento da Capacidade de Cooperação dos Jovens da Coréia", chegou ao Brasil em 1987, sob a orientação do pastor Sung Bun Cho, abriu uma pré-escola em São Miguel, "Casa das Crianças", e mantém também ensino técnico dirigido aos jovens marginalizados, a fim de que obtenham recursos para garantir sua sobrevivência. Alguns líderes das igrejas coreanas têm se empenhado na integração da sociedade coreana à sociedade brasileira.

5.1.3. A COOPERAÇÃO ENTRE IGREJAS PROTESTANTES

Cinco dos pastores, em 10 de dezembro de 1973 quando existiam sete igrejas coreanas protestantes na cidade São Paulo, reuniram-se e criaram "A Associação das Igrejas Coreanas Evangélicas no Brasil", instalada na igreja "Jung Ang", na Rua Conde de Sarzedas, 320, com o objetivo era conseguir a cooperação entre elas, superando as eventuais divergências.

São realizados freqüentemente campeonatos de basebol e de futebol com o objetivo de promover a união ou integração de seus membros, hoje em dia, a ela estão filiadas 29 igrejas, que por ocasião da Páscoa e do Natal realizam um culto único. Nessas oportunidades, são feitas doações especiais, para serem repassadas a orfanatos, asilos, hospitais etc.

Em ocasiões especiais ou emergenciais, a Associação tem participação ativa como, na inundação de 1974, no Rio Grande do Sul, para onde foram enviados dois caminhões repletos

de roupas e alimentos.

Periodicamente, a Associação promove seminários, a fim de preparar professores, para orientar as crianças, e, os seminários para jovens, para desenvolver o culto à natureza, através de excursões ou piqueniques.

Além das atividades acima descritas, anualmente são promovidos outros eventos com o intuito de abranger um múmero cada vez maior de pessoas, e têm sido convidados pastores de renome da Coréia e dos Estados Unidos. Por vezes, são organizadas reuniões entre os dirigentes da Associação e as autoridades coreanas, a fim de tomarem juntos o café da manhã, estratégia usada para tentar conseguir auxílio oficial. Promove cultos pela paz, e o envio de dinheiro em ocasiões especiais à Coréia do Sul. Como em 1975, o Vietnã do Sul passou para um governo comunista, foi realizada uma remessa para cobrir parte das despesas de defesa da Coréia.[36)]

A associação, também adquiriu um terreno de 42 alqueires, em Moji das Cruzes, que, com o tempo, se transformou em cemitério.[37)]

Apesar da relativa unificação das igrejas, através da Associação, a disputa entre os diferentes ramos continua sendo uma realidade: na ânsia de atrair o maior número possível de adeptos, elas procuram marcar presença, tanto no desembarque do imigrante no aeroporto, quanto junto aos clandestinos, não se recusando a auxiliá-los.

Sabendo desse apoio e contando com ele, imigrantes estabelecidos em países vizinhos, no Paraguai, na Bolívia ou Chile, atravessam as fronteiras sem planos ou projetos certos, e chegando aqui, até se estabelecerem, ficam nas igrejas, o que muitas vezes serviu de crítica por parte da própria comunidade coreana, que as acusa de estimular a clandestinidade.

Algumas igrejas mantêm vínculo com igrejas da Coréia ou dos EUA, se ajudando mutuamente em ocasiões especiais.

Há nítidas diferenças, entretanto, entre as igrejas coreanas nos Estados Unidos e no Brasil além das que já citamos, lembramos que os membros dela (dos EUA) são muito mais politizados que os daqui.

O pastor Yong Shik Kim, após permanecer em São Paulo 12 anos, analisando as igrejas

coreanas da capital, destacou algumas características positivas e outras negativas.

Entre as positivas, citou a centralização das igrejas; a promoção de reuniões e de programas com a participação voluntária da comunidade; a freqüência com que são convocados seus membros para orar; o desejo sincero dos mesmos em promover a evangelização; a doação espontânea de dinheiro e de tempo por parte dos fiéis, e a fé, que a cada dia é posta à prova diante dos problemas a enfrentar.

Por outro lado, lamentou o fato de nem sempre haver correspondência nas atitudes dos fiéis enquanto membros das igrejas e o seu comportamento na vida cotidiana; o sistema de uma igreja procurar atrair elementos de outra, para aumentar o número de fiéis, provocando desentendimentos dentro da comunidade, e contribuindo, indiretamente, para aumentar a rivalidade entre os pastores, com prejuízo para o desenvolvimento da cooperação entre as igrejas.

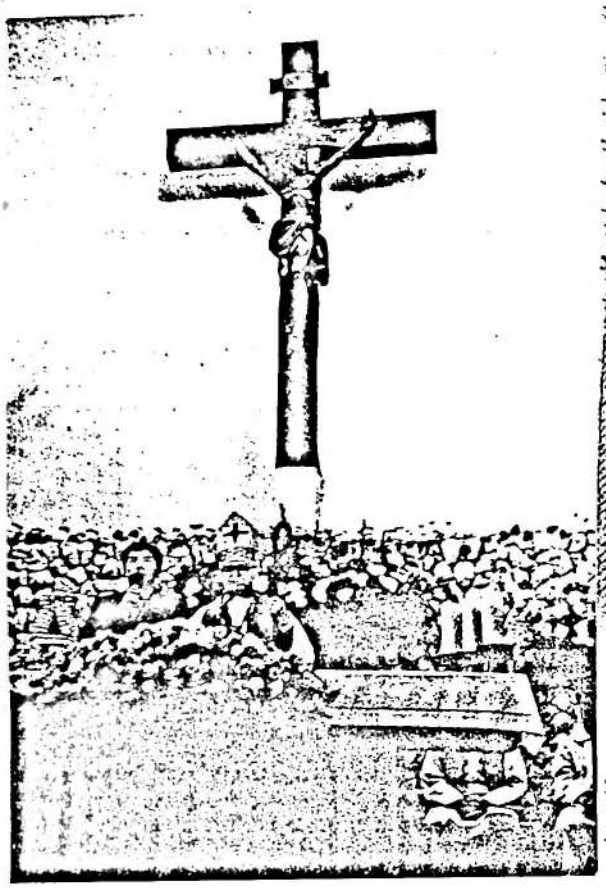
Para Kim, se individualmente os coreanos podem ser considerados fortes, em grupo já não se pode dizer a mesma coisa, destacando a dificuldade de entendimento observada entre os fiéis, em conseqüência, acredita ele, de um traço psicológico, característico do povo coreano, a facilidade de se irritação. Também, se uma igreja isolada tem uma certa força, ela se vê muitas vezes diminuída quando se une a outras, e por fim, aponta, como um dos pontos criticáveis dos coreanos, sua tendência de não cumprir exatamente aquilo a que se determinaram a princípio.[38)]

Dentre os problemas enfrentados pelas igrejas, um dos mais comuns é o fato dos pastores não falarem a língua portuguesa, e, inclusive, manterem poucos contatos com a cultura local, além de não possuírem a qualificação necessária para o desempenho de funções em situação delicadas.

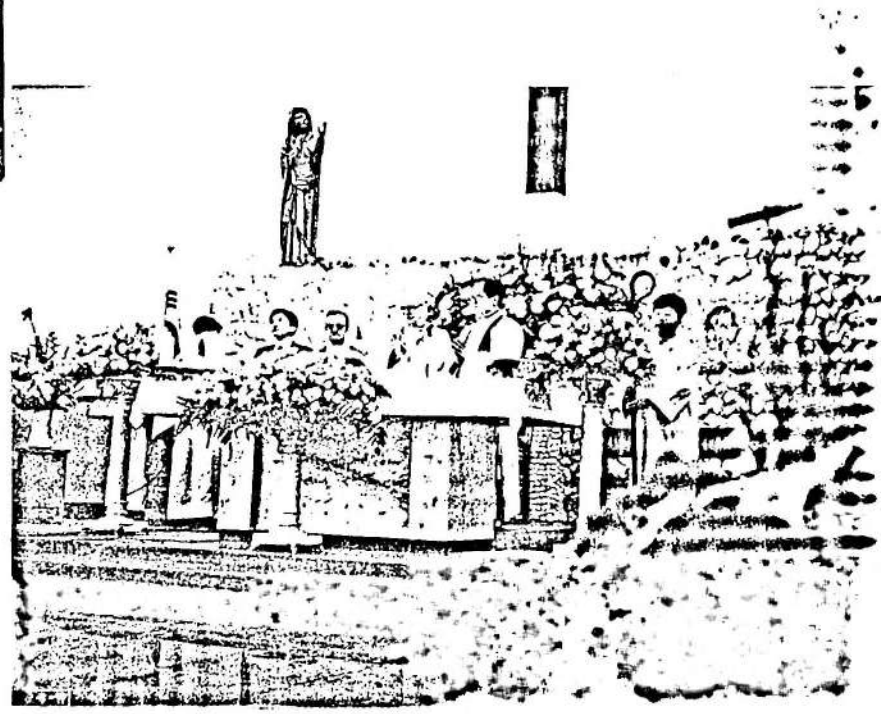
Por outro lado, o fato das igrejas serem controladas e dominadas pelos presbíteros, pode retirar a autoridade moral dos pastores.

Muitas comunidades religiosas se preocuparam em marcar a sua existência com a construção de sedes, locais para culto e repouso dos fiéis, e hoje, 25 das igrejas coreanas da cidade de São Paulo e arredores possuem sede própria, locais para culto e repouso, sendo que cinco delas contam, inclusive, com área para acampamento. Esses locais são muito importantes para os idosos e para os jovens que têm oportunidade de

FOTO - 17







Igreja Católica coreana
Visita de Dom Paulo Evaristo Arns à Paróquia Nossa Senhora Rainha em 1989

cultivar amizades e participar de programaçõos voltadas para eles.

Há ainda outro problema, o falta de professores bilíngües, devidamente preparados para transmitir às crianças e aos jovens noções da cultura e língua coreanas. Exceção à regra são os quatro pastores que, como ex-prisioneiros, chegaram em 1956, e que durante sua permanência no país, se dedicaram à evangelização de brasileiros. Dado o domínio da língua portuguesa e devido a sua maior adaptação à sociedade brasileira, eles foram convidados para ser em encarregados do setor de educação das igrejas a que estão ligados. A maioria dos que têm vontade de participar nas atividades de evangelização possui poucos recursos bíblicos e lingüísticos.

Na medida em que as igrejas conseguiram estabilidade sócio-econômica, puderam iniciar outros projetos. Um deles foi a fundação de escolas de Teologia de nível superior, que estão funcionando desde 1985, em número de três. Outro foi o da edição de uma Bíblia bilíngue, contendo o Novo Testamento e os Salmos, coordenada pelo pastor Sung Je Kang, em 1987. Neste ano chegaram ao Brasil 5.000 exemplares da obra, destinada à evangelização dos jovens.[39)]

5.2. IGREJA CATÓLICA A PARÓQUIA N. SRA. RAINHA DOS COREANOS

Como vimos anteriormente, a quinta leva oficial dos imigrantes coreanos, de 1965, foi organizada pelo padre Ul Soo Yeun, da Igreja Católica da Coréia.

Na Fazenda *'Santa Maria'* os imigrantes contaram com a presença dos padres Dae Il Chang e Hoi Sun Kim, que ali permaneceram para ajudá-los. Com a mudança dos imigrantes coreanos da fazenda para a cidade de São Paulo, muitos deles manifestaram desejo de freqüentar as igrejas católicas. Os padres das igrejas São Gonçalo e Nossa Senhora da Paz ajudaram muito os coreanos e, em 1969, com a permissão do Cardeal Dom Agnelo Rossi, foi destacado um missionário franciscano, Antônio Nargi, como responsável pelos imigrantes católicos coreanos aqui radicados.

A irmã Juliana, coreana, que estava trabalhando para a Igreja Católica Japonesa desde abril de 1967, no interior de São Paulo, mudou-se para a capital, para dar assistência aos conterrâneos. Na mesma ocasião, em novembro de 1969, foi enviada pela Igreja Católica da

Coréia, a irmã Angela Kim.

Até possuírem um prédio próprio. os coreanos católicos continuaram a freqüentar outras paróquias. Em 5 de dezembro de 1980 compraram um edifício na rua Agostinho Gomes, 313, no Ipiranga, por US$120.000,00 dólares e o doaram para a paróquia. O prédio era uma antiga fábrica, com 980 m^2, que foi ampliado, com a compra de edifícios vizinhos, em 1983, por US$35.000,00 dólares.[40]

As atividades da Igreja Católica são semelhante com às das demais igrejas para a promoção qualitativa dos fiéis: repara eventos – que podem atingir à quantidade de 20 por ano – como seminários, treinamentos, retiros, missas ao ar livre e jogos ao ar livre apropriados aos seus sub-grupos. A preocupação maior é a proteção dos jovens da delinqüência e do desvio para o crime. Por isso, em cada final de semana, alugam campos de futebol ou vôlei para seus jovens.

Para as crianças, em 4 de fevereiro de 1985, foi inaugurada uma escola anexa, Dae Kun, com o objetivo de ensinar a língua coreana e transmitir aos seus membros noções de cultura, e desde 15 de agosto de 1986, mantém contato com a escola primária da Universidade Nacional de Seul. O número atual dos estudantes que a freqüentam chega a 270, sendo uma das maiores escolas dominicais.

Os católicos coreanos contavam, em seu início, com 50 membros, e hoje, suas 652 famílias somam 2.691 fiéis. A igreja, não somente se preocupa com os problemas dos fiéis coreanos, mas também procura participar positivamente de atividades sociais dos brasileiros.[41]

A igreja católica, que possibilitou a vinda dos coreanos da quinta leva, desempenha hoje seu papel de intermediária entre os dois países: em 1984, recebeu a visita do arcebispo coreano Soo Hwan Kim e, em 1989, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns embarcou para a Coréia. Através desse canal, acredita-se que poderá contribuir para diminuir a distância entre os dois países.

5.3. O TEMPLO BUDISTA

Existiam, até 1988, dois templos budistas coreanos em São Paulo: "Kwan Um" e "Jin Kak", hoje, apenas o último ainda se encontra em atividade. Comparando com as igrejas protestantes, eles surgiram com certo atraso. Na verdade, a inauguração do templo coreano em São Paulo tem sua origem ligada às atividades de monges nos EUA, onde o primeiro templo foi fundado, no Havaí, em 1975.[42]

Um dos monges, Young Un, que ali vivia, veio ao Brasil como turista, e durante sua viagem, em 1983, foi fundado o primeiro templo budista, "Kwan Um", em São Paulo. Dado o entusiasmo dos crentes budistas sul-americanos, ele estendeu suas atividades ao Chile, à Argentina e ao Paraguai.[43]

Em São Paulo, surgiu entre os budistas um movimento no sentido de fundar um templo diretamente ligado com o centro "Cho Kye" de Budismo da Coréia. Uma vez aceita a proposta, foi inaugurado, em 10 de abril de 1988, outro templo: "Jin Kak",[44] designado como o Centro de Propagação do Budismo, "Hong Bup Won" da América Latina. O Centro do Budismo da Coréia, enviou ao Brasil o monge Hae Wan.

O primeiro templo "Kwan Um" era mantido por alguns fiéis que, todavia, não conseguiram fazê-lo por muito tempo, fechando suas portas em 1988. A maioria dos seus membros se mudou para o templo "Jin Kak", e com isso, o número dos membros registrados nele passou para 80. Aos domingos, o número de participantes tem variado, ficando em torno de 30 pessoas.

As atividades atuais do templo se resumem ao culto geral aos domingos e nas primeiras semanas do mês; culto de reza e culto especial, atendendo às solicitações de seus membros.

Esse templo, ao que consta, pretende realizar a propagação de sua crença a partir da construção de um Centro de Budismo para o ensino da Meditação Zen, do próprio Budismo, de Yoga, de abstinência, de arranjos florais (*ikebana*) e de caligrafia. Outro projeto em curso é a construção de um templo tradicional, com ginásio e um instituto de educação para acomodar os futuros membros.[45] A esperança dos membros do templo é que muitos dos atuais freqüentadores das igrejas protestantes e católicas retornem ao Budismo. Muitos budistas freqüentavam as igrejas protestantes ou católicas, no início, por não haver templos

budistas coreanos no Brasil. Além do mais, como o funcionamento das escolas protestantes é organizado e tem apresentado resultados positivos, muitos filhos de famílias budistas participam das igrejas protestantes.

As razões que levam as pessaos a retornarem ao Budismo, além da existência do templo, é tanto a não exigência de dízimos (usual nas igrejas protestantes e na católica), como a sensação de familiaridade. Os idosos, principalmente, que se sintam isolados e prejudicados, nele se reencontram com sua cultura, sua língua, sua comida e com o respeito que teriam em sua terra natal.

Cap.V

1) WON, Hyung Kuk – O Sonho de Continente Terra [大地의 꿈], Seul, Ed. Yerusalém, 1988.

2) Depoimento de Ung Seo Oh, entre fevereiro e maio de 1989.

3) A região norte da Coréia recebeu o Protestantismo através da China mais cedo do que as outras regiões.

4) YOON, Myung Sup – "Dez dias 8/17 de janeiro de 1963 da viagem no navio dos imigrantes coreanos ao Brasil no oceano da Índia – Do Penão até Moçambique" (브라질 이민선에서 – 10일간의 인도양 항해), Chosun Ilbo, Seul, 18 janeiro de 1963.

5) Depoimento de Ung Seo Oh.

6) Hankook Ilbo, Seul, 25 maio de 1963.

7) WHONG, Moon Kyoo – The Korean Immigrant Churches in Brazil and Their Mission [브라질의 한국인 이민 교회와 선교]. Virginia, The faculty of Union Theological Seminary, 1983. Também foi interpretado em coreano pelo The presbyterian Church of Korea Department of Education em 1983. p.67.

8) HYUN, Kyu Hwan – A História Geral da Emigração Coreana [韓國流移民史(下)]. Seul, Ed. Samwha, 1976, p.1033.

9) Ele veio ao Brasil como prisioneiro de guerra em 1956 e se tornou pastor.

10) Os dados sobre essa igreja são seguintes:
Nome: "Igreja Presbiteriano Unida Coreana de São Paulo",
Presidente: Myung Chul Moon,
Membros: Eun Chang Byun (pastor), Soon Kook Kwon (presbítero) e posteriomente foi acrescentado Jung Sup Lim e Soo Baik Kim, Secretária: Sung Hwan Kim, Diáconos desginados: [7homens]: Ki Sun Choi, Sung Jin Kim, Suk Jae Lee, Nam Han Cho, Sung Chul Joo, Bong Puk Cha, Suk Jin Kang, [9 mulheres]: Chang Jin Kim, Mae Sil Kim, Sae Jin Kim, Myung Joo Lee, Hyun Joo Chang, Kyung Hee Kim, Soo Un Kang, Hun Soon Chang, Shin Duk Cha.

11) Atualmente mora nos Estados Unidos, onde exerce função de pastor.

12) WHONG, Moon Kyoo – op.cit, p.68.

13) Presidente provisório: Soon Kook Kwon.
Diáconos designados: Nam Hum Cho, Inn Kil Lee, Jae Sung Suh, Sung Chul Joo, Ki Sun Choi,Suk Jae Lee. Depois entraram Kwang Soon Kio, Young Bok Joo, Jae Sung Kang.
Segundo o livro de Moon Kyu Whong (p.71), houve uma tentativa de reunificação das duas igrejas em torno do famoso e respeitado pastor Kyung Jik Han, da Igreja "Young Lak" de Seul. Ele esteve no Brasil após participar da Conferência Internacional das Igrejas, realizada em 1966, na Argentina. Porém, o esforço naquele sentido foi em vão. Os dois grupos eram igualmente poderosos contando com praticamente o mesmo número de membros: 128 a Igreja Coreana Central e 116 a Igreja Presbiteriana Coreana Unida.

14) WHONG, Moon Kyoo, op.cit., p.87.
Em 26 de fevereiro de 1967, o pastor Kil Soo Chung foi convidado pela Igreja Coreana Central. Um atrito com o presbítero Soon Kook Kwon em 12 de maio de 1968 levou Chung a pedir sua demissão. Fundou a sua própria igreja, denominada Igreja Presbiteriana Coreana de São Paulo. Em 1968, dentro da comunidade coreana, composta por 3.000 pessoas, havia três igrejas. (idem., p.71)

15) Han In [韓人]. São Paulo, Igreja Presbiteriana Coreana Brasil, 1989.
Agenda das associações das igrejas protestantes coreanas no Brasil, São Paulo, Associação dos Pastores de Igrejas Coreanas, 1988.
E mais dados fornecidos pelo Reverendo Sung Chul Kang.

16) Depoimento do pastor Sung Chul Kang, em agosto de 1989.

17) HYUN, Kyu Hwan – op.cit., p.1031.

18) WHONG, Moon Kyoo – op.cit., p.70.

19) HYUN, Kyo Hwan – op.cit., p.1034.

20) WHONG, Moon Kyu – op.cit., p.70.

21) Idem., ibidem., p.100.

22) Choson Ilbo, São Paulo, 21 agosto de 1990.

23) WHONG, Moon Kyoo – op.cit., pp.80-84.

24) idem., ibidem., p.44.

25) Ministry of Education, Republic of Korea – "Relilgious Population. Table 1-2". Education in Korea 1989-1990. Seul, Ministry of Education, 1990, p.16.

26) Depoimento de pastor Sung Chul Kang, em setembro de 1989.

27) Total de elementos consultados: 86.

28) WHONG, Moon Kyoo – op.cit.

29) idem., ibidem.

30) Depoimento de Young Ja Chang Kim, em fevereiro de 1989.

31) Depoimento de pastor Seo Kyun Shin, em fevereiro de 1989.

32) Depoimento de Young Ja Chang Kim, em fevereiro de 1989.

33) Até pouco tempo atrás, era comum na Coréia os nubentes serem apresentados por uma terceira pessoa. Tal apresentação é conhecida por *Sun*, em coreano, ou *Miai*, em japonês. Cabia ao intermediário não só fazer as apresentações como escolher as partes, para o que levavam em conta a tradição da família, o nível educacional, a situação econômica, a idade e altura dos interessados.

34) Depoimento de Missionária Byung Hwa Lee, em setembro de 1989.

35) Depoimento de Presbítero Jung Sam Ahn, em fevereiro de 1989.

36) Em 28 de julho do 1975, contratado por Cz$680.000,00 cruzeiros. Foi apoiado em Cz$100.000,00 cruzeiros pelo grupo 'Evangelização do Brasil', que pertence à Igreja Presbisteriana nos Estados Unidos. (WHONG, Moon Kyoo, op.cit., p.98)

37) Veja o livro de Hyung Kook Won – op.cit.

38) KIM, Young Shik – The image of pastor in the Korean immigrant church in Brasil, Fuller Theological Seminary Pasadena, na Califórnia, Spring, 1988. (Paper)

39) Choson Ilbo, São Paulo, 29 Junho de 1990.

40) Dados sobre história da Igreja Católica Coreana, Paróquia N. Sra. Rainha e seus sub-orgãos. São Paulo, Igreja Católica Coreana Paróquia N. Sra. Rainha, em 1988.
Se bem que para a igreja protestante coreana, no Brasil, o período de 1973/79 é tido como o de seu crescimento, isto não ocorria ainda com a Igreja Católica Coreana no Brasil.

41) Depoimento de padre Dong Uk Kim, em março de 1990.

42) LEE, Kwanag Kyu – Os Coreanos nos Estados Unidos [在美韓國人], Seul Ed. IlChokak, 1989, p.155.

43) No Paraguai, em fevereiro de 1988, ele chegou a fundar outro templo chamado "Talma".

44) Localiza-se na R. São Daniel 14, no Bairro da Saúde.

45) CHOI, Jung Hee – O Budismo Coreano dentro do Mundo, Jornal Budista [불교신문], 27 julho de 1988.

Cap.VI - ASSOCIAÇÕES CIVIS COREANAS E A MÍDIA

6.1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS COREANOS

Da Associação Brasileira dos Coreanos fazem parte todos os imigrantes coreanos que moram no Brasil, e foi fundada na cidade de São Paulo. Seus membros gozam de igualdade de direitos e se reúnem de forma não hierarquizada.

A história da Associação Brasileira dos Coreanos nos permitiu ver de maneira clara a instabilidade da comunidade no início de seu estabelecimento no Brasil. Múltiplas divergências entre os imigrantes e o órgão oficial marcou a fase inicial de seu estabelecimento. Analisando as divergências, pudemos perceber as questões nucleares da comunidade, bem como até que ponto os aspectos psicológicos interferiram na vida dos imigrantes coreanos.

Ainda hoje, o Consulado Geral da República da Coréia do Sul em São Paulo é uma organização poderosa e influente: tem dirigido, financiado, subsidiado, e mantido ligações com as principais atividades comunitárias. Essa influência é possível graças à interação entre comunidade e governo coreano, pois a maioria dos imigrantes coreanos mantém ainda sua cidadania. Mesmo os naturalizados brasileios, são vistos como "coreanos no exterior" pelo governo.

O governo coreano considera os "coreanos no exterior" como cidadãos que precisam de cuidados constantes e proteção. Assim sendo, tenta dar o que considera a orientação correta e influir na educação das crianças e jovens. Por outro lado, a maioria dos imigrantes costumam se manter fiel ao governo, e por extensão, ao Consulado, seu representante.

Nos primeiros anos da década de sessenta, era muito marcante a diferença entre os dois países, Coréia e Brasil, embora ambos estivessem sob regime militar. Na Coréia, o povo não via perspectivas de prosperidade para o futuro, via somente a escuridão diante de todos, e se culpava o governo pela miséria a que estava sujeita a sociedade. Daí ter sido muito violenta a reação, de alguns imigrantes, no Brasil, diante das interferências

Cap.VI - ASSOCIAÇÕES CIVIS COREANAS E A MÍDIA

6.1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS COREANOS

Da Associação Brasileira dos Coreanos fazem parte todos os imigrantes coreanos que moram no Brasil, e foi fundada na cidade de São Paulo. Seus membros gozam de igualdade de direitos e se reúnem de forma não hierarquizada.

A história da Associação Brasileira dos Coreanos nos permitiu ver de maneira clara a instabilidade da comunidade no início de seu estabelecimento no Brasil. Múltiplas divergências entre os imigrantes e o órgão oficial marcou a fase inicial de seu estabelecimento. Analisando as divergências, pudemos perceber as questões nucleares da comunidade, bem como até que ponto os aspectos psicológicos interferiram na vida dos imigrantes coreanos.

Ainda hoje, o Consulado Geral da República da Coréia do Sul em São Paulo é uma organização poderosa e influente: tem dirigido, financiado, subsidiado, e mantido ligações com as principais atividades comunitárias. Essa influência é possível graças à interação entre comunidade e governo coreano, pois a maioria dos imigrantes coreanos mantém ainda sua cidadania. Mesmo os naturalizados brasileios, são vistos como "coreanos no exterior" pelo governo.

O governo coreano considera os "coreanos no exterior" como cidadãos que precisam de cuidados constantes e proteção. Assim sendo, tenta dar o que considera a orientação correta e influir na educação das crianças e jovens. Por outro lado, a maioria dos imigrantes costumam se manter fiel ao governo, e por extensão, ao Consulado, seu representante.

Nos primeiros anos da década de sessenta, era muito marcante a diferença entre os dois países, Coréia e Brasil, embora ambos estivessem sob regime militar. Na Coréia, o povo não via perspectivas de prosperidade para o futuro, via somente a escuridão diante de todos, e se culpava o governo pela miséria a que estava sujeita a sociedade. Daí ter sido muito violenta a reação, de alguns imigrantes, no Brasil, diante das interferências

em suas vidas por parte da embaixada coreana.

Quando a Primeira Delegação Cultural chegou ao Brasil em 1961, seus membros organizaram um grupo com os conterrâneos que aqui estavam. Nele tomaram parte tanto os ex-prisioneiros de guerra, como os coreanos naturalizados japoneses. O iniciativa do governo coreano foi recebida com grande alegria pelos imigrantes. Segundo Kwang Soon Ko: "naquela época, embora não tenha trabalhado tanto pelos coreanos, eu acho que o sentido de associação dos conterrâneos era grande, porque as pessoas co-participavam da consciência de pertencerem ao mesmo povo - uma raça pura (não misturada com outro sangue), ajudando, cooperando e dividindo as dores e as alegrias entre si."[1]

Com a instalação no Rio de Janeiro em 1962, da Embaixada da República da Coréia do Sul, e a chegada da primeira leva oficial de imigrantes em 1963, o referido grupo foi transformado em uma Associação, que contou com o apoio da própria embaixada, interessada em facilitar a sua comunicação com a comunidade coreana.

Como a maior parte dos coreanos residia em São Paulo, a embaixada sugeriu que a sede da Associação fosse na capital paulista, e com o nome de Associação Brasileira dos Coreanos,[2] ela foi fundada em 1963, localizada na rua Conde de Sarzedas, 158. Era então embaixador Dong Jin Park.

Os 14 membros da Primeira Delegação Cultural e os 11 viajantes que acompanharam a primeira leva de imigrantes oficiais procuraram, depois de estabelecidos, um meio de trazer seus familiares, e como tinham apenas vistos de turistas, a Associação se encarregou de providenciar os vistos permanentes e a vinda das respectivas famílias.

Foi escolhido como presidente da Associação, Chang Soo Kim, que logo foi substituído pelo coronel reformado, Sung Yup Han,[3] também interessado em trazer seus familiares e adquirir visto permanente. Nos primeiros cinco anos foram poucas as atividades dela, dado o reduzido número de imigrantes e à óbvia preocupação dos seus membros com a própria sobrevivência.

Com o aumento do número de imigrantes, as atividades foram sendo ampliadas, sobretudo entre 1964 e 1966, com a chegada de cerca de 1.000 clandestinos, vindos da Bolívia e do Paraguai. Tal chegada representou o início de uma série de problemas para a comunidade coreana em geral. Tradicionalmente, na Coréia, o povo tem para com o militar uma atitude

de respeito e temor, comportamento que fez parte do *background* do imigrante coreano que emigrou para o Brasil, e veio sendo explorado pelos cônsules e ex-oficiais, que visavam manter suas posições de liderança.

A Associação era controlada pela Embaixada, de quem recebia um subsídio de 150 dólares mensais, e para tornar ainda mais estreito o laço entre as partes, cabe notar que entre os primeiros imigrantes, os ex-militares, cooperaram com aquele órgão oficial, na esperança de reconquistar o *status* e o poder perdidos quando do golpe militar de 1961, guardadas as devidas proporções. Enquanto membros efetivos da Associação, eles mantiveram um estilo hierárquico e autoritário. Havia entre os coreanos os pró-governo, ex-militáres e os que eram anti-governo, os protestantes.

Como a situação dos imigrantes coreanos era instável, brigas, conflitos e atritos eram freqüentes dentro da comunidade. Em 1967, por exemplo, quando da aproximação da sexta eleição para a presidência da Associação, começou uma disputa acirrada. Crescia, na ocasião, o desespero entre os clandestinos, em razão de sua situação irregular no Brasil, contexto que favoreceu a eleição de Hong Ki Kim, ex-professor de inglês, que derrotou o então candidato oficial, um ex-coronel. Visto que prometera não só uma solução legal para os clandestinos, como criticara o descaso da Embaixada com relação ao assunto.[4]

Segundo suas palavras: "Devido ao pequeno número de coreanos existentes aqui, na época, o órgão oficial conseguia executar seu objetivo, através da ABC, pondo sempre um fantoche (o presidente eleito era escolhido pela embaixada) como seu presidente, que funcionava como executante das ordens do embaixador." E continua: "Aparentemente, a ABC foi criada com o intuito de amparar imigrantes e assegurar sua integração junto ao povo brasileiro. A segunda intenção, no entanto, foi manter um quisto sob o domínio da República da Coréia do Sul, um domínio feudalista da embaixada, que confundiu a nossa atual era universal com a era feudalista."[5]

Durante dois meses, devido ao conflito, a nova diretoria não conseguiu receber os documentos e assumir os processos e responsabilidades, em razão do impedimento imposto pela própria Embaixada da Coréia.

Nesse interim, surgiu uma outra sociedade, também sob orientação da Embaixada, para a construção do edifício da Associação Cultural (AC). Jong Sup Lim foi eleito presidente da

mesma.[6] Esta era a segunda associação coreana no Brasil e, com ela houve uma quebra na unidade da comunidade.

Tais associações passaram a ser identificadas pelos coreanos como "grupo conservador", enquanto membros da AC e "grupo inovador", quando membros da ABC.

Para um dos imigrantes: "O grupo conservador era constituído pelos ex-militares que tinham vontade de demonstrar seu amor pela pátria, caso tivessem oportunidade no futuro. O grupo inovador era formado por pessoas que, desligadas do governo coreano, criticavam livremente a Coréia."[7]

Embora a Embaixada não tenha reconhecido a nova diretoria da ABC e tenha cortado o subsídio mensal de US$150,00 dólares,[8] Hong Ki Kim, organizou uma Comissão de Aquisição de Documentos e começou a coordenar o processo necessário para resolver o problema dos clandestinos.

Segundo dados do Instituto de Emigrantes Coreanos podemos imaginar como era na ocasião, a situação da colônia coreana: "A Embaixada da Coréia, incerta da possibilidade de resolver o problema através da ABC, ameaçou aquela Associação, para não provocar o governo brasileiro a tomar medidas visando a deportação dos coreanos que não tivessem sua situação legalizada até então, para que pudessem continuar vivendo clandestinamente no Brasil".[9]

Aos poucos, começou a ser vislumbrada a possibilidade de legalização, e surgiram muitos rumores entre os imigrantes. A Embaixada da Coréia teria enviado ao Itamarati uma solicitação no sentido de que fosse suspenso o processo então em tramitação feito pela ABC. Ao mesmo tempo, o Itamarati e a Embaixada teriam solicitado aos países vizinhos ao Brasil que suspendessem 'a emissão de visto temporário para os coreanos'.[10]

O governo brasileiro, em 1969, concedeu a primeira anistia após a Segunda Guerra Mundial a todos os clandestinos, pelo Decreto-lei N.941, de 13 de outubro, legitimando a presença dos estrangeiros interessados em permanecer no país.

Por ter havido coincidência de datas entre as atividades da ABC e a anistia geral concedida pelo governo, os coreanos foram levados a crer que seus problemas estavam sendo resolvidos única e exclusivamente pelos esforços do então presidente da ABC.

Segundo ele: "Eu tive certeza que nós conseguiríamos. Naquele momento, existiam

muitos clandestinos chineses e japoneses, além dos coreanos. Algumas pessoas criticaram-me alegando que outros órgãos oficiais da China (Taiwan) e do Japão não o haviam conseguido. E me disseram: 'Você, nem mesmo sendo membro de órgão oficial da República da Coréia conseguiria. Imagine sendo um civil.' Mas eu me dediquei, achando que esse tipo de trabalho só poderia ser resolvido pelo órgão civil, não pelo órgão oficial."[11]

Desse momento em diante, a situação interna da associação foi se agravando cada vez mais: o novo Embaixador, Chang Kuk Chang, ex-general, que chegou em junho de 1968, em sua primeira reunião com o presidente da ABC, colocou exigências: a primeira, o reconhecimento do fato da resolução do problema dos clandestinos estar sendo feita pela Embaixada, e a segunda, o reconhecimento da existência da AC. Caso contrário, a Embaixada cortaria toda a relação com a ABC, inclusive o subsídio de US$150,00 dólares. Houve aceitação apenas da primeira exigência e o conflito continuou.

Hong Ki Kim foi mais uma vez reeleito em 1968, para exercer a sétima presidência da ABC, e um jornal local comentou: "A atuação predominantemente democrática e humana do professor Kim, responsável pelo progresso crescente da ABC - que tão bem se adaptou à sociedade paulistana - assegurou-lhe a reeleição para a presidência da Entidade, por consagradora maioria, pois, contou com 93% dos votantes."[12] A embaixada, no entanto, era contra sua reeleição, e resolveu formar, de maneira indireta, uma outra associação, que pudesse canalizar os seus objetivos e continuar a manter o controle sobre a comunidade, a Associação Cultural (AC). Tal fato representou um sério problema, pois acarretou uma divisão clara entre os coreanos.

Um ano depois, em 1969, a Embaixada concedeu à Associação Cultural, US$100.000,00 dólares de subsídio, para aquisição de um edifício, na rua Moacir de Costa, 342, no Ipiranga.[13]

A ABC criticou muito a atitude do governo coreano, alegando, entre outras coisas, que o edifício deveria ser propriedade dos imigrantes.

A referida aquisição só se tornou possível porque a quantia em questão foi recebida como se fosse doação dos próprios imigrantes. A associação funcionava como Consulado, processando a documentação civil dos imigrantes, e entre suas atividades, após estar instalada em sua sede própria, vale citar, a publicação do periódico O Som da AC.

Todavia, a existência dos conflitos entre a ABC e a Embaixada e entre as duas associações representaram um sério risco para a comunidade coreana como um todo. O ponto culminante do conflito ocorreu a 15 de agosto de 1969, data da Libertação da Coréia, que vinha sendo comemorada, anualmente, em São Paulo.

"...como em todos os anos, a Associação prepara a solenidade com um mês de antecedência, publicando o fato no jornal e enviando convites para as autoridades militares e civis brasileiras e a várias entidades estrangeiras. Nessa ocasião, justamente, faltando apenas 2 ou 3 dias para a data, a Embaixada também distribuiu convites (só para coreanos) e no dia 14, um dia antes da data, publicou convite no São Paulo Shinbun (Jornal da Colônia japonesa, impresso em caracteres chineses), anunciando que iria haver solenidade comemorativa na controvertida casa cultural dos coreanos no Ipiranga. Esse fato gerou dualidade de comemoração, provocando descontentamento da maioria dos coreanos."[14]

A realização da cerimônia em dois locais diferentes demonstra o conflito: A ABC realizou as comemorações na sede da associação dos italianos, com 600 convidados e imigrantes coreanos, enquanto a AC utilizou a sede da associação japonesa com apenas 70 pessoas. Após a cerimônia, na reunião geral da ABC, Hong Ki Kim renunciou ao cargo de presidente e, unanimemente, foi aprovada a moção para que a Assembléia fosse transferida para a "Casa dos Coreanos no Ipiranga", a fim de ser encontrada uma solução junto ao embaixador. Cerca de 150 pessoas participaram da assembléia; chegaram à "Casa Cultural", às 23,30 horas, e pediram ao cônsul Bo Yung Chung, como resolução unânime da assembléia, para que se comunicasse com o embaixador pelo telefone e relatasse a situação. Às 7 horas da manhã, o embaixador e o cônsul Chung finalmente conversaram. Esse fato foi negativamente divulgado na sociedade brasileira como: "quebrar móveis", "provocar violência", "roubar colher de prata", "seqüestrar o cônsul Chung" etc. Segundo o jornal Folha da Tarde, "Um grupo deles, comandados pelo chefe da ABC, Hong Ki Kim, invadiu o consulado da Coréia em São Paulo e seqüestrou o Cônsul Bo Yung, por 8 horas. Motivo: o consulado estava interferindo na vida dos imigrantes."[15]

Seis dias depois, representantes da ABC foram ao Rio de Janeiro para manifestar ao embaixador seu desagrado sobre o dia comemorativo da Libertação.[16] A embaixada tinha se

FOTO - 18









Protesto dos imigrantes coreanos
Em frente da Embaixada da República da Coréia do Sul no Rio de Janeiro em 1969.

preparado, com soldados armados para receber esses manifestantes, e novamente os acontecimentos mereceram espaço em jornais brasileiros, que divulgaram os atritos e as divergências na comunidade coreana. Em conseqüência, Hong Ki Kim esteve preso por dez dias, acusado de tentar seqüestrar o cônsul.[17] Outra acusação foi feita: o prof. Hong Ki Kim, coreano do norte, fizera curso de guerrilhas na China, na Bolívia e no Paraguai, tendo entrado ilegalmente no Brasil.[18]

As acusações mútuas passaram a ser trocadas pelos jornais. O Cônsul Chung, chefe do Consulado da Coréia em São Paulo, na tarde do dia 26 de fevereiro de 1970, convocou a rede de imprensa e, desejando esclarecer as divergências, distribuiu uma nota oficial, "Esclarecimento do Caso do Kim": "Movimento agitador de um grupo de cem coreanos que emigraram clandestinamente para o Brasil, utilizando a falsificação de documentos, desde o Canal de Suez até Foz do Iguaçu, no Brasil".

"Esse grupo de cem pessoas que provoca constantes conflitos dentro da colônia da Coréia do Sul em São Paulo - segundo o Cônsul - é dominado por Hong Ki, sob ameaça de denúncia à polícia, pelo porte de documentos falsificados, que o próprio Hong Ki falsifica."

"Sempre ameaçando denunciá-los à polícia, o líder do grupo forçou a ida dos cem coreanos ao Rio de Janeiro, para protestar contra o Consulado de São Paulo (sic). Muitos tiveram de abandonar o trabalho, mas temendo a denúncia, foram assim mesmo, atrapalhando sua vida e a de suas famílias"[19]

Hong Ki Kim, refutando as acusações que lhe foram feitas, assim se pronunciou: "Eu sou coreano do Norte; não vejo problema nenhum. O presidente e o primeiro ministro da Coréia do Sul são nortistas. Nasci em Pyung Yang, a capital do Norte, e fugi com minha família quando era ainda criança. Nunca passei pela China, Bolívia ou Paraguai. Se assim fosse, o governo brasileiro já teria me prendido e não aceitaria meu pedido de naturalização, como fez no ano passado. Cheguei ao Brasil em 25 de outubro de 1964, chefiando 450 coreanos que compunham a quarta leva emigratória para o Brasil, com visto permanente, reconhecido pelo Brasil e pela Coréia."[20]

Em seguida, passou a acusar de corruptos e contrabandistas as autoridades oficiais da

Coréia no Brasil. A revista Veja publicou, a respeito dos acontecimentos, matéria sob o título "Guerra de Coreanos": "Os coreanos são considerados, entre os povos do Extremo Oriente, os mais extrovertidos, os mais sociáveis, os menos apegados ao formalismo. Pelo seu temperamento, eles estariam mesmo mais próximos do espírito latino do que de seus vizinhos chineses e japoneses. Mas nem mesmo essas tendências naturais podem explicar os estranhos acontecimentos que nos últimos meses têm envolvido a colônia coreana no Brasil, especialmente a figura do seu cônsul em São Paulo, Bo Yung Chung. Na verdade, as atividades do cônsul Bo Chung estão fugindo cada vez mais dos tradicionais e rígidos padrões de vida de um diplomata. Em janeiro, quando um grupo de 150 coreanos desembarcou em São Paulo, num Boeing fretado da Air France, carregando uma quantidade suspeita de relógios, muita seda e algumas jóias, Bo Chung foi obrigado a explicar às autoridades alfandegárias que não se tratava de contrabando (a Aeronáutica havia recebido uma denúncia de que os 150 imigrantes eram contrabandistas financiados pelo próprio consulado) ".[21]

Em vista da situação o Embaixador se recusava a participar de qualquer atividade, relacionada a Hong Ki Kim. Chegou a declarar que ,"por defender interesses pessoais, ele é um claro exemplo de *ugly Korean* ('persona non grata'); 'dor de cabeça' do Consulado, por criar caso com o Itamarati, dando margem a reclamações contra os coreanos, colocando o governo da República da Coréia do Sul em situação difícil diante do governo brasileiro."[22]

Hong Ki Kim foi acusado de "terrorista", "comunista" e "contrabandista", por ter afirmado que "o cônsul e o próprio embaixador, no Rio, tentam manter os 4.000 coreanos do Brasil (quase 90% em São Paulo) num clima de terror; impedem que se naturalizem, desviam dinheiro que deveria ser empregado parsa ajudar a comunidade e mantêm uma espécie de 'Gestapo' encarregada de vigiar e eventualmente castigar os insubordinados." Segundo ele próprio, foi julgado três vezes pela Justiça Federal, Justiça Militar, pela Aeronáutica e pela Marinha.[23]

A esse respeito, encontramos no jornal O Estado de S.Paulo, uma declaração de Hong Ki Kim, nos seguintes termos: "Como a Coréia sempre esteve envolvida em guerras, ainda não aprendi o que é ser livre. E os coreanos que vieram para o Brasil também não mudaram de mentalidade: só sabem ser soberanos ou servos."[24]

Tais dados espelham a comunidade coreana: a hierarquia, o autoritarismo e a consciência dos privilégios, que são característicos de sua cultura, e vêm dificultando a formação de uma saudável solidariedade do povo, apenas provocando impotência e individualismo. Tais traços foram transplantados com os imigrantes, ao lado do desejo de liberdade.

Como diz Hong, "durante quatro anos de preparação da documentação para emigração, sentimos aversão ou mesmo asco ao poder central. Nós, emigrantes, saímos de lá buscando liberdade, indo em direção ao Brasil. Não queremos olhar para trás. Queremos viver livres do jugo coreano, integrando-nos na vida brasileira e não ser dependentes do órgão da Embaixada."[25)]

O principal motivo desse comportamento foi o inevitável desejo das autoridades coreanas de manter o poder em suas mãos.

Os ataques sofridos durante o período colonial e pós-independência fizeram com que o povo coreano se sentisse naturalmente dirigido por seus líderes.

Todavia, os imigrantes interpretavam qualquer intervenção em suas vidas como contrária à liberdade que eles tanto almejavam encontrar no Brasil. Por isso, os conflitos foram inevitáveis.

Diante do problema, surgiu uma terceira associação, cujo objetivo era unir as duas outras em conflito, Associação dos Representantes dos Imigrantes Coreanos no Brasil, e seu primeiro presidente foi Joo Ryp Kim.

Depois de alguns anos de negociações, em janeiro de 1977, as três associações se reuniram numa só, como desejavam os imigrantes coreanos.

Um dos fatores que contribuiu para tal união foi a necessidade de defender os imigrantes clandestinos. Em maio de 1977 a divergência terminou, e o acordo firmado previa a alternância, na presidência, de um membro de cada umas das associações anteriores.[26)] Não tendo sido respeitado o acordo, ressurgiram os conflitos.

Indiretamente, os interesses dos clandestinos foram prejudicados. O Embaixador Myung Shin Chae interveio e convocou 72 pessoas, das mais expressivas da comunidade, para reativar a ABC, e foi constituída uma comissão para normalizar a situação, o que foi aos poucos conseguido.[27)]

A clandestinidade era o principal fator de separação da comunidade coreana, e paradoxalmente o problema gerou a união do grupo.

Em países como Cuba, Argentina, Paraguai e Peru foram instalados órgãos oficiais da Coréia do Norte, e o governo norte-coreano se tornou presente.

Segundo Ung Seo Oh, "Os jornais ou periódicos publicados pela Coréia do Norte eram entregues nas residências dos imigrantes coreanos do Brasil sigilosamente. O órgão oficial da República da Coréia teve a preocupação de recolher esses materiais sem provocar escândalos na sociedade brasileira."[28] Mesmo longe da pátria, a vida dos "coreanos do exterior" tem sido dirigida pelo país de origem.

Os imigrantes, em ocasiões especiais, têm demonstrado que permanecem interessados nos acontecimentos da Península Coreana e que é seu desejo permanecerem ligados a ela. Por exemplo, muitos participaram do movimento de reencontro de famílias, cuja relação fora rompida por ocasião da Guerra da Coréia, com dispersão pela China, Ilhas Salinas e Coréia do Norte.

Quando, em 1983, a União Soviética derrubou o Jumbo, Boeing 747 da Korean Air Lines, com a morte de 269 pessoas,[29] a ABC organizou um movimento de protesto frente à Embaixada daquele país em Brasília.

Outro acontecimento importante para os coreanos foi a Olimpíada de Seul de 1988, e naquela ocasião, a ABC também se fez presente.

O atual edifício da Associação Brasileira dos Coreanos, localizado na Rua dos Parecis, 107, no bairro do Cambuci, próximo à "Vila Coreana", foi adquirido por US$560.000,00 dólares (Cz$14.000.000,00 cruzeiros) em 16 de maio de 1979, fruto da doação de imigrantes coreanos, US$10.150.000,00 cruzeiros; da venda da sede da AC, por Cr$400.000,00 cruzeiros e de um subsídio, no valor de US$150.000,00 dólares do governo da Coréia. Do total da quantia arrecadada, US$50.000,00 dólares foram depositados para uso futuro.

O cargo de presidente da ABC não é renumerado, por isso o seu titular tem que ser uma pessoa respeitada e economicamente bem sucedida, para poder se sustentar durante o desempenho de sua função.

A partir de 1984, a disputa pela presidência se tornou uma competição livre, em que

alguns candidatos chegaram a gastar cerca de US$300.000,00 dólares em campanha eleitoral, visitando casa por casa das famílias coreanas, oferecendo presentes, tais como: latas de óleo, frutas, chinelos, pequenas lembranças com o seu nome etc. Nas eleições de 1986 e 1988, nas quais votaram inclusive os clandestinos, houve cerca de 10.000 votantes.

O principal projeto da ABC é a construção de um edifício para a juventude, onde estão previstas biblioteca e quadras de esporte. A segunda preocupação é com a fundação de um banco, dado o franco desenvolvimento do número de coreanos em atividades econômicas. Para uma terceira etapa, a intenção é construir uma escola coreana, de acordo com as exigências do Ministério da Educação do Brasil. Esses três projetos foram anunciados pelo atual presidente da ABC, quando de sua posse. Em dois anos de gestão é praticamente impossível, entretanto, que consiga realizar tudo o que pretende. Realizou uma das suas propostas: construiu um centro esportivo para os coreanos durante a sua gestão, o atual Parque dos Coreanos, situado em Mogi das Cruzes, e mudou sua denominação para Centro Esportivo dos Coreanos: foram construídos nele quadras para futebol, basquete, vôlei e tênis, além de uma casa típica da Coréia. Nesta casa serão realizados jogos tradicionais. Além disso, foi comprado um clube em Riacho Grande para substituir o Parque dos Coreanos.[30]

6.2. OS OUTROS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

No Brasil, pela sua imigração recente, os coreanos estão ainda vivenciando os problemas das fases de contato de culturas diferentes e competição para se firmarem na nova sociedade. Assim sendo, embora a caminho de uma futura assimilação, não chegaram a essa fase, se sentindo marginalizados dentro da sociedade brasileira e ligados ainda à mãe pátria. Por isso, eles formam vários grupos para não se sentirem solitários, reforçando a tradição coreana de associação.

Os grupos de convivência[31] podem ser classificados em dois tipos: os que visam uma relação entre os imigrantes e os que buscam maior intercâmbio entre os imigrantes e a sociedade receptora. Os coreanos costumam reunir-se em associações das mais diversas naturezas. Em São Paulo, a ABC é a mais importante, e muitas das associações funcionam

sob sua supervisão, havendo também as que são independentes.[32] Por isso, podemos dizer que existem muitos que fazem parte do primeiro tipo da classificação. Curiosamente porém, é muito difícil achar, dentro da comunidade coreana, algum grupo que possa ser classificado como segundo caso, e tal fato tem contribuído para o surgimento do etnocentrismo.

Nas associações coreanas é grande o número dos grupos de amizade comparado com o número total de coreanos no Brasil. Além da Associação Brasileira dos Veteranos Coreanos, das associações de ex-alunos, os grupos esportivos bem organizados contribuem não só para o bem estar físico do imigrante mas também para o encontro de amigos. Os esportes golfe, tênis ou beisebol são praticados pelos imigrantes, de acordo com a idade.

Pela sua importância junto à comunidade, vale destacar o grupo de Taekwondo. Diferentemente dos demais, os membros da Associação Coreana de Taekwondo são professores da referida modalidade esportiva, desde o início da década de setenta, e estão espalhados pelo Brasil, se empenhando no ensino da arte marcial coreana, contribuindo para a divulgação da cultura e da língua. As atividades dos professores de Taekwondo demonstram a dedicação à comunidade coreana e à sociedade brasileira. Dentre todas as oito Associações Brasileiras de Coreanos existentes no Brasil, nada menos do que seis tiveram seus presidentes eleitos entre professores de Taekwondo, o que é expressão de seu destaque na comunidade.

Também a partir de 10 de maio de 1983 o curso de arte marcial foi introduzido na Polícia Federal do Brasil, com o propósito de ajudar o desempenho dos policiais sem necessidade do emprego de arma.[33] O Taekwondo, com sua parte filosófica, tem propensão de se tornar uma modalidade esportiva, mas é tido no Brasil, como arte e esporte. Em 1988 foi aceito como esporte nas Olimpíadas de Seul, e há no Brasil cerca de 150 a 200 academias.[34]

Ao contrário dos imigrantes japoneses, que se reúnem em associações de acordo com a província de origem, e chineses, que levam em conta os laços de parentesco, os coreanos se reúnem levando em conta os colégios e as universidades freqüentadas na pátria. Segundo a Agenda Comercial Coreana, o número das associações de ex-alunos do ginásio ou do

colégio é de dezessete e das universidade é de doze.[35]

Na comunidade coreana existe apenas uma associação feminina de ex-alunas do colégio "Jung Ang". Esse fato demonstra que não tem havido interesse maior das coreanas no Brasil em manterem relações sociais e de amizade, embora auxiliem os maridos em atividades comerciais.

Na associação de ex-alunos - em que há maior intimidade entre os membros - formam-se Kye ou são expedidos convites por ocasião das festas. Assim, a associação de ex-alunos funciona como um grupo semelhante àquele de parentesco.

Essas associações são muito importantes para seus membros. Sente-se dentro de uma comunidade que há pelo menos um ponto em comum, isto é, o fato de terem estudado em um mesmo colégio ou universidade. Para os coreanos, esse pormenor é muito importante, não só no próprio país de origem, como em qualquer lugar onde estejam,[36] fazendo parte de sua maneira de ser.

6.3. MÍDIA ÉTNICA, MECANISMO DE INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE COREANA

As igrejas e os restaurantes são os locais em que se realizam as principais atividades da comunidade: os restaurantes não se limitam a servir refeições, nem as igrejas a realizar serviços religiosos. Ambos servem para atividades muito mais amplas. Da mesma forma, a mídia coreana desempenha um importante papel, além de transmitir notícias. Reafirmar a importância da comunicação na sociedade moderna em geral não é necessário, mas, particularmente, para uma minoria étnica contar com uma imprensa própria, mesmo que ainda esteja em padrões amadorísticos, é fundamental.

Informando encontros e eventos, a mídia desempenha um papel de aglutinadora dos membros da comunidade. Por outro lado, mantém e, até certo ponto, reforça o sentimento de nacionalismo entre seus membros: a identidade comum solidifica os laços da comunidade. Os meios de comunicação servem para mantê-los informados sobre os importantes acontecimentos de sua pátria, bem como sobre os internacionais e os do próprio Brasil, contribuindo para a manutenção da comunidade como tal, bloqueando parcialmente, a tendência natural de absorção da minoria pela maioria.[37]

Diferentemente de imigrantes que chegaram antes, os coreanos, desde o início, foram beneficiados pelo sistema de comunicação, hoje em franco desenvolvimento. Em seu cotidiano, os coreanos em São Paulo estão em contacto permanente com outras culturas e, através da televisão, a par dos acontecimentos. Os filhos freqüentam as escolas enquanto os adultos estão empenhados em atividades comerciais. Sem perceberem claramente, os imigrantes coreanos, estão sendo cada vez mais envolvidos pela sociedade receptora, onde eles atuam como agentes transmissores de elementos da cultura originária, cujos traços se fazem sentir na vida de muitos não asiáticos. Mesmo porque é difícil, para não dizer impossível, a pessoa se isolar em uma metrópole, como o caso da capital paulista.

Em contrapartida, a sociedade brasileira, acostumada a receber orientais, também está mais predisposta a aceitá-los, bem como seus usos e costumes, do que esteve no fim do século passado ou no começo do presente século.

Os problemas enfrentados pelos coreanos que chegaram recentemente não são tão numerosos quanto os vividos pelos que chegaram a mais tempo. Mesmo os componentes das primeiras levas encontraram, em seu auxílio, os jornais japoneses, que os mantinham a par dos acontecimentos locais e mundiais.

No estágio atual do desenvolvimento dos meios de comunicação, os coreanos recebem informações da sociedade brasileira e se mantêm a par dos acontecimentos de sua pátria, o que é muito importante no ponto de vista psicológico, para adaptação ao novo habitat.

Os imigrantes coreanos contam atualmente com jornais, revistas e fitas de vídeo coreanas.

A importância dos jornais como fonte de informação é explicada pelo hábito de leitura e de compreensão. Uma pesquisa realizada junto a eles deixou claro que as principais informações de que necessitam para se fixarem e viverem no Brasil foram conseguidas muito mais pelos jornais do que com vizinhos, ou mesmo junto às igrejas.[38)]

Os jornais editados no Brasil por imigrantes coreanos podem ser classificados em dois grupos: 1°) os que utilizam como matéria tanto o que é publicado por jornais coreanos como o que é divulgado por jornais brasileiros, a fim de que seus leitores fiquem a par dos acontecimentos de forma geral; 2°) os que tem como temática principal acompanhar a vida do imigrante coreano aqui no Brasil em seus múltiplos aspectos: religioso, econômico,

social mas, não deixam de informar aos leitores sobre os acontecimentos políticos de sua terra natal.

No primeiro caso, em geral, são publicações diárias de, no máximo, 8 páginas. No segundo, são semanais ou mensais e somam, em média, 40 páginas.

Uma crítica que se pode fazer ao jornalismo da imprensa de língua coreana no Brasil é o fato de existirem profissionais não qualificados escrevendo continuamente. Isto, a nosso ver, demonstra a falta de amadurecimento do grupo coreano, pois se sabe que existem pessoas qualificadas, porém estas se dedicam a áreas mais lucrativas.

O primeiro jornal semanal coreano foi HanKook Ilbo, com notícias da Coréia; até então a maneira de se manter informado sobre a pátria era a leitura de jornais japoneses publicados no Brasil, ou jornais coreanos publicados nos Estados Unidos.

Em 1984, teve início da publicação do jornal News Brasil, cujos artigos visam esclarecer, informar e orientar os leitores da melhor forma possível com distribuição via correio pela América Latina, gratuitamente. Dois anos depois surgiram dois novos jornais, filiados a jornais da Coréia, mas financeiramentes independentes: Chosun Ilbo e Diário Dong-A Edição Brasileira. Os jornais em língua coreana tentaram seguir a legislação brasileira, que prevê uma parte da edição em português.

No ano de 1986, Chosun Ilbo teve uma página em português, que durou cerca de seis meses. Em março de 1991, o jornal Dong-A Edição brasileira começou com uma página em português, para atrair a atenção dos jovens. Apesar das tentativas, parece ser difícil a manutenção da página em português por falta de investimentos.

Atualmente, esses quatro jornais recebem notícias diárias da Coréia, através de Fax, podendo os leitores receber com fidelidade a reprodução do noticiário dos jornais coreanos, com apenas um dia de atraso. Neles são publicadas as informações referentes à comunidade coreana, à economia e à política brasileiras além de notícias importantes para o cotidiano dos imigrantes. Muitas das principais notícias dos jornais brasileiros são traduzidas literalmente, e outras, apenas comentadas. Por seu turno, os anúncios de confecções, aluguéis, empregos, venda de alimentos, inaugurações de lojas etc., facilitam a expansão das atividades econômicas.

Os jornais cumprem um outro papel importante junto à comunidade, à medida em que

servem, não só de agentes de convocação para reuniões promovidas pelas diversas associacões, como de elemento divulgador de suas atividades. São eles uma importante fonte de dados para os pesquisadores interessados em reconstituir a vida associativa do imigrante coreano entre nós. Outro papel importante deles é o do julgamento, através da crítica, das atividades da comunidade, tomando posição diante dos acontecimentos, a imprensa policia a vida comunitária. Um dos acontecimento que mais desperta o interesse da comunidade é o da eleição do presidente da Associação Brasileira dos Coreanos. Os jornais se empenham em divulgar os feitos dos candidatos, e, ao mesmo tempo, na criação, ou na focalização dos temas sobre a comunidade, raramente violentam o tabu das relações com o governo coreano. Como uma das maiores organizações comunitárias, a midia étnica procura evitar ofensas ao governo coreano, mesmo porque ela está sujeita à sua pressão, direta ou indiretamente.

Além dos jornais citados, existem o da ABC, e outros dois, de natureza religiosa: o Jornal Católico e o Jornal Protestante, onde são publicados artigos, em português, para a evangelização da juventude.

A comunidade conta também com revistas também em padrão amadorístico: a Nova Geração, fundada e organizada por imigrantes, ex-alunos da Fundação Getúlio Vargas, e a Cultura Tropical. Tais publicações, talvez de vida curta, podem ser consideradas como tentativas de solução dos problemas dos imigrantes coreanos, em pleno processo de adaptação. Dentro da sociedade brasileira, eles ficam ansiosos em manter uma vida feliz e saudável: em outros termos, feliz é galgar uma boa condição sócio-econômica, enquanto saudável, em geral, é o equilíbrio psicológico. No caso, se trata de dois fenômenos diversos, o primeiro social, enquanto o segundo é mais de natureza cultural.

Nesse sentido, Cultura Tropical vem chamando a atenção sobre os grupos coreanos hoje espalhados em vários pontos do mundo. Organizada e fundada por nove escritores amadores, tem publicado matérias de grande interesse, para o pesquisador, já que descreve suas vidas no dia-a-dia, com sentimentos, saudades, problemas e dificuldades enfrentadas em sua adaptação à nova vida. Não apenas pelo aspecto literário, essa publicação, chamou atenção a ponto de ser divulgada pela revista literária coreana, MunHak Sasang [文學思想], pelo

professor Young Min Kwon, da Universidade Nacional de Seul, que ficou surpreso pelo fato de que, em nenhum dos países em que vivem coreanos, esse tipo de revista literária se tornou presente a não ser no Brasil. Nos Estados Unidos, que, segundo consta, abriga a elite dos emigrantes coreanos, segundo a voz geral, não existem tais tentativas.

O surgimento dela atesta não só a existência de uma demanda de ordem cultural dos próprios imigrantes, como também, o fato de gozar a comunidade coreana aqui radicada de condição sócio-econômica mais estável. Em outras palavras, comprova o crescimento interno da comunidade coreana no Brasil.[39]

A revista Vida Nova, de caráter religioso, tem por meta principal zelar pelo equilíbrio psicológico dos imigrantes. De caráter amador, ela é o produto de uma necessidade, ou desejo ou, ainda, uma tentativa dos imigrantes coreanos no sentido de diminuir os problemas gerados, em sua maioria, pelo impacto cultural por eles enfrentados aqui.

A distribuição gratuita das revistas amplia significativamente o número de seus leitores.

Esperamos ter deixado clara a importância da mídia na vida cotidiana e na adaptação do imigrante coreano ao meio brasileiro, realizada de forma muito diferente pela maioria dos grupos étnicos, que aqui chegaram, quer no século passado, quer no início do presente século.

Dentre as publicações dos coreanos no Brasil, vale destacar ainda as revistas editadas pelos estudantes universitários, pois apresentam aspectos peculiares. Dentre elas, é forçoso citar: GETÚLIO, KOCA e JIP. GETÚLIO foi a primeira revista dentro da sociedade coreana, publicada por estudantes coreanos da Escola de Administração de Empresas, desde outubro de 1976. Mas não teve vida longa. Mais tarde, outros universitários de origem coreana, formando grupos de mesmo interesse, publicaram KOCA (Koreanos Cabeças) em edição bilíngüe, coreano/português, em 1989. Em 1990, um grupo, ligado à POLI - USP publicou, em português, JIP (Jornal Interno dos Politécnicos). O objetivo é de ser uma publicação bimestral, a fim de divulgar informações sobre decisões e acontecimentos marcantes de reuniões da POLI e da ABUC (Associação Brasileira dos Universitários Coreanos). São estas as tentativas de manter os universitários a par dos

acontecimentos por um lado e, por outro, uma maneira de mantê-los reunidos entre si, o que, sem dúvida, acaba reforçando o sentimento de nacionalismo e de valores culturais da pátria.

Quadro – 9: Os dados sobre as publicações feitas pelos coreanos em São Paulo:

Nome do Jornal	Pessoal Responsável	Data do Início	Periodicidade	Nº de Páginas	Nº de Exempl.
Periódico da ABC	Bong Woo Lee	1963	irregular	16	2.000
Semanal Hankook	Sung Hak Hong	1982	semanal	24	1.500
Chosun Ilbo	Byung Jin Min	04.1984	diário	12	2.400
Jornal Protestante	Sung Chul Kang	1985	"	8	1.000
News Brasil	Jung Nam Kim	07.1985	duas vezes por semana	8	1.500
Diário Dong-A Edição Brasileira	Tae Soon Park	01.1987	diário	8	1.500
HanKook Ilbo	Sung Chun Hong	10.1987	"	8	1.500
Korea Times Brasil	Ja Hong Park	05.1990	semanal	40	1.500
(Revistas)					
Nova Geração	Chul Un Kim	1986	quatro semestral	–	1.000
Cultura Tropical	Associação de colegas da Cultura Tropical	12.1986	"	–	1.500
KOCA		1989	anual	37	150

Cap.VI

1) Depoimento de Kwang Soon Ko. KIM, Sung Yul – "A Coréia plantada em baixo do Equador"(赤道下에 심은 코리아). Shin Dong-A. Seul, Ed. Dong-A. junho de 1966. pp.202-217.

2) Como a denominação oficial em português dessa associação, ABC continua a mesma até hoje, há diferença da denominação em coreano. No início foi chamada como "KyoMinHoi"(교민회), e depois foi alterada como "HanInHoi"(한인회).

3) Lee, In Kil – A autobiografia literária de Lee In Kil [松岩 文學全集]. São Paulo, Ed. Hankook, 1983. p.594.

4) Na sociedade coreana, nessa época, muitas pessoas consideravam a ABC como 'órgão governamental'.

5) Depoimento de Hong Ki Kim, em setembro de 1989.

6) Lee, In Kil – op.cit., p.603.

7) Depoimento de Ung Seo Oh, entre fevereiro e maio de 1989.

8) A realidade dos imigrantes coreanos e seus problemas (브라질 移民의 現況과 問題) Anuário sobre a Política da Emigração [僑胞 政策資料]. Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos 8:37, setembro de 1969.

9) Idem., Ibidem.

10) Depoimento de Hong Ki Kim, em outubro de 1989.

11) Idem.

12) Jornal do Funcionário, São Paulo, setembro de 1968.

13) Ver nota 8). A ABC criticou muito a atitude do governo coreano e de seu órgão oficial, supondo que este teria orientado aquele. Alegava, entre outras coisas, que o edifício deveria ser de propriedade dos imigrantes (Dong-A Ilbo, Seul, 22 agosto de 1969).

14) Os problemas reais dos imigrantes coreanos na América Latina (南美 移民의 現實的 課題). Anuário sobre a Política da Emigração [僑胞 政策資料]. Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos 18:12, junho de 1978.

15) São Paulo Shinbum, São Paulo, 27 fevereiro de 1970.

16) Dong-A Ilbo, Seul, 22 agosto de 1969.

17) Popular da Tarde, São Paulo, 30 janeiro de 1970.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 7 março de 1970.

18) Diário Popular, São Paulo, 2 março de 1970. Nessa época, no Brasil, pela primeira vez, houve a pena de morte para defender a pátria contra o comunismo, porque, após Revolução Militar de Cuba, em 1956, o Brasil foi o primeiro alvo para os comunistas que queriam implantar o regime na América do Sul. Depois o alvo foi transferido do Brasil para a Bolívia. (Versão do jornal)

19) Folha da Tarde, São Paulo, 28 janeiro de 1970.

20) Diário Popular, São Paulo, 2 março de 1970.

21) Veja, São Paulo, 1 abril de 1970 .

22) Ver nota 14). Folha da Tarde, São Paulo, 28 janeiro de 1970.

23) Ocorrência na Casa Cultural dos coreanos no Ipiranga, 3 de janeiro de 1970, foi traduzido pelo Hong Ki Kim sob o Nº de tradução 1-009 em 7 de janeiro de 1970.

24) O Estado de S.Paulo, São Paulo, 4 março de 1970.

25) Depoimento de Hong Ki Kim.

26) LEE, Il Kil – op.cit., p.629.

27) Idem., Ibidem.

28) Depoimento de Ung Seo Oh.

29) O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2 setembro de 1983.

30) Choson Ilbo, São Paulo, 20 julho de 1990.

31) Veja Anexo-III.

32) Depoimento de Sung Min Kim, ex-presidente da Associação Brasileira dos Coreanos, em março de 1990.

33) Esse esporte tem tido tal aceitação pela sociedade brasileira que, três vezes por semana, no programa da XuXa, é ensinado o Taekwondo.

34) Cláudia Maria de Freitas - "Taekwondo". Vento Oriental (東風) , São Paulo, 9 dezembro de 1988.

35) O sistema educacional coreano divide, por sexo, os alunos do ginásio e do colégio.

36) A atividade dessas associações de ex-alunos torna-se especialmente positiva, sobretudo, quando ocorre alguma circunstância especial. Por exemplo, quando há eleição na ABC, os candidatos fazem uso de seus laços tanto de parentesco como sociais.

37) Esse assunto foi tratado primeiramente por Morris Janowitz, focalizando a imprensa comunitária, ele identificou sub-comunidade metropolitanas, ou comunidades dentro de metrópoles. Veja Morris Janowitz, The Comunity Press in an Urban Setting: The Social Elements of Urbanism, Chicago, The University of Chicago Press, 1967, pp. 1-7.

38) KOREA TIMES BRASIL, São Paulo, 5 maio de 1990.

39) Veja MunHak Sasang [文學思想]. Seul, Edit. MunHak Sasang-Sa. 198: 128-145, abril de 1989.

CONCLUSÃO

Cap.VII - CONFLITOS INTERNOS E EXTERNOS À COMUNIDADE

Embora a comunidade coreana estabelecida no Brasil seja considerada como um grupo notoriamente fechado,[1] bastante articulado, organizado e unido, na verdade, internamente, conhece muitos atritos e desentendimentos.

Como vimos, muitas divergências sérias ocorreram na Associação Brasileira dos Coreanos, provocadas, em grande parte, por problemas ligados aos clandestinos.

A imigração coreana no Brasil foi constituída, basicamente, por famílias, cujos membros lutaram, desde o início, em conjunto, para conseguirem sua estabilidade econômica. Contando com pequeno capital, visando obter o maior lucro possível no menor espaço de tempo, a família se empenhou no trabalho, não poupando esforços de nenhum de seus membros. Muitos foram os motivos de divergências entre eles e outros grupos étnicos, como veremos.

Para conseguir tal objetivo a curto prazo, por um lado, foi positiva a busca de informações e o apoio da comunidade como um todo, por outro lado, o contato freqüente, quer em suas residências, "Vila Coreana", Aclimação, quer no mesmo ramo de trabalho, no Bom Retiro e Brás, quer nas igrejas, criaram, por si só, condições para o surgimento de divergências entre eles. Assim sendo, os imigrantes coreanos têm enfrentado muitos problemas, e procuraremos analisá-los sob dois prismas diferentes: em seu aspecto social e em seu aspecto psicológico.

7.1. PROBLEMAS DENTRO DA COMUNIDADE COREANA

A presença dos imigrantes coreanos está limitada ao ramo da confecção. Vejamos: os encontramos como intermediários de atacadistas e varejistas, representantes de confecções junto a proprietários de lojas, que vêm se infiltrando, pouco a pouco, no setor que até aqui era dominado por judeus árabes. Mas sua participação na área da produção é nula, tendo em vista que nenhum coreano trabalha como fabricante de tecidos ou de fios, ou no setor de tingimento de tecidos.

O sonho acalentado pela maioria deles é o de possuir sua própria loja, com capital obtido, nas atividades de oficina de costura ou de caseado. Faz parte da cultura coreana, que certas atividades não devem ser permanentes, o que os faz mudar sucessivamente de ocupação. Se alguém trabalhar numa oficina de costura durante 10 anos, será considerado uma pessoa incompetente. Esse juízo de valor reflete uma certa hierarquia profissional existente entre eles.

Do ponto de vista social, o imigrante logo percebeu que poderia ascender socialmente, pelo simples fato de possuir uma certa quantia em dinheiro, o que não ocorre em sua terra natal. Essa constatação serviu, em certa medida, não só para incentivá-los a um trabalho árduo, com o sacrifício das próprias relações familiares, como também, provocou, em grande parte, um aquecimento no espírito de concorrência, visto lutarem todos pelo mesmo objeto.

* Dedicados primordialmente ao ramo das confecções e movidos pelo espírito de concorrência, procuram sempre estar a par dos acontecimentos. Sobre uma informação de um investimento vantajoso, muitos se interessam.[2] Diante do sucesso de um determinado modelo, por exemplo, procuram copiá-lo e lançá-lo no mercado por um preço melhor, indiferentes ao prejuízo que possam causar ao colega, não demonstrando qualquer escrúpulo. Em contrapartida, nessa concorrência, muitas vezes os coreanos levam desvantagem. Exemplo: se um tecido lhes interessa, os judeus, que em geral são fornecedores, aproveitam para vendê-lo, fazendo crer ao comprador que se trata de uma mercadoria exclusiva.

* Outro motivo de divergência entre eles se dá na movimentação de grandes somas em dólar nos Kye, que, como vimos, são muito numerosos, não só no Brasil, como em outros locais onde se encontram coreanos. No caso de fracasso, o prejuízo é sério, pois envolve grande soma de capital, difícil de ser obtido na medida em que não é uma organização oficialmente reconhecida, quer no Brasil, quer na Coréia. Nessas ocasiões, fatalmente surgem muitas desavenças, sobretudo entre os que se sentem prejudicados.

Os coreanos vêm sendo vítimas constantes de assaltos, por ser conhecido seu hábito de guardar seu capital em dólares. A vantagem dos assaltantes é que as vítimas não só têm dificuldades de se expressar em português, como também, em seu estado de clandestinidade, não contam com quem as possa defender.[3] Além disso, as mulheres, não reagindo, tornam-se presa fácil de bandidos como o "Maníaco da Liberdade", famoso dentro da comunidade. Os

estupros ocorrem sobretudo em bairros da zona sul, como Paraíso e Vila Mariana.[4] A situação chegou a tal ponto que a Associação Brasileira dos Coreanos organizou, por volta de 1988, uma equipe de proteção.

As freqüentes brigas entre coreanos na Liberdade, como consta no cap.IV, normalmente ocorrem à noite, após o consumo de certa quantidade de álcool. É incompreensível para o brasileiro tal comportamento, devido à grande diferença cultural entre os dois povos. Na Coréia, entretanto, é uma das maneiras mais comuns de diminuir o *stress*.

Outro problema sério, sentido pela comunidade coreana no Brasil, é a inexistência de uma infra-estrutura, que possa esclarecer as dúvidas dos recém-chegados e sugerir soluções a vários tipos de problemas, que surgem na vida cotidiana de imigrante. Por exemplo, as crianças de uma família recém chegada ficam muito impressionadas diante de programas de televisão,[5] pois, de fato, estão encarado, pela primeira vez, uma cultura que lhes é totalmente desconhecida e, sobretudo, muito diferente a tudo aquilo a que estão acostumadas. E muitas vezes, fazem perguntas impossíveis de serem respondidas por seus pais, deixando-os em situação difícil. Há falta de um planejamento, visando reduzir os impactos sofridos pelos imigrantes, fruto inevitável da divergência de culturas. Há necessidade urgente deste planejamento, pois muitas vezes, quem não consegue se adaptar, acaba se matando, para se livrar da situação aflitiva em que vive.

Não existindo nenhum órgão específico dentro da comunidade coreana para resolver os problemas psicológicos ou sociais dos imigrantes, quase sempre as igrejas é que vêm procurando resolvê-los.

Atualmente, vêm se multiplicando os casos de divórcio ou de separação de casais coreanos, o que era raro até há alguns anos. Em nossa opinião, isso vem ocorrendo em decorrência da multiplicação de fatores de atritos na ordem familiar. Percebe-se, também, que está ocorrendo, dentro da comunidade, uma crise ética entre os comerciantes.

7.2. OS COREANOS E A CRIMINALIDADE

Segundo fontes da Polícia Federal, os coreanos raramente se envolvem em crimes, sendo os grupos étnicos, um dos que menos problemas trouxe ao Brasil no setor. Problemas ocorreram, e não em pequeno número, entre os que tentaram entrar clandestinamente no Brasil e os que se envolveram em contrabando.

Durante o processo de adaptação, os que ainda não tinham um emprego fixo no país tentaram contrabandear mercadorias da Argentina, da Bolívia e do Paraguai, sem levar em conta as conseqüências. Quase sempre ocorreram acidentes desagradáveis nas fronteiras brasileiras com esses países. Mas mesmo os que foram envolvidos nesse tipo de atividade, depois de se estabelecer no Brasil e conseguir uma ocupação, se desligaram dela. Todavia, o fato de terem sido uma vez presos, ou interrogados, ou registrados, ou deportados por qualquer motivo, os tornam visados pela Polícia Federal. Muitas vezes, por desconhecimento da língua e da legislação, depois de soltos, não se preocupam em procurar advogados para resolver o seu problema definitivamente, e assim continuam à mercê da polícia.

Apesar desses pequenos problemas, os imigrantes coreanos são considerados pouco problemáticos, diante de outras étnias. Embora as ocorrências sejam esporádicas dentro da comunidade, é voz corrente na polícia a dificuldade encontrada para realizar investigações. A polícia brasileira supõe que haja alguma organização criminosa por trás das atividades de contrabando, drogas, jogo e lenocínio. Tanto assim que encontramos a seguinte declaração: "Os coreanos geralmente se fecham /.../ e dificultam toda a ação da Polícia. Parece que os coreanos não admitem deslealdade no grupo e quando tal fato ocorre, fazem justiça com as próprias mãos."[6]

Um exemplo pode ser o assassinato de Won Bong Kim, conhecido na comunidade coreana por suas chantagens, sobretudo contra com os clandestinos. A fim de obter dinheiro deles, ameaçava-os de denúncia junto ao DOPS: "Won Bong Kim estava marcado de morte. Era um explorador de clandestinos e aqui, neste território de olhos miúdos e atentos, de placas com caracteres orientais que anunciam intenso comércio de miudezas, chás e surpreendentes jarros de porcelana, os exploradores de clandestinos são malditos. E quando é preciso matar um deles, mata-se à moda oriental: em silêncio, sem pistas, sem marcas, sem

crueldade aparente, como aconteceu com Won."[7]

Pudemos perceber através da imprensa brasileira que os assassinatos ocasionais têm ocorrido, geralmente, ligados a proprietários de joalherias. Tais crimes, em sua maioria, não costumam deixar nenhuma pista para a polícia. Quando, em 1985, aconteceu o assasinato de um casal coreano com uma pistola calibre 6.35mm, a polícia deduziu, sem conseguir provar, que teria sido um crime da "Máfia Amarela".[8]

A polícia, não descarta a possibilidade de haver no Brasil uma "Máfia Oriental", que há alguns anos vem sendo responsabilizada por crimes políticos, em virtude da luta ideológica existente em países como China, Formosa e Coréia do Sul. É responsabilizada por "acerto de contas" ou "queima de arquivos" de pessoas que vivem ilegalmente no Brasil.

A essa "Máfia Amarela" são atribuídos: o tráfico de drogas, o contrabando e a extorsão. Antes das anistias de 1982 e de 1988 é provavel que algumas pessoas tenham se aproveitado da situação irregular em que se encontravam "praticamente 70% dos coreanos no Brasil",[9] para lhes extorquir dinheiro e promover a falsificação de documentação. Em outubro de 1986, a imagem dos imigrantes coreanos foi em parte denegrida, quando da divulgação da falsificação de documentos, e a revista Veja publicou um artigo a propósito da descoberta pela Polícia Federal, auxiliada pelo consulado americano, de um coreano no Bom Retiro que fornecia documentos falsos para clandestinos.[10]

A suposição de que aquele coreano estaria ligado a uma rede de falsificação levou os brasileiros a ver os imigrantes coreanos como todos suspeitos e portadores de documentos falsos. Mesmo tendo sido provado que apenas o acusado exercia tal atividade, a impresssão negativa permaneceu em muitos leitores.

Uma vez fora de sua terra natal, os imigrantes, em geral e especialmente os clandestinos, mais instáveis psicologicamente, não hesitam em tentar todos os meios possíveis para obter a legalização de sua situação, para iniciar uma atividade normal na nova terra. Para obter a carteira de habilitação, sabendo da dificuldade que têm em passar no teste escrito, lançam mão da oferta de dinheiro. É muito comum tal atitude também, entre brasileiros, sobretudo, analfabetos.

Muitos problemas decorrem, a nosso ver, em razão do caráter sempre apressado do povo coreano, que quer evitar os processos burocráticos. Mesmo que tenham condições de se

registrarem legalmente, por ignorância ou por sofrerem pressão por parte dos *brokers*, conhecem dificuldades por vezes inimagináveis. Certamente, o não cumprimento da lei, no caso específico deles, parece também ser uma característica do povo. Há um provérbio coreano que diz: "Boa pessoa pode viver sem lei".[11]

7.3. PROBLEMAS COM OUTROS GRUPOS ÉTNICOS

No Brasil se desenvolveram várias teorias sobre a existência ou não de preconceitos. Como não poderia deixar de ser, as opiniões são variadas. Assim, enquanto para Afonso Celso, o brasileiro é um indivíduo sem preconceitos raciais,[12] Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala, defende o ponto de vista de que o Brasil é um país com "poucas barreiras" à ascensão de indivíduos pertencentes às classes ou grupos inferiores, considerando o fato como "democracia racial, legítima herança da colonização portuguesa".[13]

Sérgio Buarque de Hollanda em Raízes do Brasil, afirmou que a cordialidade mantida pelo grupo dominante, no caso os brancos, em relação aos negros, mascarou o preconceito racial no Brasil. Segundo ele, cordialidade se fazia sentir, desde que os negros não ameaçassem a posição da classe superior.[14]

Para o sociólogo americano Charles F. Marden, em sua obra Minorities in American Society, o dinamismo do sistema capitalista e a democracia política favoreceram o desenvolvimento sócio-econômico dos pequenos grupos de imigrantes lá estabelecidos.[15]

Os imigrantes coreanos no Brasil sentem claramente e expressam que, embora possa haver algum preconceito e discriminação no contacto diário com a população, não se sentem repudiados. Os que viajam aos Estados Unidos, algumas vezes, contam sobre processos de rejeição aberta que encontram.

Devemos observar que o processo emigratório coreano, por estar se desenvolvendo, na fase de expansão do capitalismo internacional, com a globalização da economia via integração dos mercados mundiais, sofreu pouco, comparativamente aos processos emigratórios anteriores, especialmente os dos grupos étnicos asiáticos, chineses e japoneses na América.

Se alguém perguntar hoje a um dos primeiros imigrantes coreanos o que lhe fez escolher o Brasil e o que admira mais na vida brasileira, a resposta virá vasada nos seguintes termos: "Ora, neste país, todas as raças vivem em paz. Não há preconceito contra ninguém. Como todos, os coreanos também gozam dessa liberdade, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos."[16]

Contraditoriamente, como observamos, uma das metas dentro da comunidade coreana é a reemigração para os Estados Unidos. A conscientização da existência de preconceito naquele país, e o não abandono do sonho de para lá seguir, parece, em princípio, um paradoxo. Mas, o que ocorreu, é que para os Estados Unidos, país reconhecidamente desenvolvido, seguiram políticos profissionais liberais, professores e estudantes, isto é, membros da elite coreana. Isto faz com que os demais, radicados no Brasil ou em outros países, visem seguir para lá, não só por considerarem a sociedade americana superior, como também, por aspirarem ascender à categoria social dos demais.

Sérgio Buarque de Hollanda no Visão do Paraíso externou a opinião de não constituir paraíso o local onde as pessoas vivem. Assim, o imigrante coreano, desconhecendo a realidade e os problemas enfrentados por seus conterrâneos nos Estados Unidos, continua ansioso em reemigrar para lá, em busca do sonho.

Atualmente, em Nova York são freqüentes os conflitos entre coreanos e negros. Das 3.000 mercearias que comercializam frutas e verduras, nada menos que 2.500 têm como proprietários os coreanos. Entre eles, 78% têm formação universitária. Os problemas se intensificam quando as mercearias se localizam em regiões de predominância negra. Nessas circunstâncias, os coreanos, também preconceituosos, não se sentem bem em ter que atender a freguesia. Essa atitude deles vem provocando sérias críticas por parte da sociedade norte-americana.[17] A convivência, por outro lado, com representantes de outros grupos étnicos nas empresas não têm sido fácil. Há 80% de aumento das possibilidades de choques dada a diferença cultural. Se compararmos essa situação com o Brasil, onde 95% deles são donos de seus próprios negócios e o restante também trabalha sem interferência de estranhos, chegaremos à conclusão de que os imigrantes coreanos no Brasil possuem melhores condições de vida, por suas características psicológicas.

No idioma coreano são utilizados internamente vocábulos que demonstram formas de preconceito sobre a sociedade brasileira, embora afirmem viver numa democracia racial. Exemplo: o emprego do termo 'Wonjumin' (原住民 - nativos). O uso da nuance dessa palavra Wonjumin, contem à superioridade deles frente aos brasileiros. O desconhecimento da cultura e das regras sociais cria uma ilusão de superioridade. Hoje em dia, entretanto, essa palavra continua sendo empregada, mas sem a conotação pejorativa inicial. Pode ser um sinal de maior grau de conhecimento deles sobre a sociedade local. Conhecendo-a mais intimamente, já não têm sobre ela comentários irrisórios e negativos.

Para os imigrantes coreanos, a primeira impressão do Brasil, tão diferente dos brancos ocidentais; o que imaginaram antes de aqui chegar ser o povo brasileiro, não corresponde aos padrões imaginados, e sentem-se superiores.

Posteriormente, com o tempo e a convivência, se sentem ameaçados em sua "pureza racial", pela tradição assimilatória, pela prática do casamento exogâmico e pela valorização da aculturação, forçada sistematicamente pelo governo brasileiro.

Dentro da sociedade brasileira, os coreanos têm tido oportunidade de manter relações com diferentes grupos étnicos.

Muito embora as relações entre a Coréia e o Japão, como vimos tenham sido historicamente marcadas pelo domínio do segundo, as relações dos grupos imigratórios aqui radicados tem sido bem diversas. Como o número de coreanos, a princípio, era escasso, houve muitos casos de casamento com japonesas,[18] ainda hoje são freqüentes os casamentos entre coreanos e japonesas. Acreditamos que, devido à semelhança de culturas que os atraiu e ao fato de se dedicarem a ramos diferentes de trabalho, não tem criado atritos entre eles.

Com os chineses, por exemplo, as relações tem sido bem menos freqüentes, embora convivam no mesmo bairro, a Liberdade. Os chineses, são provenientes de Taiwan, com antecedentes de boas relações com a Coréia do Sul, e emigraram, em sua maioria, na metade da década de setenta e muitos também na condição de clandestinos. Ao que tudo indica, os coreanos não têm mantido maiores contatos com eles, a não ser como fregueses das mercearias e restaurantes chineses; o que talvez se dê pelo fato da comunidade chinesa ser mais fechada que a coreana.

Mais intensas e mais delicadas têm sido as relações com os judeus.' A presença dos imigrantes coreanos no bairro do Bom Retiro, dedicando-se às confecções tem provocado problemas de concorrência econômica.

Os imigrantes coreanos atribuem alguns dos problemas à rivalidade econômica com os judeus. Acreditam que as notícias sobre eles são originárias, não dos fatos ou versões policiais, mas do que chamam "poder dos judeus na imprensa".

A mudança deles para o Bom Retiro na década de oitenta tem sido motivo de brincadeiras e trocadilhos. Por exemplo, as conhecidas ruas do bairro: a Correa de Melo e a Correa dos Santos, são chamadas pelos judeus de 'Coréia de Melo' e 'Coréia dos Santos'.[19]

Da mesma forma que, no Bom Retiro, um dia eles substituíram os judeus, hoje estão sendo substituídos por uruguaios e bolivianos, que também estão entrando clandestinamente no território brasileiro. Esses elementos, desacompanhados com permanência irregular no país e sem qualificação profissional, vêm sendo contratados, sobretudo pelas confecções de coreanos. A situação uma vez mais se repete e, outra vez, agora estão sujeitos a serem criticados, só que como "os grandes empregadores de imigrantes ilegais",[20] e não mais por sua clandestinidade.

Paradoxalmente, até mesmo nos Estados Unidos, os coreanos são metaforizados como 'judeus orientais', devido não somente ao modo de trabalhar, mas também em razão de seu interesse pela educação dos filhos. No Brasil, esses dois grupos étnicos se encontram no ramo de confecção, e desde o início estão em conflito. Embora tenham ocorrido atritos e brigas, hoje em dia, a convivência entre os descendentes deles ocorre no Colégio Renascença, a mais tradicional e antiga escola judaica da cidade, de forma normal, a ponto de atualmente encontrarmos crianças coreanas estudando lado a lado com os filhos de judeus e mais, aprendendo o hebraico![21]

A integração na escola é um bom exemplo do processo de acomodação pelo qual passa o grupo minoritário dos imigrantes coreanos. Sociólogos gostam de distinguir a concepção entre <u>acomodação</u> (ajustamento formal para viver junto) e <u>assimilação</u> (aceitação social completa entre si) de grupos raciais ou sociais identificáveis. Usando essa distinção, é possível afirmarmos que os dois grupos no Bom Retiro atingiram um alto nível de

acomodação. Embora venham demonstrando progressos no que se refere a negócios e a educação, com relação aos casamentos mistos, ainda não se tem notícia. Hoje ainda predominan os casamentos endogâmicos entre os imigrantes coreanos e seus descendentes.

Dispondo agora de certo poder econômico, se percebe uma lenta movimentação deles em direção ao bairro de Higienópolis, repetindo o que na década de cinqüenta, fizeram os judeus. No jornal Folha de S.Paulo, a transferência vem sendo descrita de forma sarcástica: "Compram os grandes imóveis - que chamam de 'palácios' - das famílias judaicas. São apaixonados por eletrodomésticos e bons negócios. Acham que poderiam se relacionar melhor com os brasileiros se estes trabalhassem mais e eles se divertissem mais. Apegam-se a talismãs em forma de borboleta."[22]

A imprensa paulista, vez por outra tem publicado matérias referentes a aspectos "exóticos" da cultura coreana, como:

"Guloseimas

O governo da Coréia do Sul proibiu temporariamente a venda em retaurantes e hotéis das três mais apreciadas especialidades culinárias do país: sopa de cobra, ensopadinho de cachorro e consomê de minhoca. Escaparam à degola oficial a fritada de gafanhoto, a torta de bexiga esfolada de urso e os temperos à base de chifres de veado."[23]

Notícias como essas, aliadas ao grande número de clandestinos que existiam e existem na cidade de São Paulo, contribuíram para a formação de estereótipo da comunidade coreana entre nós. Ainda hoje, o coreano é visto sob uma ótica particular. O jornalista José Simão comentou: "Pior que vida de coreano, só a minha. Na Coréia, os eletrônicos coreanos dormem em camas ou tatamis. No Brasil, dormem embaixo das máquinas de costura. Mal abrem seus puxados olhos e já zuuump na máquina, quebrando todos os recordes. Tecidos viram calças, camisas e bordados rápidos. Sempre alertas sob as overloques da vida."[24]

O jornalista no seu texto, admite o sofrimento dos imigrantes coreanos que chegaram muitas vezes clandestinamente e se empenharam em seus trabalhos, com o sonho de conquistar uma vida melhor.

A história de sua presença no Brasil tem demonstrado que estão palmilhando, passo a passo, o caminho anteriormente percorrido por outros grupos, que aqui os precederam.

Alguns coreanos estão se preocupando com o preconceito que aparece na sociedade

brasileira. É verdade que, quando uma minoria étnica se destaca, de uma forma ou outra, a tendência é a de manifestação de antagonismo em relação a ela. Os artigos publicados nos jornais brasileiros são considerados um ataque indireto ao grupo. A rivalidade com os judeus não ocorre diretamente; a maioria das lojas do Bom Retiro são de propriedade de judeus, e mesmo que os coreanos trabalhem arduamente no seu ponto de vista, o lucro maior fica com os locatários, que recebem o aluguel. Alguns imigrantes coreanos procuram exibir sua situação econômica de qualquer forma: os que não tem o suficiente para abrir uma loja, compram um carro novo de luxo, antes mesmo de expandir seus negócios, visando com isto, se posicionar melhor dentro da sociedade local. Esse fenômeno encontramos.[25]

O antropólogo coreano, Kwang Kyu Lee, a propósito de seus conterrâneos nos Estados Unidos se pronunciou: "na fase inicial da imigração, a estabilidade econômica significa para o imigrante a compensação pela sensação de solidão de que é possuído".[26] O imediatismo, tão comum na Coréia de nossos dias, foi um dos valores que emigraram com eles. Nessas circunstâncias, preocupam-se em conseguir a estabilidade econômica o mais cedo possível, além de tentar ser aceitos pela sociedade local com a esperança de, um dia, poder fazer parte efetiva dela.

Este não é o sentimento de parte deles, que, como vimos, têm por meta a reemigração para os Estados Unidos. Mas, há os que se apegaram ao país e aqui pretendem terminar os seus dias.

As possibilidades de desenvolvimento da comunidade coreana estão, até certo ponto, dificultadas pelo fato de se deterem no ramo das confecções, segundo algumas pessoas. Pessoalmente cremos que, se se especializarem e analisarem seus investimentos no setor, podem criar condições para manter o crescimento econômico no mesmo ritmo.

7.4. ATUAL SITUAÇÃO DA COMUNIDADE COREANA

Atualmente, mais de 40.000 coreanos e seus descendentes vivem em território brasileiro. Embora presentes em várias capitais estaduais, a cidade de São Paulo é a que concentra 96.84% deles, como demonstra o quadro seguinte:

Quadro 10 – Coreanos no Brasil [27]

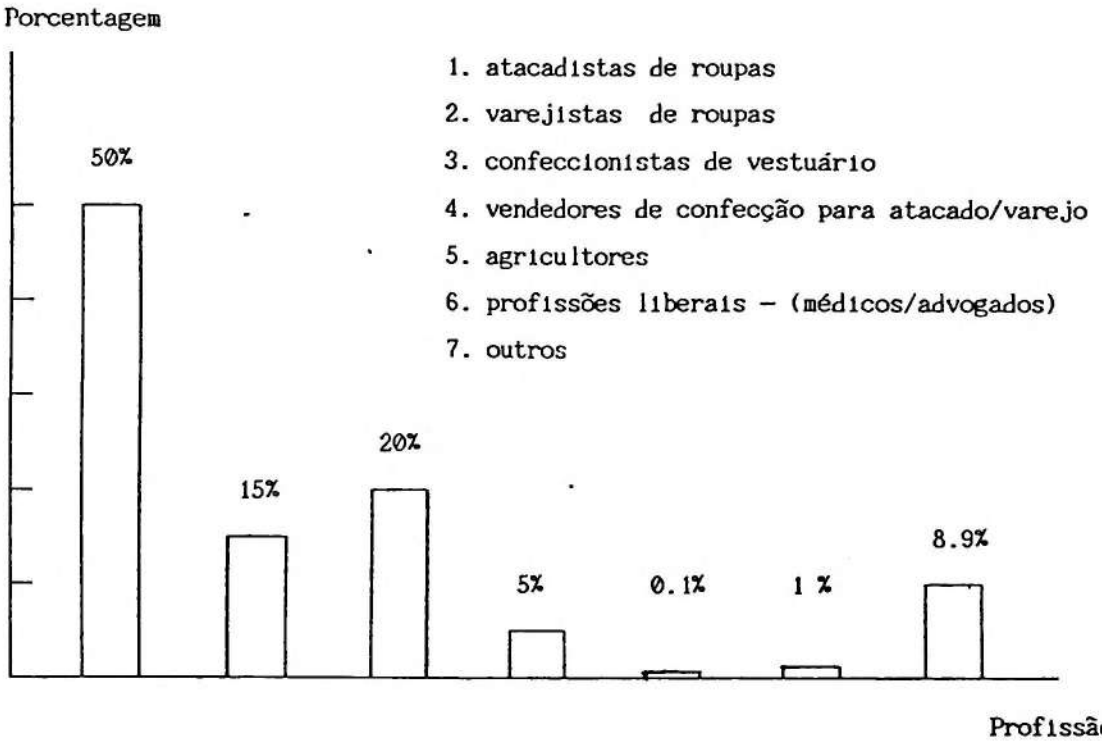
Região	Número de famílias	Número de Imigrantes
São Paulo	11.392	40.689
Brasília	35	150
Rio de Janeiro	42	201
Belém	13	52
Belo Horizonte	8	32
São Luís	6	24
Manaus	4	16
Porto Alegre	12	45
Florianópolis	11	38
Outras regiões	2	7
Total	11.525	41.254

Quadro 11 – Profissionais liberais coreanos [28]

Médicos	:	64	
Advogados	:	8	
Doutores	:	5	(PhD)

Tomando por base os dados da Associação Brasileira dos Coreanos, as principais profissões exercidas por eles no Brasil, em 1989, eram as seguintes:

Gráfico 1 - Profissões dos coreanos no Brasil [29]



Categoria:	1	2	3	4	5	6	7
Número da pessoa :	20.627	6.188	8.251	2.063	41	413	3.671

Entre os coreanos, há os que acreditam na potencialidade do Brasil e querem participar da conquista de um futuro melhor. Os empresários de confecção, insatisfeitos com o alto custo das luvas, cobrado pelos proprietários de seus pontos comerciais no Brás e Bom Retiro, reuniram-se e abriram o Shopping Center Luz,[30] localizado nas instalações que pertenceram à antiga estação rodoviária de São Paulo, na zona central.

Na atividade de confecção de roupa não há muita esperança, visto que vigora no setor uma brutal concorrência, e em razão disto observa-se a diversificação paulatina de atividades. Verifica-se um aumento no número de agências de turismo e mercearias, com mais de 30 estabelecimentos.

Segundo os dados fornecidos pelo Consulado da República da Coréia do Sul, datado de 30 de junho de 1989, encontramos imigrantes coreanos atuando na agricultura, no comércio, na indústria, na prestação de serviços, em atividades religiosas, atividades domésticas, e em outras atividades, como profissões liberais, assalariados, engenheiros, técnicos, estudantes e artistas.

O levantamento nacional demonstrou que a participação numérica nas atividades era a seguinte:

Quadro 12 - Profissões dos imigrantes coreanos no Brasil [31]

Sexo / área de atuação	Homem	Mulher	Total
agricultura	23	18	41
comércio	6.113	1.711	7.824
indústria	6.759	2.963	9.722
prestação de serviços	282	67	349
profissões liberais	203	83	286
assalariados	210	43	253
engenheiros	288	29	317
técnicos	147	36	183
artistas	136	11	147
atividades religiosas	206	18	224
estudantes	3.875	2.272	6.147
atividades domésticas	-	4.653	4.653
outras atividades	4.289	6.819	11.108
TOTAL	22.531	18.723	41.254

A concentração de coreanos no Estado de São Paulo, verificada uma vez mais no referido levantamento, indicou que os mesmos exercem as seguintes atividades:

Quadro 11 - Profissões dos imigrantes coreanos no Estado de São Paulo [32]

Sex área de atuação	Homem	Mulher	Total
agricultura	16	12	28
comércio	5.944	1.658	7.602
indústria	6.759	2.963	9.722
prestação de serviços	272	67	339
profissões liberais	184	83	269
assalariados	209	43	252
engenheiros	287	29	316
técnicos	147	36	183
artistas	136	11	147
atividades religiosas	196	13	209
estudantes	3.758	2.165	5.923
atividades domésticas	-	4.493	4.493
outras atividades	4.263	6.783	11.046
Total	22.171	18.356	40.527

Analisando os quadros em questão, fica evidente a diversificação ocupacional do imigrante coreano em terras brasileiras. Infelizmente, os dados fornecidos englobam em outras atividades, sem maior especificação em um grande número deles. Todavia, apesar do pormenor, fica evidente no levantamento, os setores primordiais de atuação, entre eles: a indústria, o comércio e o expressivo número de mulheres em atividades domésticas, embora elas trabalhem também junto com os maridos. Elas responderam ao questionário como se trabalhassem apenas em atividades domésticas, pela suposta maior importância dessas em relação àquelas, o que significa, à primeira vista, que elas cuidam dos filhos pequenos e do lar quando, na realidade, sabemos que elas só raramente se dedicam exclusivamente ao lar, pois a maioria sempre tem alguma outra atividade econômica.

Quando do início da imigração coreana, era grande o seu número na área rural, hoje, com a urbanização crescente, o número de coreanos com atividade agrícola é inexpressivo,

como comprovam os dados do Consulado.

Vale destacar, ainda, o grande número de estudantes entre os coreanos aqui radicados, cerca de 15% do total.

7.5. RELAÇÃO ENTRE OS DOIS PAÍSES

As relações diplomáticas entre o Brasil e a República da Coréia do Sul se iniciaram em 1959, com o reconhecimento do governo brasileiro. Somente em 1962 foi instalada a Embaixada da Coréia no Rio de Janeiro, e a abertura da Embaixada do Brasil em Seul data de maio de 1965.[32] A Coréia, acreditando na capacidade do Brasil, logo demonstrou interesse em manter intercâmbio. Como reflexo desse intuito foi instalado um curso de língua portuguesa na Universidade Hankook de Estudos Estrangeiros. Em 1967, os dois países assinaram um tratado de carater cultural e outro, comercial, no dia 21 de maio de 1969.[33]

Com o aumento do número de imigrantes coreanos no Brasil, instalou-se em São Paulo, em 1970, o Consulado Geral da República da Coréia para fazer jus à maior demanda de serviços,[34] o que contribuiu para diminuir o distanciamento entre os dois países.

As relações entre os dois países foram, de certa forma, prejudicadas pelos problemas criados pelos clandestinos.

Nos últimos anos o intercâmbio cultural entre os dois países está aumentando. O grupo teatral "Macunaíma", por exemplo, foi convidado em 1988 e estreou 'Xica da Silva' de Antunes Filho para as cerimônias que antecederam a Olímpiada de Seul. De lá para cá vem aumentando, também, o número de apresentações de grupos culturais e de filmes coreanos no Brasil.

Além disso, é crescente a entrada de empresas coreanas, interessadas no mercado brasileiro, o que pode ser percebido quando do seminário sobre as possibilidades de investimentos no Amazonas,[35] numa tentativa de busca de novas áreas para exploração. Ainda não chega a ser comparável ao que aconteceu com as empresas japonesas entre 1969 e 1973, quando 820 delas abriram filiais no Brasil.[36]

A economia da Coréia do Sul depende do sucesso de poucas e grandes empresas, pois os cinco maiores conglomerados (Posco, Samsung, Hyundai, Daewoo e Lucky-Gold Star)

representam 22% de todas as vendas de manufaturas. Essas multinacionais, exceto a Hyundai, limitaram-se em abrir escritórios no Brasil para intercâmbio comercial. Apesar de seu pequeno número, estão em atividade constante.

Quadro 14 - A situação das empresas coreanas no Brasil [37]

(atualizada em 31 de outubro de 1987) (Unidade: US$)

Nome da Empresa	Atividade	Ano de entrada	Investimento	Local
Korean Air Line	Transporte	1977	-	São Paulo
Dae Woo do Brasil Repres. S/C Ltda.	Importação /Exportação	1980	30.000	"
Pohang Iron & Steel Representação S/C Ltda.	"	1980	30.000	Rio de Janeiro
SunKyung do Brasil Ltda.	"	1986	20.000	São Paulo
Jinro Corp. do Brasil	Restaurante	1987	960.000	"
Lucky Gold Star International do Brasil	Importação /Exportação	1987	32.000	"
Samsung Eletrônica do Brasil S/C Ltda.	"	1987	50.000	"
Total			1.093.500	

Como investimento direto, tivemos apenas o caso da Jinro, que abriu um restaurante na Av. Paulista, em São Paulo, com o capital de US$960.000,00 dólares em 1987. Na verdade, atua na Coréia nos setores de transportes, de produtos farmacêuticos e de supermercados, e se mostra interessada em investir mais, com sua atenção especialmente voltada para o Amazonas, onde pretende desenvolver o beneficiamento de madeira, a fabricação de compensados e a importação de frutas tropicais.[38] Infelizmente, ela não obteve sucesso, fechando sua empresa em fevereiro de 1991. Na década de sessenta houve outro caso de investimento, que também não conseguiu obter resultados satisfatórios, o da empresa Sam Yang (Lamen) Ltda. Pudemos observar que as empresas coreanas procuram fazer investimentos para rentabilidade a curto prazo, o que dificulta sua inserção na economia brasileira.

Outras empresas coreanas em sua maioria vêm atuando como intermediárias no comércio do Brasil com outros países, mas ainda não diretamente com a Coréia. As empresas coreanas se preocupam com o investimento no Brasil, quanto aos aspectos legais da regulamentação do capital estrangeiro no país, quanto à tributação, incentivos fiscais, possiblidades de *joint-ventures* e características específicas para instalação na Zona Franca de Manaus.

Imigrantes coreanos que aqui vivem, fundaram 19 empresas comerciais. A medida econômica de facilitação do comércio exterior, anunciada pelo governo em 27 de julho de 1990 contribui para que as limitações comecem a desaparecer. Este fato deve ampliar o intercâmbio econômico, cultural e social entre os dois países.

A Coréia apresenta um grande déficit no comércio com o Brasil, com o valor em torno de US$200.000,00 a US$300.000,00 dólares anuais. Tal fato se deve à política econômica do Brasil, voltada para a solução do problema da dívida externa. Para diminuí-la, o Brasil tem adotado uma política de contenção de importações, limitando-se a receber mercadorias dos países desenvolvidos e da OPEP.[39]

Quadro 15 - Balanço Comercial com a Coréia

(unidade: mil dólares)

40)

	1982	1983	1984	09/1985
Importação	9.135	36.817	4.531	10.137
Exportação	114.610	211.026	240.801	172.023
Balanço	105.475	174.209	236.270	161.886

41)

	1987	1988	1989
Importação	26.489	31.530	79.767
Exportação	305.532	439.191	652.241
Balanço	279.043	407.661	572.474

Desde o final da década de oitenta, as exportações brasileiras para os países conhecidos como "Tigres Asiáticos", Taiwan, Coréia do Sul, Cingapura e Hong Kong, apresentaram um crescimento surpreendente. No ano de 1989, o Brasil exportou para esses países um total de US$ 1,439 bilhões, segundo dados da CACEX - Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, isto é, o bloco asiático ocupou, pela primeira vez, a quarta posição entre os maiores grupos de países importadores de produtos brasileiros. Em função da crescente demanda destes países por produtos brasileiros, é cada vez maior o interesse dos empresários brasileiros por aqueles países.[42)]

Na verdade, percebe-se que os interesses dos dois países, Coréia e Brasil, estão em rápida ascensão.

Os movimentos diplomáticos referidos e aliados às três anistias concedidas pelo governo brasileiro exerceram um papel fundamental na aproximação dos dois países.

Cap.VII

1) Barroso, Josias – "Apelo aos costumes incentiva isolamento", O Estado de S.Paulo, São Paulo, 5 dezembro de 1989.

2) Por exemplo, em 1988 quando o Shopping Center Luz foi inaugurado, o capital investido foi resultante de empréstimos ou da arrecadação pelo sistema de Kye.

3) Vide Folha da Tarde, São Paulo, 26 maio de 1967.
Ultimamente, as lojas coreanas no bairro Bom Retiro e Brás, tornaram-se alvo de ataques pelos assaltantes em razão da difícil situação econômica por que passa o país. Vide o jornal Choson Ilbo, São Paulo, 13, 14, 15 fevereiro de 1990.

4) O Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 julho de 1990.

5) Veja KOREA TIMES BRASIL, São Paulo, 5 maio de 1990.

6) Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.

7) Idem.

8) Agora, São Paulo, 23 janeiro de 1985.

9) Idem.

10) Veja em São Paulo, São Paulo, 13 outubro de 1986.

11) Na Coréia, freqüentemente essa expressão é usada para indicar uma boa pessoa.

12) Afonso Celso. Por Que Me Ufano do Meu País, R.J., F. Briguiet, 12ª ed. 1943, (1ª ed. 1900) Apud. Maria Luiza Tucci Carneiro, Preconceito racial no Brasil Colônia, São Paulo, Edit., Brasilense, 1983, p.31.

13) CARNEIRO, Maria Luisa Tucci, op.cit., p.33.

14) Idem., P.35.

15) MARDEN, Charles F. – Minorities in American Society, New York, American Book Company, 1952, p.37.

16) Depoimento de Sun Kwan Park, em maio de 1989.

17) TIME, New York, 28 maio de 1990.

18) Uma característica do relacionamento entre os jovens coreanos e os japoneses durante os anos de 1986-1988, no Colégio Objetivo foram as inúmeras brigas. Formaram-se grupos, do tipo de gang, chamadas "bolinhas", "calcinhas" e "cuequinhas", tanto na Paulista e como na Liberdade. Todavia, paralelamente a essas divergências, paradoxalmente, houve casos de namoro entre jovens coreanos e japonesas.

19) Mario Viana – "A estrela dos judeus em São Paulo", Veja em São Paulo, São Paulo, 18 setembro de 1989.

20) Nelson Pujol Yamamoto – "Pueblo da garoa", Data Folha, São Paulo, 23 julho de 1989.

21) Ver nota 10)

22) Data Folha, São Paulo, 8 outubro de 1989.

23) Visão, São Paulo, 25 julho de 1983.

24) José Simão – "Vida de coreanos pode parecer uma maravilha, mas nem sempre é fácil ser artista", Data Folha, São Paulo, 24 setembro de 1989.

25) Depoimento de Wan Yup Lee, em outubro de 1988.

26) Lee, Kwang Kyu – 在美韓國人 (Os coreanos nos Estados Unidos), Seul, Ed. Ilchokak, 1989, p.227.

27) Dados do Consulado da República da Coréia do Sul, São Paulo, março de 1989.

28) idem.

29) Dados da Associação Brasileira dos Coreanos, São Paulo, março de 1989.

30) Esse local com 25.000 m² possui 132 lojas de roupas, 7 lojas de presentes, 2 companhias de turismo, 7 restaurantes e bares. (Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 abrril de 1989), das quais 92% são de coreanos (Folha de S.Paulo, São Paulo, 7 setembro de 1989). Hoje, Shopping Center Luz se tornou ponto de atração para os turistas da Coréia, que o consideram uma conquista da minoria coreana dentre mais de 100 grupos étnicos, que constituem o *melting pot* no Brasil. Um local decadente foi transformado em um sofisticado Shopping Center.

31) Os dados dos emigrantes coreanos, Seul, Ministério do Exterior, 30 de junho de 1989.

32) idem.

33) O Periódico do Banco Coreano do Intercâmbio – a situação do investimento direto das empresas estrangeiras no Brasil, Korean Exchange Bank, janeiro de 1989. pp.79-83.

34) A especialização sobre os Países da América Latina (05) – Brazil. Korea Institute for Economics and Technology. Seul, fevereiro de 1986.

35) "Brasil aumenta em 846% exportações a asiáticos". GAZETA MERCANTIL, São Paulo, 30 de Janeiro de 1990.

36) Ediana Balleroni – "Coréia busca novas áreas, Investimentos estrangeiros, no parte do futuro da Zona Franca". Relatório da GAZETA MERCANTIL, São Paulo, 31 janeiro de 1990.

37) SAITO, Hiroshi – Integração e Participação de Japoneses e Descendentes na Sociedade Brasileira, São Paulo, Ed. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, p.14.

38) Revista mensal do Korea Exchange Bank [外換銀行月報], Seul, janeiro de 1989.

39) Ver nota 36)

40) Ver nota 34)

41) idem.

42) Dados da KOTRA em Brasil, São Paulo, 1990. p.6

43) Ver nota 35)

ILUSTRAÇÕES

1. Vô Mida p.28v
a) Documento de Mita [Vô Mida]
Documento de Shokoh Mita, indicando local de nascimento Chusen (sic) – Coréia, e chegada ao Brasil em 1928.
b) Família de Vô Mida
Fotos reproduzidas do Semanário Mammi Maeil [Nammi Maeil Shin Mun] 1:9, São Paulo, 8 de junho de 1987.
c) Vô Mida em 1989.
Foto feita por Marcos Seil Kim.

2. Ex-prisioneiros p.29v
Com família de Vô Mida em residência dele em 1957.
Chang Un Kim (com braço erguido) casou-se com uma das filhas de Vô Mida.
Foto reproduzida do Semanário Mammi Maeil [Nammi Maeil Shin Mun] 14:8, São Paulo, 7 setembro de 1987.

3. Os pioneiros da imigração coreana p.34v
a) O Presidente Jânio Quadros com Coronel Inn Kyu Chung, Soo Jo Kim, Tenente Coronel Jong Ok Lee.
b) Recepção de Soo Jo Kim aos coreanos, Coronel Inn Kyu Chung no aeroporto de Congonhas.
Foto reproduzida do MinKook Ilbo, Seul, 3 de setembro de 1961.

4. A Primeira Delegação Cultural p.38v
a) Membros da Primeira Delegação Cultural com familiares antes de embarque para o Brasil no aeroporto Kimpo. Foto reproduzida do Choson Ilbo, Seul, 26 de setembro de 1961.
b) Após a ceremônia de despedida dos membros da Primeira Delegação Cultural junto com os membros da Sociedade Cultural Coréia-Brasil.
Foto reproduzida do KOREA TIMES BRASIL 4:14, São Paulo, 10 de junho de 1990.

5. O Primeiro visto de imigrante p.40v
Passaporte de Chul Hyun Kim – Primeiro visto de entrada como imigrante no Brasil.
Foto reproduzida do KOREA TIMES BRASIL 7:13, São Paulo, 7 de julho de 1990.

6. O Navio *Tjitjalenka* p.51v
Foto reproduzida do Semanário Mammi Maeil [Nammi Maeil Shin Mun] 3:6, São Paulo, 22 de junho de 1987.

7. A chegada dos imigrantes coreanos p.51v
No Rio de Janeiro eles foram recebidos por Embaixador Dong Jin Park.
Foto reproduzida do Semanário Mammi Maeil [Nammi Maeil Shin Mun], São Paulo, 3:12, 3 de junho de 1990. Apud. O Globo, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1963.

8. Os imigrantes coreanos na Hospedaria dos Imigrantes p.53v
Crianças coreanas na Hospedaria dos Imigrantes.
Foto reproduzida do Choson Ilbo, 2 de março de 1963.

9. Fazenda *Miracatu* p.54v
Visita dos chefes das famílias da primeira leva da imigração coreana à fazenda *Miracatu*. Fotos reproduzidas do Dong-A Ilbo, 2 de março de 1963.

10. Fazenda *Seul* p.65v
Foto reproduzida da Publicação comemorativa dos 20 anos de imigração coreana, em 11 de agosto de 1983.

11. Fazenda *Arirang* p.66v
    a.b) Fotos reproduzidas do KOREA TIMES BRASIL, 4:14, São Paulo, 10 de junho de 1990.
    c) Ilustração da fazenda *Arirang*.
    d) A cerimônia de data comemorativa da Libertação em 15 de agosto de 1964 .. p.67v
    e) Após a cerimônias, um churrasco.
    Fotos cedidas por Chung Chul Cho.

12. Os imigrantes coreanos católicos
    a) A chegada à Paranaguá p.64v
    Foto reproduzida do O Estado do Paraná, Curitiba, 14 de janeiro de 1966.
    b) A fazenda *Santa Maria* p.68v
    Da esquerda: In Keun Chang, Byung Ik Kim, Jong Ung Kim e Kun Hoi Kim.
    Foto reproduzida do Dong-A Ilbo, Seul, 31 de julho de 1974.

13. Fazenda *Dona Catarina* p.72v
    Sang Jin Kim e o deputado coreano Chul Seung Lee, foto cedida por Chung Chul Cho.
    Foto cedida por Chung Chul Cho.

14. Início de trabalho na confecção p.103v
    Foto reproduzida do Jornal da Tarde, 18 de fevereiro de 1982.

15. Trabalho dos clandestinos coreanos p.108v
    Foto reproduzida do Jornal da Tarde, 18 de fevereiro de 1982.

16. Atividades da Igrejas Protestantes
    a/b) com crianças e com jovens ..... p 168v
    c/d) com mulheres e casais p.169v
    Fotos reproduzidas do Periódico da Igreja "Presbiteriana Coreana Brasil" de 1988.

17. Igreja Católica coreana p.172v
    Visita de Dom Paulo Evaristo Arns à Paróquia Nossa Senhora Rainha em 1989

18. Protesto dos imigrantes coreanos p.184v
    Em frente da Embaixada da República da Coréia do Sul no Rio de Janeiro em 1969.
    Fotos cedidas por Chung Chul Cho.

ÍNDICE DOS ANEXOS

I - Documentos sobre processo de emigração

1.1. Carta convite da Sociedade Cultural Brasil - Coréia
Em português p.223
Em coreano p.222v
1.2. Livretos coreanos sobre emigração p.225
a) Projeto da emigração coreana para Brasil
b) Constituição da Sociedade Cultural Brasil - Coréia
c) Legislação sobre emigração coreana
d) Projeto da Companhia Promotora da Emigração Coreana
1.3. Registro da Sociedade Cultural Brasil - Coréia p.226
1.4. Propaganda sobre o Brasil p.227

II - Documentos do INIC sobre a primeira leva

2.1. Carta do INIC para Sujo Kim p.230
2.2. Aprovação da imigração coreana pelo INIC p.231
com listas das pessoas aprovadas

III - Grupos de Convivência p.234

IV - Questionário da COKA p.235

백 한 문 화 협 회

콘소마상옹가, 1308 — 전화 34— 5532

상 우 파울로 브라질

한백협회
박경순 회장 귀하

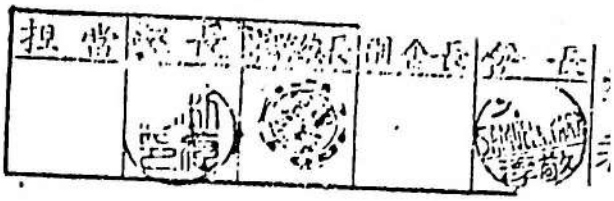
지난 3 월 10 일자 귀하의 서신에서 귀하가 말씀하신 백한 양국 간의 우의 증진 문제와 귀하의 브라질 방문 가능성에대하여 회신 할수 있게된 것을 진심으로 기쁘게 생각 합니다.

저희들은 이곳에 저의가 창립한 백한 문화 협회 를 갖이고 있으며 이협회의 알선으로 양국간의 우의 증진과 나아가서는 모— 든 국민의 공익과 행복을 위하며, 전세계의 민주국가 의 번영과 평화를 위한 제노력에 있어서 고무할것을 열망 하고있읍니다.

또한 우리협회는 문화, 사회, 교육 그리고 체육등 제면에 있어서 교류를 증진함으로서 모든 우방국민 들과 우의 관계를 밀접케 하기 위한 목적하에 조직되었읍니다.

귀하의 브라질 국 방문 희망에 대하여는 본협회를 대표하여 김수조 씨가 직접 귀국 윤보선 대통령 각하께 말씀드린바와 같이 벌서 모든준비 가 다 되었읍니다. 귀하께서 브라질 여행과 머무르실수 있게하기위하여 자에 초청드린는 바이오며 서울로부터 이곳 "상옹, 파울로". 까지의 왕복 비행로금과 [illegible]체재간의 일절의 비용을 저의 협회측 에서 책임 지겠읍니다.

귀하의 여행에 관하여 보다 확실성을 기하기 위하여 임이 저의가



SOCIEDADE CULTURAL BRASIL - CORÉA

(DECRETO FEDERAL N. 4057, DE 9 DE NOVEMBRO DE 1939)

Rua da Consolação, 1308 — Telefone 34-5532

SÃO PAULO - BRASIL

São Paulo, 9 de maio de 1.961.

Senhor KYONG SUN PAK
M.D. Presidente da Sociedade Central Coreana e Brasileira

É com grande prazer que respondo a sua estimada carta de 10/3, atendendo o pedido de informações sôbre as relações de amizade que os dois paises poderão manter-se futuramente e sôbre a possível visita do professor Kyong ao Brasil.

Temos, aquí, em nosso país, a Sociedade Cultural Brasil-Coréa, uma organização por nós fundada, que por intermédio desta, pretendemos incentivar os esforços de ambas as partes, da melhor maneira possível almejando que êsse incentivo não seja, sòmente, entre os dois paises, mas, sim, de âmbito internacional, para o bem comum e felicidade de todos os povos, em pról da paz e prosperidade de tôdas as nações democráticas do mundo.

A nossa Sociedade surgiu com o fito de estreitar as relações de amizade com todos os povos amigos, promovendo o intercambio de caráter cultunal, sociál, educacional e esportivo.

No tocante a visita que o Professor Kyong deseja fazer ao Brasil, já foi providenciado de acôrdo com a declaração que enviamos, diretamente, ao Sr. Yoon Bo Seon - D.D. Presidente da República da Coréa, por intermédio daSociedade Cultural Brasil-Coréa, repredentada pelo seu Presidente Sr. Su Jo Kin, que está disposto a convidar e hospedar o Professor Kyong, a fim de fazer uma excursão e observação cultural, organizando as conferências nos centros culturais do Brasil, sendo para o bem social e cultural, assume tôdas as responsabilidades financeiras de viagem desta, tais como passagem de avião Ida e Volta entre Seul e São

서신을 보내드린 바있는 귀국 대통령 각하께 조량 하여주실것을 요망합니다.

귀하와 귀협회 회원들에게 진심으로 행복있기를 기원하면서 귀하의 방문을 괴대합니다.

김 수 조

비한 문화 협회

SOCIEDADE CULTURAL BRASIL - CORÉA
(DECRETO FEDERAL N. 4857, DE 9 DE NOVEMBRO DE 1939)
Rua da Consolação, 1308 — Telefone 34-5532
SÃO PAULO - BRASIL

Para melhor esclarecimento a respeito da viagem do Professor Kyong, pedimos que se dirijam ao Sr. Presidente da República de seu país, com quem já entramos em entendimentos.

Enviamos ao ilustre professor e aos membros da Sociedade Central Coreana e Brasileira os nossos mais sinceros votos de felicidades e aguardamos anciosos a sua visita.

Subscrevemo-nos

atenciosamente,

SU JO KIN
Presidente da Sociedade
Cultural Brasil-Coréa.

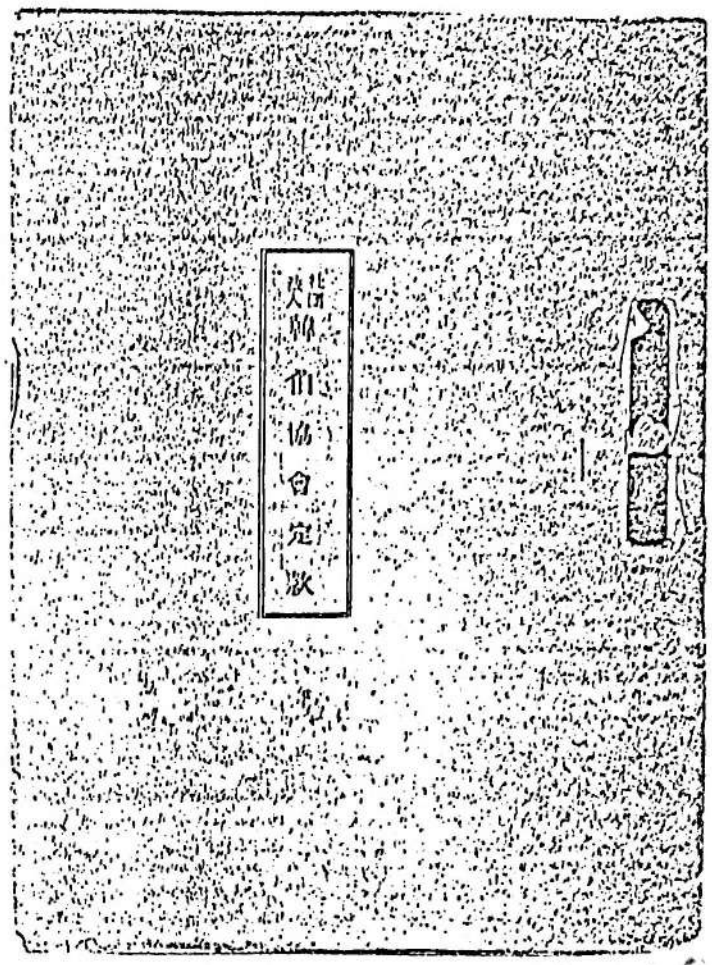
A)

秘外外部

伯國移民計劃書

1962. 7.

B)



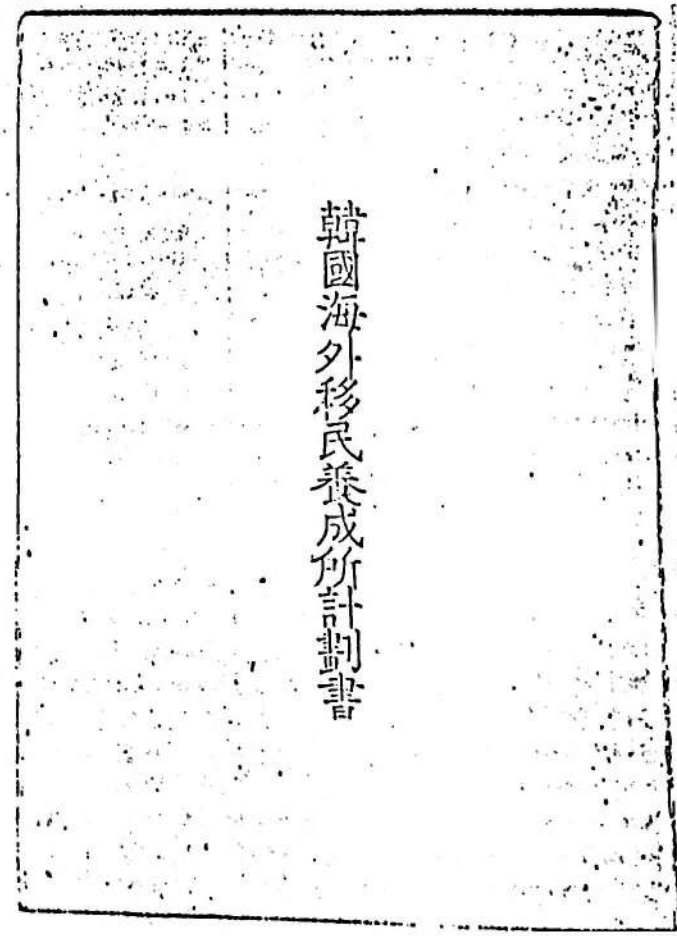
C)

海外移民關係法規集

(移民案內 第一輯)

保健社會部移民課

D)



사회단체등록증

1. 단 체 명 칭 한벽 문화 협회
2. 단 체 주 소 서울특별시 종로구 묘동 111번지
3. 대 표 자 정 인 규
4. 대표자대리 오 찬 관
5. 등 록 번 호 제 20 호
6. 창 립 년 월 일 1961 년 10 월 2 일
7. 등 록 년 월 일 1963 년 6 월 7 일

위와 같이 등록하였음을 증함

1963 년 6 월 7 일

대 한 민 국

공 보 부 장 관

주 의 사 항

1. 단체를 해산하거나 또는 등록사항에 변경이 생겼을 때에는 본 증서를 반환하여야 함

2. 본증서를 분실하였을 때에는 즉시 신고하여야 함

1.4. PROPAGANDA SOBRE O BRASIL:

Jong Wook Lee - "Brasil e sua imigração" Choson Ilbo, Seul, 13-15 de setembro de 1961.

1) Os coreanos ainda tem na mente que na próxima geração talvez possam desfrutar de progressos. A atual geração deverá ser sacrificada. Isto não ocorre no Brasil, onde qualquer um pode melhorar após 10 anos de trabalho quando, inclusive, poderá andar de carro próprio e ainda possuir um mínimo de terra para cultivar.

2) A venda de produtos agrícolas no Brasil é relativamente fácil. Basta associar-se numa cooperativa, a qual se encarrega de transportar os produtos, o gás para fazer comida, pagar o preço do dia e ainda levar até o agricultor os gêneros de primeira necessidade.

3) A emigração agrícola é em família, muito mais vantajosa para quem emigrar, do que a forma individual.

- Sobre o clima, alimentação e moradia -

1) A terra do sul é bastante semelhante a da Coréia. Talvez por ser o clima bom, as pessoas vivem em média 100 anos. Quanto à alimentação, é muito semelhante a dos coreanos. Tem arroz, carne, verduras. De modo geral são mais baratas que na Coréia. Os brasileiros gostam de comida apimentada como os coreanos e têm alhos, pimenta, acelga e a soja, indispensável à fabricação de condimentos coreanos, tais como: Kochujang (Molho de pimenta), Daenjang (Missô), e Kanjang (Soyu). Mas os alugueis de apartamentos são um pouco mais caros (os coreanos ainda não entendem bem o sistema de aluguel de moradia).

2) Há cobras venenosas no norte do Brasil, mas praticamente inexistem na região sul. Há o Instituto Butantã, onde são fabricados os soros anti-ofídicos, que são distribuídos para todo o país, evitando mortes por picadas de cobras.

3) Por motivo de idade e número de membros será ideal a família de 5 membros com, pelo menos, 3 em idade ativa. Mas não há qualquer rejeição do ponto de vista do governo.

- Quanto à forma de emigração -

1) A situação política do Brasil neste ano [1961 - grifo meu] não impedirá a entrada de 500 famílias coreanas previstas pelo governo brasileiro a serem encaminhadas a fazendas predeterminadas. O Brasil é constituído por imigrantes. Atualmente, mais ou menos 100.000 imigrantes estão entrando por ano.

2) O Brasil não admite o comunismo pela lei, sendo profundamente capitalista. O caráter do povo não aceita a limitação da liberdade e, naturalmente, o povo odeia o comunismo. Por essa razão, não me parece que o Brasil se tornaria comunista. Neste aspecto, não apresenta obstáculos à entrada dos imigrantes coreanos.

3) Contactar com os proprietários do Brasil e receber a garantia financeira.

Quanto a esta última forma, exemplificamos o caso de um jovem italiano que mandou uma carta a um empresário brasileiro de construção, propondo-se a um emprego. Foi aceito, o que possibilitou sua ida para o Brasil. É uma tática que nós, também poderíamos tentar.

조선일보 1932. 7月 3. 14. 15면

10年이면 「小地主」된다

南部地方紙値는 離農과비슷

獨身보다 能力있는家族歡迎

(上) 李鍾燦

▲農民의 移動을 장려 교정할 目的으로 「캐스」 도시대로 윤리면 大體的에서나 귀농하는 사람에게는 農地를 賃貸하는 것이 좋다고 생각하는 것이 좋다고 생각하는 것이 좋다고 생각

- Preços de terra, por alqueires -

São Paulo - US$250,00
Curitiba - US$200,00
Amazonas - US$80,00
São Francisco - US$90,00
Mato Grosso - US$110,00

As terras passíveis de cultivo por família de 5 membros, sendo 3 ativos:

Verduras - 0.5 - 1 alqueire
Batata - 1.0 - 2 alqueires
Arroz - 5.0 - 6 "
Café - 6 "
Algodão - 7 "

- Despesas e faturas agrícolas -

O cultivo mais adequado aos coreanos - com pouca chance de falhas - seriam as verduras. O atual quadro de plantio de verduras do Brasil é:

Nas proximidades de Curitiba, bastará US$200,00 para a aquisição de 1 alqueire de terra, US$200,00 para preparo de terra, US$200,00, para vida durante 6 meses, US$200,00 para a construção da infra-estrutura, US$200,00, como capital, totalizando: US$1.000,00.

Dentre estes itens a aquisição de terras e imovel poderá ser parcelado, possibilitando desta forma um mínimo de US$700,00 por família.

Quanto ao faturamento, para cada alqueire, será à base de 350,00 "contos" sem o emprego de empregados.

- No caso de emigração por contrato técnico -

Para os que não tem nenhuma técnica específica, o salário base é de Cr$9.000,00 cruzeiros, enquanto os que tem uma especialização recebem no mínimo Cr$50.000,00, tendo possibilidade de receber até Cr$60.000,00 ou Cr$70.000,00 após um ano. No Brasil, se dá preferência à mão-de-obra especializada mais do que à imigração agrícola.

- Será possível retornar conforme a necessidade? -

Não há qualquer impedimento quanto à volta. O problema será basicamente o preço do transporte que, no caso marítimo, seria por volta de US$400,00 e o aéreo US$920,00.

Mas é raro o retorno porque uma vez decidido a enfrentar a vida nova como um imigrante, geralmente leva-se 2 ou 3 anos lutando. Após 5 anos apropria-se de um carro e após 10 anos se torna um pequeno proprietário, o que não o motiva a retornar à terra natal.

未開地開墾의原則

現在로선 指定된區域에 局限
南部地方에 一部는 移住可能

李 鍾 燦 (中)



▲「브라질」에移住하는方法은二種이있다 하나는 政府에서 移住費를 支給하여 移民을 募集하는 方法이오 또하나는 移住者가 自己의 資本으로 移住하는 方法이다 前者는 移住費를 支給하는 關係上 移民의 選擇이 嚴重하여 農業에 經驗이 있고 年齡이 二十歲以上四十五歲以下의 男子로서 健康한 사람이라야 移住할 수 있으며 또 移住地에서도 一定한 期間 農業에 從事하여야 한다 後者는 移住者가 自己의 資本으로 移住하는 關係上 移民의 選擇이 嚴重하지 아니하여 農業에 經驗이 없는 사람이라도 移住할 수 있으며 年齡에 있어서도 二十歲以上 五十五歲以下의 男女이면 누구나 移住할 수 있다 그러나 移住地에서 農業에 從事하여야 한다는 點은 前者와 같다 그런데 移住費를 支給하는 方法은 移住者가 移住地에 到着한 後 一定한 期間 生活費를 支給하는 方法과 移住地에 到着한 後 一定한 期間 生活費를 支給하지 아니하고 移住費만 支給하는 方法이 있다 그런데 移住費를 支給하는 方法은 移住者가

– Questão de educação –

Conforme a lei brasileira, toda a educação no Brasil deverá ser feito em português. O que leva todos os filhos de imigrantes de todas as nacionalidade a estudarem desde a primeira série em escola brasileira. Conforme o desempenho de cada um, após 1 a 2 anos de estudos básicos cada um segue o seu curso normal.

No caso do Brasil, seja qual for a terra distante, bastando a existência de classes o governo manda professores para lá. Atualmente, os judeus tem as melhores notas nas escolas. Os coreanos que aqui educarem os seus filhos no ritmo de sua terra natal, certamente poderão obter bons resultados.

Os profissionais como médicos, professores, advogados, juízes e outros jamais serão reconhecidos como tal se não tiverem se diplomado em uma das escolas brasileiras. Portanto, seria mais conveniente educar os filhos conforme as exigências deste país e deixá-los um dia contribuir para esta sociedade.

自作農移民

(下)

李鍾煜

▲入住與就農用과 農事 서 收入에 관하여 보건데 「알렌」 어나지 못하는한도 있다하의 收入=年純收入(生活費 除外) 을 三五〇「弗」 即韓 이라 充分히 留植할 수있고 또 貯金할 수있다 貿地 「보라질」 에서 農業移民보다도 投機移民 을 歡迎하는 形便이다

▲移民했다가도 歸國에 따라서 歸國인데 그 그러나 移民의 子 弟는 一人의 順序되어있다 있다

自作은年純益白70萬圓

技術者移民을 特히優待

教育機關完備·補語通用

(필)

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

H/ 56 C.

Em 1o de agôsto de 1961

)o Diretor Técnico
.o Presidente da Sociedade
Cultural Brasil - Corea,
Senhor Sujo Kim.

Levo ao conhecimento de Vossa Senhoria que existe no INIC o processo nº 4563/61, do qual consta o esbôço de um plano de imigração de coreanos do sul, apresentado por essa Sociedade em 14-7-1961.

O parecer do Conselho de Segurança Nacional, relativo a esse plano, já foi encaminhado ao INIC. Aguarda-se agora a convocação do Conselho Consultivo desta Autarquia, a fim de dar solução definitiva ao assunto.

Atenciosamente,

Adhail Sprenger Passos
Diretor Técnico.

22.º TABELIÃO DE NOTAS
SEÇÃO DE FOTOCOPIAS
Praça Clovis Bevilaqua, 128
Fone 35-1173 — São Paulo

22.º TABELIÃO DE NOTAS
PÇA. CLOVIS BEVILACQUA 128 - Fone 35-1173
A presente fotocópia, conferida com o original, vai por mim autenticada.
São Paulo, 09 AGO de 1961



INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1962.

Ao Senhor Sujo Kim
Presidente da Sociedade
Cultural Brasil - Coréa

Tenho o prazer de comunicar a Vossa Senhoria que o Conselho Consultivo do Instituto Nacional de Imigração e Colonização aprovou, em parte, o pedido de visto em favor de famílias de agricultores da Coréa do Sul, apresentado em meiados do ano passado pela Sociedade Cultural Brasil Coréa.

As devidas comunicações para que o embarque dos referidos imigrantes possa se efetuar serão enviadas, em tempo, a Vossa Senhoria, e ao Ministério das Relações Exteriores.

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos da perfeita estima e consideração com que me subscrevo

de Vossa Senhoria,

Adhail Sprenger Passos
Diretor Técnico

MGSR/mab

IMIG 003

CERTIFICO que esta fotocópia é reprodução fiel
do original que me foi apresentado, autenticando-a
para [illegible] 2º do D[illegible]

São 23 de Maio de 1962

Odyseo Vieira Lauro

Anexo III - GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

A partir do levantamento realizado pelo Consulado em São Paulo e consultando a Agenda Comercial Coreana feita pela empresa Chosun (89), procuramos agrupar as associações levantadas, de acordo com sua natureza. O resultado foi o seguinte:

1. Grupos por Atividade Econômica:
   Câmara de Comércio e Indústria Coreana (fundada em 08/03/1984, com 2.323 membros)
   (Periódico do Comércio e Indústria-2.000)
   Associação de Oficina Coreana do Brasil (fundada em 04/07/1986, com 97 membros)
   Associação dos Comerciantes Coreanos do Bom Retiro
   (fundada em 17/01/1980, com 137 membros)
   Associação Relojoeiro do Coreano (fundada em 10/05/1986, com 73 membros)
   Associação Unida dos Economistas Coreanos (fundada em 09/1989)
   Asscíação das Agências de Turismo (fundada em 01/08/1988)

2. Grupos Sociais:
   Associação Brasileira dos Veteranos Coreanos
   (fundada em 08/05/1972, com 864 membros) (Periódico dos Ex-Militares -- 2.000)
   Associação dos Idosos Coreanos (fundada em 15/11/1978, com 70 membros)
   Dai Han Associação das Senhoras do Brasil (fundada em 20/03/1978, com 90 membros)
   International Lions Club São Paulo - S.P.Coréia (fundada em 24/03/1983, com 36 membros)
   Associação dos Coreanos Naturalizados (fundada em 08/1986, com 200 membros)
   Associação dos ex-alunos do colégio e/ou da Universidade
   (29 associações)

3. Grupos de Artistas:
   Federação da Organização Cultural dos Artistas da Coréia no Brasil
   (fundada em 27/06/1986, com 41 membros)
   Associação de Artes Plásticas (fundada em 1986)
   Associação dos Músicos (fundada em 02/1988)
   Associação dos Maestros

4. Grupos de Amizade:
   Dong Ho Pescador Clube Coreanos (fundada em 01/04/1975, com 30 membros)
   Associação dos Pescadores de Farol
   Associação de "Go"
   Associação de Ex-Moradores do Estado de Hwang Hae

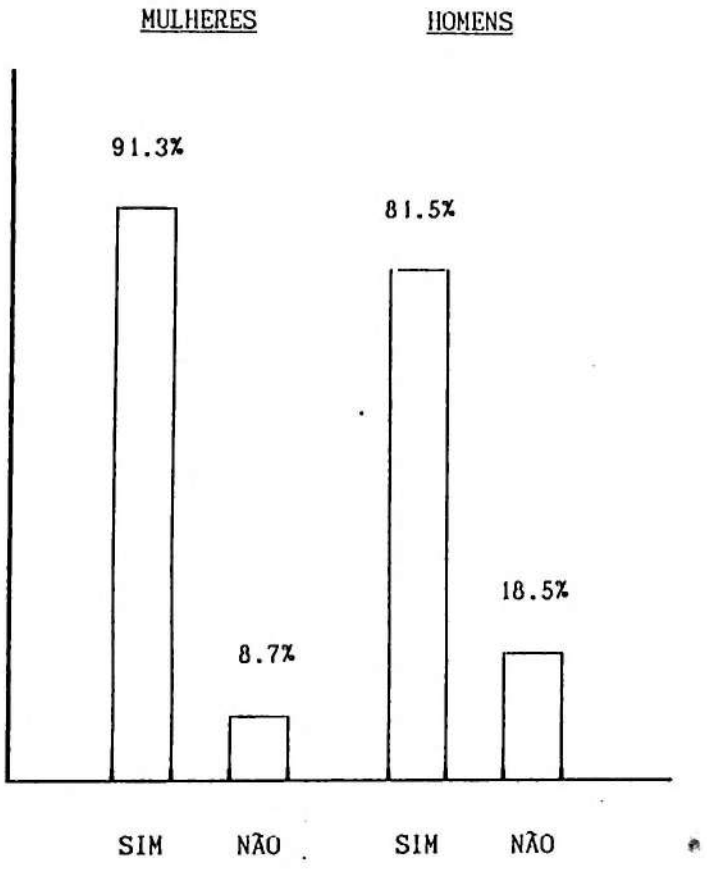
5. Grupos Religiosos:
   Associação das Igrejas Protestantes
   Associação dos Homens Propagadores do Protestantismo
   Associação das Mulheres Propagadoras do Protestantismo

6. Grupos Esportivos:
   Associação Coreana de Esportes Amadores do Brasil (fundada em 19/07/1983, com 100 membros)
   Associação Coreana de Taekwondo (fundada em 01/02/1972, com 40 membros)
   Associação de Golfe dos Coreanos (fundada em 05/11/1976, com 345 membros)
   Associação de Futebol dos Coreanos do Brasil (fundada em 20/04/1985, com 300 membros)
   Associação Basebolistas dos Coreanos no Brasil (fundada em 01/10/1982, com 300 membros)
   Associação Kobras de Tiro ao Alvo (fundada em 02/05/1986, com 60 membros)
   Associação de Voleibol Coreano no Brasil (fundada em 20/09/1986, com 200 membros)
   Associação de Tênis do Brasil (fundada em 15/02/1985, com 150 membros)
   Coréia Kum da Associação do Brasil (Esgrima) (fundada em 27/07/1982, com 78 membros)
   Coréia Ssirum Associação do Brasil
   Associação de Tênis de mesa
   Associação de Soft Tênis
   Associação de Hapkido
   Associação de Gate-Ball

7. Outros Grupos:
   Associação de Abstinência
   Associação de Juristas Coreanos-Brasileiros (fundada em 05/04/1985, com 7 membros)
   Associação dos Servidores Coreanos Voluntários (fundada em 26/07/1987, com 33 membros)

ANEXO IV - QUESTIONÁRIO DA KOCA

Você gosta de ser coreano?



Eis algumas frases dos entrevistados:

"Normal. Nada contra." -23a, M

"Tenho o maior orgulho, falou?" -23a, F

"Não, porque não me identifico com a sociedade." 19a, F

"Gosto porque gosto de ser minoria." -21a, M

"Gosto porque é radical e eu gosto de tudo que é radical." -21a, M

"Gosto porque pelo menos é melhor do que ser brasileiro." -17a, F

(KOCA, 1989, 1ª Edit.)

BIBLIOGRAFIA E FONTES:

BIBLIOGRAFIA EM PORTUGUÊS:

A lei para estrangeiros, São Paulo, Ed. Saraiva, 1982.

Almanaque Abril, São Paulo, Ed. Abril, 1980.

Anuário Estatístico do Brasil, São Paulo, IBGE, 1989.

CARNEIRO, Maria Luisa Tucci – Preconceito racial no Brasil Colônia, São Paulo, Edit., Brasiliense, 1983.

Dados sobre a Coréia, Serviço Coreano de Informações Além-Mar Seul, Samhwa Printing Company, 1985.

DJACIR, Menezes – "Notas sobre problemas aculturativos", Digesto Econômico, São Paulo, 7(82): 57/61, setembro de 1951.

Enciclopédia Mirador Internacional. SP-RJ, 1975.

Grande Enciclopédia Delta Larousse, R.J., Edit. Delta S.A., Vol 3. 1972.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de – Visão do Paraíso, São Paulo, Edit. Nacional-Edusp. 1969.

HUTTER, Lucy Maffei – Imigração Italiana em São Paulo de 1902 a 1914. O Processo Imigratório. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1986.

IANNI, Octavio – Raças e classes sociais no Brasil, São Paulo, Edit., Brasiliense, 1987.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre – História: novos problemas. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
———— : História: novos objetos. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

LIMA, Oscar Resende de – "Aspectos Psiquiátricos dos Imigrados", Jornal Brasileiro de Psiquiatria, São Paulo, 9(3), 1960.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha – Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil, São Paulo, Massao Ohno/Centro de Estudos Nipo Brasileiros, 1984.

PETRONE, Maria Tereza Schorer – "O Imigrante em São Paulo", In: O Brasil Republicano, São Paulo, Difel/Difusão Editorial S.A., 1977, Vol. 2°, Sociedade e Instituições (1889-1930).

SAITO, Hiroshi – Estudo de Mobilidade e Fixação no Brasil, São Paulo, Edit. Sociologia e Política, 1961.
————: – Integração e Participação de Japoneses e Descendentes na Sociedade Brasileira, São Paulo, Ed. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

PERIÓDICOS E OUTROS MATERIAIS EM PORTUGUÊS:

[ARTIGOS]

"Brasil aumenta em 846% exportações a asiáticos". GAZETA MERCANTIL, São Paulo, 30 Janeiro de 1990.

"Família Lee, um exemplo de clausura", Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 agosto de 1978.

Barroso, Josias – Apelo aos costumes incentiva isolamento, O Estado de S.Paulo, São Paulo, 5 dezembro de 1989.

Claudia Maria de Freitas – Taekwondo. Vento Oriental (JUDÔ) , São Paulo, 9 dezembro de 1988.

Ediana Balleroni – "Coréia busca novas áreas, Investimentos estrangeiros, no parte do futuro da Zona Franca", Relatório da GAZETA MERCANTIL, São Paulo, 31 Janeiro de 1990.

José Simão – "Vida de coreanos pode parecer uma maravilha, mas nem sempre é fácil ser artista", Data Folha, São Paulo, 24 setembro de 1989.

LOMBARDI, Renato e VUCOVIX Irene – "Os Coreanos, uma invasão do mistério", O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.

Mario Viana – "A estrela dos judeus em São Paulo", Veja em São Paulo, São Paulo, 18 setembro de 1989.

Nelson Pujol Yamamoto – "Pueblo da garoa", Data Folha, São Paulo, 23 julho de 1989.

RAMÃO, Gomes Portão – "Dossiê Amarelo> Clandestinos: Todos os caminhos para SP", Folha da Tarde, São Paulo, 7 julho de 1977.

VIUITI, Eduardo – Imigração Coreana ao Brasil. São Paulo, Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, 1988. (Trabalho de graduação)

VUCOVIX, Irene – "O vale – tudo da imigração clandestina", O Estado de S.Paulo, São Paulo, 6 fevereiro de 1982.

Lista de nomes de passageiros de navio *Tjitjalengka*, São Paulo, Ex-Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, 1963.

Lista de nomes de passageiros de navio *Rays*, São Paulo, Ex-Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, 1963.

[NOTÍCIAS]

Agora, São Paulo, 23 janeiro de 1985.
City News, São Paulo, 22 julho de 1979.
Data Folha, São Paulo, Julho de 1987.
Data Folha, São Paulo, 8 outubro de 1989.
Diário Popular, São Paulo, 2 março de 1970.
Folha da Tarde, São Paulo, 26 maio de 1967.
Folha da Tarde, São Paulo, 28 janeiro de 1970.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 7 março de 1970.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 novembro de 1977.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 20 agosto de 1988.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 25 abril de 1989.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 7 setembro de 1989.

Folha de Tarde, São Paulo, 29 maio de 1984.
Jornal do Funcionário, São Paulo, setembro de 1968.
O Estado do Paraná, Curitiba, 14 janeiro de 1966.
O Estado de S.Paulo, São Paulo, 7 fevereiro de 1956.
O Estado de S.Paulo, São Paulo, 4 março de 1970.
O Estado de S.Paulo, São Paulo, 13 abril de 1982.
O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19 setembro de 1982.
O Estado de S.Paulo, São Paulo, 2 setembro de 1983.
O Estado de S.Paulo, São Paulo, 15 outubro de 1988.
O Globo, São Paulo, 29 agosto de 1978.
Popular da Tarde, São Paulo, 30 janeiro de 1970.

Veja em São Paulo, São Paulo, 1 abril de 1970 .
Veja em São Paulo, São Paulo, 5-11 abril de 1982.
Veja em São Paulo, São Paulo, 13-19 outubro de 1986.
Visão, São Paulo, 25 Julho de 1983.

BIBLIOGRAFIA EM INGLÊS:

KIM, Hyun Chang - The Korean Diaspora: ABC-Clio, Inc; Santa Barbara, CA., 1977.

KIM, Ill Soo - New Urban Immigrants - The Korean Community in New York. Princeton, Princeton University Press, 1981.

LEE, Ki Baik - A New History of Korea, Seul, IlChoKak, 1984.

MARDEN, Charles F. - Minorities in American Society, New York, American Book Company, 1952.

PARK, Kye Yyoung - The Korean American Dream: Ideology and small Business in Queens, New York, New York, The City University of New York, 1990. P.IX em Prefácio.

PARK, Robert E. - Race and Cultura, Glencoe, The free Press, 1950.

SURGEON, George - Structure and Context of White Racial Attitudes. In: Race Relations in Chicago, Chicago, Comunity and Family Study Center, University of chicago, 1976.

The Comunity Press in an Urban Setting: The Social Elements of Urbanism, Chicago, The University of Chicago Press, 1967.

WHONG, Moon Kyoo - The Korean Immigrant Churches in Brazil and Their Mission, (브라질의 한국인 이민 교회와 선교). Virginia, The faculty of Union Theological Seminary, 1983.

PERIÓDICOS E OUTROS MATERIAIS EM INGLÊS:

News Week, New York, abril de 1961.
The Korea Herald, Seul, 18 Junho de 1983.
TIMES, New York, 28 maio de 1990.
Education in Korea 1989-1990, Seul, Ministry of Education, Republic of Korea, 1990.

KIM, Yong Shik - Doing Theology in the Context of Korean Imigrantes in Brasil, Pasadena, CA, Fuller Theological Seminary, June 22, 1988. (Report)

————————: - The image of pastor in the Korean immigrant church in Brasil, Fuller Theological Seminary Pesadina, na Califórnia, Spring, 1988. (Report)

BIBLIOGRAFIA EM FRANCÊS:

Michel Maffesoli. Le rituel et la vie quotidienne comme fondements des histoires de vie. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris: Presses Universitaires de France. 69:340 349, jul. dez. 1980. Françoise Morim, Anthropologie et histoire de vie. Cahiers Internationaux de Sociologia, Paris: Presses Universitaires de France, 69:313-339, jul.-dez. 1980.

BIBLIOGRAFIA EM COREANO:

CHO, Ki Jun e Oh Duck Young – A História da Economia Coreana [韓國 經濟史]. Seul, BumMoonSa, 1962.

CHOE, Eun Young – "Estrutura socio-econômica dos agricultores coreanos e Kye". In: Antropological Study, Seul, Universidade Nacional de Seul, Vo.7: fevereiro de 1984.

CHOY, Bong Youn – Os Coreanos nos Estados Unidos [미국속의 한국인]. Seul, Jongro Seojuk, 1983.

CHUNG, Young Il – "O desenvolvimento aparente da economia e da política agrícola" (외향적 경제발전과 농업정책). In: O discurso do desenvolvimento da economia da Coréia-desde sua libertação até a década de 70 [한국경제의 전개과정 – 해방이후에서 70년대까지]. Seul, Ed. Dolbaegye, 1979.

Center for Foreign Investment Services – A Guide to Foreign Investment in Korea, Seul, Ed. Small & Medium Industry Promotion Corp., 1989.

HAN, Woo Keun – A História Geral da Coréia [韓國通史], Seul, Ulyu-MunWahSa, 1970.

HYUN, Kyu Hwan – A História Geral da Emigração Coreana [韓國 流移民史(下)]. Seul, Ed. Samwha, 1976.

KIM Si Bong – "A Fantasia da América Latina" (남미환상곡). Vida Nova [새생명], São Paulo, nov. 1987.

KIM, Kyong Tae et al – História da Cultura da Coréia [韓國文化史] , Seul, Ed. Universidade Ewha, 1986.

KIM, Sung Hun – Documentos de Tratados Internacionais. Seul, Ed. Ilshinsa, 1981.

KIM, Sung Whan – "Estrutura da Revolução Civil e sua Avaliação Geral" (4.19 혁명의 구조와 종합적 평가). In: 60年代 (Na Década de Sessenta), Seul, Ed. Gyorum, 1984.

LEE, In Kil – A autobiografia literária de In Kil Lee [松岩 文學全集], São Paulo: Ed. Hankook, 1983.

LEE, Ki Baik – Uma Nova Argumentação da História Coreana [韓國史 新論]. Seul, Ilchokak, 1967.

LEE, Ku Hong – A História da Emigração [韓國 移民史]. Seul, Ed. Jungang Shinseo, 1979.

LIM, Dong Kwon – A tradição e os costumes da Coréia [한국의 전통과 관습]. Seul, Ministério da Cultura, 1982.

SO, Jung Hun – "A mudança da estratégia mundial dos Estados Unidos e o acordo entre a Coréia e o Japão" (미 세계전략의 변화와 한일협정) In: A nova avaliação sobre a Coréia após 40 anos da Libertação I, [해방 40년의 재인식 I]. Seul, Ed. Dolbaegae, 1985.

TACK, Kun Pyung – "Uma pesquisa sobre os órgãos dos chineses que residem na Coréia – em torno de Seul" (在韓華僑의 社會組織에 관한 硏究). In: O Estudo antropológico [人類學論集], Seul, Dept. de Antropologia de Universidade Nacional Seul, No.8, 1985.

WUN, Hyung Kook - O sonho de continente [大地의 꿈]. Seul, Ed. Yerusalém, 1988.

梶村秀樹 - "A estrutura dominante da Coréia e seu capital relativo à década de sessenta" (60년대 한국의 계급구조와 그의 예속자본). In: A formação do capitalismo e seu desenvolvimento na Coréia [한국의 자본주의의 형성과 발달]. Ed.龍溪書舍, 1977.

山本剛士 - "O projeto do desenvolvimento econômico e o problema consequente do alto crescimento da Coréia" (1.2차 경제개발계획과 고도성장의 문제점). In: Na Década de Sessenta [60年代]. Seul, Ed. Gyorum, 1984.

OS PERIÓDICOS E OUTROS MATERIAIS EM COREANO:

[ARTIGOS]

"A realidade dos imigrantes coreanos e seus problemas" (브라질 移民의 現況과 問題) In: Anuário sobre a Política da Emigração, Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos, 8:5-12, setembro de 1969.

"Após 10 anos de chegada dos imigrantes coreanos no Brasil" (브라질 移民 10年後), Jungang Ilbo, Seul, 15 setembro de 1973.

"O Guia para Emigração", Dong-A Ilbo, Seul, 29 janeiro de 1963.

"Os problemas reais dos imigrantes coreanos na América Latina" (남미 이민의 현실적 과제), Anuário sobre a Política da Emigração, Seul, Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos 18:12, junho de 1978.

CHANG, Myung Soo - "O povo coreano na esfera" (地球村의 韓國人). Hankook Ilbo, Seul, 9 junho de 1989.

CHUNG, Yeon Kwon - "Nossos Patrícios no Brasil" (브라질의 우리僑胞), Dong-A Ilbo, Seul, 18 julho de 1961.

CHOI, Jung Hee - "O Budismo Coreano dentro do Mundo" (세계속의 한국불교-南美), Jornal Budista [불교신문], 27 julho de 1988.

HONG, Sung Hak - "O fazendeiro que se estabeleceu na fazenda, mas..." (만석군 터전은 잡았지만...). Jukan Hankook (Samanário HanKook), São Paulo, 4 agosto de 1984.

KANG, Tae Suk - "O problema de legalização das terceira geração dos coreanos no Japão" (在日 한국인 3세 法的 지위문제), Choson Ilbo, São Paulo, 13 março de 1990.

KIM, Sung Yul - "A Coréia plantada em baixo do Equador" (赤道下에 심은 코리아). Shin Dong-A [신동아]. Seul, Ed. Dong-A, junho de 1966.

KIM, Woo Jin - "Um discurso para filho brasileiro e para pai coreano" (브라질레이로 아들과 한국 아버지에게 하고 싶은 말). Jukan Hankook [Semanário Hankook], São Paulo, 22 dezembro de 1984.

KO, Heung Kil - "Os imigrantes coreanos na América Latina" (南美移民), Jungang Ilbo, 28 julho de 1981.

LEE, Jong Ik - "Brasil e Emigração" (브라질과 이민). Dong-A Ilbo, Seul, 15 setembro de 1961.

LEE, Kyu Suk - "O interrompimento do caminho de reunião das famílias separadas pela emigração", (再會길 막힌 '移民移散 가족'). Dong-A Ilbo, Seul, 11 outubro de 1979.

OH, Ung Seo – "A Emigração Coreana para México" (멕시코 한국이민), Revista Nam Mi Mae Il [Diário da América Latina], São Paulo, 9: 20-21, 3 agosto de 1987.

————: – "Comemorando 21 anos de Imigração coreana no Brasil" (브라질 이민 21년을 기념하며). Periódico da ABC. São Paulo, 3: fevereiro de 1984.

————: – "A Realidade de Imigrantes Coreanos no Brasil" (브라질 이민자의 실태), Hwaejbo MinBo, Julho de 1963.

PARK, Jong Bo – "Quem é Soo Jo Kim? – que arrumou a Fazenda *Iguape*" (김 수조란 사람), Choson Ilbo, Seul, 8 fevereiro de 1963.

PARK, Jong Young – "Aonde vão chegar os emigrantes coreanos? – A reflexão dos emigrantes coreanos" (브라질 移民은 어디로 가나). Choson Ilbo, Seul, 8 fevereiro de 1963.

————: – "O Cotidiano da vida dos coreanos na Hospedaria dos Imigrantes" (수용소의 나날). Choson Ilbo, Seul, 26 março de 1963, Nº12869

PARK, Soon Jae – "O navio cheio de esperança dos imigrantes coreanos ao Brasil" (꿈으로 부푼 브라질 移民船). Dong-A Ilbo, Seul, 15 janeiro de 1963.

————: – "Miracatu é..." (미라까뚜라는 곳). Dong-A Ilbo, Seul, 2 março de 1963.

SUH, Kil Soo – "Um Roteiro para México, os descendentes dos coreanos" 무바기행 한국이민 후예들). News Brasil, São Paulo, 25 maio de 1989.

SUNG, Mok Hyun – "Kimchi". KOCA (Koreanos Cabeça), São Paulo, Associação Brasileira dos Universitários Coreanos, 1989.

WON, Chung Hee – "Nuance". Periódico da ABC, Ed. Associação Brasileira dos Coreanos, 1968, 6:8.

YANG, Chung – "A Lágrima de Vô Mida!" (미다함아버지의 눈물). Jukan Hankook [Semanário HanKook], São Paulo, 14 julho de 1984.

YEUN, Bong Won – "O São Paulo que foi repleto de romantismo 25 anos atrás" (낭만이 넘쳐흐르던 25년전의 상파울로), Cultura Tropical, São Paulo 4:6 fevereiro de 1988.

YOON, Myung Sup – "Dez dias (8/17 de jan. 1963) da viagem no navio dos imigrantes coreanos ao Brasil no oceano da Índia (do Penão até Moçambique)" (브라질 이민선에서 – 10일간의 인도양 항해), Choson Ilbo, Seul, 18 janeiro de 1963.

[OUTROS MATERIAIS]

As informações sobre América Latina [라틴아메라카편람], Seul, The Korean Chamber of Commerce Industrial for Brazil, 1980.

Dados do Consulado da República da Coréia, São Paulo, novembro de 1989.

Dados sobre história da Igreja Católica Coreana, Paróquia N. Sra. Rainha e seus sub-orgãos. São Paulo, Igreja Católica Coreana Paroquia N. Sra. Rainha, em 1988.

O Brasil e os coreanos [브라질과 한국인]. Seul, The Korean Chamber of Commerce Industrial for Brazil, 1986.

Ocorrência na Casa Cultural dos coreanos no Ipiranga em 3 janeiro de 1970, foi traduzido pelo Hong Ki Kim sob o Nº de tradução 1-009 em 7 de janeiro de 1970.

Periódico da Associação Brasileira dos Coreanos, São Paulo, 1967, nº1.

Periódico da Associação Brasileira dos Coreanos, São Paulo, 21 Junho de 1989.

Periódico do Banco Coreano do Intercâmbio - a situação do investimento direto das empresas estrangeiras no Brasil, Korean Exchange Bank, Seul, janeiro de 1989.

Relatório após a expedição de negociação de imigração coreana com a Guatemala e após a visita ao Brasil [과테말라 이민 교섭단및 브라질 방문 보고서]. Seul, Ministério da Saúde, 20 abril de 1963.

Relatório do Consulado da República da Coréia do Sul no Brasil, São Paulo, 13 janeiro de 1989.

BRAZIL - entre Os Países da América Latina (05), Korea Institute for Economics and Technology, Seul, fevereiro de 1986.

[NOTÍCIAS OBTIDOS DA CORÉIA]

Choson Ilbo, Seul, 28 janeiro de 1961.
Choson Ilbo, Seul, 26 dezembro de 1961.
Choson Ilbo, Seul, 17 abril de 1962.
Choson Ilbo, Seul, 12 maio de 1962.
Choson Ilbo, Seul, 1 dezembro de 1962.
Choson Ilbo, Seul, 26 março de 1978.

Dong-A Ilbo, Seul, 18/19 julho de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 7/13 setembro de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 18 julho de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 7 setembro de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 13 setembro de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 15 setembro de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 22 outubro de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 23 novembro de 1961.
Dong-A Ilbo, Seul, 10 fevereiro de 1962.
Dong-A Ilbo, Seul, 5 março de 1962.
Dong-A Ilbo, Seul, 17 abril de 1962.
Dong-A Ilbo, Seul, 1 dezembro de 1962.
Dong-A Ilbo, Seul, 22 janeiro de 1963.
Dong-A Ilbo, Seul, 2 março de 1963.
Dong-A Ilbo, Seul, 1 março de 1967
Dong-A Ilbo, Seul, 22 agosto de 1969.
Dong-A Ilbo, Seul, 27 outubro de 1976.
Dong-A Ilbo, Seul, 26 março de 1978.

Jungang Ilbo, Seul, 17 Junho de 1983.

HanKook Ilbo, Seul, 17 fevereiro de 1961.
HanKook Ilbo, Seul, 28 outubro de 1961.
HanKook Ilbo, Seul, 26 dezembro de 1961.
HanKook Ilbo, Seul, 10 fevereiro de 1962.
HanKook Ilbo, Seul, 20 fevereiro de 1962.
HanKook Ilbo, Seul, 6 março de 1962.
HanKook Ilbo, Seul, 25 maio de 1963.
HanKook Ilbo, Seul, 9 Junho de 1989.
HanKook Ilbo, Seul, 9 julho de 1989.

MinKook Ilbo, Seul, 7 setembro de 1961.

Seul Shinmun, Seul, 27 outubro de 1961.

Filme transmitido pela Emissora da TV coreana MBC, a 25 junho de 1988 (programa especial relativo à invasão da Coréia do Sul pela Coréia do Norte).

Munlak Sasang [文學思想], Seul, Edit., Munlak Sasang-Sa, abril de 1989.

JORNAIS COREANOS NO BRASIL:

Choson Ilbo, São Paulo, 13, 14, 15, 17 fevereiro de 1990.
Choson Ilbo, São Paulo, 23 março de 1990.
Choson Ilbo, São Paulo, 29 junho de 1990.
Choson Ilbo, São Paulo, 20 julho de 1990.
Choson Ilbo, São Paulo, 21 agosto de 1990.
Choson Ilbo, São Paulo, 20 novembro de 1990.
Choson Ilbo, São Paulo, 22 novembro de 1989.
Choson Ilbo, São Paulo, 1 dezembro de 1990.

Jukan Hankook (Seminário Hankook), São Paulo, 15 setembro de 1984.
KOREA TIMES BRASIL, São Paulo, 5 maio de 1990.
Semanário NAMMI MAEIL [NAMMI MAEIL SHIN MUN], São Paulo, 1:9.
Diário da América Latina [Nam Mi Mae Il], São Paulo, 9: 20-21, 3 agosto de 1987.

JORNAIS JAPONESES NO BRASIL:

São Paulo Shinbum, São Paulo, 27 fevereiro de 1970.
São Paulo Shinbum, São Paulo, 18 junho de 1989.

DEPOIMENTOS:

Depoimento de Bak Soon Shin, em janeiro de 1988.
Depoimento de Byung Kon Oh, em março de 1989.
Depoimento de Chang Soo Kim, em abril de 1989.
Depoimento de Chung Chul Cho, em fevereiro de 1989.
Depoimento de Chung Hee Cho Lee, em abril de 1989.
Depoimento de Dong Hun Lee, em novembro de 1988.
Depoimento de Dong Kyun Park, em setembro de 1988.
Depoimento de Hong Ki Kim, em outubro de 1989.
Depoimento de In Keun Chang, em abril de 1989.
Depoimento de In Kil Lee, em abril de 1989.
Depoimento de Ji Young Lee, em abril de 1989.
Depoimento de Jin Soo Kim, em outubro de 1988.
Depoimento de Kwang Cha Lee, em julho de 1989.
Depoimento de Kyung Soo Oh, em janeiro de 1989.
Depoimento de Mi Hwa Park Kim, em maio de 1989.
Depoimento de Missionária Byung Hwa Lee, em setembro de 1989.
Depoimento de Seo Kook Kim, em fevereiro de 1989.
Depoimento de Song Ja Oh Kim, em setembro de 1988.
Depoimento de Sun Kwan Park, em julho de 1989.
Depoimento de Sung Chul Kang, em setembro de 1989.
Depoimento de Sung Min Kim, ex-presidente da ABC, em março de 1989.
Depoimento de Tae Joo Oh, em janeiro de 1989.
Depoimento de Un Man, esposa de pastor Seo Kyun Shin, em setembro de 1989.
Depoimento de Ung Seo Oh, entre fevereiro e maio de 1989.
Depoimento de Wan Yup Lee, em outubro de 1988.
Depoimento de Won Kyu Lee, em dezembro de 1989.
Depoimento de Young Ja Chang Kim, em fevereiro de 1989.
Depoimento de Young Joo Kim Baik, em fevereiro de 1989.

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Nº	N O M E	Nº DE FAMÍLIA
12.	A. KIM Hwa Kun	5
	B. KIM Yeon	9
	C. KIM HAE Kon	6
		 20
13.	A. KIM Chong Tai	6
	B. KIM Duk Su	8
	C. KIM Sang Hun	4
		 18
14.	A. KIM Sung Kee	8
	B. KIM Sung Ho	5
	C. KIM Dong Kyu	4
		 17
15.	A. KIM Sang Kon	8
	B. KIM Yun Myong	6
	C. KIM Seuk Eung	7
		 21
16.	A. CHANG Man Sik	5
	B. CHANG Kee Sun	2
	C. CHANG Du Won	6
	D. CHU Suong Chol	6
		 19
17.	A. YANG Sung Kap	6
	B. YANG Jae Duk	9
	C. Yun Young Kook	10
		 25
18.		

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Nº	N O M E	Nº- FAMÍLIA
6.	A. LEE In Sun	4
	B. LEE Duk Sam	5
	C. LEE Taik Young	4
	D. LEE Mun Hyeup	4
	E. LEE Jung Su	4
		 21
7.	A. LEE Young Chul	7
	B. LEE In Han	6
	C. LEE Kun Chun	8
	D. LEE Kun Tae	5
		 26
8.	A. YUN Chung Hyun	6
	B. YUN Soo Hyun	6
	C. YUN Ok Young	9
	D. YUN Bong Sun	5
		 26
9.	A. CHO Choong Chul	6
	B. CHO Jai Kak	8
	C. CHO Chong Dae	9
		 23
10.	A. HAN Chun Kyo	6
	B. HAN In Hyun	5
	C. HAN Seung Heup	6
		 17
11.	A. KIM Pil Song	9
	B. KIM Young Shin	5
	C. KIM Sung Nam	7

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Conforme os entendimentos mantidos com o Instituto Nacional de Imigração e Colonização sôbre a primeira imigração coreana no Brasil, abaixo segue a seguinte relação:

Nº	N O M E	Nº de FAMÍLIA
1.	A. CHUNG In Kyu	7
	B. CHUNG Soo Chang	9
	C. CHUNG Kwang Bok	6
		 22
2.	A. CHUNG Hong Bum	6
	B. CHUNG Son Hyup	4
	C. CHUNG In Su	5
		 15
3.	A. LEE Sung Yong	4
	B. LEE Jong Man	8
	C. LEE Jin Yong	8
		20
4.	A. LEE Myong Ho	4
	B. LEE Jung Hwan	8
	C. LEE Kun Soo	5 17
5.	A. LEE Sun Kyu	11
	B. LEE Ung Yong	4
	C. LEE Jung Ok	4
		19
6.	A. LEE In Sun	4

CERTIFICO que a presente fotostática é reprodução fiel do original que me foi apresentado, conferindo-a e autenticando-a. Cartório do Cível n.º [illegible] de 20 de Abril de 1962. Eu [illegible] subscrevo e assino.

Rio, 23 de Maio de 1962

Odpsca Rocha Santos

CERTIFICO que a presente fotostática é reprodução fiel do original que me foi apresentado, conferindo-a e autenticando-a. Cartório do Cível n.º [illegible] de 20 de Abril de 1962. Eu [illegible] subscrevo e assino.

Rio, 23 de Maio de 1962

Odpsca Rocha Santos

Nº	NOME	Nº DE FAMÍLIA
30.	A. KIM Sung Han	9
	B. KIM Se Kyu	12
	C. KIM Ja Yong	8
		29
31.	A. HAN Kyong Byuk	5
	B. HAN Yong Jun	7
	C. HONG Soon Kun	8
	D. KANG Yoon Men	7
		27
32.	A. SU Jae Ok	9
	B. AN Ke Kyu	7
	C. YOO Jun Suk	6
		22
33.	A. CHUN Myum Sik	10
	B. YOUN Yong Sang	7
	C. CHO Nam Wook	10
		27
34.	A. KIM KYU HWA	3
	B. YOO WON SIK	14
	C. KANG DONG SOO	9
		26

Nº	NOME	Nº DE FAMÍLIA
25.	A. CHOI Myung Joon	3
	B. CHOI Nam Soo	7
	C. CHOI Yong Bom	6
	D. SONG Kee Su	5
		21
26.	A. LIM Sung Kyu	5
	B. LEE Moo Keun	6
	C. WHANG KUM Sup	7
	D. LEE Kun Taik	7
		25
27.	A. YOON Han Yong	4
	B. YUN Sung Dong	6
	C. MOK Ho Bum	5
	D. BAK Duk Chan	7
		22
28.	A. HONG Kwan Soon	7
	B. KWON Tai Yong	4
	C. CHOI Chang Sun	8
	D. CHA Young SiK	3
		22
29.	A. YU YEO CHIL	10
	B. YU Bong Sui	6
	C. SUH Hee Soo	10
	D. YOON Gum Yong	2
		28

Nº	NOME	Nº DE FAMÍLIA
18.	A. PARK JONG DAE	3
	B. PARK Young Kyu	6
	C. PARK Jae yung	5
	D. CHO Ki Moon	7
		21
19.	A. KIM Bo Un	7
	B. KIM Nam Sul	4
	C. SHIM Jun Pyo	7
	D. SONG Se Moon	5
		23
20.	A. BAI Do Hung	6
	B. BAI Young Mo	9
	C. OH Yun Ok	7
		22
21.	A. KANG Chong Soo	5
	B. KANG Seung Duk	9
	C. KANG Hyeung Jin	7
		21
22.	A. CHOI Duck Hwa	8
	B. CHOI Nam IL	4
	C. CHOI Jin Kyung	6
		18
23.	A. SON HE Kwan	8
	B. SON Byung Sun	10
	C. SON Kyu Bok	9
		27
24.	A. KIM Mu Sung	5
	B. KIM Hyong Uen	5
	C. KIM Sang Jin	7
	D. KAM Yong Keum	5

CHOI, K. JOA. Além do arco-íris; a imigração coreana no Brasil. FFLCH.

CERTIFICO que esta fotostática é reprodução fiel do original que me foi apresentado, conferindo-se o autêntico com o disposto no art. 2.º do Decreto-Lei n.º 2.148 de 28 de Abril de 1940. Eu _____, conferi. E _____ subscrevo e assino.

Rio, 23 de Março de 1962

Odyrea Rocha Jaulin

CERTIFICO que esta fotostática é reprodução fiel do original que me foi apresentado, conferindo-se o autêntico com o disposto no art. 2.º do Decreto-Lei n.º 2.148 de 28 de Abril de 1940. Eu _____, conferi. E _____ subscrevo e assino.

Rio, 23 de Março de 1962

Odyrea Rocha Jaulin

Depoimento de Young Soon Lee, em abril de 1988.

Depoimento de esposa de Dong Soo Lee, citado pela própria filha Young Soon Lee, em abril de 1988.

Depoimento de esposa do Kwang Chu Lee, em fevereiro de 1988.

Depoimento de padre Dong Uk Kim, em março de 1990.

Depoimento de pastor Seo Kyun Shin, em fevereiro de 1989.

Depoimento de pastor Sung Chul Kang, em agosto de 1989.

Depoimento do presbítero Jong Sam Ahn, em fevereiro de 1989.